GERALDO PIRES DE SOUSA, C. SS. R.

MUITO ENTRE NÓS...

Considerações para Maridos, Pais e Educadores

Sempre tive por boa aquela sentença do filósofo, que dizia que, se os mortos liam. êle os tinha por vlvos e, se os vlvos não liam, por mortos.

Frei Heitor Pinto: Imagem da vida crlstã.

Reformatado by:

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1957

EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

BELO HORIZONTE

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 8-2-1957.

IMPRIMI POTEST.
S. Paulo, 12 de Dezembro de 1956
Pe. José Ribolla C. SS. R.
Sup. Prov.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

À CLASSE UNIDA

Ainda estou a vê-las no esfumado da distância. Eram duas jovens que me consultavam. Uma, "tão nova e tão noiva", apresentava queixas contra a rebeldia do noivo perante certos deveres básicos. Não desculpei o acusado, mas pedi prazo para a emenda. Reclamei outra tática, acenei com vitória infalível e já quase à vista.

Nessa altura entrava irônicamente a outra:

— Maninha, já te disse. E' bobagem acusar um homem perante outro. A classe... é muito unida. — Subentendeu e não disse o resto: contra nós, mulheres.

Isso mesmo, leitor. Somos uma classe unida e graças a Deus pacìficamente unidos, sem programa contra ninguém. E assim sendo, não quero só para mim as verdades que ajuntei. Reparto-as contigo.

Li algures esta frase: Se eu tivesse as mãos cheias de verdades, não as abriria. Não sigo tão mau conselho. Abro as mãos e reparto as verdades. Faço mais. Atiro-as como seixos, ou como pedras, para dentro do poço de tua alma. Quero ver os círculos que se vão abrindo na tua consciência de leitor cristão.

São esteios de Deus na sociedade os maridos e os pais de família. Têm nas mãos chaves de comando e lemes de vidas e de destinos. Mas vivem numa época endeusadora de subvalores, de paixões, de corpo e de instinto. São pobres os horizontes. Acabam-se logo ali adiante. Das consciências foi feito um mercado, onde a moeda é a cunhada pelo prazer, pelo comodismo, pela cobardia perante o dever.

As verdades oferecidas no livro são do Evangelho e portanto imorredouras, salvadoras e sempre modernas. Repito conceitos, insisto na mesma verdade. Tal como o lavrador, passando e repassando dez vêzes com seu arado o mesmo terreno. Quero que o "hectar produza mais trigo". Tudo

foi escrito para instruir, animar, alertar e confortar a classe unida e... sacrificada também.

Marido e mulher serão na eternidade "como *duas mãos* juntas para uma eterna adoração, ou como *dois punhos* ligados para uma eterna reprovação" (Péguy).

Dedico êste livro à saudosa memória de meu pai:

sobraçando pacotes, ao voltar para casa;
com êles alvoroçando minhas madrugadas de garôto;
lendo seu jornal, cujo remate era improvisar-me em pequeno e.... remunerado tribuno;
rezando ao pé do altar, antes de entregar-me no seminário;
apresentando-me resignado e piedoso suas mãos. para ungi-las.

Várias vêzes o leitor irá encontrar-se com o "homem de branco", cuja doutrina acompanho, explico e aplico. Os céus deram-no como um presente para a grande família humana e cristã. Chama-se *Pio XII.*

O livro não leva caráter científico e por isso dispenso-me de indicar as fontes. Apenas no fim menciono uma lista de livros consultados. A leitura deverá ser feita à moda de receita médica: uma ou outra página por dia. Leitura... meditada.

† Livros Católicos para Download

I.

MARIDO

Espôso e espôsa ou serão duas mãos juntas em eterna adoração ou dois punhos acorrentados em eterna condenação (Péguy).

Reformatado by:

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

I

1. "NAQUELA PRIMEIRA NOITE

meu marido, terminada a oração da noite, docemente me propôs um rito de amor. Rito para todos os dias da nossa vida, numa fidelidade constante. Beijaríamos um a aliança do outro, antes de dormir. E isso para agradecer a Deus as bênçãos com que consagrou nosso amor, no sacramento".

Assim escreve a sra. Dupouey, espôsa do capitão Pierre, comandante do torpedeiro 232. Vem a primeira guerra mundial e separa os casados. Êle parte, dizendo: Não estaremos separados. E até o bem que, a teu lado e do filho, eu poderia fazer, voltando vivo da guerra, nada significa perante o bem que te farei lá da outra vida. — A espôsa fica e anota no seu diário: "O' luz do nosso lar, jamais te apagarás porque te acendemos no Fogo Novo, em Cristo que é Luz. Mesmo com a partida para a guerra o lar indivisível, fundado sôbre a união dos corações, desconhecerá o desabamento".

— "Graças a ti, querida, segurando-te a mão, entrei no *Magnificat* do meu coração", escreve o marido oito dias antes de tombar à frente de seus fuzileiros, na Bélgica em 1915. Morreu na véspera do. Fogo Novo, da Páscoa.

Êste casal pertencia à seleta minoria dos que adquiriram a consciência do caráter sacramental do matrimônio. E' esta uma das conquistas da Igreja no século XX. Há quinze séculos S. Agostinho expressou numa fórmula, célebre até hoje, os caracteres essenciais do casamento: prole, fidelidade e sacramento. Mas agora os cristãos — e entre êles coloco o meu atento leitor — vão tomando plena consciência de tal caráter. E' o único acontecimento social, a única instituição humana elevada a sacramento.

Sinais sensíveis que significam e produzem a graça na alma, em virtude da instituição de Cristo, eis o que são os sacramentos. São pois instrumentos de vida divina, marcando essa vida em nossas almas. Só foram instituídos para isso e antes de tudo para isso. Seu caráter de vida divina tem tal importância, que supera tôda outra. Mas ser instrumento de vida divina é ser meio de santificação, de aperfeiçoamento.

Por isso, leitor, teu casamento é um meio para te tornar melhor, mais agradável a Deus, mais santificado. Há outras faces nêle: o elemento de paixão apaziguada, o lado social, os laços de afetos, a solidariedade econômica, a base da família. Continuam existindo. Mas deixam de ser o principal no casamento. Seu aspecto de instrumento de vida divina deve absorver todos os demais na mentalidade do cristão genuíno, que quer viver "a mística de seu sacramento". (A. Bessières, S. J.).

Veja o leitor a abençoada exigência que destaco: Impossível para o cristão casar-se, sem receber o sacramento. Para êle, onde não há sacramento — instrumento de vida divina — não há casamento.

Eis por que o contrato civil não é casamento perante a Igreja e seus filhos. Tem de ser divinizado pelo sacramento, do qual as alianças nos dedos são uma lembrança e recordação.

Mas diz Pio XII: — "O enriquecimento intelectual e espiritual, sem excluir o enriquecimento intelectual e espiritual até ao que há de mais espiritual e profundo no amor conjugal como tal, foi pôsto pela vontade da natureza e do Criador ao serviço *da descendência* (A. A. S., 48 (1956) p. 469). Com esta frase fica assegurada a primazia da descendência, entre os fins do casamento.

2. MINHA PERGUNTA E TUA RESPOSTA

Pio XII fará a pergunta por mim [1]: "Já reparaste como, entre os diversos estados, entre as diversas formas de vida dos cristãos, apenas duas existem contempladas por Cristo Senhor com um sacramento? Não o sacerdócio e o matrimô-

[1]) Alocução aos recém-casados. 15 de Janeiro de 1941.

nio". E Pio XII refere-se então ao valor das Ordens, das Congregações de ambos os sexos. Cita suas tocantes cerimônias de profissão, por entre os louvores da Igreja à virgindade e ao apostolado. Mas ajunta que essa comovente cerimônia não é um sacramento.

Em troca, mesmo o mais singelo casamento celebrado numa pobre capela de algum bairro operário, sob o signo da pressa que obriga os noivos ao retôrno às máquinas, na presença de poucos amigos, num rito sem esplendor e ruído, coloca-se contudo ao lado de uma pomposa ordenação sacerdotal ou consagração episcopal. Nesta, a majestosa catedral, a abundância dos ministros sagrados, o esplendor refulgente dos ornamentos prelatícios não diminuem o valor daquele.

Pio XII recorda como Cristo restaurou em seu esplendor o vínculo conjugal, degenerado pelas paixões humanas. Como o elevou à nobreza de sacramento, de um grande sacramento. Grande como símbolo da sua união santificante e fecunda com sua Espôsa, a Igreja, da qual nascemos para a fé e a vida da graça. Lembra também os "outros nascidos, não da voz do sangue, da vontade da carne, mas de Deus". Atestam êsses nascidos a existência de outra paternidade, da paternidade sacerdotal.

Há portanto, caro leitor, duas paternidades, dois sacramentos, dois pais. Mùtuamente se completam na educação da prole, filha de Deus, esperança da família e da Igreja, da terra e do Céu. Figuras assim ao lado do sacerdote com teu sacramento e tua paternidade. — Mas sacramento permanente, que perdura com suas graças enquanto durar teu casamento. Há razão e sabedoria, por conseguinte, naquela frase do povo, classificando a infidelidade conjugal como "quebra do sacramento".

"O matrimônio é o único sacramento que transforma em instrumento de ação divina uma instituição humana, um ato humano realizado até então com uma finalidade natural. Nenhum sacramento santifica tão diretamente a vida profissional. Nenhuma comunidade humana, exceto a familiar, tem sua origem num sacramento.

Êste sacramento é o sêlo de Deus na alma dos esposos. Sêlo para lhes divinizar a vida em geral, como também sua união. A ação sacramental — santificadora sempre — gira sôbre tôda a vida conjugal. O sacramento não é um mero

ato religioso, santificador de um ato humano. E' um *germe* depositado na alma, frutificando ao longo da vida conjugal, santificando de certo modo os atos dessa vida, os sentimentos todos da vida conjugal.

Pelo sacramento Deus entra de certo modo como um terceiro fator na intimidade conjugal". (Leclerq).

Estão aí, leitor, minhas perguntas. Aguardo tua resposta, mas no silêncio de um exame de consciência, na forma de uma revisão de base e de conduta conjugal. Resposta de um... sacramentado.

3. O SENHOR MEU MARIDO...

A expressão recorda tempos de solares com salões, de pesados reposteiros com armas e brasões. Lembra damas de leques com sua linguagem muda nas reuniões do Império. Tempos que se foram. Mas a expressão, denotadora de respeito, continua no seu significado.

De fato, é o marido o senhor, o chefe, a cabeça da família. Tem sôbre a mulher uma certa autoridade que lhe foi outorgada diretamente por Deus. "Estarás sob o poder do marido e êle te dominará" (Gn 3, 16). E o apóstolo S. Paulo lembra: "Mulheres, sêde sujeitas a vossos maridos" (Col 3, 18). E prevenindo cristãos de Corinto contra influências pagãs, avisa: "Quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem e o homem é a cabeça da mulher e Deus a cabeça do Cristo" (1 Cor 11, 3).

Ouça o leitor a explicação de Pio XII: "Como todo cristão está sujeito a Cristo do qual é membro, assim a mulher está sujeita ao homem. Pois pelo matrimônio tornou-se uma carne com êle. Espôsas, nunca vos assalte a gana de usurpar o cetro da família. O vosso cetro — cetro de amor — seja aquêle que em vossas mãos coloca o apóstolo: salvar-vos pela educação dos filhos, se permanecerdes na fé e na caridade e na santidade, unidas à modéstia... Trata-se de "uma ordem de amor".

Tal sujeição não tira, ou nega à mulher, aquela liberdade a que tem pleno direito, quer pela nobreza da personalidade humana, quer pela missão nobilíssima de espôsa, mãe e companheira. Tão pouco a obriga a condescender com

todos os caprichos do homem, por menos conformes que êles sejam à própria razão ou à dignidade da espôsa.

Essa sujeição não pode ser equiparada àquela de pessoas que, em direito, se chamam menores, às quais por falta de maior madureza de juízo ou por inexperiência das coisas humanas, se não costuma conceder o livre exercício dos seus direitos.

Tôda família é uma sociedade de vida. Tôda sociedade bem ordenada requer um chefe. Todo poder do chefe provém de Deus. Êsse chefe — o homem — não pode fugir ao dever de senhor do lar. A indolência, o descuido, o egoísmo e a distração não devem levá-lo a abandonar o leme da nau de seu lar... Mas na casa do cristão, que vive pela fé e é um peregrino rumo à cidade celeste, os mesmos que mandam servem aquêles sôbre os quais parecem mandar. Pois não mandam pela ânsia de dominar, mas por ofício de aconselhar; não pela soberba de prevalecer, mas pela misericórdia de providenciar". [1]

Lembro, sobretudo, à leitora ocasional destas linhas uma coisa: A Igreja, sustentando a chefia do marido e a obediência da espôsa, não pretende justificar *tôdas* as leis civis nos vários Códigos dos países. Em muitos países urge uma reabilitação da mulher que vive em deplorável estado de abjeção. Até em centros de grande cultura a mulher é vítima do despotismo do marido, que sôbre ela exerce uma autoridade desenfreada.

Maridos, é interessante o conselho que vos dá o apóstolo. Não diz: Mandai em vossas espôsas. Diz ao contrário: Maridos,... amai vossas espôsas (Ef 5, 22).

1. CARTA BRANCA?

O *sim* da noiva para a permuta dos corpos é considerado por muito marido como assinatura em branco. Tem com isso carta branca em matéria de prazer sexual. Felizmente acentua-se cada vez mais vigorosa reação de leigos sacerdotes contra semelhante despropósito.

Casado ou solteiro, todo homem está sujeito à lei moral da castidade. Esta consiste em não procurar o deleite carnal,

[1]) Alocução aos recém-casados. 10 de Setembro de 1941.

que não esteja em relação direta com a finalidade do casamento: amor e fecundidade juntos. Do solteiro e celibatário exige abstenção rigorosa de tôda atividade sexual. Dos casados exige que nada façam que vá contra as possibilidades da fecundidade. Hão de excluir do primeiro plano de suas disposições íntimas, de seus desejos o prazer sensual, que deve se contentar com seu modesto papel de meio do amor.

"Essa castidade conhece períodos em que é mais necessária, impondo até a completa abstenção de relações íntimas. Períodos mais ou menos longos segundo as constituições orgânicas: ritmos menstruais da mulher, fases terminais ao menos da maternidade, provàvelmente os primeiros tempos do aleitamento. Acresce ainda que a saúde da espôsa reclama considerações. Apesar de aparentes disposições, talvez as imprudências sejam nocivas à saúde da criança" (R. Biot).

Chegou a hora de apelarem os esposos para o amor, para tôdas as graças do sacramento como defesas contra faltas moralmente graves aos olhos da teologia moral.

Numa palavra, leitor, nem tudo é permitido em todos os tempos. E há coisas proibidas em todos os tempos. Ainda falarei disso. Ora não existindo essa assinatura em branco, precisas ter uma reserva de disciplina. Não se trata de endurecer o coração, motivando queixa da espôsa, a célebre queixa: marido muito sem carinho. Trata-se de uma delicadeza de sentimentos, que "encaminha as manifestações carnais antes para fusão das almas, que para a deleitação corporal". Requer-se um pudor, enfim, que impedirá o abandono e a alegria degenerar em bestialidade, sem diminuí-los — observa Biot.

Tôda branca no altar, tua noiva não é carta assinada em branco para os direitos sôbre seu corpo. Ela te guardará profunda gratidão, se disso te lembrares a partir da primeira noite. Aumentará seu amor para contigo se a convivência diária e noturna, de mesa e cama, respeitar duas palavras pronunciadas por Deus: castidade e pudor.

6. MARIDO REBOLÃO

Vários prismas oferece êsse tipo curioso. "Para um grande número de homens o encontro com a mulher, quando não com o amor, mete um ponto final a tôda curiosidade intelectual e moral, a tôda vida ética. Esta involução manifesta-se sobretudo quando a formação anterior foi muito insuficiente. Os valores encontrados anteriormente — artísticos ou morais — apresentavam-se de tal forma desumanizados ou assexualizados, que não deitavam âncoras no espírito. Ou então porque tal indivíduo é muito pobre de recursos espirituais. E o resultado? Se tal encontro com a mulher apaga bruscamente o céu, a felicidade não terá vida longa. Pois desta alma, invadida repentinamente, estão ausentes todos os valores humanos capazes de descobrir pouco a pouco o mundo moral do outro. Ser-lhe-á impossível compreender o outro e, pelo outro, ficar em comunicação com o úniverso" (E. de Greef).

Tal marido, rebolando-se na aparente valorização de sua pessoa, de seu nome levado pela mulher, reservado talvez para o primeiro filho, caiu num outro êrro, além dêsse lembrado por E. de Greef. Extasia-se perante sua súbita valorização, sua subida a um trono e sua coroação como chefe, armado de autoridade. Julga ser a autoridade e sinônimo de ciência e torna-se enciclopédico, dando parecer sôbre tudo. Dá sentenças como um juiz, afirma parágrafos como um advogado, prescreve doenças e remédios como um médico, define moralidades como um moralista de longos e cumpridos estudos.

Rebolão de sua autoridade e também de sua virilidade, impondo descabidas maternidades à espôsa, sem maiores preocupações com a criação e educação dos filhos.

Nem falta o rebolão das prendas ou haveres da espôsa. Por isso a exibe numa ostentação de luxo ou de carnes, numa cintilação de dotes intelectuais que ela ostenta. Há uma inversão de papéis. Apontam-no como marido de fulana, como o preferido por aquela beleza, por aquela riqueza, por aquela inteligência ou aquêle caráter. Pena que não o chamem também pelo nome de família da espôsa. Teria algo mais em que se rebolar: o sobrenome da espôsa.

Bem pesada cruz é para a espôsa a freqüência com que o marido improvisa reuniões, comes e bebes, talvez, numa chácara. E' o rebolão no meio dos convidados, enquanto a fatigada dona de casa passa seu dia de folga, seu fim-de-semana num trabalho redobrado. No dia seguinte, é claro, o ar anda pesado em casa. Ainda mais quando êste anfitrião teima em não dar ouvidos às justas queixas da espôsa. Meu amigo, tua primeira amizade há de ser sempre a da espôsa e a dos filhos, cujos aplausos e expansões são insubstituíveis. Quando a mulher começa a sentir e a dizer que os de fora merecem mais atenções do que ela e os filhos, a felicidade já está arrumando as malas para mudar-se.

Só há um sol onde o marido pode se rebolar todo contente: é o sorriso de contentamento da espôsa e dos filhos.

6. A PÃO E LARANJA

viverás, filha, ao lado de quem teimas em tomar por marido. E' homem sovina e duro. — Tais eram os bons votos que a futura sogra apresentava, mal prevendo o futuro. Lá um dia trouxe-a para a casa do genro, dependurada nos ponteiros de uma hora aziaga. E nunca passou precisão, onde esperava sovinice e miséria.

Como chefe do lar, o homem é responsável pela assistência devida à espôsa e aos filhos. Responsabilidade, em primeiro lugar, dos bens materiais — amparo pecuniário e alimentar e coabitação... Marido e pai que vivesse à larga e fácil, não fugindo a nenhumas despesas, e limitasse sua mulher e seus filhos a uma parte restrita, constrangendo-os a um orçamento apertado, pecaria ao mesmo tempo contra a justiça e contra o amor, diz Dufoyer.

Economias descabidas e "cenas e quizílias" por causa do dinheiro necessário bem depressa ensinam a espôsa a arte de roubar, de fingir, de enganar. Pior ainda quando a espôsa sabe "aonde" vão parar os saldos do espôso desamoroso da casa, da mulher e dos filhos. Ou então, quando o marido se põe a exigir milagres com a parca soma entregue para os gastos.

Se o pão e o vestido representam o apoio material, há outros elementos representantes do apoio humano, sentimen-

tal e espiritual, que o marido deve à espôsa. Tudo faz parte do dote e missão de "chefe".

"Para tal conseguir, adotará as atitudes de compreensão e delicadeza já descritas. Pode certamente dar-lhe parte das dificuldades que encontre nos seus trabalhos, nos negócios fora de casa. Nessa ocasião a espôsa poderá ajudá-lo com o apoio de um conselho judicioso. E em qualquer caso com o conforto moral do seu afeto. Êle tomará a peito não lhe falar só dos seus cuidados, mas também das alegrias e das suas esperanças.

Em geral é o marido mais culto que sua mulher e anda muito mais em contacto com as idéias correntes da sociedade. Longe de ser taciturno, de mergulhar na leitura, tomará como um prazer instruí-la e enriquecê-la com os seus conhecimentos mais variados. Isto a distrairá dos seus cuidados caseiros, tornando-a feliz. O marido adquirirá assim sôbre sua mulher uma espécie de paternidade intelectual, bem reconhecida e agradecida por ela" (O mesmo).

Por isso, leitor, serias faltoso se, sem absoluta necessidade, passasses todos os serões longe de casa. Ou quase todos no club, no bar, em reuniões. Faltoso se, chegado a casa, te pusesses a ler, a ouvir rádio, a telefonar, a estudar "ferozmente". Isolando-te, numa palavra. Um abraço, um beijo meramente convencional, uma conversa sòmente sôbre negócios econômicos do lar, não resolveria a falta.

As almas vivem solitárias como as estrêlas, diz-nos um poeta. Belo conceito, mas só em poesia. Jamais tua espôsa há de tolerar ser solitária estrêla. Há de ser *a tua* estrêla.

Mais grave é a solidão do leito conjugal, horas adentro da noite. O marido volta muito tarde. Viaja demais, ausências evitáveis e dispensáveis. Sobretudo, leitor, se és casado de pouco urge evitar essas ausências. São horas carregadas de sombras e ciladas. Não digas que a mulher... concorda.

— Concordo com êle — dizia-me uma afilhada de casamento — para ter paz em casa. Não quero marido em casa, com o mau humor de menino que mamãe não deixou sair". O grande perigo das ausências está na saudade e nas compensações. No isolamento de um e na falta que êle sente de alguém.

7. UMA REABILITAÇÃO EM TEU LAR

Impõe-se uma reabilitação no mundo dos casados: a reabilitação da castidade conjugal. Castidade conjugal não é abstenção, nem é carta branca para liberdades.

Não deve o leitor pensar que o casamento é apenas "remédio", recurso e meio para evitar desmandos da carne. Não. O casamento é um caminho para a santidade. E' uma situação consagrada, na qual ocupa lugar de destaque o programa de uma castidade sempre mais perfeita. Nunca foi o casamento uma autorização dada para liberdade dos instintos, evitados que sejam certos excessos bem catalogados. Ser casado não denota ter licença de não ser casto.

Castidade conjugal é uma virtude positiva, elevadora, que se adquire e se aprofunda, numa luta contínua. Seu papel, como também o da moral cristã, não consiste primeiramente em marcar os limites "do proibido e permitido", em contar nossos erros. Consiste em nos ajudar para um desabrochamento, engrandecimento da personalidade cristã. Fomos colocados no mundo, mais para praticar o bem do que para lutar contra o pecado. Êste há de ser evitado justamente porque é entrave ao nosso progresso no bem. O melhor meio de fugires ao pecado, leitor, está no esfôrço pela prática do bem.

E' a castidade um dos setores da virtude da temperança. Esta incita ao uso razoável dos prazeres que nos são concedidos e se acham ligados a certas funções vitais. Mas há prazeres intensos, profundos que são plenamente razoáveis. Permanecem tais, mesmo intensos e profundos, sob o domínio da temperança.

O que importa é que êsses prazeres permaneçam humanos. Não podem fugir ao domínio do homem, que nunca deve ser escravo das paixões, mas servo da razão. Por isso, eis o que é a castidade:

"uma forma da temperança no uso humano, razoável, dos órgãos genitais; uso tal que, longe de empobrecer o homem e afastá-lo de sua missão, é por êle sempre mais humanizado e tornado permeável à graça" (J. Folliet).

Sem dúvida, há uma castidade mais perfeita: a da virgindade. Mas — Pio XII o diz [1] — Deus não chama a todos

[1]) Alocução de 24 de Maio de 1939.

os seus filhos para o estado de perfeição, mas convida-os para "a perfeição em seu estado".

E' a castidade que torna o casamento "honrado por todos e sem mancha o leito nupcial" (Heb 13, 4).

Há uma graça de estado em tua vida, leitor. Pio XI avisa: Pelo sacramento ficam os esposos "consagrados sobrenaturalmente e fortalecidos interiormente". Essa consagração e êsse fortalecimento patrocinam a castidade.

II

8. ATAQUES E REBATES

O leitor já ouviu, certamente, em rodas masculinas *e* femininas ataques "à crueldade" dos católicos contrários ao divórcio. Ora é dogma a indissolubilidade do matrimônio en-tre cristãos, uma vez consumado. Ensinar que se pode dis-solvê-lo pelo divórcio, anulando seu vínculo, é heresia. E' tal, mesmo no século vinte.

— Então, para a Igreja, mais vale um consentimento, embora ditado por motivos interesseiros, do que o amor nos noivos? Êsse consentimento é o bastante para prendê-los por tôda vida?

Eis um ataque. E note-se o leitor a resposta, dada por Thibon: "O amor empresta seu nome a uma infinidade de relações que lhe são tão estranhas, como o eram muitas coisas para o Doge em Veneza, diz La Rochefoucauld. O amor autêntico é raro e são muitas as suas caricaturas. Acusam a Igreja de sacrificar o amor — realidade íntima — a uma instituição, aparência social. Mas a Igreja não pode prender-se à maré das disposições subjetivas, e das causas acidentais, para definir a validade de uma *instituição fixa e universal.* Resta ainda saber se é mesmo do lado do amor que encontramos o mais alto coeficiente de *realidade.* A sinceridade no amor não denota grande coisa. Muitas vêzes não passa da arte de mentir espontâneamente a si próprio.

Quantos homens julgam amar, quando o amor é meramente tempestade carnal, exaltação ilusória e o avaro desejo de conquistar e dominar! Neste caso não é o amor mais irreal do que uma instituição? Deixa de ser ilusória a paixão, por ser passageiramente mais ardente e mais embria-

gadora do que a lei? Falem os que nunca opuseram barreiras à sua liberdade de amar. Apelo para êles! A cinza, que lhes deixou na alma o fogo de palha das velhas paixões, não basta para mostrar-lhes o nada do amor, entregue a si mesmo? (Muito entre nós: há cinzas... de almas arruinadas, em tua vida?) Aparência por aparência, a lei que assegura a continuidade da espécie humana e o equilíbrio da sociedade vale, ao menos, tanto quanto a paixão, asseguradora apenas da felicidade egoísta e efêmera do indivíduo. Além do mais, não é exato ser a lei uma aparência, ou ser ela contrária ao amor. E' verdade, o sacramento do matrimônio não confere o amor. Tal como o da penitência torna o arrependimento mais eficaz, mas não o supre, do mesmo modo o matrimônio corôa e aperfeiçoa o consentimento conjugal, sem contudo supri-lo. E' praxe do sobrenatural sob tôdas as formas: a graça supõe e aperfeiçoa a natureza. Diz Thibon que não basta apresentar-se ao altar para encontrar o consentimento natural e menos ainda o amor. A natureza que trabalhe por si; a graça, sendo de outra ordem, opera em outro plano. Cada uma que se examine se tem bastante amor, antes de se colocar diante do altar. Dito o sim, a indissolubilidade não se opõe, senão favorece ao amor.

E a razão? Ei-la: uma coisa olhada como possível acaba tornando-se necessária. Olham os casais como *possível* o divórcio? Não tardará: o acharão necessário. Essa idéia é como o verme metido num fruto e que acabará por comê-lo. Idéia sinistra. Sabem os noivos que, casando-se, queimam navios para retirada? A "idéia-fôrça" é-lhes garantida contra os azares da fortuna. Tal fato pertence à psicologia elementar.

Todos sabemos o que acontece com águas represadas. Tornam-se mais profundas e límpidas. São os dois efeitos do dique segurando um rio. Dá-se o mesmo com o amor represado, obrigado a vencer a provação do tempo. Essa necessidade age sôbre a afeição dos esposos como a peneira que separa a palha do grão de trigo.

— Mas se desde o comêço não houve amor no casal?

O dever de fidelidade nada pode mudar na qualidade íntima dêsse fruto delicado que é o amor, continua Thibon. Contudo, afastando os perigos de desperdício e fracasso, condu-lo a uma feliz maturação. O amor não nos é dado ou re-

casado à moda de um capital imutável. Está sujeito, como tôdas as coisas vivas, a uma evolução que conhece crises, provações e moléstias. Conforme reagir perante estas provações, sairá mais forte ou morrerá. Tudo que não me dá a morte torna-me mais forte, dizia Nietzsche. E precisamente a Igreja, impondo ao amor a obrigação de não morrer, torna-o mais forte.

— Mas quando de tudo é impossível o amor humano num casal, que fracassou totalmente?

E Thibon distingue. Se nesses casamentos há motivos para uma anulação, o caso fica resolvido.[1] Mas não sendo assim, tendo tais casamentos preenchidas as condições formais para a validade, a resposta é tão clara como cruel: Deus pede a êstes infelizes, no amor, uma renúncia absoluta no plano de amor e ventura humana. — Mas a que título pede isso?

Pelo bem comum, que exige seja preferido ao bem individual quando não é possível uma conciliação. O princípio do casamento indissolúvel é como uma porta assaltada por um vendaval de paixões e interêsses pessoais. Se a entreabrimos, já não será possível segurá-la sôbre seus gonzos e a tormenta a invadirá. Merecem nossa compaixão as vítimas de um casamento infeliz. Mas não se façam exceções para favorecê-las. De exceção em exceção, ficará destruída a regra, viga mestra da sociedade. E o autor lembra o caso do soldado de quem se exige que morra pela pátria, para salvar um bem no qual não terá parte. E termina dizendo: "Foi preciso se chegar à nossa época de hiperestesia mórbida do eu e de igualitarismo grosseiro, que considera a felicidade do indivíduo como direito *incondicional,* para enxergar nisto matéria para indignação e escândalo" (Daniel Rops).

9. BELA MOLDURA

é indispensável para certos quadros. As relações sexuais reclamam, para o reconhecimento de sua verdadeira beleza, algo semelhante. Hão de ser consideradas sob todos os lados. Não é demais repetir semelhante exigência nos dias de hoje, tão tormentosos de sexualidade e provocações eróticas.

---

[1]) Veremos os detalhes mais adiante.

Psicològicamente a união sexual é destinada a ser o tipo mais nobre do amor humano. *Moralmente* deveria ser a consumação do contrato mais solene que é possível existir entre dois sêres humanos. E' ato decretado, por Deus onipotente e sábio, como requisito normal para o maior acontecimento na ordem natural: a criação da alma humana.

Na *ordem sobrenatural* não é apenas uma condição necessária para o aumento da família adotiva de Deus. Tem ligado a si o simbolismo sagrado de outra união. No Antigo Testamento (Cântico dos Cânticos) os atos íntimos, que exprimem o amor conjugal, simbolizam também o amor de Deus pela alma. Diz-se nos tratados de Teologia católica, sôbre o matrimônio, que a união corporal, entre marido e mulher, significa a indissolúvel união de amor entre Cristo e a Igreja.

Estas idéias mostram tôda a beleza que pode e deve estar presente na atividade sexual que se realiza de acôrdo com o plano de Deus. Mais. Esta concepção das relações físicas mostra igualmente a profundidade do sentido oculto na expressão "amor conjugal".

Porque o amor dos casados não é meramente espiritual, nem meramente emoção, nem por certo só paixão, mas atravessa as três esferas — mente, coração, corpo —, é por isso um tipo distinto de amor.

O amor dos esposos é um amor *na mente;* uma união de estima e apreciação mútua que lhes permite realizar a harmonia na vasta comunidade de interêsses que constituem a vida dos casados.

Um amor *do coração* afetuoso, terno e exclusivo.

Um amor *do corpo,* pelo qual mùtuamente encontram grande alegria na menor autodoação, faz de "dois uma só carne", e lhes permite produzir filhos como frutos de seus amôres. Com êste tríplice laço de amor são capazes de realizar a completa perfeição do matrimônio. O físico provê à procriação. O apêgo exclusivo do coração provê à fidelidade. E a união espiritual das almas conserva-os unidos até à morte.

Ao passar pelo pomar da literatura cristã, dei com uma árvore, sacudi-a e derrubei êstes frutos que ofereço. Agora me foge o nome da árvore, do dono que gostará de ver seus frutos apreciados. Por isso os apresento ao leitor bem intencionado.

Nunca deixou de ser verdadeiro o princípio da disciplina dos instintos. Para controlar de modo cristão a sexualidade há de o marido refrear os sentidos, as emoções, as leituras, as conversas e mesmo o uso das relações sexuais. Por violentas que sejam, quebram-se na rocha da graça divina. E esta temos nos sacramentos, na oração. Deus gosta de se comparar ao rochedo que ampara, ao muro que defende. São fracos e derrotados só aquêles que o querem ser. E' frase revelada: Tudo posso naquele que me conforta (Filip 4, 13).

Mas, apesar de tudo, urge deixar no seu lugar certo o elemento sexual. Ùltimamente surgiu uma tendência para destacar, como primário, o elemento psicológico e afetivo da sociedade conjugal. Dar relêvo à plena comunhão de almas entre os esposos, e isso no sincero desejo de introduzir no matrimônio uma nota de mais elevada espiritualidade. Pio XII julgou necessário intervir, dizendo:

— "Duas tendências devem ser evitadas: Uma que, no examinar os elementos constitutivos do ato da geração, dá pêso ùnicamente ao fim primário do matrimônio (procriação), como se não existisse o fim secundário (o mútuo auxílio e apaziguamento), ou ao menos não fôsse "fim da obra" estabelecido pelo próprio Ordenador da natureza.

Outra, a que considera o fim secundário como igualmente principal desligado da sua essencial subordinação ao fim primário. Por lógica necessidade isso levaria a funestas conseqüências (Aloc. na Rota a 3 de Outubro de 1941). — (As palavras entre parêntesis são nossas).

Outra declaração já é do conhecimento do leitor.

10. REALIDADE SACRAMENTAL

Concordo com o leitor: a Igreja é exigente nas normas sôbre a castidade no matrimônio. Exigentíssima em tudo que se refere à indissolubilidade, à unidade e à validade do casamento. Não conhece acomodações com as paixões, com os sofismas dos homens.

Mas essas normas parecem tais, rigorosas e mesmo incompreensíveis, só porque as isolamos da *realidade sacramental,* que as motiva. No casamento o homem e a mulher simbolizam e, de certo modo, realizam a união de Cristo e

da Igreja. Eis o que sugere a êste ato humano um admirável prolongamento.

Urge dizer também que os esposos são, um para o outro, instrumento de graça. E isto não só uma vez, mas por tôda a jornada da vida conjugal, na medida, em que, dia após dia, a vão aprofundando. Cada qual é responsável pela santificação do outro. Como dizia Ollé-Laprune, cada um é para o outro um enviado de Deus.

Em tal perspectiva ordenam-se os diferentes aspectos da vida conjugal. Tudo ocupa seu lugar certo, tanto as relações sexuais como o resto. O casamento é um conjunto, um movimento, uma marcha para frente. O que retardar essa marcha progressiva isso é grave. Como o é também tudo que a paralisa, a desvia. Uso sereno e leal do casamento cristão não é possível, sem referência a uma visão global de seu significado e de sua finalidade.

Pio XII aponta, por exemplo, o amor e diz: "Êste amor que vos une, e sôbre o qual Deus quis imprimir o sêlo do sacramento, durará na medida em que permanecer cristão. Longe de enfraquecer-se e perecer, há de se tornar mais íntimo e mais forte no ritmo em que avançardes pela vida. Defendei-o contra tudo que tenta paganizá-lo. Quantos batizados — que lástima! — não se sabem amar senão de modo pagão. Perdendo de vista o fim dessa união, chegam a mudar o matrimônio... quase numa associação vulgar de prazer e de interêsse, matando em si mesmos todo verdadeiro amor (Aloc. aos esposos, 13 de Agôsto de 1941).

Diz que êsse amor deve ser durável como o fogo da lareira doméstica. Cada dia se acende de novo. Quer um amor que seja confiança, harmonia completa, baseada num vasto crédito de boa vontade por ambas as partes. Nada de amor... intermitente, retardado. Por isso logo de entrada tomar bem a sério os deveres, os quais hão de ser elevados a alto valor espiritual. Assim o trabalho do marido fora e da mulher no lar, visando o bem-estar da casa, não é apenas uma imposição da natureza. E' também um *dever religioso,* uma obrigação de virtude cristã, por cujos atos os esposos *crescem no amor e na graça* de Deus (Aloc. 11 de Março de 1942). Coisa indispensável, leitor. A união da alma e do corpo no casamento deve ter por centro a vida da alma, que é o pri-

meiro valor do homem. E o corpo continua sendo "templo do Espírito Santo", reclamando o decôro da castidade, da sujeição, à lei divina.

11. JANTAR COMIGO OU CONOSCO;

não sei, querida! Assim terminava o convite de uma espôsa a uma velha amiga. Nunca sabia se o marido viria para o jantar. Ouvia o telefone tocar, e do outro lado êle a "comunicar" que jantaria fora, ou que estava muito ocupado, que não esperasse por êle, que se arrumaria, etc. E muitas vêzes nem isso.

Sabe o leitor que a assistência "da presença" é grave dever que tem para com a espôsa. Dou aqui a palavra a Dufoyer:

"Não se pode evidentemente responder com fatos precisos, nem com números para se avaliar da gravidade da falta. Nenhum moralista, por mais perspicaz que seja, é capaz de fixar o número mínimo de serões que um marido deve passar com sua espôsa, o número exato de beijos que lhe deve dar, ou o tempo certo de conversas que deve ter com ela! Saltaria à vista o ridículo de semelhantes exatidões. Salvo em certos casos bem nítidos — doença grave da espôsa, parto, etc., é impossível dizer que a ausência livre e espontânea do "senhor" em tal dia — por exemplo, 1º ou 2 ou 3 de fevereiro — constitui uma falta para com o amor... Mas se o "senhor" está ausente, voluntàriamente, vinte ou trinta noites no mês, se nunca esboça uma ternura, ou raramente o faz, e jamais tem para ela gentilezas, dir-se-á que cumpre o seu dever e a sua missão de espôso, ainda que não seja adúltero, ou mesmo respeite integralmente, nas horas de desejo, as prescrições do código da castidade?

Nenhuma dessas omissões individuais constitui uma falta grave em si. Mas o conjunto destas saídas diárias, do desapêgo pelo seu lar, da frieza sentimental para com sua mulher, da concepção casa-restaurante e de sua "espôsa-criada" para seu serviço e prazer, é porventura perfeito, está isento de falta e em conformidade com o código do amor e do casamento?

O que é culpável não é a saída no 1º de fevereiro, nem a do dia dois... ou três. Não é a frieza, nem a ausência de

cortesias nesses dias, mas sim a atitude geral dêste marido para com sua mulher.

A sua conduta é pecaminosa, na medida exata em que o seu proceder contradiz a finalidade do casamento e do dever de estado matrimonial: o enaltecimento mútuo! Esta conduta é gravemente culpável, tanto quanto contradiz esta finalidade e êste dever, causando à sua mulher uma profunda tristeza justificada e uma solidão moral penosa e nociva.

Pelo contrário, a atitude do marido delicado, cortês, atencioso, do marido que é realmente o amparo de sua mulher e da sua fraqueza na vida, representa um alto valor moral. O catolicismo vê em cada um dêstes atos, desde que seja em estado fundamental de graça, um acréscimo de glória para Deus e de felicidade para o espôso no além. O código da moral católica está pois em conformidade com o código da psicologia e do amor... O princípio tanto da moral conjugal, como do amor, é da alegria e dos prazeres "a dois", assim como as provações e os desgostos "a dois". (Dufoyer).

12. GRANDE SEDUTOR

de tôdas as paixões humanas é o amor-próprio, sinônimo mais decente, porém não menos maligno do egoísmo. O amor desordenado de si mesmo dirige o pensamento, a ação e a vida ao gôzo próprio, à vantagem própria, à própria comodidade. Segue mais os desregrados apetites do que a razão e o impulso da graça. Nada de ouvidos aos imperativos do dever para com Deus e para com a companheira do lar doméstico (Pio XII, Aloc. de 17 de junho de 1942).

Êsse egoísmo é inimigo da fidelidade, abalando o amor, ferindo-o com suas grandes e pequenas crueldades e tiranias. Não é a diversidade de temperamentos entre esposos, prêsa aos limites do mútuo acôrdo, que é estranhável, lamentável. O mal começa quando êle (ou ela) se nega a ceder em questões fúteis, em coisas meramente de preferências, em desejos meramente pessoais. E' a fenda, a trinca. A vista não a percebe, mas ao mais leve choque nota-se que o som já não é o mesmo. Depois a fenda alarga-se, os contrastes sucedem-se com mais freqüência e mais acalorados. Mesmo sem rompimento visível, temos mais uma vizinhança exterior do que

uma união de vidas penetrando os corações. Almas sem amor aonde irão parar?

E Pio XII passa a aconselhar a recíproca paciência; o mútuo perdão das faltas e defeitos. Há maridos, leitor, que já foram perdoados muitas vêzes.

A mútua paciência não é uma renúncia; é uma vitória e enriquecimento. Julgamentos, gostos, inclinações mùtuamente aceitas, harmonizando-se, se alisarão, perderão as arestas, se embelezarão, se enriquecerão com mútua vantagem.

Nosso guia só admite um limite para as concessões. São os assinalados pelo dever, pela verdade, pela moral, pelos interêsses sagrados. Com outras palavras, pela santidade da vida conjugal, pela fé e pelas práticas religiosas, pela boa educação dos filhos. Nestes casos a firmeza, havendo conflitos, é uma necessidade inegável".

Escritores romanos contam, como sintoma da decadência do Império, o fato de viverem as mulheres "como vizinhas dos maridos". Êles e elas eram partes cordialmente, mùtuamente desinteressadas. O sedutor foi o amor-próprio, o egoísmo, primeiro dos maridos — marido egoísta! é exclamação espontânea em muitas mulheres — e depois o das espôsas.

Note-se o leitor: tudo que se opõe ao mútuo amor, à mútua paciência e à concórdia é inimigo da fidelidade. Rouba-lhe o clima, o orvalho, o sol. Não diga o marido que os defeitos da espôsa são intoleráveis. "Quando um homem, até então apegado à mulher, começa a ver um pouco cruelmente seus defeitos físicos, suas lacunas morais e a criticá-los, pode-se com segurança dar uma batida ao redor dêle. Descobrir-se-á um astro a levantar-se no horizonte, projetando uma luz impiedosa sôbre a espôsa. Com um pouco de senso de observação tirar-se-ia, de outro lado, uma prova positiva do cliché negativo a que ficaria reduzida a abandonada.

O homem infiel é particularmente inábil, desajeitado, naquilo que julga e toma por habilidades. O contrário dá-se com a mulher. Por intuição pega num relance de conjunto, o gesto que não deve fazer, a palavra que deve dizer, como e quando dizê-la. E' uma ciência fina, sutil, intransmissível. Está perdido o homem que neste terreno quer quebrar lanças e bater-se com ela".

Escapou-me o nome do autor dêste aviso. Em vez do clima de luta desigual, de recriminações, de impaciências e discórdias comprometedoras, fique-se o meu leitor com os conselhos de Pio XII. Não reduza sua fidelidade apenas à do corpo. Assinale bem suas amplas fronteiras e suas defesas de várias linhas.

Seja-lhe um castelo com tôrres e ameias, com barbacã e fôsso, com postigos e alçapões ferrados, campeando como dominador sôbre paixões, sôbre cobardias ou atrevimentos da sociedade.

13. O TEMPO E' CULPADO

de quase tudo que acontece. Está bem; é uma boa idéia, disse a senhora Kane ao médico que apelara para êle, como explicação do retardamento no aumento de pêso do Paulinho.

Ela pensou que eu estivesse brincando, mas eu estava quase certo. Em Chicago os meses de abril a setembro constituem a melhor época para o crescimento do trigo e também dos sêres humanos. Minhas observações estavam baseadas em estudos científicos, que mostravam haver o maior aumento de estatura no verão e o maior aumento de pêso no inverno. E quanto aos lactentes o maior aumento de pêso ocorria na primavera. [1]

Voltamos, leitor, à realidade dos ritmos das estações influindo na vida. Tua família — tu, ela, êles — não pode ser alheia a êste princípio. Há uma rêde de malhas estreitas na série dos ritmos. Ritmos cósmicos e universais; individuais e coletivos; históricos e econômicos.

A influência do sol com suas manchas, da lua com suas fases, da atmosfera com sua pressão, da meteorologia com seus fenômenos de ventos, chuvas, tempestades, eletricidades e magnetismos — quem a desconhece? E as variações periódicas do meio, com o dia e a noite, com as lunações e estações do ano e períodos solares?

Entre uma aurora e a outra seguinte mais de 20 fatôres — pressão, condutibilidade elétrica, temperatura, humidade, elementos magnéticos, etc., variam regularmente, passando para um máximo e um mínimo. Luz e sombra, dia e

[1]) Dr. Isaac Abt, *O Romance da Pediatria*, p. 183.

noite, enfim o ritmo nictemérico traz "um horário biológico, emocional" para plantas, para animais, para o homem.

A direção da orquestra neuro-humoral pertence, alternadamente, no curso de 24 horas ao simpático e ao vago, segundo um ritmo, ao qual se prendem os diferentes ritmos da vida vegetativa (L. Lavastine). Parece que até as doenças marcam suas horas. Fala-se da "jornada, do dia do médico". Por exemplo, os tuberculosos queixam-se de dores torácicas, os reumáticos sofrem nas articulações, as algias aparecem ou exacerbam, a ansiedade ou lassidão invadem a alma do psicoastênico —, quando o dia cai. O crepúsculo acorda profunda melancolia nos nevropatas. E bem observa um autor "que seriam necessárias muitas páginas de antologia para a reprodução dos versos que já inspirou êsse crepúsculo, sobretudo depois do romantismo".

A patologia das horas tardias — como diz Anes Dias — interessa os aparelhos respiratório, circulatório e nervoso. Há doenças noturnas. A morte tem sua hora preferida entre as duas ou três que precedem a aurora, na observação de Job. Duhamel fala-nos de alguém que "cada dia precisava curar-se da sua noite como de uma doença".

A metade ao menos de nossa vida, de nossas saúdes, de nossos humores, de nossas paixões e até de nossos amôres depende da chuva e do bom tempo.

Ao redor de tua casa, leitor, as estações vestem ou despem as árvores, põem-lhes flôres e frutos nos ramos e ninhos cantores nos galhos. E nos corações, nos corpos e nas almas há primaveras, invernos, sombras e luminosidades.

Em muitos países é conhecida a síndrome dos ventos. Na França, o vento sul, na Alemanha o Foehn, o Sirocco na África (norte); Tramontane no baixo Languedoc, em Lisboa o vento da Espanha. Entre nós o vento norte.

Até o pH humano oscila de manhã à noite. Exagêro de alcalose pela manhã, trazendo a tendência de se ver tudo negro. À tarde predomínio de acidose, aí pelas 5 ou 6 horas. Desaparece o pessimismo. A constância nesse exagêro explica a ansiedade em certos indivíduos.

Diz o Sábio (Ecle 3, 2) que para tudo há tempo. Tempo para a boa semente no chão e para a boa palavra no coração. Não queira o leitor agir às cegas. Consulte o tempo "individual, pessoal", que é um para a espôsa, outro para

o filho. Tome em conta a fase "climatérica dos seus". Uma reclamação, uma censura, uma negação — semente do bem, eventualmente — querem sua estação certa, como a quer o trigo lá fora no campo.

— Queria que o sr. tomasse conta de meus filhos..., num dia de chuva! Assim me desafiava certa mãe de família. Havia experiência no desafio.

14. ANTES, DURANTE E DEPOIS

do parto a vida é sagrada, não admite um abôrto direto, ou um homicídio direto da criança. Essa vida, em qualquer condição que se ache, fica subtraída a todo ataque voluntário. Segundo a lei moral trata-se em todos êsses casos de um grave e ilícito atentado à inviolável vida humana.

Vale isso tanto para a vida da criança como para a vida da mãe. Jamais a Igreja — (como católico hás de estar ao par disto) — ensinou que a vida da criança deva ser preferida à materna. Está errado colocar a questão nesta alternativa: ou uma ou outra vida. Não. Nem a mãe, nem a criança podem ficar sujeitas a um ato de direta supressão da vida. Para uma e outra parte só pode haver uma exigência: fazer-se todo o esfôrço para o salvamento de ambas as vidas.

Aqui surge uma "tormentosa objeção". Como deixar perecer uma mãe, tão necessária aos filhos pequenos? Não é sua vida um bem, incomparàvelmente superior à vida de uma criança?

Não é difícil a resposta. A inviolabilidade de uma vida inocente não depende do seu maior ou menor valor. Há anos — em 1941 — a Igreja condenou formalmente a extirpação de vidas consideradas "desvalorizadas". Quem conhece os tristes antecedentes que provocaram tal sentença severa, quem se dá conta das funestas conseqüências a que chegaríamos, se fôssemos medir a intangibilidade da vida inocente pelo seu valor, saberá avaliar os motivos que a motivaram.

De resto, quem pode julgar com certeza qual das duas vidas é realmente a mais preciosa? Quem poderá saber que ascensões tomará, que elevação de obras e perfeições alcan-

gará aquela criança? Comparam-se duas grandezas, de uma das quais quase nada se sabe.

— Dr., agradecida pelo seu interêsse, disse a frágil e jovem mãe a quem o médico propusera "um abôrto terapêutico". De modo algum posso truncar a vida dessa criatura. Não posso; não posso! Já sinto o palpitar de sua vida; ela tem direito de viver. Vem de Deus e deve conhecer a Deus para amá-lo e com êle alegrar-se. E ficou serenamente à espera dos acontecimentos.

Nasce uma menina. A mãe foi piorando e um dia, com um sorriso, deixou a terra. Anos passaram-se. Lá num Instituto religioso podia-se ver uma jovem religiosa tôda maternalmente dada aos cuidados da formação da infância abandonada.

Note-se o leitor o termo "atentado direto, homicídio direto". Pois se a conservação da vida materna, independentemente de seu estado de gestação, reclamasse um ato cirúrgico ou outra aplicação terapêutica, da qual como conseqüência acessória, de modo nenhum intencionada e querida mas inevitável, resultasse a morte do feto —, não se poderia chamar atentado *direto* contra a vida de um inocente. Nessas condições pode ser lícita, como outras semelhantes intervenções médicas, sempre que se trate de um bem de alto valor como é a vida, e não sendo possível esperar pelo nascimento da criança, nem recorrer a outro remédio eficaz.[1]

III

15. PELO AREAL DO SEXO

"Vive o leitor numa época de superênfase do sexo, nascida da negação da alma racional e da igualização do homem ao animal. A tragédia humana moderna não está em que os sêres humanos dão, muitas vêzes, mais expansão a suas paixões agora do que em eras passadas. Está em negarem, abandonando a estrada direita, a existência dessa mesma estrada. Em outros tempos os homens pecavam, mas sabiam que pecavam. Viam claramente que estavam na estrada errada. Hoje os homens atiram fora o mapa".

---

[1]) Pio XII. Alocução à Confederação das Famílias, 27 de Novembro de 1951.

Interrompo Fulton Sheen para recordar ao leitor duas verdades. A Igreja *admite* os sãos impulsos do sexo no matrimônio, mas não lhe *dá* cetro e coroa. Reprova, mesmo, autores que acentuam o papel descabido do sexo no amor humano. E muito menos tolera que, do matrimônio, do seu uso, se faça uma orgia sexual. Mas, continuando na citação, ouça o leitor com que vigor e clareza Fulton Sheen risca os limites entre o homem e o animal.

"A identificação do homem com o animal é uma grande fraude. O sexo no homem não é a mesma coisa que o sexo nos animais. O animal sente, mas nenhum animal ama. Nêle o sexo é mecânico, uma questão de estímulo e de reação. No homem, está ligado ao mistério e à liberdade. No animal, é apenas relaxamento de tensão. No homem, sua ocorrência não é determinada por nenhum ritmo natural, mas pela vontade. O sexo pode causar solidão e tristeza no homem, o que não causa num animal. O animal pode satisfazer todos os seus baixos desejos. O homem não pode fazer isto e sua tensão vem do fato de tentar substituir o pão da vida pela palha do sexo.

O instinto sexual, que é bom, pode também ser pervertido, como pode sê-lo o amor-próprio, que também é bom, quando convertido em auto-adoração.[1] E' mau quando os fogos da vida são deliberadamente despertados, não para acender novas tochas de luz, mas para queimar a carne. E' o pecado da luxúria. O legítimo desejo do homem de expansão própria, por meio da propriedade, pode ser pervertido numa paixão desordenada da riqueza. Riqueza sem consideração, sem vistas ao seu uso social, às necessidades do próximo. E' o pecado da avareza. Sheen recorda então a presença de pessoas ligadas a votos de pobreza, de castidade, de obediência no seio da Igreja. Estão aí expiando, reparando pelos desmandos dos que faltam no amor-próprio, no sexo, na avareza. São almas sagradas que compensam, por assim dizer, os excessos das outras almas.

À luz do que fica dito, não há mais altaneira tolice do que dizer que a Igreja se opõe ao sexo. Não é mais opos-

[1]) Sheen descreve a auto-adoração: "Sou minha própria lei, minha própria verdade, meu próprio modêlo. Ninguém pode dizer-me coisa alguma. Tudo quanto chamo direito *é* direito; o que chamo errado *é* errado. Portanto, sou Deus".

ta do que o é a que se coma um jantar, se vá à escola ou se possua uma casa. A natureza não é corrupta. Como disse Aristóteles, "a natureza nunca diz uma mentira". E' o falso uso da natureza pelo homem que obscurece a face do mundo. Nem acredita a Igreja, como um monomaníaco, que o sexo é o único instinto que o homem tem, ou que todos os outros instintos hão de ser interpretados em têrmos do sexo. Pelo contrário, com uma compreensão mais profunda da natureza humana, diz ela que o anseio de perfeição é básico, e que o sexo é apenas um dos *três* meios pelos quais se realiza nesta vida uma relativa perfeição.[1]

Os fanáticos do sexo andam com a idéia de ser a Igreja inimiga do sexo. De onde a tiraram? Da sua inabilidade em fazer uma distinção entre *uso* e *abuso*. A doutrina católica não despreza o corpo. Dignifica-o, dizendo que é um Templo de Deus. Isso é mais nobre do que dizer, com alguns modernos espíritos, que o homem é simplesmente uma bêsta. Como disse Clemente de Alexandria: "Não devíamos ter vergonha de mencionar o que Deus não teve vergonha de criar". A Igreja fala, sem dúvida, do pecado no domínio do sexo como fala do pecado no domínio da propriedade, ou do pecado na área do amor-próprio. Mas o pecado não jaz no instinto ou na própria paixão. Nossos instintos e nossas paixões são dons de Deus. O pecado jaz na perversão dêles. O pecado não está na fome, mas na gula. O pecado não está em procurar a segurança econômica, mas na avareza. O pecado não está na bebida, mas na embriaguez. O pecado não está no uso da carne, mas na luxúria, que é a sua perversão. Justamente como o sujo é a matéria no lugar errado, da mesma forma o sexo pode ser a carne fora do lugar devido.

Uma concentração indevida, em tôrno de uma única das atividades da vida, tende a tornar um homem anormal por meio do desequilíbrio do interêsse. Isto é especialmente verdade quando se trata de uma preocupação excessiva com o carnal. Hoje *pensa-se* no sexo como em um meio de prazer. A tal ponto que êle se tornou uma obsessão.

O impulso sexual no homem não é em *momento algum* um instinto isolado. O desejo, desde o seu comêço, é infor-

[1]) Os três são: instinto de conservação da pessoa, da espécie e da posse.

mado pelo espírito e nunca é um experimentado separado do outro. O psíquico e o físico se interfluem. "Nosso corpo é uma parte da ordem universal criada e preservada por Deus. Retamente encarado, é êle próprio um universo contido em si mesmo e confiado a nós como uma propriedade limitada, mas sagrada. O pecado mais substancial é aquêle que cometemos contra nós mesmos e especialmente contra nosso próprio corpo. A ofensa contra nosso próprio corpo inclui um pecado contra o Criador" (Werfel).[1]

Nesse areal que é o sexo, candente e movediço, esta exposição de Sheen pode orientar o leitor casado, cuja vida exige o reto uso do sexo numa época de sexualização.

16. PRIMEIROS FALSIFICADORES

da fidelidade são os que opinam ser necessário contemporizar com as idéias e os costumes de nossos dias. São êles favoráveis a falsas e perniciosas amizades dos casados com terceira pessoa. Patrocinam mais ampla liberdade de sentimentos e de trato nas relações externas. Sobretudo, tendo em conta (como dizem) a congênita índole sexual insaciável de não poucos, que não toleram as grades do matrimônio monogâmico. Tacham por isso como mesquinhez de cabeça e de coração, ou de ciumeira vil e desprezível, aquêle rígido e tradicional estado de espírito de esposos honrados, que reprova e evita todo afeto e todo ato libidinoso com terceira pessoa (Pio XI, obra citada).

Por isso, em suas Alocuções o atual homem de branco — Pio XII — previne os imprudentes contra a infidelidade do espírito e do coração, que preparam a do corpo. São-lhe suspeitas e perigosas essas simpatias "intelectuais", êsses "amôres platônicos" com terceiras pessoas. Eu não gostaria de ver meu leitor virar marido-esponja, amigo mata-borrão chupando os conceitos de uma admirada ou admiradora. Essas simpatias intelectuais e afetivas encobrem muitas vêzes uma intimidade secretamente voluptuosa. Ambos, eu e tu, leitor, conhecemos belos conceitos a êsse respeito. Mas finamente lembra nosso chefe espiritual: "A natureza, depois do pecado original, não é tão dócil aos ingênuamente vaidosos aforismos de espíritos iludidos (Aloc. 4-11-42).

[1]) Fulton Sheen, *Angústia e Paz.* Ed. Agir.

Graciosa comparação de Gomá [1] acode aqui: "Contraído o matrimônio, os esposos uniram-se *um a uma,* uma união absoluta e sem reservas. Por isso na engrenagem dessas duas rodinhas mestras da família, que são espôso e espôsa, já não cabe, já não digo um corpo estranho, mas nem sequer *um grão de areia* que possa amarra a marcha harmônica dos dois sêres, que não devem ser mais do que um".

O leitor precisa conhecer as fronteiras que deve defender no reino da fidelidade. Defender e ajudar a espôsa a defendê-las. Do contrário será também um falsificador, um infiel. Ei-las, *negativamente* a fidelidade exige:

Recusa das relações carnais, a não ser com o legítimo consorte, como o permite o matrimônio. Daí guerra aos pensamentos e desejos voluntários com outras pessoas! E além disso recusar ao próprio consorte tudo que está proibido também no matrimônio.

Positivamente reclama:

União absoluta, castidade conjugal, amor puro e santo, jerarquia no amor, ocupando cada qual seu lugar. "A fidelidade exige, no matrimônio, que marido e mulher estejam unidos entre si com um amor singular, santo e puro; e não se amem como adúlteros, mas sim com o amor que Cristo amou a Igreja, conforme a norma do Apóstolo: Maridos, amai vossas espôsas como Cristo amou a Igreja. — Cristo amou-a em verdade com essa caridade infinita, não para seu próprio bem, mas buscando a utilidade da espôsa" (Pio XI, obra citada).

Reflita o meu leitor sôbre êste final: "A caridade entre os espósos há de ser, portanto, uma benevolência mútua e pronta para ajudar o outro em tôdas as suas necessidades e dificuldades. E' um trabalho de mútuo aperfeiçoamento, de boas e recíprocas influências. Isto tem um nome de aperfeiçoamento evangélico".

Êste programa tem, além de falsificadores, inimigos atrevidos. Não pode o leitor admiti-los dentro "da sua casa", como homem forte que a vigia. Mencionamo-los de passagem, porque mais adiante irão preocupar-nos. São êles:

— o adultério aberto e oculto, e tudo o que a êle conduz;

— a emancipação da mulher pelo feminismo exagerado;

---

[1]) Cardinal Gomá, *La familia según el derecho natural y cristiano* — 1942. Editorial R. Casulleras, Barcelona, 4ª edic., p. 106.

— a substituição da caridade mútua pela chamada camaradagem e simpatia, que enfraquece e deita por terra o amor conjugal.

17. A VOCAÇÃO DA CARNE

em teu estado de casado, leitor, deve ser compreendida, respeitada e seguida de acôrdo com os desígnios do Criador. O restaurador do casamento, Cristo Senhor, fala de "uma só carne" entre os casados.

"Não é sem motivo que a unidade dos esposos exprime-se na carne. Pois o elemento que distingue a união conjugal de tôda outra comunidade é que o corpo vem a ser, de um modo especial, a expressão dessa união. Nela o corpo é expressão e sêlo da comunidade conjugal, da aptidão ao abandono recíproco de duas pessoas perante Deus. Sendo verdade que todo ato espiritual do homem precisa de um sinal perceptível aos sentidos, para manifestar-se exteriormente, de modo particular isso se dá com o ato natural pessoal: a entrega de si mesmo a um outro no casamento. E' o mais elevado ato pessoal, depois da adoração de Deus.

O abandono total do espírito exige o abandono total do corpo. O caráter específico do casamento, como união de duas pessoas sexualmente diferenciadas, reclama o abandono do corpo, precisamente na sua determinação e na sua fôrça sexuais. (O abandono a Deus também exige um abandono do corpo, mas segundo outra forma).

Assim o ato conjugal sexual exprime a mais profunda união dos esposos. Há uma graduação. Uma plena fusão do homem e da mulher é absolutamente impossível sem a união corporal. Mas, de outro lado, ela sòzinha é incapaz de realizar essa fusão. Uma simples união corporal sem união espiritual seria contra a natureza. Se é tal, ùnicamente porque o casal não sabe elevá-la mais alto, tem um grave defeito e não atinge a plena significação do casamento" (Rocholl).

Ao banquete do amor o corpo, e com êle o gôzo e prazer, estão presentes, por sábia disposição do Criador. Quem os convidou foi a alma, desejosa de mostrar e enriquecer seu amor espiritual. Dizem os psicólogos que já entre noivos há mais riquezas espirituais humanas, do que entre um môço e uma môça. Do "eu" passaram para a descoberta do "tu", e

na permuta de um amor nascente começaram a constituir o "nós". Mas a dona da festa — a alma — ao receber o presente do prazer e do corpo, quer vê-los bem comportados, educados respeitadores das leis da fidalguia cristã. Pois Deus está presente, está à espera dessa vocação da carne para infundir outra alma no ente que fôr concebido. Está presente para premiar pela tabela dos méritos a obediência espiritualizada pelo sacramento, casta na medida dos ritos observados.

A vocação da carne, lugar abençoado do amor, essa eleição descrita acima predestinam o fato sexual a revestir-se, na Revelação e na Redenção de Cristo, da sublimidade e eficácia da sacramentalidade.

18. DE PÉS JUNTINHOS

estaria você, há muito tempo, se não fôssem os bons conselhos que recebo dos padres!

Assim rematava com energia uma espôsa, traída e humilhada, de cuja religiosidade o marido troçava. Estava êle esquecido de que a fidelidade é um dos bens do matrimônio. "E' o seu ouro. Como êste é o mais belo, o mais precioso entre os metais, servindo por sua inalterabilidade como base de qualquer riqueza —, também é a fidelidade o mais precioso elemento no matrimônio cristão. E' o têrmo de confronto do amor, de tôda riqueza do lar, de tôda sua felicidade. E' sua garantia de espiritual inalterabilidade". [1]

Outra vez Pio XII compara-a à rocha de onde brota a linfa pura do amor, que correndo por entre flôres e arvoredos da vida vai perder-se na urna da sepultura. Na árvore do casamento o tronco está representado pela unidade e indissolubilidade do contrato. Mas sua seiva vivificadora, seu elemento mais nobre é a fidelidade que obriga a apreciar sua beleza, a provar seu encanto.

Fidelidade é, será sempre exigência básica do amor, sobretudo "sacramentado". Nada pode atenuar a indecência do têrmo que estigmatiza sua violação: adultério, quebra do sacramento.

Por isso, leitor, avisa-te S. Paulo: "Cada um saiba possuir seu corpo em santidade e honra, livre das paixões da

[1]) Alocução de 10 de janeiro de 1941.

concupiscência (1 Tess 4, 4). E a razão é evidente. Nem a mulher, nem o homem tem direito sôbre seu corpo, feito o contrato matrimonial. Um se deve ao outro (1 Cor 7, 4). E assim é adúltera a mulher que servir a outro homem, como êste ao servir-se de outra.

Na sua rude franqueza São Jerônimo já vai avisando: Entre nós, cristãos, o que está proibido à mulher, também o está ao homem; a servidão é a mesma.

A fidelidade, hoje ainda exige duas coisas:

— O que por lei divina cabe a uma parte não lhe seja negado, nem seja permitido a outro;

— nem à comparte se conceda o que nunca pode ser concedido, contrário à lei divina. Aqui os contraentes, marido e mulher, não podem renunciar a direitos para intromissão de um terceiro, ou terceira. Êste contrato rege-se por leis divinas. Vale a palavra do apóstolo: "Deus não vos chamou para a imundícia, mas para a santidade" (1 Tess 4, 7). Um sacramento permanente convertido numa degradação?! E' imoralíssima a linguagem: cada um para seu lado, com mútua tolerância.

Uma pergunta e uma resposta para horizontes mais vastos. Ei-las: Como donos de si mesmos, não poderão os casados combinar entre si o uso dos direitos conjugais contra a lei natural ou fora dela? Jamais. Também isso é pecado de infidelidade, porque quebranta o direito que a lei divina e natural tem de não ser violada.

Avisa Pio XI que, "sempre quando se peca contra a prole, também se peca de certo modo e como conseqüência contra a fidelidade conjugal. Pois ambos os bens estão entrelaçados".

Êste candidato "a pés juntinhos" tem imitadores, tolerados e mesmo estimulados criminosamente, hoje em dia. Tanto na sociedade, como na literatura onde são apregoadas doutrinas heréticas. Tais, por exemplo: a invencibilidade da concupiscência, o romantismo da paixão, o materialismo; e o existencialismo da vida, a divinização da carne e de seus instintos, e a negação do espírito de Deus.

Ao lado disso, o fomento artificial e precoce das inclinações sensuais, o erotismo e hedonismo; a excitação sexual

organizada, amplificada sistematizada, explorada e convertida em especulação financeira.

Tudo para maior desgraça. A fôrça "nuclear" da lei divina arrasa os que lhe atravessam os caminhos.

19. AQUÊLE HOMEM DE BRANCO,

lá, em Roma, ouvirá minha queixa e me dará razão. Irei procurá-lo. — Assim falava em pleno tribunal, encenado pelo rei adúltero, a traída rainha Berta de França. E Roma defendeu-lhe os direitos.

Leitor, aquêle homem de branco — o Papa — sucessor de S. Pedro, é bôca, é representante de Cristo. Sempre defende o patrimônio da verdade que os séculos lhe confiaram, como preciosa herança de Cristo.

Precisas conhecer êsse patrimônio no que se refere ao estado em que vives e hás de te salvar, salvando a outros também. Nunca se estima o que não se conhece. Eis uma exposição sucinta:

Deus instituiu e restaurou o casamento. Deus, autor da natureza, e N. Senhor Jesus Cristo dotaram o casamento com leis, que não dependem dos homens. Como dêles não dependem as leis da natureza.

Leis essas que são três: *unidade, perpetuidade, indissolubilidade.* O que vai contra elas é e será sempre êrro contra a natureza e revolta contra o legislador.

Três bens encerra o casamento: a *prole,* a *fidelidade conjugal,* o *sacramento. Prole*: pois o casamento foi primàriamente instituído para a conveniente propagação do gênero humano. Outros fins, como mútuo auxílio, mútuo completamento e aperfeiçoamento físico-psíquico, íntima união dos espíritos, recíproco amor, "secreta unidade ontológica" — são secundários e essencialmente subordinados ao primeiro. Não são independentes dêle. *Fidelidade*: que exige o leal cumprimento de tôdas as obrigações nascidas por fôrça do contrato matrimonial. Estas, quais são? São as principais obrigações impostas pelas leis divinas e naturais, como também as obrigações secundárias estipuladas pelos esposos no contrato matrimonial. Veremos mais adiante os pormenores. *Sacramento*: palavra que significa duas coisas: indissolubilida-

de do vínculo conjugal e elevação do matrimônio ao sacramento. Pois no latim clássico "sacramentum" é usado para indicar união obrigatória, consagração, promessa. Entre cristãos (ou batizados) não há casamento válido sem sacramento.

Normas e decisões vigoram, dadas pela Igreja, perante os postulados da eugenia, melhoramento da raça. Ela não admite o abôrto direto, a proibição legal do casamento para defeituosos, a esterelização voluntária, a inseminação artificial humana. Darei mais adiante a íntegra das palavras "do homem de branco" sôbre êste último ponto.

Aqui uma observação: "A verdade não é letra morta, nem teoria que poderia ser outra. E' um fato vivente, porque é a adaptação de nosso espírito à realidade. Ultrapassai os limites da verdade: a realidade se encarregará de castigar a transgressão. Imaginai-vos que o fogo não queima, ou que a água vos carrega e a experiência mostrará vosso engano. Isso é fundamental e se verifica também na ordem dos costumes morais" (V. Capánaga).

20. NO RELÓGIO DAS FLÔRES

o sábio e paciente Linneu lia as horas. Eram-lhe ponteiros o colorido, a posição, o perfume das mesmas. Ora, meu leitor tem em casa um jardim humano, fresco e gracioso. E no mundo das crianças êle é — na frase de Pio XII — estupendo, cheio de luz, de harmonia e de perfume.

Com tua licença, ajuntemos a gentil espôsa e também, em alguns casos, a flor outoniça da sogra. Tôdas estas flôres são influenciadas pelo tempo nas suas horas de sol, de chuva, de vento, de céu claro ou toldado. As estações do ano gostam de mexer nesses ponteiros. A lua também. E assim essas flôres humanas podem marcar horas de paz e bonança, num azul universal. Ou podem parar, como sinal vermelho, avisando tormentas e ar pesado. Horas acolhedoras de uma boa palavra, de um agrado, de uma observação cordial, de um pedido difícil. Ou então horas que tem "sua malícia", deixando murchos os corações, corolas delicadas.

Lá numa fazenda, dizia a espôsa do administrador: "Não tolero dia de chuva na fazenda, dona fulana. E' — dia inteiro — marido e cachorro dentro de casa, enfezando a

gente!" Veja o leitor, esta flor marcava, com a chuva, horas muitas de mau humor. Sua casa — o reino da mulher! — cheia de barro, salpicada de gotas d'água, invadida por indesejáveis que ela quereria longe de si! Sua casa, esta ilha onde a mulher quer ser rainha, onde todo marido prudente "entroniza-a", na frase feliz que ouvi de um amigo!

Fôsse o imprudente marido dessa inimiga da chuva fazer-lhe uma observação, e veria logo o êrro cometido. Não acertou a hora. Entretanto, essa mesma chuva para o garôto é festa. E' rêgo barrento fazendo cachoeirinhas à porta da casa, convidando-o para lhe fazer cócegas nos pés, para lhe carregar os naviozinhos de papel. E à noite é música no telhado; é goteira pingando.

Para o marido essa chuva pode ser um alegrão, como bênção para a lavoura. Mas é lei, amigo, que casado deves olhar o mundo pela ótica da espôsa, da mãe e educadora. A vida é a dois. A visão será também a dois. Ou então a chuva derrama uma tristeza de acôrdo com o verso:

— sou eu que entristeço o dia, ou êle o meu coração?

Por que ser então o marido um carrilhão, provocador de contrastes? E' o sol, a alegria que dirige os ponteiros? Não se faça o marido de cego perante essa luz.

Seja como fôr, a paz conta com essa condição: saber ler as horas nos jardins humanos de teu lar. Podem parecer pequeninas essas atenções. Mas o verdadeiro amor compõe-se de pequenos mosaicos, de pingos de atenções diárias. A grandeza do amor não está, em geral, nos lances dramáticos, mas na alma grande animando o trôco miúdo das coisas, dos minutos e dos dias com suas alternativas de luz e sombra. Pio XII, em plena sala do Vaticano, não julga incompatível com seu título e anel, recomendar essas ninharias aparentes, nas alocuções aos recém-casados.

Hortus conclusus (jardim cerrado) mandou alguém escrever à entrada de seu lar. A frase era um programa de vigilância, respeito, paz e calma. Ter um jardim na terra é rivalizar com o céu. Já perguntara nosso P. Vieira "que se a terra produziu as flôres, que são as suas estrêlas, o céu por que não produziu as estrêlas que são as suas flôres"? E assim tuas flôres tornam-se estrêlas no céu de teu lar.

Muito eu lamentaria, se fôsse o leitor um entendido no

jardim, que cerca a habitação, e um desinteressado no trato das flôres vivas, que podem marcar muitas horas de felicidade na sua vida.

21. "GERÚNDIA!

berrou o marido no auge da discussão com a mulher. E ela... embasbacou. Tão proverbial já se tornou a expressão como injuriosa".

Assim escrevia um confrade ao famoso P. Isla, autor do revolucionário livro Fray Gerúndio de Campazas, no qual estigmatizava a ferro e fogo os exageros da retórica usada nos púlpitos da época, por muitos oradores sacros. O que Cervantes conseguiu com seu Dom Quixote conseguiu Isla com seu Fray Gerúndio. Ninguém queria ser um Gerúndio ou Gerúndia. Daí a razão de calar-se aquela espôsa.

O têrmo, em si, continua inofensivo. Mas aquêle marido pegou-o como pedra, arremessando-a contra a cara metade. Hoje os maridos desconhecem o têrmo, conhecendo e usando em troca outros contundentes também. Todos, porém, merecem a mais severa reprovação. Nunca um marido deve injuriar a espôsa, feri-la na sua dignidade de pessoa humana, enquadrada nos belos títulos de companheira de sacramento, de mãe, dona de casa e educadora. A convivência já terá revelado ao leitor o pêso das palavras. Por isso trate de evitá-las. E se meu leitor é recidivo em tais ofensas e discussões, eu lhe dou aqui uma receita. Foi dada por São Filipe Néri a uma espôsa, vítima e parceira de discussões com o marido. Deu-lhe o santo uma garrafinha de água milagrosa. Tirou-a da sua talha, receitando o seguinte: Quando o marido zangar-se e puxar discussão, tome um trago e guarde-o na bôca até que o zangadão se acalme. O efeito foi maravilhoso. Leitor, tens em casa um copo d'água à mão. Quando escutares os trovões lá por dentro, ou lá de fora, depressa um gole... que pare na bôca. Água na bôca será no caso água na fervura.

Aqui quero prevenir contra um grande êrro dos maridos. Digamos que um atrito se deu pela manhã. À hora do almôço o marido volta com cara risonha, dando a entender que já esqueceu de tudo. À hora do jantar mostra-se contentão, eufórico, gracejador. Amável, até, para com a espô-

sa. Decididamente não pensa no ocorrido. No correr da noite deseja a união íntima com a espôsa e dá com uma recusa que o fere, que lhe parece completamente incompreensível. Surgem perguntas. Por que tal indiferença, tal frieza? Que terá acontecido?

Por sua vez ela não entende o marido. Teria êle esquecido *o que* aconteceu pela manhã? Não está sabendo que a discórdia da manhã, do dia ainda perdura e não foi devidamente ajustada? Assim pensa a espôsa. O ambiente de amor ainda continua perturbado pela discussão. E tua espôsa, leitor, como tantas outras, não pode sem mais nem menos sobrepor-se a esta discórdia. Por isso não lhe é possível concordar, interiormente, com a união sexual por causa da defeituosa harmonia conjugal. Primeiro quer sentir-se psìquicamente unida outra vez com seu marido. Só então se entregará incondicionalmente a êle.

Se essa união não preceder, lhe parecerá incompreensível, grosseira, por não dizer bestial, a tentativa de restabelecer a união sexual. Está revoltada contra a indiferença incompreensível do marido, tão descuidoso de suas precisões femininas. E estas reclamam que êle considere como importantes êstes incidentes, uma vez que para ela são tais.

Nos casais onde o marido é um extravertido e a mulher uma introvertida fàcilmente se dá esta cena, observa Plattner. E explica. O amor, uma vez despertado, continua tal na mulher. O amor feminino está contìnuamente presente. Nunca baixa totalmente a zero. E' mais lento para subir ao ponto culminante e desce também mais devagar. Nada há que para ela seja puramente prosaico, puramente científico ou puramente comercial. Faça o que fizer, sempre o faz pelo marido e pelos filhos ou por outros homens. Para êles prepara a comida, limpa a casa, repassa a roupa e torna agradável o lar. Difìcilmente compreende por isso que o homem não retribua êsse amor, ou nem sequer nêle repare.

E no homem êsse amor é mero compasso, o qual passado pode interessar-se por outros trabalhos de sua profissão, sem fazer caso da mulher. "E' isso que ela não tolera de modo algum. Muito lhe importa a consideração, a preocupação do marido, mas expressada e manifestada".

Ora, leitor, dentro de semelhantes enredos de teias um palavrão, uma ironia, um berro, uma porta batida à cara,

um murro na mesa é um desastre. Corresponde ao estouro de um terremoto que se anuncia. E eu desejo-te bom registador de... possíveis terremotos.

IV

22. E' PARA ELA..., MAS CONTIGO.

Recomendando umas coisas às espôsas, endereço com Pio XII umas coisas aos maridos. São os responsáveis no assunto. Quer nosso guia e chefe espiritual o seguinte:

"Espôsas, não vos contenteis em aceitar, ou apenas suportar, esta autoridade do marido, a quem Deus vos submeteu pelas disposições da natureza e da graça. Deveis amá-la em vossa sincera submissão; e amá-la com o mesmo amor respeitoso que tributais à mesma autoridade de Nosso Senhor, do qual provém todo poder de chefia.

Sabemos bem que do mesmo modo como a igualdade de estudos, de escolas, de ciências, de esportes e de competições faz subir o orgulho em não poucos corações femininos —, assim também vossa suscetível sensibilidade de mulheres modernas, jovens e independentes, dificilmente se curvará à sujeição doméstica.

Ao redor de vós muitas vêzes hão de representá-la como coisa injusta. Hão de sugeri-la como um domínio altivo sôbre vós mesmas. Hão de repetir que sois iguais em tudo a vossos maridos, e mesmo superiores em certos aspectos. Não sejais como outras tantas Evas diante de tais vozes de serpente, desviando-vos do caminho que ùnicamente pode conduzir-vos, mesmo aqui na terra, à verdadeira felicidade.

A maior independência, à qual tendes direito sagrado, é a independência de uma alma fortemente cristã perante as imposições do mal. Deveis conservar e defender respeitosamente, tranqüilamente, afetuosamente, mas firmemente e irrevogàvelmente a inteira, inalienável e sagrada independência de vossa consciência. Isso quando vos achardes em frente a qualquer ordem, oposta aos invioláveis preceitos da lei divina, aos imprescritíveis deveres de cristãs, espôsas e mães.

Na vida há dias, às vêzes, em que relampeja a hora de um heroísmo ou de uma vitória, cujos testemunhos secretos são Deus e os anjos.

Mas, no resto, quando se vos pedir o sacrifício de um capricho ou de uma preferência pessoal, mesmo legítimos, alegrai-vos porque estas leves renúncias ficam compensadas pela conquista diária do coração de quem a vós se entregou... Deveis amar êsse vínculo da autoridade, que de ambos faz um só querer, embora no caminho da vida um vá na frente e outro atrás". [1]

A presença, leitor, dos muitos advérbios e adjetivos revela a profunda convicção do chefe espiritual que nos guia. Convicção e amor gostam dos advérbios. Tua tarefa portanto é ser um chefe que facilite à espôsa obedecer a tais normas. Tudo isso tem em vista S. Pedro, ao escrever: "Vós, maridos, comportai-vos com sabedoria a respeito de vossas mulheres, como sêres mais frágeis, tratando-as com honra (1 Ped 3, 1-8).

23. POR QUE OUVISTE A TUA MULHER?

Foi a histórica pergunta feita por Deus a Adão. Não morreram os maridos imitadores dêste êrro.

"Há maridos que se deixam dominar, abdicando da sua autoridade, contra a vontade formal do Criador, que não quis confiar à mulher a chefia suprema do lar doméstico. Será, talvez, um bom marido mas de uma bondade cega que exclui todo exercício da autoridade e do poder.

Completamente dominado pela mulher, não lhe será mais possível tomar as rédeas e a direção de sua casa. Ali tudo vai mal, porque ali manda quem deve obedecer e servilmente obedece quem foi investido pela Providência da autoridade de chefe. Resultado? Vergonha e confusão.

Não sou eu quem o diz. Esta é a advertência do Espírito Santo, que melhor conhece o que se requer para a boa paz e felicidade da família. Não vos deixeis dominar pela mulher, para que não venha ela governar à sua vontade e daí tireis vergonha, confusão e ridículo (Ecli 9, 2).

De outro lado o marido não tem direito de exigir uma obediência que não lhe é devida. As obrigações imutáveis da lei de Deus e da salvação eterna, não estão sujeitas à sua autoridade, será despotismo arbitrário e rebaixamento a sentença "eu quero, eu proíbo", atirada à espôsa. Só a Deus ela

[1]) Alocução aos recém-casados, 10 de Setembro de 1941.

dará conta disso e neste ponto tem inteira liberdade. Êsse abuso pode nascer da abdicação que a mulher faz de sua própria personalidade. Vencida pela afeição, vê em seu marido um "super-homem", ao qual obedece sem mais se aperceber de sua própria vida moral.

Abdica diante dêle ao ponto de se submeter às suas exigências, mesmo imorais, porque o ama. (Ou porque então o teme). Renuncia assim à sua personalidade moral e se arrisca a perder a sua alma.

Tôda diminuição de consciência e de responsabilidade *de um* dos esposos é falta contra a família. Esta, pelo plano divino, deve ser dirigida por duas consciências: a do marido e a da mulher". [1]

Pio XII lembra aos maridos que a autoridade é um imperativo, não é uma opção, como já vimos. Diz que, se perante Deus as almas valem pelo seu mérito, na família, sociedade visível, o espôso precede à espôsa em autoridade. E' um êrro muito prejudicial, para os esposos como para os filhos, a igualdade absoluta de direitos e a fatal independência. A felicidade da família exige uma jerarquia, como a exige a natureza, baseada na diversa função dos sexos. Mas com o *amor recíproco* desaparece o pêso do domínio e a mesquinhez da sujeição. [2]

Mulher, que se casou com homem frouxo na autoridade, foi sem sorte. Não encontrou aquêle apoio que procurava, aquela proteção que todo seu ser de espôsa, e sobretudo de mãe, deseja para si e para seus filhos. Levou para casa, muito bem vestido e perfumado no dia do casamento, um imbecil e idiota.

24. TEU CASO, TALVEZ?

— Muita mulher gostaria de ser mãe, se pudesse dispensar o concurso do homem. Li alhures, num escritos francês, êste conceito que não é lá muito honroso para os maridos. Aliás muitos entre êles são responsáveis por tais idéias. E' que não evitam choques de almas e de sensibilidades, quando das relações conjugais.

Queira o leitor conferir seu procedimento com o seguinte.

---

[1]) D. Duarte Leopoldo e Silva, *Pela Família.* — Editôra Vozes.
[2]) Alocução aos recém-casados, 9 de Setembro de 1944.

"Em teologia e direito canônico vem o matrimônio definido como o direito perpétuo e exclusivo, conferido a cada um dos cônjuges para realizar com o outro atos, por sua natureza, aptos para a geração. O ato conjugal normal é, não sòmente lícito, como também santo e meritório. E' o dever conjugal. Quem o recusa sem razão suficiente comete um pecado grave de injustiça contra seu consorte.

O prazer que o acompanha, quando efetuado normalmente, é bom. No estado de inocência [1], longe de ser menor do que agora, teria sido mais intenso, sem contudo levar as rédeas da razão. E isso graças ao dom da integridade. Condená-lo, ou simplesmente recusá-lo, diz Caetano — célebre teólogo — não passa de insensibilidade ou loucura. E' um dom de Deus e "não deve o casado ter pesar por senti-lo, mas sim dar graças a Deus por êle".

Interrompendo a citação, por que não terá o marido domínio e paciência para explicar isso a espôsa, vagarosa na compreensão ou tímida num pudor descabido? A posse violenta, mal preparada nunca une *as almas*. Pelo contrário, pode separá-las para sempre.

"Executar êste ato, impedindo a consecução de seu *fim primário* (a geração dos filhos), só visando o prazer ou servindo sòmente ao *fim secundário*, indevidamente transformado em primário —, é convertê-lo num pecado contra a natureza. Contrariando isso a um bem humano, soberanamente precioso como é o bem da espécie, temos diante de nós um pecado grave" (P. B. Lavaud).

Pio XII insiste muito nas idéias cristãs neste particular. Diz:

"Uma ousada teoria andou afirmando que o ato conjugal teria por finalidade primária o mútuo amor, o mútuo aperfeiçoamento dos casados. Dêle provém um nascimento? Então êste fica "na periferia dos valores pessoais". Não se recusa, mas não se admite tal como centro das relações conjugais. Trata-se aqui de uma grave inversão na ordem "dos valores" e dos fins criados por Deus. Estamos perante um conjunto de idéias e sentimentos, diretamente opostos à clareza, à profundeza e à seriedade do pensamento cristão." [2]

---

[1]) E' êste o nome com que se qualifica a vida dos primeiros pais, antes da queda no paraíso.

[2]) Alocução citada de 29 de Outubro de 1951.

Fim principal do ato conjugal não é pois "sossegar" tua carne e excitação, leitor. Não é também o mútuo aperfeiçoamento, teu e da espôsa. E', fica sendo sempre, a procriação e educação da prole.

Por louváveis que sejam o mútuo apaziguamento, a mútua demonstração de carinho para fortalecer o amor, consolidar a confiança — êste fim tem de ficar no segundo plano. "Não pode estar acima, nem ao lado do primeiro. Há de estar abaixo dêle e orientado por êle" — diz Pio XII.

A delicadeza da alma feminina percebe muito bem, se o homem está esquecido desta verdade, à hora das relações. Mais ainda nota a presença do egoísmo no rito de amor. O gôzo, sòmente o gôzo, que poderia ser encontrado em qualquer outra. Daí sua profunda humilhação, sua surda ou aberta revolta que a torna teimosamente passiva, ou recalcitrante.

25. MARIDOS E PAIS BíBLICOS

Na Bíblia Sagrada Deus mostra-se como o melhor historiador, paisagista de cenários, de almas e de acontecimentos. São imortais as descrições que, inspirados por êle, nos deixaram os sagrados escritores. Trago ao palco destas páginas umas figuras históricas de maridos e de pais. Poderá o leitor ver com qual dêles mais se parece. Ei-los:

Adão — o marido que soube classificar a espôsa, mas à hora dos apuros veio com a célebre frase que inculpava a mulher: Senhor, a mulher que tu me deste por companheira deu-me da árvore e comi. De nada lhe valeu a desculpa. Pois teve de ouvir a censura do Senhor: Deste ouvidos à voz de tua mulher (Gn 3, 12 ss.).

Lamec — o homem que tomou duas mulheres e foi o primeiro a quebrar a unidade do matrimônio. Tertuliano dá-lhe o nome de maldito. Marido fanfarrão, a dizer para suas mulheres: Caim será vingado sete vêzes, mas Lamec setenta vêzes sete vêzes (Gn 4, 23 ss.).

Noé — o pai que, desconhecendo a fôrça da uva, se embriagou com o vinho e deitou-se nu na sua tenda. Desrespeitado por Cam, seu filho, deitou-lhe uma maldição (Gn 9, 18).

Abraão — pai obediente à provação exigida por Deus, que lhe pedia a imolação do filho único, nascido na sua velhice, Isaac. Com o coração a sangrar viu o menino levar a

lenha, o cutelo e o fogo. Ouviu-o perguntar pela vítima, a única coisa que estava faltando. Cheio de fé respondeu: Meu filho, Deus deparará a vítima para seu holocausto (Gn 22).

Isaac — o pai das bênçãos, a conhecer os filhos pelas mãos e pela voz; generoso no programa abençoado: Deus te dê do orvalho do céu e da fertilidade da terra. Mas não tinha só uma bênção e achou outra para Esaú, o logrado (Gn 27).

Jacob — o pai que teve predileção por um filho a quem fêz uma túnica de várias côres e de quem escutava os sonhos, considerando-os no seu coração. Depois essa predileção motivou o ódio dos irmãos. E lá um dia o velho pai recebeu a tal túnica, tinta no sangue de um cabrito, com a pergunta cruel: Vê se é a túnica de teu filho ou não? Tendo-a reconhecido, disse: A túnica é de meu filho; uma cruel fera o comeu, uma bêsta devorou José. Tudo acabou num longo pranto. Não quis admitir consolação, mas disse: Chorando, descerei para meu filho (Gn 37).

Elcana — o marido angustiado pelo pranto de Ana, a espôsa estéril e motejada pelas mulheres. Certo dia perguntou-lhe por que chorava e se êle não era melhor para ela do que dez filhos.

Nabal — Três vêzes os emissários de David desejaram-lhe a paz, pedindo algum alimento por ocasião da festa da tosquia das ovelhas. Rudemente destratou a todos, aquêle marido de Abigail. E esta, sabendo do acontecido, foi ao encontro da morte que voltava na ponta das lanças e na ordem de extermínio dada por David. Com ricos presentes e víveres e boas palavras apaziguou a cólera do rei. De regresso a casa, encontrou o marido alegre e expansivo pelo vinho do banquete. Um inconsciente do perigo (1 Rs 25).

David. — Muito folgado em casa, em tempo de guerra, numa hora de ócio, seduz a bela espôsa de Urias. Natan, o profeta, procura-o em nome de Deus. Fala-lhe de um pobre, dono de uma única ovelha muito apegada a êle, a ponto de dormir-lhe no regaço. Menciona um rico que rouba e mata essa ovelha. E o rei, indignado pela baixeza vista no outro, exclama sem rebuços que tal homem devia morrer.

- Tu és êsse homem, retruca-lhe Natan. Fizeste perecer à espada Urias e tomaste para tua mulher a que era mulher de Urias!

— Pequei contra o Senhor! responde com humilde sinceridade o rei (2 Rs 12). Ficou célebre o seu arrependimento, expressado no salmo Miserére.

Urias. — O marido acima mencionado foi à presença de David, por ordem real. Ignorava o ocorrido e a intenção do rei que desejava ocultar o adultério e disfarçar a paternidade do filho concebido. Pronto deixa Urias o acampamento, deixa o palácio após a entrevista e dorme à porta do palácio com outros oficiais, sem ir à sua casa. Interpelado pelo rei, responde:

— A arca de Deus e Israel e Judá habitam debaixo de tendas; e meu senhor Joab e os servos de meu senhor dormem sôbre a terra dura, e deveria eu ir para minha casa, comer e beber e dormir com minha mulher? Pela tua vida e pela saúde de tua alma, juro que não farei tal coisa!

E com estas palavras de um soldado de têmpera o herói pronunciou sua sentença de morte. Foi reenviado às tropas, portador de uma carta real, que ordenava colocarem-no onde a refrega fôsse mais dura, abandonando-o em seguida, para que morresse. E assim aconteceu.

Job. — O paciente e atribulado marido de uma das mulheres insensatas. Sentado sôbre um monturo, de lepra, teve de ouvir de sua companheira a pergunta: Ainda perseveras na tua simplicidade? Bendize a Deus e... morre! "Job respondeu apenas isto: Falaste como uma das mulheres insensatas. Foi também cuidadoso na sua missão de pai. Terminados os banquetes dos filhos, muito numerosos, punha-se a jejuar e fazer sacrifícios para expiar alguma falta cometida por êles (Livro de Job). Marido casto, fiel. [1]

Tobias. — O marido escrupuloso, estranhando o balido de um cabrito que a espôsa trazia para casa, como presente recebido pelo trabalho.

— Veja, Ana, não seja furtado e restitua-o a seus donos, porque a nós não é lícito comer nem tocar coisa alguma furtada.

— Bem se vê, retrucou a mulher, como as tuas esperanças são vãs, e agora se fizeram ver as tuas esmolas. E com estas palavras e *outras* palavras semelhan-

[1]) Lembramos aqui o marido casto e fiel, que "fêz uma aliança com seus olhos para não pensar na beleza de uma virgem", com receio de perder a parte de Deus em sua alma.

tes insultava-o, agravando-lhe ainda mais a cegueira de que sofria (Tob 2, 19 ss.).

Tobias é o pai do bom exemplo e dos bons conselhos. Deu um nome ao filho apreciado em casa de Raguel por causa do pai, homem de virtudes. Apesar do ocorrido com a cara metade, recomendou ao filho: Honra a tua mãe durante todos os dias da sua vida, porque te deves lembrar de quantos e quão grandes perigos padeceu por amor de ti, trazendo-te no seu ventre.

Acab. — O rei desejoso da vinha de Nabot. Perante a recusa de venda, ei-lo metido na cama, de rosto virado para a parede, todo tomado de cólera. Nada quis comer. E sua mulher, ciente do ocorrido, resolveu que a vinha seria de seu marido, inteirando-o do propósito. Resolveu e melhor ainda executou o resolvido. Fêz com que condenassem à morte o pobre Nabot, que recusara vender a herança paterna que lhe restava com aquela vinha.

Acab vai então tomar posse da vinha, quando o atalha no caminho o profeta trazendo nos lábios o castigo do Senhor (3 Rs 21).

Aman. — O marido que, em casa perante a espôsa e os amigos, se gabava dos muitos filhos, das riquezas, da alta glória recebida pelo convite do rei para um banquete com a rainha. Belo orgulho paterno a respeito dos filhos. Mas tudo isso não lhe apagava aquela desolação causada pela aparente descortesia de um judeu, teimoso em não se levantar à passagem do agraciado.

Zarés, a espôsa, resolveu o impasse. Aconselhou sòmente isso: que se levantasse um patíbulo bem alto, para nêle dependurar o sonegador de reverências. Aman, como fazem muitos maridos, agradou-se do conselho maldoso da espôsa. Mandou por isso aprontar o patíbulo para o judeu irreverente. Mas, sem o saber, levantou-o para si mesmo, para a espôsa e para os filhos, conforme ordenara um mandato do rei (Ester, c. 4).

Que tal, leitor? Há nesta galeria algum marido ou pai parecido contigo? Espero que... sim, e que seja dos bons. E faço votos para que não tenhas em casa uma companheira, cópia da mulher de Job, ou de Tobias ou de Aman ou de Acab.

26. TUDO A DOIS.

"O princípio tanto da moral conjugal como do amor é da alegria e dos prazeres *a dois*, assim como as provações e os desgostos *a dois*. No domínio sexual, a moral conjugal pretende igualmente o bem dos cônjuges e por isso baseia-se no respeito pela ação natural das funções fisiológicas empregadas. Não basta essa retidão fisiológica, a "castidade" material, para estar em regra. E' necessário ainda que mantenha a sua retidão psicológica e sentimental, que seja orientado parcialmente para o bem do cônjuge e totalmente para o bem do casal.

Se o ato da união deve ser orientado para o bem da espôsa, segue-se que não se poderá efetivá-lo legìtimamente senão à luz da justiça e caridade. Mais: o ato de união deve salvaguardar a dignidade humana. Deve também conservar o seu sentido de doação e não se transformar num ato quase brutal de posse.

Portanto tôdas as maneiras de proceder que respeitam a dignidade dos cônjuges, e são orientadas de forma a aperfeiçoar a harmonia psíquica e física da união, são inteiramente lícitas.

Especialmente os beijos, carícias, intimidades, mesmo todos os tatos e as liberdades que dizem respeito às partes sexuais do corpo são honestas se, enquadrados num ambiente oportuno, visam promover a simultaneidade do prazer e o desejo de união e de posse total mútua. [1]

O espôso lembrar-se-á, todavia, que tem o dever de não usar daquelas intimidades e liberdades, permitidas pela atmosfera da união, que não sejam dignas de homem ou que melindrem a delicadeza inata e o pudor instintivo de sua espôsa. E' no momento em que a melodia se torna mais sonora que qualquer nota falsa destoa mais cruelmente. Assim é no momento em que a paixão se torna mais ardente, que ela poderia soçobrar na grosseria e ferir o amor.

O ato de união requer lealdade. De parte a parte há de ser dom, mas dom completo. Truncar êste dom, e cometer um roubo pensando voluntàriamente numa outra pessoa, é perder tôda a autorização para exigir, ou reclamar nesse momento, a dádiva do seu cônjuge. Dufoyer lembra que o

[1]) Já em outra parte vem mencionada a norma que rege êstes casos.

espôso adúltero perde todo o direito de exigir formalmente a união. Pode a outra parte legìtimamente recusar-se. Cabe-lhe o direito de julgar da oportunidade desta recusa... Por vêzes, a esperança dum arrependimento e do bem futuro do lar, poderá levá-la a aceitar o que teria o estrito direito de recusar.

Saiba neste caso que, em direito eclesiástico, a aceitação da união com um cônjuge que se sabe ser adúltero exclui todo direito ulterior de reclamar a separação dos corpos, baseando-se sôbre fatos anteriores a esta reconciliação efetiva.

Finalmente, na união, os cônjuges devem respeitar o valor jerárquico dos seus elementos. O dom especial, sentimental e amoroso deve superar em valor e em finalidade os elementos do instinto... Neste respeito da jerarquia consiste a castidade psicológica da união amorosa.

Há uma identidade viva entre os preceitos da moral católica e os do código do amor, dum amor sincero, total e humano (Dufoyer).

O leitor leu a repetição resumida do que já lhe foi dito mais vêzes neste livro. Lucrará em recordar estas leis e inteirar-se de mais esta que assim diz: Certas fraudes podem ser praticadas sem cooperação do marido, só pela espôsa. Hoje os anúncios são públicos e as drogas andam ao alcance. Na roda "das amigas" muita espôsa permuta conhecimentos, aprende receitas, etc. Se as fraudes são praticadas sem conhecimento ou sem o consentimento do marido, não tem êle responsabilidade direta no caso. Também se elas forem feitas após as relações, como ato individual praticado pela mulher.

"Culpa teria desde que aprovasse esta maneira de agir, se a tivesse aconselhado ou exigido, ou se muito simplesmente não a tivesse impedido podendo fazê-lo.

Mas se a fraude feminina falsifica o ato conjugal desde o comêço (obturação antecedente da entrada do útero), a união jamais é lícita" (Dufoyer).

27. NEGÓCIOS... FAMÍLIA...?

Há famílias sem paz e felicidade porque a resposta a estas perguntas não foi acertada na vida. Ganhar o pão para a casa é, em geral, ofício do marido, do pai. Com seriedade terá de dedicar-se a esta sua primeira função.

"Negligenciar seu emprêgo, seu ofício; ocupar-se de seus negócios ou comércio com descuido, ou de modo desonesto e remisso, a ponto de os chefes poderem demiti-lo —, eis outras tantas faltas graves que um marido, tendo o senso de honra, evitará para seu nome. Se, por essa conduta, causa à espôsa apreensões justificadas para o futuro, ou prepara para os filhos um nome do qual terão que se envergonhar, temos outra falta grave contra o primeiro dever de estrita justiça.

Um fim a atingir justifica os meios honestos e necessários. Por isso a natureza confere ao marido as liberdades de ação, reclamadas no caso. Prolongará êsse marido, portanto, suas horas de trabalho; ausentar-se-á, fará viagens, tecerá relações à medida do necessário ou do útil.

Sendo consciencioso e fiel, fàcilmente saberá distinguir entre as ocupações e ausências e reuniões, para as quais basta avisar a mulher, e aquelas que exigem positivamente sua aprovação. Ninguém duvidará da obrigação do marido em pôr atenção aos desejos de sua espôsa e começar por consultá-la, apesar das imposições dos negócios.

E' simples o motivo. Pois seus compromissos não são, primeiro, com os negócios e depois com a mulher. Casando-se, seus trabalhos não passam *de meios*. Está perante dois deveres que só lhe aparecerão opostos, se êle ou ela tiverem um falsa idéia da união cristã do matrimônio. Solteiro, podia o homem entregar-se inteiramente aos negócios e aos lucros. Agora, para aumentar o conforto, e pior ainda, o luxo ou as riquezas capitalizadas, cometeria grave êrro, se não dispensasse à mulher e aos filhos um tempo, que deve e pode reservar-lhes bem cheio de afeição íntima.

Marido e pai também têm seu papel no lar. A falta de combinação e de verdadeiro amor, a desafeição e às vêzes a infidelidade serão com freqüência o verdadeiro motivo de sua deserção, mal camuflada pelo pretexto dos negócios. E também porque se entregou a uma *companheira* e não a uma *criada*, não agirá sem o consentimento livre de sua espôsa

no terreno legítimo das *ocupações secundárias e dos descansos*. Quantos maridos, mesmo sinceros, julgam ter, neste ponto, guardado intacta a liberdade gozada antes do casamento! E a ironia está na invocação que fazem da autoridade "de marido", como justificativa da conduta. O pobre diabo nunca percebeu quão carregado de desaprovação, fundamentalmente legítima, anda o simples silêncio da espôsa, como resposta às decisões a ela "comunicadas" pelo marido.

Se hoje dizemos tornar-se rara a vida de família, íntima e feliz, é muitas vêzes porque o homem não lhe tem levado sua parte de afeição. O egoísmo do marido é tão nocivo como o da mulher. Ambos são sinistramente destruidores. Quantas vêzes considera o homem sua autoridade como um privilégio, do qual a espôsa é a vítima em vez de beneficiada! Ou então apaga a chama do lar, minando no coração da espôsa a ventura e o gôsto de dedicar-se a êle!" [1]

Cartas na mesa, leitor! Tens ou não tens de corrigir tua resposta às perguntas que encabeçam êste trecho? Vens colocando a família, mulher e filhos, como assunto marginal na vida? Então já estás em tempo de mudar de rumo, de apagar êsse sinal vermelho que faz estacar a felicidade à soleira da casa.

Hoje, com a vida tão agitada, metendo câimbras no coração ou atropelando descuidados, um marido metido em negócios precisa do balastro de convicções, sadias e cristãs, neste assunto. Do contrário andará a êsmo na crista dos vagalhões desta vida moderna. E com êle, no mesmo balanço e perigo, o lar com seus cristais de almas.

Só posso bater palmas ao conselho de Dufoyer: "Que o marido se lembre portanto de uma coisa: sua mulher é, acima de tudo, um ser sentimental que deseja, antes de tudo e quase exclusivamente, afeição e ternura. Tome cuidado para não se deixar "monopolizar" pelo demônio da atividade exterior, qualquer que seja a sua forma: negócios, desportos e até mesmo apostolado. Deve, é claro, exercer o seu ofício. E' seu dever de estado. Mas, que jamais perca de vista um outro dever de estado, também imperioso: o engrandecimento de sua mulher e a educação de seus filhos" (Obra citada).

[1]) P. J. de Wint S. J. na *Nouvelle Revue Théologique*, tomo LXV, 1938, p. 563-600.

28. A CASTA UNIÃO CONJUGAL (Pio XI)

Há uma castidade conjugal, obrigatória e possível. Não empobrece os casados, não os afasta da missão familiar. Não proíbe o gôzo nas relações. "Não é uma abstenção; é uma integridade. Nada tem de negativo. Institui uma solidariedade, impede uma desassociação. Trabalha para que a pessoa desabroche, floresça".

E' a virtude que leva o homem a usar de seus órgãos genitais, do prazer a isso anexo, sòmente quando lhe pode dar tôda significação humana, sua finalidade providencial.

Mas para que tal exercício seja digno do ser humano há condições. Ei-las: O uso há de ser antes de tudo *conjugal.* O ato sexual é por si um ato mútuo, um ato de relação. Tudo que o individualiza é contrário a seu destino. Sendo solitário, egoísta opõe-se à primitiva orientação da atividade sexual, que é social. Também não é normal, se o marido, por ocasião das relações, apenas procura o seu prazer sem dividi-lo com a espôsa. Êsse gôzo é mais um gôzo que se dá, que se reparte.

Daí o conselho de Jouvenroux: "O homem precisa de paciência para desdobrar tôdas as pétalas da vida carnal de sua companheira. Está preocupado primeiramente com o que dá e não com o que recebe". Portanto saiba o leitor refrear sua impaciência e escutar "uma outra alma", através do orgasmo que desencadeou no corpo que a guarda.

Alma e corpo aquinhoados no ato conjugal, mútuo, eis o que une os esposos e humaniza as relações. Ternuras e carícias, num compasso lento, formam o longo preâmbulo para o rito de amor. Nada de posse violenta, brutal, chocante. Aqui uma observação: A intimidade dêsse momento há de ser preparada através da vida diária do lar. A união conjugal deve integrar-se no conjunto. E' preciso que o trama habitual dos dias seja também "conjugal".

Logo vida de discussão, de reclamação, de pouca convivência com a espôsa não é preparação suficiente.

"A moral permite às espôsas, que não foram satisfeitas, procurarem-se essa satisfação dentro do quadro das relações. Compreende-se seja isso permitido para evitar graves desordens físicas e psíquicas, numa espôsa sempre negligenciada pelo marido que nunca a satisfaz. Mas há nessa solução — que em todo caso podemos ter como mal menor — algo

de realmente anormal e mesmo revoltante. Parece isso um atestado do egoísmo masculino ao qual já nos acostumamos, a ponto de haver tolerância para com espôsas que, contrariando o prazer sexual (que é mútuo), o procurem por si mesmas" (P. de Locht).

Depois, o ato sexual há de ser *um ato saturado de valores espirituais,* um ato de amor. A castidade levará os casados a exigirem sempre mais valores de alma, prendas do coração na união dos corpos.

Finalmente a vida sexual deve ser *fonte de vida.*

Mais adiante exporemos êstes dois imperativos.

V

29. SEI QUE ÉS MUITO BONITA

e que, quando os egípcios te virem, dirão: E' sua mulher. E matar-me-ão ficando contigo. Dize, pois, te peço, que és minha irmã para que eu seja bem tratado e me poupem a vida por causa de ti (Gn 12, 11).

Tal foi a combinação de Abraão com sua espôsa, à entrada numa terra pagã. Anos e anos muitos passaram-se. Em Gerara, aparecem Isaac e sua espôsa, também tôda de grande beleza. Isaac deu-a como irmã, suspeitando que o matariam por causa de tal prenda (Gn 26, 6-11).

Pai e filho usaram do mesmo têrmo "irmã", aplicado também às primas-irmãs. E tais lhes eram as espôsas. Hoje os costumes não são assim fragoeiros. Maridos de espôsas bonitas não correm risco de vida. Muitos chegam à tolice e ao crime de apresentá-las, provocantemente despidas, em salões, em praias e divertimentos. Sentem-se lisonjeados como donos da beleza exposta, como outros se julgam heróicos pelo repetido heroísmo de suas espôsas, aceitando maternidades contraindicadas.

Por sua vez apreciam, acabam cobiçando as belezas que outros expõem. E com isso cometem a infidelidade do coração. "Pois a fidelidade, ultrapassando como lei de amor as prescrições minuciosas e externas de um código, penetra o espírito, o coração, a ponto de excluir também o pecado de desejo, observa Pio XII" (Aloc. 4-XI-42). Os tem-

pos nada mudaram naquela sentença de Cristo Senhor: "Eu, porém, vos digo que todo aquêle que olhar para uma mulher, cobiçando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração (Mt 5, 27-28).

O homem de branco avisa-te, leitor: Costume algum, exemplo algum depravado, nenhum pretexto de progresso humano podem debilitar a fôrça dêste preceito divino (Pio XI, obra cit.).

Não cometas o sofisma de nivelar o belo humano com o belo inanimado. Belo rosto de mulher, encantadores sorrisos e olhos, veludos na voz e nas mãos femininas, não são meras paisagens de luz e contornos. Êste belo é útil, tem sabor e sobretudo é capaz de reação.

Voltemos aos dois patriarcas de espôsas bonitas. De fato, correu o rumor da beleza de Sara, espôsa de Abraão. Faraó soube-o e mandou trazê-la ao seu palácio. Abraão foi bem tratado por causa da "irmã". Mas o Senhor mandou pragas pesadas contra Faraó e a sua casa. E êle a Abraão: — Por que te houveste comigo desta forma? Por que não declaraste que ela era tua mulher? Por que disseste que era tua irmã, para que a tomasse por minha mulher? Agora, pois, aí tens a tua mulher; toma-a, e vai-te!

Pagão, o rei do Egito mostrou-se temente a Deus, que sempre assola com castigos lares de cônjuges infiéis.

O caso de Isaac teve o seguinte desfecho. Abimelec viu-o em intimidade com a espôsa, dada antes como irmã: E daí:

— Está visto que ela é tua mulher. Por que mentiste tu, dizendo que é tua irmã?

— Tive mêdo que me matassem por sua causa.

— Por que razão nos enganaste? Podia suceder que alguém do povo abusasse de tua mulher, e tu terias atraído sôbre nós um grande pecado.

E deu ordem a todo povo: Quem quer que tocar a mulher dêste homem será punido de morte. Também êste temia a Deus. E tu...?

30. AUTORIZADO E AUTORITÁRIO

Há uma grande diferença nestes têrmos. Está escrito que o marido é o chefe autorizado a mandar na família. Em parte alguma se diz ou se lhe recomenda que seja um autoritário. Ter autoridade sôbre a espôsa e os filhos significa simplesmente uma coisa. Qual ? Impor-se-lhes pelo prestígio, conquistar-lhes o respeito, a confiança, a docilidade.

A autoridade só é dada para proteger, para identificar-se com o amor. Quando verdadeira, consiste em fazer-se obedecer sem deixar de fazer-se amar.

A autoridade não confere por si nenhuma superioridade moral sôbre a espôsa. E assim não tem o marido direito de exercer a menor pressão sôbre a sua consciência. Neste terreno, diz Viollet, a única atitude legítima é a da colaboração. Homem e mulher devem entreajudar-se na ascensão moral. Eis por que o marido cometeria um estranho abuso do poder, se pretendesse impor à sua mulher suas crenças, suas convicções, sob o pretexto de ser o chefe da casa. A espôsa, que a isso cedesse, renunciando assim às suas convicções morais e a sua fé, caminharia para uma completa abdicação de si própria".

Mesmo sendo o chefe autorizado, pode meu leitor mostrar uma razoável condescendência com a espôsa. Não possui ela como mulher, por conaturalidade, o sentimento do belo e o pressentimento do verdadeiro? Logo seus avisos poderão ser solicitados, sem desdouro para o chefe.

Por isso, ouve-a quando se trata de deveres essenciais a todo espôso cristão. Ela te quer, leitor, menos freqüentador de certas reuniões, de certos cinemas, de tal e tal clube? Pede-te menos encontros com "um amigo de infância"? Insiste que mudes teu horário de chegada à noite, que sejas menos demorado no escritório? Quer que diminuas teu *muito* serviço com datilógrafas ou secretárias? Numa palavra, quer que sejas um bom cristão para bom exemplo dos filhos? Por que então nessa altura pavonear tua autoridade? Por que não ceder, se êsse é o preço da harmonia no lar?

Num repente de lealdade dás, — quem sabe? — razão à espôsa. Reclama de fato com razão, pede com fundamento uma mudança de procedimento. Se outra — a datilógrafa do muito serviço! — fizesse o mesmo pedido...

Desculpa-me, leitor, se surpreendi teu monólogo de alma. Aceita um conselho: ouve à tua mulher e nesse caso tua docilidade firmará ainda mais a tua autoridade. Continuas sendo chefe e nada perdes dobrando-te ao cetro de amor de tua espôsa. Ela *pode e deve* atribuir-se como coisa sua o "primado de amor", na frase de Pio XI.

Vamos passar para umas conclusões sinceras, de "classe unida":

Ser chefe, leitor, significa primeiramente mandar em si mesmo, dominando os caprichos, o mau humor, os nervos, os repentes pessoais.

Quer dizer, agir à hora certa, no momento adequado, na medida precisa. Denota ter competência, ou procurá-la, no seu ramo. Uma voz mais grossa, uns músculos mais fortes, um rosto mais carrancudo — isso tudo não basta. Tão pouco essa chefia confere diploma de entendido e sabedor de tudo. Um chefe não é sinônimo de enciclopédia viva, a ficar sempre com a última palavra em tôdas as questões de ciência, economia, arte, conhecimentos domésticos e culinários.

Maridos dêste porte tornam-se ridículos e insuportáveis para a espôsa, para os filhos e para os domésticos. Achei muito acertada a frase de quem escreveu: "A humildade é a primeira das qualidades para quem leva o bastão de comando" (Fr. Turcq).

31. QUANDO HÁ TANTAS E TAIS

que será, se a mulher botou a perder a Adão, quando não havia no mundo outra mulher? Eis uma pergunta angustiada do nosso famoso P. Vieira. Igual pergunta precisa fazer-se o meu leitor, diante dos problemas da fidelidade conjugal. Digo problema, porque entram as "tantas e tais", entra a lei divina com seu imperativo imutável de não desejar a mulher do próximo. Entra a fragilidade humana, ao lado da sua imprevidência e audácia.

Mas, seja como fôr, mil dificuldades não constituem uma dúvida, pondo em suspenso o sexto e o nono dos mandamentos de Deus.

Hoje a mulher está exercendo atividades ao lado do homem, em tôda a parte, sem deixar de ser mulher com

suas fraquezas. São tantas nos escritórios, nas caixas, nas lojas, nos consultórios, nas fábricas! Tantas nas repartições, nos gabinetes e salas, nas ruas, nos cinemas, nos transportes, nos turismos, etc!

E muitas vêzes são... tais! Insinuam-se, investem, atacam, seduzem, exploram suas prendas, expõem suas carnes. Nem os fios do telefone estão seguros. Pode acontecer se encontre meu leitor, diàriamente, com alguma secretária, companheira de serviço, em cujo corpo ficaria tão bem — muito entre nós, descoberta que já fizeste?! — o belo vestido da espôsa. E' assim: as infidelidades começam sempre por... comparações platônicas. Portanto, o dia em que sentires vontade de comparar a tua mulher com outra, cuidado! Nem mesmo as meras habilidades de dona de casa, de cozinheira, de arrumadeira. Outras comparações há que são verdadeiros pecados internos.

As espôsas de teus amigos, ou as amigas de tua espôsa podem oferecer problemas. Destas últimas muitas contentar-se-ão em lhe serem apenas amigas. Já outras sentirão talvez inveja do... marido que ela tem. Não se comportam de modo cristão os homens, que se permitem liberdades de pensamentos e tratos, com umas e outras.

Lavaud previne os que não se defendem contra os perigos da profissão exercida. Falo — diz êle — em particular dos médicos, dos dentistas e de todos aquêles que, se encontrando a miúdo e a sós com mulheres, abusam da sua inexperiência, fraqueza, coqueteria imprudente e às vêzes viciosa". [1]

Pitoresco é o formulário usado pelos anos de 1562 na diocese de Cambraia, quando noivos se casavam. Cito-o como espécie de exame de consciência:

"— Fulana, dizia o noivo, eu vos tomo por mulher e espôsa, prometendo e jurando pela fé de meu coração, pelo santo batismo que recebi e pela parte que me toca no céu, guardar-vos a fidelidade e a lealdade de meu corpo, dos bens que possuo agora, possuirei depois ou poderei adquirir. Não vos trocarei ou abandonarei por outra, melhor ou pior. Mais bonita ou mais feia. Mais rica ou mais pobre. Eu vos guardarei, e farei guardar como a mim mesmo, em todos os estados que Deus vos quiser colocar, durante todos os

dias de nossa vida. Tal como êle estabeleceu, tal como a Escritura testemunha e nossa Igreja pratica".

Num outro formulário encontramos os pormenores dos "estados". Surgem descritos como dias de doenças, de desavenças, de aborrecimentos, de contrariedades e misérias que podem invadir um lar.

Que tal ficou tua consciência, leitor? Mordendo? Ainda bem quando um marido sente os dentes da consciência! Para prevenir-te ainda melhor contra "tantas e tais", menciono o seguinte:

1) A infidelidade conjugal priva de seus direitos a espôsa ou o espôso culpável. A parte inocente não tem obrigação de prestar o dever do corpo ao consorte culpado. Digo obrigação de justiça. Mas um cristão, uma cristã perdoará uma fraqueza ao culpado arrependido, como Jesus perdoou aquela a quem os homens queriam apedrejar, sem serem inocentes para o lance da primeira pedra. Mas o perdão seja leal, sem segundas intenções. [1]

2) Nenhum consorte ultrajado está obrigado a suportar indefinidamente a renovação do ultraje. Pode ser, entretanto, que o bem dos filhos exija e às vêzes aconselhe uma paciência ou longanimidade heróica. A infidelidade incorrigível não dá direito ao divórcio, mas constitui uma causa suficiente para a separação.

3) Ameaçar com "uma outra mulher" a espôsa, irredutível na resistência às práticas imorais, é contrair culpa dobrada. A Igreja tem horror à infidelidade. Castiga com impedimento dirimente, isto é, com nulidade, os casamentos entre dois adúlteros que se prometessem um ao outro, para os dias de desimpedimento. Assim Lavaud, livremente citado.

32. BALIZAS NA ROTA

da humanidade são fincadas e defendidas, a qualquer preço, pela Igreja católica. Ao longo dos séculos, de acôrdo com as desorientações de cada época, são elas renovadas. Nada de concessões ao mundo, ao seu espírito, em tempo algum.

[1]) Entenda-se "perdão-esponja", que nunca mais recrimine o acontecido.

1) Ela mantém integralmente a moral natural e a moral revelada. Sobretudo no que diz respeito ao sexo, à família, ao casamento. Pela voz de seus chefes condena
como contrários à natureza,
intrìnsecamente maus,
gravemente pecaminosos,
todos os abusos voluptuosos da faculdade geradora,
todo artifício que a separa do prazer,
que só ela justifica.
Condena essa separação, seja lá provisória ou permanente;
dentro ou fora do casamento.

2) A Igreja não desconhece as razões sérias, humanas, morais para não gerar filhos em número indefinido. Quer que a possibilidade de educarem os esposos um número conveniente de filhos
seja assegurada a todos êles pelas reformas
econômicas e sociais,
que se impõem e cuja necessidade é a primeira em proclamar.

3) Sabe também que, não obstante tudo isso, serão sempre necessárias limitações, ao menos em certos casos. Não quer sejam obtidas
por astúcia,
por fraude,
pela indústria especializada na fabricação de "preservativos;
nem pela química e farmácia,
ou pela cirurgia ou pelo homicídio,
mas pela VIRTUDE, pela castidade (adquirida ou natural, infusa ou sobrenatural);
pela ABSTENÇÃO DO MATRIMÔNIO quando contraindicado mèdicamente,
socialmente,
eugênicamente;
pela ABSTINÊNCIA ou CONTINÊNCIA, relativa ou absoluta no matrimônio, quando o dever proíbe a multiplicação dos filhos.

4) Ensina que os jovens — de ambos os sexos — devem praticar antes do matrimônio, e sem prejuízo a se temer para as naturezas mais vigorosas,

a continência absoluta,
perfeitamente viável para sêres normalmente educados.

5) Declara e proclama que a continência, livremente aceita por esposos conscientes de seus deveres de pais,
não mata o verdadeiro amor,
mas o engrandece e enobrece;
defende-o de uma ruína, espiritualizando-o.

6) Tem a Igreja uma justa idéia das fraquezas humanas, das debilidades da vontade perante grandes dificuldades a serem vencidas. Está ao par do heroísmo que muitas vêzes exige dos esposos, heroísmo idêntico ao que, em tempo de guerra, se exige do soldado. Mas diz também
— que em certos momentos não há meio têrmo entre um heroísmo ou uma prevaricação;
— mas que a graça de Cristo, dispensada nos sacramentos, *pode fazer de cada cristão um herói.*

7) E eis seu ponto de vista fundamental sôbre o matrimônio:
"essa instituição natural converteu-se, por vontade de Cristo,
num sacramento produtor da graça,
ordenado em primeiro lugar
para converter em *dois santos* aos *dois esposos*".

8) Essas exigências da Igreja — que são as de Cristo — devem parecer necessàriamente
por demais duras,
impraticáveis,
desumanas,
nas perspectivas pessimistas do materialismo,
como na estreiteza de uma doutrina cristã mutilada ou corrompida.

9) Nas perspectivas, autêntica e plenamente cristãs,
a inflexibilidade da lei moral,
a galhardia da Igreja em proclamá-la,
sua recusa em descer com a correnteza,
sua confiança na virtude de seus filhos para remontá-la,
são coisas que caem pelo seu próprio pêso e claramente se compreendem.

Ainda em 1951 Pio XII — aqui interrompo a citação — prevenia os chefes de família contra
"o demasiado exagêro da importância e extensão do ele-

mento sexual na vida, de modo a induzir o espírito de um leitor comum a considerá-lo como um fim por si mesmo;

fazendo perder de vista o fim primordial do casamento que é a procriação e educação dos filhos;

deixando na sombra o grave dever dos esposos neste assunto". [1]

Meu (ouvinte), aqui urge estar com Deus ou contra Deus. Quem não aceita o Evangelho integral trabalha contra o homem e a humanidade. Ou ajudamos o Evangelho ou preparamos o caminho para os revolucionários. Abrimos uma brecha por onde irromperá todo o imoralismo anti-humano dos que querem o homem sem Cristo. — Eis o que respiguei na belíssima seara de B. Lavaud.

33. CASA NO ESCURO

"— Sabes que guardei, como legado de sucessão, Harpaste, a bôba de minha mulher. Por mim tenho aversão a essa gente. Quando quero alegrar-me com um louco, não preciso ir longe. Rio-me de mim mesmo. Harpaste ficou cega, mas — parece incrível — não sabe que está cega. Não cessa de chamar pelo guia, dizendo que a casa "está tôda no escuro". Dela nos rimos e entretanto sucede-nos o mesmo.

Ninguém se enxerga como avaro, como ambicioso. Os cegos dão a mão a um guia e nós erramos sem guia. Dizemos: sou ambicioso, porque em Roma ninguém pode viver de outro modo. Não sou esbanjador, mas a cidade obriga-me a gastar muito. Não é por vício que sou arrebatado; ainda não me estabilizei na vida. Coisa da mocidade. Por que nos enganamos assim? O mal está dentro de nós; não está fora. Em vão inculpamos os lugares e os anos".

Veja o leitor como já eram entendidos os velhos romanos. E' Sêneca quem escreve tais conceitos na sua carta n. 50.

Não sei se a casa do meu leitor está "tôda escura". Mas sei que será de certo um cego para os defeitos que tem, ou negando que existam, ou lhes mudando o nome, ou repartindo-os com todo mundo em casa. Com a espôsa, com

[1]) Alocução aos pais de família da França, 18-9-1951.

os filhos, com domésticos, com fornecedores, com o sol e a chuva. Raramente com o próprio dono.

Ora, a vida em comum com a espôsa é ótimo recurso para iluminar a casa. Ela, hoje com meiguice, amanhã com uma pontinha de impaciência ou ironia poderá apontar os teus defeitos. Por exemplo numa lista assim:

— Marido, você é muito egoísta, não mostra afeição, não conversa quase comigo, me deixa muito sòzinha, não gosta de sair comigo, não é carinhoso, não tem ambição, não sabe lutar, deixa-se influenciar demais pelos outros. Você é muito sem horário para tudo, nada deixa no lugar, é desmazelado. Você me critica perante outros, nunca presta atenção a um novo arranjo na mesa, no meu penteado, no meu vestido.

Você é mais ex-solteirão do que um marido, um pai. Não mostra interêsse pelo lar, pelos filhos. Não tem autoridade. Fala demais. E' ciumento, muito agarrado ao dinheiro. Por um nada faz um barulhão. Você é desorganizado até com Deus. Você... olha demais para outras mulheres, fala demais no telefone, tem sempre mais alguma coisa com a secretária no escritório. Você... está começando a me ser infiel. Não me respeita...

A casa está clara, agora. Mas de certo a essa altura "o cego" estará discutindo, retrucando "que não admite que mulher mande nêle", que a casa é um inferno, que a espôsa foi um desastre na sua vida.

Lembre-se o leitor: os cegos dão a mão a um guia... Faça o mesmo, refletindo sôbre as razões ou pretextos das queixas da espôsa. Pode a graça de Deus falar pela bôca da companheira, que o sacramento lhe pôs ao lado para o tornar melhor, mais cristão e mais humano.

34. VIRTUDE DE UM LEITO

Há cabeças onde o casamento é inseparável da impureza, a ponto de para muitos ser um enigma a expressão "castidade conjugal". Fica a impressão de ser o casamento uma licença para deixar a castidade. Assim o casamento torna-se uma fornicação, permitida pela misericórdia divina aos que não são suficientemente valentes para praticar a castidade.

O êrro é evidente. Pio XI fala da castidade conjugal e castidade não é abstenção. Ela tem seus lados positivos e o matrimônio não é primeiramente uma instituição para se evitarem faltas. E' um meio de santidade, uma situação consagrada, na qual o ideal de castidade sempre maior tem seu lugar de destaque.

Prosseguindo na exposição, diremos ao leitor casado que consuma seu matrimônio, e se alegra com a companheira de sua mocidade, ainda o seguinte:

1) Para ser casto o ato sexual deve estar *saturado de valores espirituais.* A castidade quer seja êle um autêntico ato de amor humano, com a presença da alma e do corpo. Sobretudo a mulher sente precisão da alma a impregnar tudo com sua ternura. E parece-lhe aviltante um mero funcionamento fisiológico dos órgãos, com seu profundo gôzo carnal. E' missão da castidade espiritualizar essa união. Salvo caso especial, não é tarefa da castidade levar os casados à abstenção do prazer sexual, mesmo intenso. Mas lhe cabe a tarefa de convertê-lo num ato de amor, no qual os valores da alma predominam.

Ninguém exige uma desencarnação do amor para espiritualizá-lo. Mas é programa da castidade intensificar as tonalidades espirituais na união dos corpos. A castidade não aprovará a tendência para um prazer rápido, violento, brutal, o que seria uma concessão à animalidade. Tudo que é instintivo é pobre em riquezas de alma.

Temperança conjugal não denota exclusivamente redução no número de relações. Denota primeiramente domínio sôbre si mesmo, durante as relações, para dar-lhes riquezas humanas, espiritualizá-las.

2) Para ser casto o ato sexual deve ser *fonte de vida.*

Saiba o leitor que a vida sexual deve estar constantemente orientada para o filho. Direta ou indiretamente. Mesmo quando a fecundidade falha, por motivos inerentes à natureza, deve o ato trazer uma expansão dos esposos no mútuo amor, no estreitamento de sua união e intimidade. São coisas que trazem vida à comunidade familiar. Criam o ambiente de amor e comunhão de almas, tão necessário para formar os filhos. Teu papel, leitor, não é apenas transmitir o sangue e com ela a vida ao filho. Tens de lhe transmitir tôdas as riquezas do coração, da alma, da fé. Unindo as almas, atra-

vés das carnes unidas, o ato sexual cria o ambiente de fecundidade para a educação.

Por sua vez os filhos ajudam a castidade dos pais. Em suas relações, pai e mãe já sentem uma seriedade e gravidade diferente da dos primeiros tempos. Tendo encargo de almas, são cada vez menos capazes de uma abstração, mesmo durante suas intimidades conjugais. E isto, ainda que lhes falte uma consciência explícita, torna-os mais castos, porque menos preocupados com o prazer pessoal ou "egoísmo de dois".

Encargos e responsabilidades dão aos esposos, nessa união, um agudo senso da repercussão de seus atos sôbre a felicidade do lar inteiro.

35. MEU DOCE SILÊNCIO!

era o nome que Shakespeare dava à espôsa calma e tranqüila, tôda enlevada pelo mundo em que vivia e se movia o escritor.

Mas pode o silêncio da espôsa provir da falta de companhia, imposta pelo marido, tanto presente como ausente. Neste caso êle peca contra a obrigação de dar assistência à espôsa — para corpo e alma e coração. Ao mesmo tempo está preparando a morte do amor.

A mulher quer ser tudo na vida do homem amado. Muito embora lhe faça concessões de ausências, de devotamentos profissionais, etc., — jamais larga dêste programa. Quando vê o marido absorvido pelos negócios, pelas ambições, descuidado dela; só procurando-a por precisar de quem olhe para a casa, para suas roupas; de quem lhe acalme os latidos da carne, — então entrará para o mundo das comparações...

Outras espôsas têm outros maridos mais companheiros e amigos. Invejáveis e até... desejáveis, adoráveis. Pode acontecer que tomem "ares ausentes perante o marido", imprudente flecha na estrada da infidelidade.

Não sei se o leitor já deu com êsses ares na espôsa. Possìvelmente ela já terá dado com os teus, caso estejas dentro do parágrafo que menciono. Pior seria se esta ausência, ao lado da espôsa, fôsse motivada por "amôres ausentes"!

Criminoso adultério, e pecado provocador, teríamos então. E note-me o leitor o seguinte. A espôsa não tem desculpas para seus ares ausentes. E o marido as possui ou sabe inventá-las. Negócios de urgência, encontros marcados com interessados, horários da profissão! Poderá a espôsa mencionar uma indisposição, uma dor de cabeça, um estado nervoso. E' tudo.

Erram os homens quando pensam ser o suficiente dar à mulher um lar, um confôrto e... um nome. Ela quer tudo. Mas êsse tudo em trôco miúdo, ao longo das horas, dos dias, dos meses, dos anos, da vida, até alcançar o ideal do amor possível aqui na terra.

Li algures que "o marido na família é a janela que dá para a rua". E' o observador e o informante. O cenário político, econômico, social, cristão é largo horizonte para referências e descobertas. Desejoso de enriquecer a cabeça e o coração da espôsa, o marido ideal saberá encher os silêncios — não doces, mas amargos — da espôsa. E' verdade, as confidências não podem ser comandadas. Não obedecem à disciplina de um horário. Mas chegam naturalmente na calma, quando o espírito descansa e os corações estão à vontade no calorzinho do aconchego.

Mais de um marido encaramuja-se no silêncio ou bate asas de ausência, porque não quer ser contradito. Por meio de uma comparação quero prevenir meu leitor contra semelhante sofisma. Note-se o seguinte:

Que acontece com uma vara reta, enfiada dentro d'água? Parece torta, quebrada no momento em que penetra no líquido, isto é, num meio de "densidade diferente". O mesmo se dá com a sentimentalidade e sensibilidade feminina, passando da natureza da mulher para a do homem. E assim o casal mais unido deve constatar certas fendas na mesma conduta para o mesmo bem. Nada dará ao ar a densidade da água, nem a esta a densidade daquele. Madame Disraeli dizia: Never explain, never complain. Nunca explicar, pois as palavras mudam de meio, passando de uma bôca para o ouvido de outro. Nunca se queixar — pois ninguém é responsável por essa diferença de densidade. — Portanto, não ponhas a culpa... na mulher "que tu me deste, Senhor"

Acontece com freqüência ser o marido, ou o pai, o grande silêncio na família. As crianças sofrem com isso, ao lado da mãe. Nunca o pai acha tempo para lhes falar, brincar ou distrair-se com elas. Lembro-me bem daquela pequena belga, cujo pai, a bordo, estirado numa cadeira preguiçosa, passava o dia... lendo e lendo. Mas um casal de Santos, saudoso dos filhos, fazia muita festa à menina, com ela se entretinha, contava-lhe histórias e ouvia-lhe as suas. Principalmente o chefe do casal. Um dia a garôta, tôda enlevada, diz a êste:

— Não quer o senhor... trocar de mulher, para ficar comigo e contar-me histórias?

O pai da menina escutou e achou graça na ingenuidade. Mas, em boa hora, o interrogado observou-lhe como se sentia abandonada aquela criança. Haverá em tua casa, leitor, alguma criança em cuja bôca possa aparecer semelhante pergunta, por serem os mesmos os motivos?

VI

36. NAS MALHAS DE CONCLUSÕES

"Eis o resumo da moral do amor. Fim único do amor é *a união*. Fim único da união é a *colaboração*. Fim único da colaboração é a *fecundidade*. Fim único desta é *a extensão do reino de Deus*.

Eis as malhas. E agora as conclusões, para fechá-las. Se o fim do amor é a união e não sendo ela possível pelo casamento, é ilegítimo o amor dos jovens. Hão de ficar na pura amizade.

Consagrada a união pelo Sacramento do matrimônio, é legítimo recorrer aos meios que favorecem a união.

Mas se o fim único da união é a colaboração e o desta a fecundidade, é lícito unir-se quando não há fecundidade? Se a conceição é impedida por leis providenciais, amor e união continuam perfeitamente legítimos no casamento. Requer-se contudo que as vontades não excluam as "colaborações espirituais". O que temos de repelir sempre é o hedonismo, que faz do gôzo a finalidade do amor. Em vez de favorecer à fecundidade, se lhe opõe. Reconduz as criatu-

ras ao egoísmo, à idolatria. Ficou entravada a obra de Deus, a quem se impede realizar seu sonho de amor. Há uma semelhança com o operário que faz sabotagem, com o soldado que trai sua pátria. São empregados contra a vontade de Deus os presentes de seu amor.

O gôzo é um grande presente da misericórdia divina. E' fruto saboroso que suaviza o trabalho da construção da cidade de Deus. Foi concedido pelo Criador como estimulante. Para os homens é um meio e jamais pode ser uma finalidade.

Na falta da fecundidade corporal, a colaboração tem de se referir à extensão do reino de Deus, à sociedade. O amor não é fogo que se fecha numa lareira. Derrete todo egoísmo, como se fôsse uma capa de cêra. Tem êle um destino mais amplo, mais espiritual e maior do que a família. E' para a sociedade. Para nós cristãos, cremos que seja a Igreja. Esta cresce e multiplica-se pelo Sacramento do matrimônio como pelos outros Sacramentos.

Outra verdade, leitor. O amor simplesmente humano é frágil demais para base de um sacramento. Corre o perigo de corromper e corromper-se. Deus o quer como fonte perene de união, alegria, vida e felicidade. E' por isso que a graça do sacramento purifica-o das escórias, da sensualidade animal. No homem, como em Deus, o amor é entrega de si mesmo. Quem nada sofreu pelo ente amado, ou não foi levado a sacrificar-lhe qualquer coisa de si mesmo, de seu prazer, de seu "tempo" — não sabe o que é amor" (Fr. Charinot).

Outras malhas estreitam-se ao redor do leitor. Ei-las:

O amor não é tudo na vida do homem. Pois nem sempre é recíproco; é suscetível de fendas e quebras como delicado cristal. Por cima de tudo, uma criatura jamais bastará a outra. Entre dois amantes um não poderá ser o Deus do outro.

Não sendo tudo na vida, engana-se quem lhe confere todos os direitos.

Falham pela base as teorias inventadas para justificação dos direitos do amor. Isolam um dos aspectos da vida humana, uma de suas manifestações para convertê-la numa espécie de absoluto. E' loucura, é êrro. Soltar assim o amor, é fazer detonar no coração da vida social uma espécie de

fôrça atômica ou energia nuclear, capaz de amontoar ruínas imprevisíveis. O homem tem outros sentimentos com programa de ascensão...

Essa fôrça está ao serviço da espécie porque se destina à transmissão da vida, a qual sòmente será um benefício quando cercada de condições favoráveis ao seu desabrochamento.

Nem se pode identificar o amor só com a satisfação egoísta, pessoal, com exclusão da felicidade da outra parte.

O amor é dualidade. E' canção de duas vozes. E' pergunta e resposta num diálogo. Amor não é gula do coração, da carne; nem desejo ou emoção. Os egoístas vivem desiludidos do amor. Sempre à espera das doçuras ou das emoções que o amor lhes poderá trazer. Sempre desiludidos, porque não receberam na medida que esperavam. Sempre acabrunhados com recriminações do ser amado, fatigando-o com suscetibilidades, ciúmes e queixas. Só recebem para tornar a pedir. Mais receberiam, se mais dessem e menos pedissem. Entretanto recebem menos, porque pedem muito e pouco dão.

O amor exige reciprocidade. Morre com o egoísmo, "com o marido egoísta". E a última: *Depressa acaba o amor quando só há cobiça e prêsa.*

Marido só obedecendo à cobiça da carne, e mulher aceitando ser prêsa? Pode, neste caso, o leitor marcar a data da morte do amor. Pois não pode o homem dar à mulher essa constância esperada, quando a cobiça é essencialmente variada. Uma prêsa devora-se e o instinto passa para outra.

37. VIGIA NA BALHESTEIRA

Velhos castelos mantinham vigias em suas balhesteiras. Serviam para alertar sôbre a presença ou vizinhança de inimigos ou movimentos suspeitos. Teu lar é teu castelo. Inimigos rondam por perto. Deves reconhecê-los e sem temor e sem vacilação enfrentá-los. Ei-los, sob armaduras modernas: "Todos os que empanam o brilho da fidelidade e castidade conjugal, por palavras e escritos, deitam também por terra fàcilmente a obediência, confiada e honesta, que a mulher deve ao espôso. Muitos, erguendo-se contra uma supos-

da escravidão de um cônjuge perante o outro, proclamam a igualdade de direitos de ambos" (Pio XI).

E o homem de branco previne contra a tríplice emancipação:

1) *Emancipação fisiológica da mulher.*

Deve ela libertar-se dos encargos de espôsa, de mãe. Cabe-lhe perfeito direito de casar-se (o que a Igreja reconhece) têm o direito de dar-se a quem a agrade antes do matrimônio. E depois de casada, dar-se a outros homens e manter amizades e amôres lésbicos contra a natureza. Direito de aceitar ou recusar a maternidade, de eliminar o fruto ou deixá-lo amadurecer em seu seio. — Tal emancipação não passa de vergonhosa escravidão ao pecado, contrária à liberdade dos filhos de Deus. Emancipação condenadíssima pela Igreja.

2) *Emancipação econômica da mulher.*

Pretende-se que a mulher possa tocar livremente seus negócios, mesmo sem o conhecimento ou vontade do marido. Que possa dirigir, administrá-los ignorando marido e filhos e a família inteira.

3) *Emancipação social da mulher.*

Quer-se afastar a mulher das preocupações com o lar, com os filhos, com a família. Tudo isso, para que, apoucados os desvelos mencionados, possa seguir suas inclinações e dedicar-se aos negócios e ofícios públicos.

"Com isso reivindica-se para a mulher o direito de empregar-se como lhe agrade, de montar um comércio, uma indústria, de abrir consultório médico, de advocacia; de candidatar-se à Câmara e ao Senado, à propagandista, à agitadora, etc., sem ter em conta alguma os gostos, os desejos, as ordens do marido, as precisões do lar.

Por fim, isso tudo supõe uma transformação completa, a instauração do socialismo e mesmo do comunismo que reduz ao mínimo a vida de família ou procura torná-la impossível" (Lavaud).

Pio XI resume:

"Nisto não consiste a verdadeira emancipação da mulher, nem a liberdade tão digna e conforme à razão e devida à função de espôsa cristã, consciente de sua nobreza. E' antes

uma corrupção da mentalidade feminina e da dignidade maternal, que rouba ao marido a espôsa e aos filhos a mãe, à casa e ao lar uma guardiã sempre vigilante. Pio XI avisa a mulher para que não desça do trono, em que o Evangelho a colocou, sob pena de retornar à antiga escravidão pagã na qual não passava de um instrumento na mão do marido".

Ou então instrumento na mão de outro homem, diz Lavaud, já que na luta desigual contra o homem não pode ser vencedora. Será portanto vencida e escrava do homem, com grande prejuízo para o lar e para os filhos. Os filhos não serão indenizados por uma educação racionalizada, estandardizada, mecanizada por equipes.

A Igreja quer pessoas e não numeros ou máquinas. Por isso defende também a pessoa da mulher na sujeição ao marido. Direitos e deveres da pessoa humana são absolutamente os mesmos para a mulher e para o homem. Não se dá o mesmo caso com os direitos e deveres determinados, em cada sexo, pela natureza e pela Providência.

Sendo pessoa, a mulher goza, por êsse título, de todos os direitos que cabem à pessoa humana. Mas é uma pessoa feminina destinada pela natureza a ser espôsa e mãe, ou, se ela não se casa por circunstâncias acidentais, para seguir uma vocação mais elevada, terá por destino a delicadeza, a ternura materna, a fineza que são seu patrimônio.

Pio XI afirma claramente que não pretende consagrar forma alguma temporal de vida e de relações familiares. Deixa aos poderes públicos adaptar os direitos civis da espôsa às necessidades e exigências do tempo atual, tendo sempre em vista o que reclamam a natureza e índole diversa do sexo feminino, a pureza dos costumes e o bem comum da família. Mas respeitando em tudo a ordem essencial da sociedade familiar. Essa ordem é fruto de uma sabedoria mais elevada, de uma autoridade superior à sabedoria e autoridade humanas.

38. "NÃO TER MULHER

é, neste caso, melhor para o homem". Assim comentaram com simplicidade os apóstolos a sentença pronunciada pelo Mestre: "Eu vos digo... todo aquêle que repudiar sua mulher, a não ser por causa da fornicação, e casar

com outra, comete adultério; e o que se casar com uma repudiada comete adultério (Mt 19, 3).

Volto, leitor, ao assunto da estabilidade do casamento. Há para cristãos uma lei do Código do Direito Canônico que reza: "O matrimônio válido, rato e consumado, não pode ser dissolvido por lei humana alguma, por causa alguma afora a morte" (cânon 1118). Atrás de cada palavra espiam séculos, lutas e martírios, ao lado da firmeza da Igreja.

— Como então Roma anula casamentos? Por que mantém um tribunal para isso?

Quero meu leitor "homem armado", defendendo sua casa. Eis a resposta-arma que lhe ponho nas mãos. A Igreja *jamais anula* casamentos contraídos e consumados. Mas, em casos raros *reconhece a nulidade existente.* Há diferença o grande entre uma e outra coisa. Suprimir o que existe é uma coisa. Descobrir que um casamento, tido por válido, nunca foi tal — é outra coisa. Não há anulação do que é válido. Nunca um matrimônio válido fica inválido. O têrmo adequado é "declaração de nulidade". Esta existia logo no começo. Por ignorância, por motivos outros, os casados não deram por ela.

Explico-me, leitor. Suponhamos um casamento entre irmão e irmã ilegítimos que ignorassem êste parentesco. Tal casamento seria inválido, apenas quando dessem pelo parentesco, ou já desde o comêço foi tal? Claro; nunca valeu. Vai esta questão ao tribunal da *Rota Romana.* Feitos os estudos e as sindicâncias marcadas pela lei, o tribunal declara inválido tal matrimônio. Nada anulou.

— Mas, pagando-se bem em Roma, é possível conseguir a tal declaração de nulidade... E os "bem" informados referem casos, naturalmente, sempre *tais* como êles contam.

No tribunal da *Rota* entram e são julgados processos de duas qualidades. Dos pagantes e dos necessitados. Uns e outros podem recorrer a êle. Dou aqui uns números apresentados por Cimetier. Números e dados não são retóricas. São argumentos que obedecem à lei da gravidade. Note-se o leitor:

Em quinze anos — de 1927-1941 foram julgadas 530 causas pagantes e delas 184 casos tiveram solução favorável. Logo apenas 34%. No mesmo período apareceram 462

causas beneficiadas, gratuitas. Destas, 215 foram contempladas por sentença favorável. Logo 46%. Tais números dispensam comentários.

Refletindo sôbre êstes números, o leitor notará que as declarações de nulidade não são tão freqüentes. Em quinze anos temos um total 992 casos. E dêles 399 receberam veredito de nulidade. Ora isto dá a cifra anual de... 26 a 27. Entretanto só na França o número de divórcios pronunciados atinge por ano de "20 a 30.000 casos"! Nos Estados Unidos sobe a 150 a 175.000!

Denota ignorância da vida real atacar o tribunal da *Rota* por causa de pagamentos nos processos. Êles são complicados, exigem laudos de profissionais, buscas, remessas de documentos, argüições, etc. Mas está aí o cânon 1914 que determina: "Os indigentes, completamente incapazes de pagamento, têm direito à isenção das despesas judiciárias e à assistência gratuita de um advogado; os que o são em parte têm direito a uma diminuição das taxas".

A Igreja é humana e materna. Não faz diferença entre os filhos necessitados de um direito.

Além do mais deve saber o leitor que, no tribunal, há sempre um defensor do vínculo. Seu papel é defender o vínculo e rebater os argumentos, trazidos pelo advogado das partes, em favor da declaração da nulidade, ou em favor da anulação do casamento contraído mas não consumado. Em tôda diocese existe um tribunal menor para encaminhar os casos. Tudo a Igreja faz para respeitar a sentença de Cristo sôbre a indissolubilidade do casamento.

39. UM PARAíSO PERDIDO

"Nossa época perdeu o sentido profundo do amor. As análises freudianas, as técnicas do amor, as medicações hormoniais, as falsas teorias da felicidade, as propagandas anticoncepcionistas, natalistas e antinatalistas; a confusão do amor com o "sex-appeal", as excitações multiformes da sexualidade, etc., perturbaram profundamente êsse reflexo humano de Deus. Resvalaram-no para o nível de uma paixão ou de um reflexo mecânico, fatal.

Deus pôs no centro do coração humano a precisão de amar. Deu-nos os meios naturais e lícitos de satisfazê-lo. E

nada pôs acima da nossa natureza, porque nada exige que não seja ânsia profunda da natureza". Assim escreve certo escritor e médico francês.

Já não temos maridos do sonoro século das baladas e dos menestréis. Hoje somamos vinte. Os maridos estão mais voltados para a mulher do que para a dama. Que paraíso era o amor conjugal na vida de Luís IX, o santo rei de França, rei todo perfumado pela graça santificante! E entretanto a realidade é teimosa como a aurora de cada dia. Há cinco aspectos de amor pelos quais a natureza humana é elevada e completada:

O amor do homem e da mulher a Deus,
O amor do homem e da mulher entre si,
O amor dos pais aos filhos e vice-versa,
O amor do homem e da mulher à pátria, à família,
O amor do homem e da mulher por certa atividade criadora na arte, na ciência. Numa palavra, no homem o amor desenvolve-se em tríplice plano: amor humano, amor divino, amor fraterno.

Três normas hão de luzir como estrêlas polares em tua vida de casado, leitor. Ei-las:

"1) *O amor foi feito à imagem e semelhança do Espírito Santo.* — Está em Deus a fonte do amor humano. Êle criou o homem, dando-lhe uma natureza espiritual, um destino sobrenatural. Deu-lhe também corpo e sentidos, que tomam parte no amor, mas submissos e obedientes à alma e ao espírito. Por profanação chamam os homens de amor à mera união de corpos. Pregaram-lhe um rótulo tirado do vocabulário biológico.

2) *Cessa de ser amor aquêle que não é a resposta do coração à perfeição de outro ser.* — Se a perfeição que seduz um môço, um casado, se prende ao corpo —, êsse pretenso amor não passa de gula dos sentidos. Prende-se, pelo contrário, à alma, mais ao espírito e à santidade de vida? Merece então o nome de verdadeiro. E' bom que meu leitor se dê bem conta do alcance dêste princípio. Encontrará pessoas preocupadas em expor seus atrativos físicos, em fixar sôbre si os desejos, como finalidade do amor. Que acontecerá neste caso? Apenas isto: tais mulheres despertarão desejos à altura do gênero de perfeição que manifestam.

Expõem corpos e carnes e atrairão sòmente os sensuais, os carnais, os indignos, "os corpos sem alma", os corações vulgares. Numa palavra, os vencidos e subjugados e mergulhados na matéria.

Oferecem apenas um prazer para os sentidos? Serão amadas para o prazer dos sentidos. Outra é a posição quando a beleza, descendo da altura do espírito e de cimos puros, atravessando as formas sensíveis, transfigura a alma. E esta torna-se então um convite para uma ascensão. Entre cristãos — como será teu lar, leitor — vamos subir ainda mais.

Quanto mais se é atraído pelo estado de graça de uma alma, com tôdas as belezas divinas e os encantos humanos que ela comporta, tanto mais seguro se está de uma vida no verdadeiro amor, que termina nos braços de Deus.

3) *O amor foi dado ao homem por Deus para a fecundidade.* — Não há coisa mais sublime do que êsse apêlo de Deus a todos os sêres viventes, de prolongarem e estenderem os efeitos de seu poder criador para a fecundidade de suas vidas.

Feito à imagem de Deus, é sobretudo pelo poder de procriar filhos à sua imagem que o homem se assemelha ao Criador. Decidiu êste que o homem colaboraria na extensão de seu poder e até de sua paternidade. Por isso meteu-lhe, no íntimo do ser, a irresistível precisão de tornar-se — ajudado por Deus — um criador e um pai. Essa precisão é o amor. Eis por que é tão universal, tão violento. O domínio que exerce em a natureza é um sinal certo de tratar-se de um plano, ao qual Deus ligou a máxima importância.

O grande pecado do amor é excluir a fecundidade e só procurar, nos seus arroubos, o prazer que causam. Nemo sibi vivit! Ninguém vive sòmente para si próprio. [1]

Diz o citado autor que "até a alma, tomada pela caridade infusa, será ao mesmo tempo possuída pela paixão do sacrifício para aumentar o número dos filhos de Deus. Sacerdotes, religiosos, virgens, esposos — todos estão sujeitos

[1]) François Charmot, *L'amour humain.* — Edit. Spes-Paris, pp. 171-173.

Nota. — Quanto ao segundo ponto convém lembrar ao leitor que Deus colocou algo acima da nossa natureza como objeto de um amor sobrenatural. Além disso tornou possível tal amor sobrenatural pela virtude infusa da caridade, que atinge a Deus e ao próximo.

às gloriosas exigências do amor que cria vidas. Estão obrigados a trabalhar, por uma colaboração íntima, na propagação da vida divina.

Ao amor mais casto e mais elevado e mais poderoso corresponde uma fecundidade com os mesmos predicados.

10. AUDACIOSO SIMBOLISMO

"De acôrdo com a razão, o Evangelho condena ao mesmo tempo tôda mutilação das tendências afetivas do ser humano, bem como tôda perversa exaltação das paixões animais. O casamento cristão deve a S. Paulo uma revelação. Qual? A intimidade dos esposos é sinal da união de Cristo com sua Igreja. E' um símbolo.

Seu audacioso simbolismo fica patente aos olhos dos esposos, numa tríplice forma. *Lembra* a predileção suprema do Crucificado morrendo pela Igreja, sua Espôsa. *Significa* o profundo sentido do amor conjugal entre cristãos, amor à moda de Cristo por sua Igreja. *Prefigura* por fim a união consumada de Cristo com sua Igreja, nos resplendores da glória.

E assim o menos espiritual dos sacramentos, quanto a seus efeitos na alma, ultrapassa a todos pela sublime audácia de seu simbolismo. Nada no mundo traduz com tanta fôrça o ardente amor de Cristo por sua Igreja, como a apaixonada ternura que traz unidos o homem e a mulher "numa só carne" (Philipon, O. P.).

Vem daí a preocupação materna da Igreja com a mentalidade cristã no amor humano, que no sacramento Deus aperfeiçoa com sua graça. Quer vê-lo "ao mesmo tempo sobrenatural e terno, divino na sua origem e cordialmente humano em suas altas manifestações" (Pio XII). Garantenos o homem de branco que êsse rico amor humano tal permanecerá, enquanto fôr cristão.

Não estranhe o leitor que repisemos certas verdades. Andam apedrejadas, escurraçadas, atiradas ao ridículo em muitos lares. A doutrina católica detesta o falso misticismo, do qual nascem, por reação, os piores desregramentos. São reconhecidas legítimas as relações de marido e de mulher. O ato conjugal é louvável e mesmo meritório, vivamente

aconselhado em certas ocasiões para evitar a fornicação, o adultério e outras formas de luxúria. Deus fala com clareza: "Que o marido cumpra seu dever e a mulher também (1 Cor 7, 3). — "Não vos recuseis um ao outro, a não ser de mútuo acôrdo e temporàriamente para dar-vos à oração. Depois convivei outra vez, por receio de que a vossa continência não deixe margem para Satanás vos tentar" (ibid. 7, 5). — "O corpo da mulher não lhe pertence, mas pertence ao marido. O corpo do marido não lhe pertence, mas pertence à mulher" (Ibid. 7, 4).

Mas êsses corpos só podem ser mùtuamente doados dentro da castidade. Pois pertencem êles a Cristo, antes de pertencerem ao homem e à mulher. O batismo consagrou o homem integral, corpo e alma, como templo da SS. Trindade. Por isso Pio XII relembra sempre uma verdade: o casamento é um meio de santificação. Entre cristãos os noivos se casam para se tornarem santos.

"Perante as doutrinas errôneas do mundo moderno e de todos os perigos da minimização do ideal do casamento cristão, a Igreja, detentora do pensamento de Cristo, vem lembrar-nos a verdade libertadora do Evangelho. Mesmo no estado conjugal estão os cristãos chamados à mais alta santidade. O amor divino torna-se a regra suprema de seu amor humano. Não se trata de qualquer camaradagem ou afeição entre êles. Trata-se de verdadeira caridade: de amizade com Cristo. Através de todos os acontecimentos da vida cotidiana, nos menores gestos familiares, nas suas relações mais íntimas, deve continuar a ascensão das almas para Deus. Chegar a ser santos: eis a finalidade dominadora de todo amor conjugal em Cristo. A Trindade do batismo está sempre presente, acompanhando-os em cada passo da vida, guardando-os sob a proteção da graça redentora contra a sombra de todo mal. E' um ideal raramente realizado, mas continua sendo lei absoluta" (O mesmo).

O citado autor termina lembrando as palavras da Encíclica de Pio XI sôbre a possibilidade e o dever que todos têm — vivam lá em que estado de vida quiserem — de imitar o Exemplar ideal de tôda a santidade, Cristo Senhor.

Importa, leitor, que os casados se considerem mùtuamente como coisas sagradas. Não é, porventura, missão do lar o representar aos olhos de todos a intimidade, a fide-

lidade, a fecundidade de Cristo com a Igreja? Não foi êle escolhido para ser uma parábola viva do amor puro que prende Deus à humanidade, Cristo à Igreja? E o espôso representará a Cristo e a espôsa a Igreja. Pio XII, relembrando isso tudo em suas alocuções, diz que o jovem espôso deve ter em conta de sagrada e veneranda a espôsa e esta a êle (Aloc. 3 de Maio de 1953).

41. "MADAME, NÃO SAIREIS!

Madame, não ireis à comédia; não vereis tal ou tal pessoa! Isto é, madame me pertenceis de corpo e alma. A natureza fêz as mulheres escravas. E' direito do marido dizer isso às mulheres".

Tal foi a arenga de Bonaparte, quando preparava o Código francês. Perante o Conselho de Estado. Elas... vingaram-se. Bonaparte foi escravo de muitas.

Ora, sabe o leitor que a espôsa é companheira que leva coroas e cetros. Em casa é coração e rainha, como espôsa e mãe. Seu reino é mais humilde, mas é um reino. Ela tem o mesmo direito ao descanso, como o marido. Distrações honestas e saudáveis, que normalmente gozará em companhia dêle e dos filhos, entram na lista de seus direitos. A aprovação do marido não deve ter a forma de uma graça "de sua majestade", de um favor insigne, quando se trata de distração legítima e sã no seu objeto, na sua modalidade. Ares autoritários, recusas descabidas poderão obrigar a espôsa a conformar-se por causa de um bem maior, como, por exemplo, a paz, a harmonia. Mas será isso uma renúncia de um direito que lhe cabe.

Ninguém mais assinaria a arenga de Bonaparte nos dias de hoje. Para um casal cristão, na auréola da espiritualidade do sacramento, tal linguagem é escandalosa. Mandar a uma espôsa, que não é criada senão companheira, com um tom sêco e duro, é por si mesmo pecaminoso. Não sei se meu leitor é mais delicado nas ordens dadas às criadas. Possìvelmente o será. Pois elas aturam muito menos do que "a amada espôsa, sonho de uma vida".

Concordo com o leitor: em casa a espôsa não é completamente independente. O marido terá sempre o poder do contrôle. Mas estão as refeições no seu horário, a casa em

bom arranjo e andamento, bem compostas e cuidadas as crianças, tudo de acôrdo com as possibilidades sociais? Nada tem o marido a reclamar.

De Wint apresenta a seguinte fórmula para expressar a autoridade do marido, tanto na vida conjugal como parental:

"Quando as opiniões dos dois esposos estão divididas, depois de sincero ensaio de conciliação, sendo as duas opiniões conformes à lei de Deus, então deve ceder a mãe e não o pai. A não ser que se trate de um fato relevante da competência própria à mãe". [1]

Pio XII desce a um mimoso detalhe sôbre o procedimento do homem no reino de sua espôsa. Quer que busque os pormenores gratos, as delicadezas amorosas, em vez dos defeitos ou esquecimentos. Arma um cenário: a espôsa, lembrada do aniversário do casamento, prepara uma mesa melhor, mais alegre, não faltando o prato preferido pelo espôso. Põe flôres na alma e na mesa. Nisso volta o marido. Mais cansado do que de costume, abatido por contrariedades imprevistas. Chega mais tarde, sombrio e preocupado com outros pensamentos. As palavras afetuosas e festivas que o acolhem caem no vácuo, deixam-no mudo. Nada percebe na mesa posta com tanto amor. Apenas repara que aquêle prato, ainda que preparado de modo melhor, ficou mais tempo no fogo. Queixa-se, sem pensar que a razão está no atraso com que chegou em casa. Come às pressas, porque, como diz, tem hora marcada. Mal desaparece, a jovem espôsa, tão embalada com o sonho de uma alegria docemente recordativa, gozada ao lado dêle, encontra-se sòzinha na casa deserta. Faz apêlo à sua fé e a seu valor, para reter as lágrimas que lhe assomam aos olhos. E lembra Pio XII que o marido tem direito de achar pesado o trabalho de um dia mais carregado de aborrecimentos. E pergunta: Mas crê ou pensa que sua espôsa não sente ou nunca experimenta cansaço e fadigas? O amor verdadeiro há de mostrar-se mais forte do que o cansaço, do que as contrariedades e os contratempos. Mais forte do que as alterações do humor pessoal. E' preciso dominar a si mesmo, bem como os acontecimentos exteriores. Não ficar à mercê dêles. [2]

---

[1]) De Wint S. J., obra citada.
[2]) Alocução aos noivos, 25 de Março de 1942.

Não digas que isso são ninharias. Apesar de ninharias os grãozinhos de areia chegam a formar dunas estéreis. Eu lastimaria, se o leitor andasse ajuntando areia à entrada de seu lar, sem talvez a perceber porque nunca se examina sèriamente sôbre êste ponto, sôbre desatenções diárias ao longo dos anos e na esteira das horas.

42. UM SOFISMA COMUM

Não faltam na bôca de muitos acusações contra casais que, sem amor, vivem ainda unidos um ao outro. Não são tolerados pelas "almas sensitivas mimosas" de certas rodas, nas quais de resto se toleram crimes.

Salvar as aparências, vivendo na hipocrisia — eis o que conferem como lema a êstes casais sem amor. Quero nesta altura lembrar ao leitor o seguinte: "As aparências têm seu valor. De um lado formam a armadura da sociedade e, de outro, asseguram, um pouco à moda de dinheiro em papel, a continuidade e harmonia das relações exteriores entre os homens". Já Pascal havia observado que, sem "essas regras de jôgo", vida alguma social seria possível.

E além disso definimos bem o que entendemos pelas palavras sinceridade e hipocrisia. Será insincero quem, passando sedento por um laranjal alheio, se abstém por honestidade de apanhar frutos de outro dono? Sua sêde reclama as laranjas... Será fingido o soldado que, atirando-se para um assalto, sente vontade louca de disparar e sobreviver? Vale o mesmo para esposos que, sem se amarem, permanecem fiéis aos compromissos do casamento.

Se chamarmos de hipocrisia tudo que representa uma vitória sôbre si mesmo, a que chamaremos de sinceridade? Será preciso, sob pretexto de viver alguém de acôrdo consigo mesmo, dar largas aos seus impulsos, pôr em prática todos os seus desejos?

Só a perfeita unidade interior poderá livrar o homem de ocultar, na escuridão e no silêncio, uma parte de si mesmo. Só depois de consegui-la poderá revelar-se tal como é. Sòmente os irracionais e os santos ignoram o conflito interior e são integrais em seus atos. Escapam à hipocrisia, os primeiros por instinto e os últimos pelo amor, observa Thibon a quem venho citando livremente.

Sabe o leitor que a patada de um burro é sincera, porque é instintiva. O ato heróico de um santo o é também, porque nêle predomina o sobrenatural. Ora os censores e censoras dos casais "fingidos", pergunto, já são santos?

Note-se o leitor mais êste sofisma do pensamento moderno. Seu centro é o existencial e o subjetivo. Daí sua tendência de sobrepor o indivíduo à coletividade. Ou então desprêzo e descuido lhe são normas diante de tudo que, em nossa natureza e nosso destino, permanece irredutível. Quais as primeiras vítimas dêste sofisma? As leis, as instituições tanto humanas como divinas — que têm um ser, uma dignidade própria independentes de pessoas endereçadas por elas. Entretanto — diz Thibon — "são apreciadas como valores ou como legítimas, sòmente de acôrdo com seus efeitos psicológicos, suas ressonâncias existenciais. E se os feitos são invisíveis, se a auscultação das almas não permite revelar essas ressonâncias, a instituição esfuma-se no nada".

Aplicado ao casamento, o resultado é êste: Se nêle o amor não forma o ambiente, o ar, a vida — o casamento não existe. Nesta marcha, o que sobrará da melhor instituição humana ou divina? Que coisa terá estabilidade na sociedade? Peço ao leitor acompanhar-me no trecho que cito ao pé da letra:

"O que não está unido... A palavra só tem aparência de ir longe; não vai além do homem e dos seus arrepios subjetivos. O que Deus não uniu sôbre o plano da experiência individual, pode ter unido em outro plano. Tôda instituição, alvejando imediatamente a existência de pessoas e a manutenção da última orientação delas — a saber, a comunidade conjugal e a comunidade eclesial — lhes é transcendente. Ou pelo menos se identifica à sua transcendência. A posição de S. Tomás exclui qualquer escapatória neste ponto. À questão proposta, se um casamento realizado por uma razão "desonesta" (por exemplo, pelo puro desejo carnal ou interêsse material) constitui um verdadeiro casamento, assim responde: Tal união é perfeitamente válida, embora o contraente esteja, por êste fato, em estado de pecado. Fizeram-lhe a objeção de ser o casamento um bem em si mesmo; ser imagem terrestre da união de Cristo com a Igreja; de não poder legìtimamente proceder de uma cau-

sa impura. E o santo replica: "Uma coisa é o casamento e outra a intenção dos contraentes..." No edifício social os indivíduos são pedras e as instituições a argamassa. Hoje muitas pedras queixam-se de estarem presas pela argamassa, sem sentirem os efeitos no seu interior. Sentem-se sòzinhas no edifício. Mas assim mesmo a argamassa preenche sua existência e sua finalidade. E se cada pedra revoltada contra essa argamassa inumana, que a prende sem impregná-la, reivindicar sua liberdade pessoal, o resultado mais evidente de tal apêlo "aos direitos do indivíduo" será o desmoronamento do edifício".

VII

43. UMA CARTILHA EM CASA

que, desta vez, não irá para a mão de teu filho pequeno, projeto de estudante. Ficará em tuas mãos, leitor. Doulhe o nome de "cartilha do amor humano".

Amor humano é a resultante de dois mistérios: o mistério do amor e o mistério do homem. Ajuntemos o mistério da graça para a compreensão desta obra-prima, que é o amor humano tornado sobrenatural e que deve ser o vínculo do casamento.

Por ser o homem corpo e alma, tudo quanto é humano é por sua vez sensível e espiritual. Nada no homem é exclusivamente animal, nem mesmo seus atos ordinários que aparentemente mais o aproximam dos irracionais, como o comer e o dormir. Por outro lado, nada no homem é exclusivamente espiritual. Nem mesmo a sua inteligência que depende do conhecimento que lhe transmitem as mãos, os ouvidos, os olhos. No homem a parte mais nobre é a alma, que é a mais perfeita também. E' ela que penetra, anima, dá vida ao corpo e o habilita a servir aos fins que pretende alcançar. O humano é portanto o *espiritual dominando* o *sensível* ao qual está unido. Dominando-o de maneira a manter íntegra a sua verdadeira natureza.

Logo o amor humano não é puramente espiritual, como nos anjos. Nem simples atração sensual, como nos animais. Nem se reduz a uma "confusa e desordenada mistura de sensual e espiritual". Hoje diríamos: um balanceado qual-

quer. E' movimento que nasce da alma espiritual e sensorial e sob seu influxo desdobra suas manifestações sensíveis, tangíveis. Normalmente o amor tende a passar da alma ao corpo, do espiritual ao sensível. E' preciso que o corpo participe dessa expansão da alma que o penetra inteiramente. Manifestado à pessoa amada, êsse amor retorna à sua fonte, enriquecida pela permuta de expansões. Eis o amor humano. Através dos sentidos — olhos, ouvidos, tato — quer sentir a alma gêmea. E' alma que procura alma e nota se de fato a recebe através dos sentidos.

Êsse amor pode ser penetrado pela graça que o eleva e apura, respeitando-lhe embora tôdas as suas riquezas. A graça não se engana. Não vai atrás de uvas (amor angélico) onde há urtigas (amor humano). Assim a graça sobrenaturaliza o amor humano. Enobrece, através do espíritual, o amor sensível sem o destruir.

Amor conjugal, entre cristãos, é amor humano enriquecido pelo elemento da graça do sacramento. Diversos elementos o constituem:

1º elemento *físico, sensível* que o distingue de qualquer outro amor humano: a atração sexual. Serão dois numa só carne.

2º elemento *espiritual* com caracteres especiais. Mais elevado do que o primeiro, unindo duas inteligências, duas vontades na adoção dos mesmos horizontes e programas, das mesmas leis morais, na mesma escalada de um ideal digno. — Ràpidamente alcançarão a mútua compreensão os esposos, que se amam com êsse amor conjugal espiritual! Na sua falta, êles restringirão o seu amor ao aspecto sexual ou à satisfação sexual. Não sendo isto possível, por qualquer circunstância, eis aí o desmoronamento do lar.

3º elemento *sobrenatural* que se reúne aos dois já existentes — sensível-sexual e espiritual. Isso contudo no caso do casamento cristão, religioso. Nunca deve o leitor esquecer-se disto: o casamento entre dois batizados é um casamento-sacramento e não uma simples união no plano natural. E' alguma coisa mais que o casamento legítimo, mas apenas natural dos pagãos ou mesmo dos não-batizados entre êles.

Com maior razão, é infinitamente superior ao pretenso casamento de católicos celebrado, seja por um ministro

protestante ou pelo oficial de registro civil. Temos neste caso um contrato que não é casamento e não altera em nada o estado dos contraentes. Aos olhos de Deus não estão casados, mesmo que leis humanas os considerem tais.

Por ser sacramento, é entre cristãos também uma fonte permanente de graças diversas. Corre sempre através dos anos, a vida inteira. Só a morte, separando os cônjuges, virá estancar êsse manancial.

Aqui termino, citando livremente o "Curso de Preparação ao Casamento" dos escritores canadenses, editôra Santa Cruz. Vamos ouvir uma outra lição.

44. DEUS E' AMOR

"Amor substancial e infinito, compraz-se eternamente na contemplação de sua infinita perfeição. De sua própria riqueza chama outros sêres à existência. Tôda criatura, derivação mais ou menos remota do Amor infinito, é fruto do amor e não se move senão pelo amor.

A obra-prima de Deus é o homem, ao qual concedeu o poder de amar, poder desconhecido às criaturas irracionais. O amor do homem é pessoal, isto é, consciente; é livre, isto é, sujeito ao contrôle de sua vontade responsável.

Mas o Senhor, além da vida e do poder de amar, deu ao homem um novo presente sôbre-humano: a graça. A graça é um prodígio inescrutável do amor de Deus. E' maravilha em cujo mistério a inteligência humana não pode penetrar e o homem chama de "sobrenatural".

O amor puramente sensível tem sua terna e comovente beleza, mesmo nas criaturas irracionais. Deus compara-se a si mesmo à águia que, revoando por sôbre seus filhotes, convida-os ao vôo (Dt 32, 11).

Mas o amor humano é incomparàvelmente mais nobre, porque dêle participa o espírito sob o impulso do coração, êsta delicada testemunha e intérprete da união entre o corpo e a alma. Êste encanto do amor humano tem sido o tema inspirador de obras maravilhosas do gênio na literatura, na música, nas artes plásticas.

Contudo, de que nova e indizível beleza se veste o amor de dois corações humanos quando, com seu cântico, harmoniza o hino de duas almas vibrantes de vida sobrenatural!

Também aqui é verdadeira a troca mútua de dádivas. E então, com a ternura sensível e suas alegrias sadias; com o afeto natural e seus lances; com a união espiritual e suas delícias, — os dois sêres, que se amam, identificam-se em tudo que têm de mais íntimo. Isto desde a profundidade inconcussa de suas crenças até ao vértice insuperável de suas aspirações: Consórcio da vida tôda, comunicação do direito divino e humano" — como diz o ritual das Núpcias.

Eis aí o matrimônio cristão. Segundo a célebre expressão de S. Paulo, está modelado sôbre a união de Cristo com sua Igreja (Ef 5, 32). Num como noutro, a doação de si mesmo é total, exclusiva, irrevogável. Num e noutro, o espôso é cabeça da espôsa, que está submissa como ao Senhor. Num e noutro, a mútua doação torna-se princípio de expansão e fonte de vida.

O amor eterno de Deus fêz o mundo e a humanidade surgir do nada. O amor de Cristo para com a Igreja gera as almas para a vida eterna. O amor do espôso cristão à sua espôsa participa destas duas efusões divinas. Enquanto seguem a vontade formal do Criador, homem e mulher preparam a habitação de uma alma, à qual o Espírito Santo virá com sua graça. Eis por que os esposos cristãos são colaboradores de Deus e de seu Cristo, ao seguirem sua vocação. — Assim falou o "homem de branco" em Roma aos 23 de Outubro de 1940.[1]

45. ERRANDO A RECEITA

tua ilustre dona de casa perdeu o prato que pretendia preparar-te no dia de teu aniversário. Foi um mal, foi grande tristeza para ela. Mas o êrro não derruba a casa, nem a felicidade. Há outro êrro de receita que é funestíssimo. Chamo-o errar a dosagem ou jerarquia dos três elementos que formam o verdadeiro amor conjugal entre cristãos. O leitor já leu que se chamam elemento físico, elemento espiritual, elemento sobrenatural.

Um amor conjugal que mudasse a ordem, pondo por exemplo o espírito a serviço da carne, seria falso. Se deixar faltar um dos elementos é incompleto.

---

[1]) Pio XII agli sposi — Série seconda 1940 — Ediz. Civiltà Catolica-Roma.

Deverá predominar o amor sobrenatural, cujo fundamento está no valor sobrenatural da pessoa amada, espôso ou espôsa. Está no desejo ainda maior de nela ver a floração da graça santificante.

Em segundo lugar, entra o amor espiritual, repousando nas prendas do espírito e do coração e do caráter do cônjuge. Nas paisagens da alma onde não faltam encantos.

No último lugar, vem o amor sensível e sexual, cujas bases estão nas efêmeras qualidades físicas do outro cônjuge, na atração sexual motivada por elas. Naturalmente aqui a atração é relativa. Atrai a êste ou àquela, não tendo muitas vêzes, nenhum dos dois atraídos, dotes atraentes para outros observadores. São as célebres razões do coração. Quem o preto ama, branco êste lhe parece — dizia o famoso P. Vieira.

Nada, leitor, de deixar fora qualquer um dos três elementos do amor conjugal. Nenhum dêles é dispensável porque nenhum é independente do outro. Como a alma não é independente do corpo ao qual está ligada. Como a graça e o valor sobrenatural de uma pessoa não lhe dispensam a alma e o corpo.

Andaria errado o leitor, caso descresse da realidade do elemento sobrenatural na alma e no amor da espôsa. Os maridos que impedem a vida religiosa da mulher, combatem a espiritualidade conjugal. Estão cortando na própria carne. Perdem o melhor do amor verdadeiro. Hoje, com a mística do matrimônio, vemos casais de almas dadas para a mútua santificação da vida, para a prática de certa ascese conjugal. Gostaria de ver o meu leitor conhecedor e adepto desta receita.

— As mulheres não entendem isso e aquilo! Têm inteligência curta, com exceção para as coisas de casa...! E' isso aforismo entre muitos maridos. Ao contrário, preocupar-se com o desenvolvimento da inteligência da espôsa, com a orientação de sua vontade, de seu gôsto pelo belo, pelo bom, pelo verdadeiro na vida, — faz parte do elemento espiritual.

O elemento físico ditará as ternuras e aconchegos, como testemunhas do amor espiritual-sobrenaturalizado. Dadas e recebidas de acôrdo com a lei divina, são salutares, são pacificadoras e dão juros de amizade, de amor, de harmonia.

Os prazeres pecaminosos — em casa e fora dela — são perturbadores de tôda ordem pessoal, doméstica, social, divina.

Uma só carne, mas também um só coração, um só espírito, uma só alma. E sobretudo importa não errar a receita na primeira noite de doação e posse. "Um amor é levantado como uma casa, pedra por pedra. A pedra de alicerce será a primeira noite. Dela poderá depender tôda a vida comum no lar. Os médicos afirmam ser real o grande choque físico sofrido pela mulher ao ser deflorada. A lembrança dessa noite ficará para sempre gravada em seu espírito. A ti, leitor, cabe torná-la bela e amável lembrança". [1]

No banquete do amor sentam-se como convidados o corpo — o espírito — o coração — a alma.

A união das carnes é apenas uma parte do amor. E nela não deves procurar sòmente o teu prazer, mas também o da espôsa. Muitas espôsas, física ou sentimentalmente insatisfeitas pelo egoísmo do marido, correm o risco de procurar a satisfação com outro homem, cuja espôsa lhe gaba as prendas e jeitos.

46. INTER VINA MARITI,

isto é, entre os vinhos do marido a espôsa procura adúlteros mais moços do que ela" — escreve-nos o velho Horácio, referindo-se aos vícios de Roma. (Ode VI, Livro III).

Isto mencionou sem conhecer as boites de hoje e outras belezas semelhantes. Por sua vez o marido, tocado pelo vinho, fàcilmente se esquecerá da tríplice fidelidade da mente, do coração e do corpo. Expôs a espôsa ao perigo e arriscou-se também.

Pio XII lembra aos maridos três formas de imprudência neste assunto: a leviandade, a excessiva austeridade e o ciúme. Quer que o leitor saiba ser coisa perigosa afirmar que o casamento torna lícito qualquer espetáculo, qualquer leitura, qualquer relação. Espetáculos muito livres, mesmo com a presença do marido, podem trazer graves da-

[1]) Dr. Picard, *Amour, Mariage, Bonheur.* — Editions de L'Action Familiale — Tournai, Bruxelles. — Livro muito recomendável, composto "por um médico, um homem da lei, um romancista, uma assistente social".

nos à vida conjugal. Filmes com seus cartazes e títulos também.

Leituras relaxadas, deturpadoras do amor, da fidelidade, da seriedade da vida estendem um nevoeiro sôbre a alma. Nutrem-na com sonos fantásticos, roubam-lhe a idéia da realidade e do dever.

Hoje com novelas dentro de casa, com programas de televisão — chamada pelo Papa "injeção endovenosa", porque atinge diretamente o lar —, o perigo cresce desmedidamente.

Modas para agrado da espôsa e vaidade do marido são igualmente mencionadas pelo homem de branco. Modas nos vestidos e modos na conduta. São convites a encorajar muitos caprichos e audácias.

De outro lado, uma excessiva severidade é condenável. Essa transformaria o lar numa casa "sem luz nem alegria, sem salutar e santa diversão, sem largos horizontes de ação". E muito marido usa de rigor com a espôsa por comodismo egoísta. Não quer lhe fazer companhia. Não quer deixar o seu sossêgo. Reine no lar — diz Pio XII — o senso virtuoso da medida daquilo que convém. Alegre-se o marido em ver sua espôsa vestir-se e mover-se com decente elegância. (Muito entre nós: não é preciso, para tanto, comprar-lhe mais um vestido pelo último figurino). Mas de acôrdo com seus recursos e sua condição social.

Meu leitor, como é humano nosso guia espiritual! Diz textualmente: "Encoraje nesse particular e alegre sua espôsa com algum presente gentil, com certo deslumbramento e louvor de sua gentileza e de sua graça. Apreciem ambos a leitura comum de belos, úteis e bons livros. Com discrição concedam-se sãos e honestos divertimentos, causadores de descanso e de alegria. Leituras e divertimentos convertidos em fontes de perene e crescente alimento às suas íntimas conversações e discussões. Cada qual sinta comprazimento à vista do outro brilhando na atividade profissional ou social, ou tornando-se amável com sua sorridente simpatia, entre os amigos comuns. Nada de um ensombrar o outro".[1]

Marido que nunca vê algo de diferente e agradável nos arranjos da espôsa cede, mais tarde ou mais cedo, seu tro-

[1]) Alocução, 18 de Novembro de 1942.

no ao amigo que nunca os deixa passar despercebidos. Muito entre nós e baixinho: E' preferível notá-los na espôsa, do que descobri-los nas outras, na secretária de cada dia..., na companheira de fábrica, de usina.

47. DORMIA MINHA MULHER

ao meu lado, enquanto eu passava noites em vigílias e angústias. Refletia fingindo dormir. Via os perigos iminentes que me deixavam pesado o coração. Não obstante agradeço a Nosso Senhor ter-me dado a graça de jamais admitir o pensamento de uma capitulação.

Estas linhas são de um mártir — Tomás Morus — à sua filha, noticiando-lhe a renúncia ao pôsto de chanceler e a oposição à heresia do rei Henrique VIII. Naquele cenário do amor humano, num leito de casal, prevalecia em sua alma o amor a Deus.

Vejamos o contraste na atitude referida e tomada por um dos nossos homens de letras. Conta como, em lhe dormindo a espôsa ao lado, punha-se todo atento, ouvido quase colado à bôca da adormecida, para lhe surpreender o... nome de alguém. Eram os ciúmes não motivados. Mas apesar dêles, êste marido tinha certos encontros conhecidos pelos amigos, pela espôsa. Pois não há crime perfeito.

Pio XII chama o ciúme de perigosíssimo escolho para a fidelidade. Tudo que se pode dizer dêste mal, jamais expressará bastantemente sua gravidade. Pobre espôsa! Aquêle que lhe devia ser consolador em tôdas as penas e apoio seguro, mostra-se cruel para com ela. Um espírito assim prevenido está disposto a acreditar em tudo, em acolher tôdas as denúncias, sem discernir o verdadeiro do falso. Anda mais inclinado a escutar quem lhe confirma as suspeitas, do que a quem procura dissipá-las. As saídas e entradas, as palavras, os olhares, os menores suspiros, tudo é vigiado. A infeliz espôsa tem de suportar tudo em silêncio. Prêsa, por assim dizer, ao leito conjugal, não pode permitir-se um passo, uma palavra, um suspiro sem ter que dar razões até à criadagem. Aqui terminam as palavras de S. João Crisóstomo, o "incomparável psicólogo" citado pelo Papa que continua: Não pode uma tal vida tornar-se intolerável? E, faltando-lhe o apoio de uma verdadeira virtude cristã, como

se maravilhar alguém, se a fidelidade naufragar? (Aloc. 18 de Novembro de 1942).

Leitor, vão aqui *três coisas* que amedrontam o coração do Sábio e também uma *quarta* que lhe empalidece o rosto: o ódio de uma cidade contra um cidadão, a revolução e a calúnia... e uma mulher ciumenta (Ecli 26, 5). Mas desta ganha longe o marido ciumento...

Prova-o a santidade a que chegou Isabel Canori Mora, fidalga romana († 1825), ao lado do advogado Cristóvão Mora, marido de vida desregrada, mas cheio de ciúmes que se converteram em frieza e depois em ódio. O confessor aconselhou a Isabel solicitasse a separação eclesiástica, quanto à vida em comum com o espôso. Porém a lembrança dos filhos e seu amor para com o marido — alma, sòmente — não lhe permitiram a realização desta medida. Chegou êste a proibir-lhe ir à janela para ver passar os próprios pais! E no começo era aquêle rodopiar de pombo enamorado! Aquêle examinar as mãos sedosas da espôsa, para ver se estavam feridas, moídas, arranhadas por qualquer trabalho!

Baixinho, entre nós: tens em casa uma candidata à santa, padroeira de vítimas de ciúmes? Quase sinto tentação de, neste caso, ir para outra direção: procurar tua... "amiga de infância".

48. UM FATO ÚNICO

na vida da graça se dá com o amor conjugal. Vem o casamento e consagra-o. Vem Cristo e eleva o casamento a sacramento. Ponha sentido o leitor no têrmo "elevar". Denota que antes de ser sacramento já existia na ordem natural. Não sucede assim com o batismo, com a Eucaristia ou com qualquer outro sacramento. Nenhum preexistia na ordem natural. Só o casamento preexiste na ordem natural como expressão do amor humano e garantia da propagação da vida.

Por que razão teria Cristo "elevado" assim o casamento? Para tornar a humanidade mais fecunda? Não consta dessa intenção. Consta, isso é evidente, o seguinte: Quis engrandecer a união conjugal, conferindo-lhe nova e esplêndida dignidade. Não precisa ir longe o leitor, para saber que essa dignidade é a de converter o casamento num canal de

vida sobrenatural. E agora, dois batizados só podem casar-se vàlidamente quando o casamento é ao mesmo tempo sacramento. Daí a "intolerância" da Igreja perante os que querem unir-se só pelo contrato civil.

Pelo batismo tornam-se os homens membros do Corpo místico de Cristo. Pelo caráter batismal participam do seu sacerdócio. Podem assim ser instrumentos de santificação entre as mãos dêle. Eis por que, selando sua união, os noivos põem um gesto que, além de grande significação social e religiosa, é pròpriamente sacramental. Mùtuamente se santificam com êle e fazem crescer em si mesmos a vida divina. O amor conjugal, penetrado pela graça, torna-se uma forma de caridade sobrenatural, virtude pela qual se opera a obra da nossa santificação. Acaba em sobrenatural essa estreita solidariedade natural, que existe entre os esposos. E' um dos efeitos do sacramento. Perante Deus é o marido responsável pela alma da espôsa e esta pela alma do espôso. Tal como ambos se reconhecem responsáveis pela felicidade ou desgraça do lar.

Eis aqui a conclusão que se impõe: o casamento é um meio, uma estrada para a santificação. Não apenas porque é possível aos casados a perfeição cristã, mas é possível *pelo casamento*. Não julgue o leitor que, terminadas as cerimônias perante o altar, findou-se também o valor sobrenatural criado naquela hora como fonte de graças contínuas. Continua o estado espiritual. E' permanente.

Por não ser tão elevado como o sacerdócio, nem por isso o casamento é um estado medíocre, reservado para os tíbios. Continua sendo um grande sacramento. O importante é cada qual trilhar *o seu* caminho, isto é, aquêle que, dado o balanço das aspirações e dos dons, lhe oferece mais ensejos para chegar à perfeição.

O leitor por conseguinte tem de amar a Deus através do cônjuge que o representa. As palavras de Alice Ollé-Laprune dizem isso com clareza: "Só cumpriremos nossa vocação de pleno amor de Deus pelo nosso mútuo amor. Não pensemos encontrar o Senhor fora de nós. Para achar a Deus só basta procurá-lo no marido... Creio que Deus reserva bênçãos especiais para aquêles que se esforçam por realizar o seu pensamento sôbre a união conjugal, por representar a união de Jesus Cristo com a Igreja, por esgo-

tar o sentido dessa analogia, por achá-lo enfim nessas realidades vivas de seu estado, que são manifestações autênticas de sua Vontade sôbre êles" (R. Maistraux).

Logo, leitor, hoje como nos dias de Cristo, é inaceitável a desculpa de quem rejeita o convite do rei que deu um banquete, sob pretexto de ter tomado mulher pelo casamento. Com mulher e leito conjugal e filhos podes e deves ser um cristão perfeito. Para tanto tens uma graça especial no sacramento recebido.

Diga-me o leitor que classificação daria, diante do exposto, a um marido desinteressado da alma da espôsa, sedutor dessa alma, trocando-a pelo corpo em relações que a moral cristã proíbe, mesmo aos casados? Ou então, afastando-a de Deus e dos deveres religiosos, quando a torrente do sacramento recebido quer elevar ambos para mais perto do céu?

Cuidado, não pronuncie o leitor sua própria condenação, reprovando nos outros o que é praxe em sua vida!

49. A CARNE E' BOA

Eis aí uma afirmação destemida de S. Agostinho. Contra os maniqueus sustenta que ela, em vez de um mal, é um bem. Mesmo no casamento, nas relações conjugais essa carne é boa.

O cristão sabe que o Verbo de Deus se fêz carne e a carne é sexuada. Assumiu assim a sexualidade humana, embora isenta de tôda desordem. Quis ter sua origem de uma mulher. Por ela prendeu-se a tôda escala dos sexos que depois do primeiro casal se entrecruzaram para levarem seu fruto ao rebento de Jessé. O seio de uma mulher acolhe uma Pessoa divina na comunhão da carne. Maria e seu Filho são uma carne que ela dá e Êle recebe.

"Deus faz bem o que faz. Fêz tais como são em sua essência as relações conjugais. A fé cristã reconhece e proclama que as fêz bem assim. O prazer que lhes vinculou o Criador é bom. E' fisiològicamente normal sua existência. E' desejável que infunda um gôzo na união dos esposos. Quando realizadas dentro do quadro estável de vida estável, que é o matrimônio, único ambiente em que podem nascer e desabrochar os filhos com segurança, são êles atos

de virtudes. São matéria dos sacramentos, atos saudáveis e meritórios para o céu.

Saboreiem os esposos cristãos essas alegrias, tais como Deus as quis. Isto é, como alimento de seu mútuo amor, como seiva geradora da espécie, dos filhos de Deus. Particularmente o espôso cuidará de as procurar para a espôsa. Há de fazê-la experimentá-las por uma prudente iniciação, que respeite a delicadeza e o legítimo pudor do coração feminino, nos meios que para isso empregar.

Isto ensina a Revelação cristã, que fêz do matrimônio e de seus atos carnais um sacramento. Defendeu a nobreza dêles, a ponto de condenar a doutrina dos maniqueus e albigenses. Mas ensina também a existência do pecado original com suas conseqüências.

Nossos instintos básicos são retos quanto às suas *tendências* mais profundas. Entretanto vem a concupiscência viciar *a medida* de suas exigências e de seus desejos. Todos os nossos instintos são excessivos e cobiçosos quando não permanecem sujeitos, por fôrça, à disciplina da razão. Sobretudo é êsse o caso do instinto da carne" (Angel del Hogar).

A Igreja tem condenado a caça do prazer refinado, como as teorias sensuais que o apregoam. Pio XII refere-se com reprovação a essa maré montante "de *hedonismo*, que ameaça submergir os pensamentos, os desejos e os atos da vida conjugal, com perigo para a primeira função dos casados".

E' lícito o prazer da comida, mas é imoral ser alguém um glutão. Nem a saúde física, nem a vida intelectual ou espiritual são favorecidas pelos excessos neste ponto. Piores são êles na ordem sexual. Pois estão em jôgo maiores interêsses: religiosos, sociais, conjugais e individuais. Ninguém ignora outrossim como neste ponto são intensas as seduções, mais exigentes os instintos. Por conseguinte tanto mais perniciosas hão de ser as perversões.

Não se olvide o leitor de que o gôzo das relações está, igualmente, a serviço de fins sociais e religiosos do matrimônio. Não é admissível desassociá-los positivamente por intervenções físicas violentas, perturbadoras das relações em seu ato, ou em seus frutos. Assim pensa o autor que vem citado abaixo.

Para o leitor cristão tenho mais um horizonte a mostrar. Horizonte magnífico. Nossos corpos converteram-se — com suas carnes — em membros de Cristo, ao ser nossa raça elevada pela graça. Trata-se de respeitar não sòmente a humanidade, como a Divindade, guardando-nos puros por respeito *ao Verbo que se fêz carne.* Por isso S. Paulo lembra que nossa carne, formando nosso corpo, é templo do Espírito Santo.

Isso tudo incluiu S. Agostinho na sua frase: caro bona est. Não é cabível, leitor, hajas recebido um sacramento, um meio de santificação, para corromperes a carne pela incontinência, pelo despudor e pela imodéstia.

VIII

50. TUA ESPÔSA E UM REQUERIMENTO

Uma jovem espôsa alemã requereu ao juiz, exigindo uma coisa singularíssima. Que o juiz mandasse riscar da Bíblia Sagrada o texto onde se impõe à mulher que esteja sujeita ao marido.

Compreende-se. Muitos maridos como estragam e amargam o amor nas relações conjugais, no trato diário, também comprometem a autoridade e fazem pesada a dependência.

"Os direitos do marido sôbre a espôsa não se assemelham em nada aos direitos de um superior colocado em face de seu inferior. Pois o casamento é união de duas personalidades moralmente iguais. Uma e outra atingiram já a idade adulta. São igualmente livres e independentes e não alienam nenhuma parcela de suas responsabilidades pessoais, pelo fato de se unirem para a vida em comum.

Também não se assemelha em nada à autoridade do chefe militar ou industrial. Êstes tomam suas decisões sòzinhos — segundo sua consciência ou seu interêsse. Na família a mulher divide com o marido as responsabilidades da vida familiar.

Mais. O marido não tem o direito de sustentar que sòmente êle vê claro e dar razão ùnicamente a si mesmo, sob o pretexto de que é o chefe. A consciência da mulher é muitas vêzes mais esclarecida e mais delicada do que a sua. Tem compreensão mais penetrante das coisas familiares.

Eis por que o marido deverá lealmente se inspirar nos conselhos da espôsa, tratando-se do bem comum.

De resto, o amor recíproco reduz ao mínimo o exercício da autoridade marital. Confiante um no outro, harmonizam os esposos suas vontades e suas inteligências, orientando no mesmo sentido a defesa dos interêsses da vida familiar. Afirmar que cada qual tem o direito de agir como bem entende seria levar a família às piores divisões e provocar perturbações, que culminariam com a separação dos corações e terminariam muitas vêzes diante dos tribunais" (Violet).

Portanto, leitor, é mau o conselho que te dá o provérbio árabe: Pede conselho à tua mulher e... segue depois a tua cabeça.

Hoje estamos diante de uma situação exposta por Pio XII: "As condições de vida, derivadas do presente estado econômico-social, no desempenho das profissões, nos vários empregos e ofícios, tendem a introduzir pràticamente um vasto emparelhamento das atividades da mulher com as do homem. Não raro acontece que os esposos se encontram numa situação que quase chega à igualdade. Freqüentemente marido e mulher exercem a mesma profissão, pesam com seu trabalho pessoal na balança familiar, numa medida quase igual. Ao mesmo tempo são forçados a levar uma vida assaz independente um do outro. Pio XII lamenta em seguida a sorte dos filhos entregues a estranhos, só formados por êles. Termina perguntando:

"Por que estranhar, então, venha a debilitar-se e diminuir, a ponto de quase desaparecimento, *o sentido da jerarquia* familiar, quando o govêrno do pai e a vigilância da mãe não conseguem tornar amável a convivência doméstica?" [1]

Lembro-me aqui o último conselho de Viollet: "Embora o marido seja o chefe legítimo da família, sua autoridade não lhe confere o direito exclusivo na orientação dos filhos. A educação é uma obra comum, exige a ação conjugada do pai e da mãe".

Educar é gerar segunda vez. Logo é um ato de amor de ambos os esposos.

Tua espôsa já pensou em tal requerimento?!

---

[1]) Pio XII, Alocução de 10 de Outubro de 1941.

51. SEXO E AMOR

Hoje há um endeusamento do sexo, ao lado de uma triste confusão dêle com o amor. Fulton Sheen tem algo a dizer ao meu leitor neste ponto: "O amor reside, primàriamente, na vontade, não nas emoções ou nas glândulas. A vontade é como a voz; as emoções são como o eco. O "prazer" unido ao amor, ou àquilo que é hoje em dia chamado sexo, é como a crosta enfeitada de um bôlo. Sua finalidade é fazer-nos amar o bôlo, não ignorá-lo. A maior ilusão daqueles que amam é crer que a intensidade de sua atração sexual é a garantia da perpetuidade de seu amor. E' por causa desta falha na distinção entre o glandular e o espiritual, — ou seja entre o sexo, que temos comum com os animais, e o Amor, que temos em comum com Deus, — que os casamentos são pródigos em decepções.

O que algumas pessoas amam não é alguém e sim a experiência de estarem amando. A primeira é insubstituível, e a segunda, não. Quando as glândulas cessam de atuar com sua fôrça primitiva, os casais que identificam emocionalismo e amor alegam que não se amam. Se assim é, em primeiro lugar êles nunca se amaram. Só amaram o fato de serem amados, o que é a forma mais alta do egoísmo. Casamento fundado, ùnicamente, em paixão sexual dura apenas enquanto existir a paixão animal. Em menos de dois anos a paixão sexual pelo outro pode desaparecer. E quando isso acontece, a lei vem em auxílio para justificar o divórcio com palavras desprovidas de sentido tais como "incompatibilidade" ou "tortura mental".

Sheen diz que há dois motivos para a predominância do sexo sôbre o amor numa civilização decadente. Um dêles: o declínio da Razão. Declinando esta, sobem as imaginações. Daí a razão do sucesso das fitas de cinema e das revistas ilustradas. À medida que o pensamento perde sua ação de contrôle, desejos irreprimíveis vêm à tona da alma. Sendo os desejos físicos e eróticos os mais fáceis de vingar na alma humana, porque não exigem esfôrço, e são poderosamente incentivados pelas paixões corporais, — o sexo torna-se de uma importância total. Não é por acidente histórico que uma época de anti-intelectualismo, como a nossa, é também uma época de liberdade carnal.

O segundo motivo é o egocentrismo. Perdida a crença num julgamento divino, numa vida eterna, no céu e inferno, na mesma medida mais se afirma progressivamente o "eu" como fonte de sua própria moralidade. A auto-satisfação relega para segundo plano os interêsses da comunidade e os direitos de outrem. Todo pecado tem centro em si mesmo, todo amor tem centro em outrem e tem relatividade. O pecado é a infidelidade do homem para com a imagem daquilo que êle deveria ser na sua vocação eterna de filho adotivo de Deus: a imagem que Deus vê em si mesmo, quando contempla seu Verbo.

Dois extremos devem ser evitados quando se discute o amor no casamento: Um dêles é não querer tomar conhecimento do amor sexual, o outro é dar a primazia à atração sexual. Para cristãos o sexo é inseparável da pessoa. E reduzir a pessoa ao sexo é tão tolo, quanto reduzir a personalidade aos pulmões ou ao tórax. O animal macho é atraído pela fêmea, mas a personalidade humana é atraída por outra personalidade humana. [1]

52. MIL BOMBAS

do canhão 75 seriam necessárias para abrir uma brecha de 25 metros numa determinada muralha. Assim nos ensinavam, faz anos, na Escola Militar. Com esta frase Ricaud abre a seguinte consideração:

"Pertencemos a uma linhagem dura de cabeça e temos de repetir dez vêzes as mesmas coisas, sobretudo quando são desagradáveis. Disse alguém que numa centena de coisas que sabemos, por uma que aprendemos pessoalmente, ensinaram-nos 99. O homem é um ser educado. Por que esquecê-lo? Para saber as obrigações e as belezas do nosso dever de homens, temos que aprendê-las. O homem só existe no estado adulto. Inculto, cai em estado selvagem e infra-humano. Passa o autor a indagar do tempo que se consagra ao cultivo da consciência. Um médico, por exemplo, precisou de longos anos para conseguir seu título. Quantas horas empregou no estudo das leis morais que regem sua profissão?

[1]) Fulton J. Sheen, *O Mistério do Amor*. — AGIR, Rio de Janeiro, p. 9, ss.

Lembra a afirmação do Apocalipse de ser o demônio o "tal que descarrilha os homens". Atualmente, sob os princípios dissolventes do mundo moderno, aumenta o número das *inteligências descarrilhadas.* O ar que respiramos está contaminado.

Ricaud insiste ainda: Todos temos o dever de "ficar isentos dêste mundo". Quem possui uma consciência vacilante, trabalhe por retificá-la. As consciências retas sentem a necessidade de se retificar ainda mais. Pois ela aprimora-se como o gôsto. Ganha-se o pão — o da verdade — com esforços constantes, que representam o suor de cada dia. Satanás não descansa. Não cultiveis uma consciência e vereis, estupefatos, o que nela germinará".

Sirvam estas linhas para dispor o leitor a ouvir, mais uma vez, o célebre *não se pode,* perante as seguintes práticas:

1) *Onanismo conjugal* — que traz seu nome de Onan, fulminado por Deus. Pois ao ajuntar-se a sua mulher, impedia que ela concebesse. O Senhor o feriu de morte porque fazia "uma coisa detestável" (Gn 38, 10).

2) *O maltusianismo* com suas práticas anticoncepcionistas.

3) O *abôrto direto,* punido pela Igreja com a pena de excomunhão ipso facto reservado ao Bispo. Nela incorrem "todos aquêles — com inclusão da mãe — que o provocam, depois de se seguir o efeito, reza o cânon 2.350, § 1.

Portanto o marido — seria teu caso, leitor? — que mandar ou impuser tal prática à espôsa, que assim não procederia sem tal imposição, incorre na pena. A êle equiparam-se os que, nas mesmas condições, o procuram.

4) *Tudo que pode provocar* o abôrto espontâneo. — Inteire-se o marido com o médico para controlar a vida da espôsa grávida, evitando-lhe excessos. — Quero ver o meu leitor sempre "no trilho".

E não adianta alegar que muitos maridos fazem pouco caso da lei. Não são cristãos que honram seu batismo e respeitam o sacramento do matrimônio.

A vida é uma majestade maior do que o mundo. Encerra uma alma imortal.

53. OUTRA VEZ O HOMEM DE BRANCO

Na secular sucessão dos homens de branco temos hoje um, que é um presente da Providência divina: Pio XII. Entre os usos e as inovações há esta: a audiência coletiva dos recém-casados, com a adequada alocução e paternal bênção do Papa.

Nessas alocuções expõe o patrimônio da verdade, aplica-o, defende-o. Aqui tem o leitor — defensor da verdade na sua família — um painel: — O sim que brotava de vossos lábios, pelo impulso do vosso amor, ata ao redor de vós o laço conjugal e, ao mesmo tempo, prende para sempre vossas vontades. Seu efeito é irrevogável. Passa o seu som, expressão sensível do vosso consentimento. Mas não passa o consentimento que é perpétuo, porque é consentimento na perpetuidade do vínculo. Outro consentimento, de vida conjugal, só por algum tempo, não seria válido para constituir o matrimônio... Não há pois verdadeiro matrimônio sem inseparabilidade, nem esta sem aquêle.[1] — Numa palavra: a vontade do homem pode dar o laço. Não pode desatá-lo.

— Em todos os tempos as paixões humanas, refreadas pela lei da indissolubilidade em seus desordenados apetites, têm procurado sacudir o jugo. Nêle vêem apenas uma dura tirania das consciências, uma escravidão em contraste com a dignidade da pessoa humana. E' verdade, um vínculo pode às vêzes constituir um pêso, uma servidão, como as cadeias que atam um prisioneiro. Ou ser também uma poderosa ajuda, uma segura garantia como a corda que sustenta o alpinista e seus companheiros de escaladas; como os ligamentos que unem as partes do corpo humano, que o fazem expedito e livre em seus movimentos. Precisamente êste é o caso do vínculo indissolúvel do matrimônio.

— A luz que brilha em vossos olhos, amados recém-casados, manifesta a todos os olhares a santa alegria que inunda vossos corações, o contentamento por que vos destes um ao outro para sempre. Para sempre!... Como contrato indissolúvel, o matrimônio tem a fôrça de constituir e vincular os esposos num estado social e religioso, de caráter legítimo e perpétuo. E sôbre os demais contratos leva a superioridade de que nem um poder no mundo — no sentido e

[1]) Aloc. 22 de Abril de 1942.

na extensão já por Nós explicados — é capaz de rescindi-lo. Em vão uma das partes pretenderá desatar-se dêle. O pacto violado, renegado, rôto, não afrouxa seus laços. Continua obrigando com o mesmo vigor, como no dia em que foi selado diante de Deus com o consentimento dos contraentes. Nem sequer a vítima pode ser desatada do sagrado vínculo, que a une àquele ou àquela que a traiu. Só com a morte desata-se ou se rompe o laço. [2]

Não venhas, leitor, com a tal frase de católico analfabeto: "na minha opinião...", quando vês tão condenado o divórcio nestas palavras. A Igreja já perdeu um reino na história. Perderá outros, se preciso, para não admitir um divórcio do vínculo, contrário ao seu dogma. E' herege quem isso afirmar e ensinar. Só *o homem vestido de branco* poderá lhe perdoar essa censura.

54. AS BOTAS DO MARQUÊS...

— Sra. marquesa, venha descalçar-me as botas!

Assim dizendo, o marquês estendia as pernas, com muita sem-cerimônia para aquêle salão e para com a marquesa enluvada. Por isso Coloma lembra ser mais acertado colocarem-se, ao pé das estátuas, relevos de cenas familiares ao em vez de cenas de batalha. O herói aparecerá mais real e mais verídico.

Sabe o leitor que o marido é o chefe e senhor na família, conforme disposição da natureza e de Deus. Sabe que essa chefia é imperiosa, não conhece renúncia, nem abdicação de cetro, de deveres e de responsabilidades. Mas há de ser uma chefia amorosa e respeitosa. Não fica dispensado, por isso, de dar provas de amor e respeito, interno e externo, à mulher, mãe de seus filhos. Pio XII lembra: "Ela — a espôsa — é dona da doçura e também dona da casa. Não é sòmente o sol, mas também o santuário da família, o refúgio das lágrimas dos pequenos, a guia dos maiorzinhos, o consôlo nas preocupações, a tranqüilidade nas dúvidas a confiança no seu futuro. Pelo vosso aspecto, pela vossa atitude, por vossos olhares, por vossos lábios, por vossa voz, pela vossa saudação, percebam e sintam e vejam, filhos e

[2]) Aloc. de 21 de Outubro de 1942.

Para os modernistas, corruptores de tôdas as noções dogmáticas e teológicas, o matrimônio é uma organização tardia da família. Para os marxistas é pura invenção clerical.

E assim prega-se a secularização do casamento, o divórcio, o amor livre, o casamento por experiência, de camaradagem, temporário. Mas a Igreja não quer ver seus filhos sem sacramento. Não tolera esteja o berço de cristãos vagando à mercê das ondas dos instintos. Por isso, resumindo tôda doutrina passada, Pio XII fala:

"O vínculo conjugal é uno e nessa unidade está o sêlo da sua indissolubilidade. O "sim" que vos uniu, noivos, liga para sempre vossas vontades". O seu som, expressão sensível do vosso consentimento, passa. Mas o consentimento fixa-se, não passa; é perpétuo.

E' tão forte o vínculo do matrimônio cristão, que tendo alcançado sua plena estabilidade com o uso dos direitos conjugais, *poder algum do mundo,*

nem mesmo o nosso, como Vigário de Cristo, é capaz de quebrá-lo. E' verdade, nós podemos declarar que um matrimônio contraído como válido, era na realidade nulo, ou por vício substancial no consentimento, ou por falta de forma substancial." [1]

Por isso a Igreja é contra o divórcio, tendo como dogma da revelação a indissolubilidade do casamento válido e consumado, entre cristãos. Pio XII é positivo: causa alguma, autoridade alguma, nenhum poder da terra pode dissolvê-lo, a não ser a morte (Aloc. 17 de Março de 1946). Quem ensinar o contrário, alegando que a Igreja erra, ao condenar o divórcio do vínculo, é herege e excomungado na frase do Concílio de Trento. [2]

Êste dogma é fundamental na vida cristã. Muito importantes são as suas conseqüências para a vida dos esposos e a própria sociedade. O homem de branco quer com empenho que os casados conheçam sua importância religiosa e lhe consagrem um santo respeito (Vol. I, p. 264 das Mensagens).

Em tôda parte e em todos os tempos fica de pé a palavra de Cristo: "Todo aquêle que repudia a sua mulher, e se casa com outra, comete adultério (Lc 16, 18). E todo

[1]) Aloc. de 22 de Abril de 1942.
[2]) Sessão XXIV, c. 7.

criados, a consideração, — ó chefes de família! —, que tendes para com vossa espôsa". [1]

O homem de branco não quer seja a ausência das maneiras corteses e atentas um distintivo para reconhecer os pares casados dos não casados. Quer saiba o marido inteligente avaliar a influência que tal procedimento exerce, a favor ou contra a educação dos filhos" (Id.).

O velho S. Ambrósio já advertia em seu tempo: "Tu, marido, deves deixar teu orgulho, tua rudeza, quando tua espôsa se aproxima de ti tôda pressurosa. Deves banir tôda irritação, quando, insinuante, te convida para o amor. Não és um patrão, mas um espôso. Não ganhaste uma escrava e sim uma mulher. Quis o Senhor fôsses um guia para o sexo mais frágil e não um déspota" (Hexaemeron, V, 19).

Quanto à dignidade da pessoa humana há absoluta igualdade entre marido e mulher. Dentro de sua dignidade de espôsa, de mãe de seus filhos e companheira do marido, são iguais os direitos de um e outro, cada qual na sua escala. Igual direito tem a mulher à honra, à prática da religião, ao amor dos filhos, ao mútuo respeito, ao gôzo dos bens comuns e aos próprios, dentro da lei.

A espôsa não está obrigada a condescender com os caprichos do marido naquilo que é pouco conforme com a razão ou lesivo à sua dignidade. A autoridade do marido não pode "desconhecer a independência de alma, direito sagrado da espôsa e da mãe perante as imposições do mal" (Pio XII).

Leitor, terminada esta leitura só há uma coisa a fazer. Qual? Escutares aquela voz baixinha, mas sincera, da consciência interrogada.

55. GENTE SEM SACRAMENTO

Um dos bens do matrimônio é a sua sacramentalidade. Bem, combatido por muitos inimigos. Estão aí os ateus e racionalistas, adversários de tôda revelação e do sobrenatural. Estão aí os "reformadores" de Lutero, declarando o ato matrimonial um pecado escandaloso. Para Calvino é êle coisa profana, como por exemplo arar um campo, remendar um sapato.

---

[1]) Alocução de 9 de Abril de 1942 — Aos recém-casados.

aquêle que toma por mulher a que foi repudiada pelo marido comete adultério".

Não pode o homem desunir o que Deus uniu. Pio XI enumera os males dêsse malsinado divórcio, que é heresia contra o sacramento, símbolo de uma união que desconhece separação: a união de Cristo com sua Igreja.

Eis a lista em confronto, mostrando a colheita de males com o divórcio e bênçãos em caso contrário.

NO SACRAMENTO:	*NO DIVÓRCIO*:
— vemos os casamentos protegidos e salvaguardados pelo vínculo;	— vemo-los vacilantes, ou pelo menos expostos a inquietantes suspeitas, perante a perspectiva da possível separação dos cônjuges e mesmo do perigo de um eventual divórcio;
— vemos o mútuo afeto e comunhão de bens, admiràvelmente consolidados;	— vemo-los lamentàvelmente debilitados por causa da faculdade que permite a separação de tudo;
— a casta fidelidade dos esposos encontra apoio e defesa conveniente;	— a infidelidade encontra perniciosos incentivos;
— vemos evitadas as dissensões entre esposos e as famílias;	— apresentam-se freqüentes ocasiões de divisão;
— vemos garantidos o reconhecimento, a proteção e a educação dos filhos, de modo eficaz;	— tudo isso recebe abalos gravíssimos;
— vemos mais fàcilmente sufocadas as sementes da discórdia;	— com mais abundância são elas atiradas para crescerem;
— vemos felizmente reintegrada e restabelecida, de modo especial, a dignidade e o ofício da mulher, tanto na sociedade doméstica como na sociedade civil;	— vemos a mulher indignamente aviltada, já que as espôsas estão expostas ao perigo de "serem abandonadas, uma vez que já serviram para o deleite do marido";

Pode haver casos dolorosos, em que uma simples separação, admitida pela Igreja com a continuação do vínculo, não baste. E' "uma separação imperfeita", como a chama Pio XI. — Mas a lei visa o bem comum e não as exceções. O comum no casamento não é a infidelidade, a incompatibilidade de gênios e demais causas alegadas para o divórcio. Mesmo essa separação, regulada pela lei civil e eclesiástica, não fica à mercê dos interessados. As causas, as condições, as garantias para os filhos, tudo obedece a uns parágrafos. Não está sujeito à iniciativa particular.

Todo êste rigor é por causa dos valores de *duas raças* que há nos casados: a humana e a divina. Não podem tais valores ficar ao bel-prazer de um grupo de casais sem sorte, ou culpados de seus erros. Seria sacrificar o bem geral à hipotética ventura de uma parte. No corpo humano usamos cortar a parte que põe em risco a saúde geral. Não espalhamos para o resto do corpo a infecção e com ela a morte. Eis aí até aonde vão as fronteiras... de teu sacramento.

56. — HOMEM FORTE E ARMADO

guarda a entrada de sua casa? Estão em segurança os bens que possui, diz Cristo Senhor (Lc 11, 21). Como chefe e protetor da casa e da família, — com os tesouros humanos e morais — que encerra, precisa o leitor estar armado, prevenido sôbre os perigos que hoje ameaçam todos os três bens do matrimônio cristão: prole, sacramento, fidelidade.

Ei-los num quadro bem claro:

INIMIGOS	*ARMAS USADAS*
A negação da família em geral	pela união livre, pregada nos romances, teatros, filmes; aceita e tolerada pelos costumes, sob várias formas: hoje amor livre;
A laicização da família	pelo casamento civil, como se êle pudesse substituir o sacramento entre cristãos;
A profanação da família	pelo sacrilégio, isto é, sacramento mal recebido, depois de mal preparado;
O rompimento da família	pelo divórcio, formalmente condenado por Deus e por sua Igreja;
A mutilação da família	pela esterilidade voluntária que impede ou mata a vida;
A dispersão da família	pela educação fora do lar, pelo trabalho fora do lar, pela exageração da vida social;
A desunião da família	pela desigualdade das almas, tão manifesta na disparidade de educação e disparidade de religião;
A ruína da família	pelo mau govêrno da casa e de suas rendas e despêsas, pelo luxo;
A decomposição da família	pela má educação dos filhos: sem religião — sem respeito à autoridade — sem sacrifícios.

Monsenhor Gibier, bispo de Versalhes, tratou disso em sábias conferências sob o título de "desorganização da família".

Se o chefe da casa deixa correr em seu lar tais princípios, emitidos pelos seus ou por amigos, não é homem armado e valente. Se tolera relações de amizade com "casais de camaradagem, de experiência, de amigados" — freqüentadores de sua casa, — já piorou a situação. Vai se acumpliciando com a quadrilha. Resultado? Cristo descreve-o: "Mas se, sobrevindo outro mais valente do que êle, o vencer (no caso: vencer sua intransigência), tira-lhe tôdas as suas armas, em que confiava, e repartirá os seus despojos. Quem não é comigo é contra mim; quem não colhe comigo desperdiça (Lc 11, 22). — Logo precisas estar com Cristo nesta oposição aos inimigos do lar, do *teu* lar.

IX

57. SETE MULHERES

agarrarão naquêle dia um homem, diz Isaías (4, 1), referindo-se à penúria de maridos causada pelas mortandades. As sete pretendentes avisam logo que só querem "o "nome do homem", vestindo-se e comendo por própria conta. Êsse nome lhes pouparia a vergonha da esterilidade. O nome do homem daria valor às suas pessoas.

Hoje, depois da vinda de Cristo com sua Mãe, a mulher já não pode ser estimada com os olhos da carne, avaliada ùnicamente pela tabela do homem como simples apêndice da criação. Cristo é hoje *a única medida,* o único padrão de todos os valores da personalidade humana. E todos, judeus ou gregos, escravos ou livres, homem e mulher, têm tanta dignidade moral quanta semelhança à imagem do Filho de Deus. No Evangelho homem e mulher são grandezas relativas. A mulher (portanto a tua companheira de mesa e leito) não se mede pela escala dos homens na terra. Mede-se pela do Homem-Deus e sua Mãe.

Interessante é o paralelismo usado por Cristo no seu Evangelho. Serve-se de tarefas masculinas e femininas para suas comparações, descrevendo seu reino e seus deveres.

Estarão dois no campo. Um será aceito e o outro reprovado. Estarão duas a trabalhar no moinho. Uma será aceita e a outra será reprovada.

Compara o reino dos céus a um grão de mostarda que *um homem* semeou. E ao lêvedo que *uma mulher* tomou e misturou com três medidas de farinha. Pergunta qual o homem que, tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixa as 99 no aprisco e vai à procura da extraviada. Pergunta igualmente qual a mulher que, possuindo dez dinheiros e tendo perdido um, não acende uma luz, varre a casa até encontrá-lo.

Refere-se à fé de um sírio leproso curado nos dias de Eliseu e à fé da viúva de Sarepta acudida pelo profeta Elias.

E' contrário à mentalidade de Cristo valorizar apenas o homem, dar-lhe todos os direitos e relegar para segundo plano a mulher. No sacramento que instituiu, para consagrar o amor do homem e da mulher, esta deve reconhecer no homem a sua cabeça, sem contudo perder coisa alguma da sua dignidade pessoal. O homem será o chefe do lar e ela será o coração do lar. Será companheira, sujeita por amor e jamais desvalorizada como pessoa humana. Sua lida dentro de casa, junto aos filhos, tem valor em si e não depende do "homem que lhe empresta o nome". Como pessoa humana não fica atrás do homem. Nem a diversidade de suas funções e de suas qualidades a reduzem a uma menor de idade (Faulhaber).

E' bom que o marido se lembre de tudo isso, como chefe na família. Evitará os ares e os modos de senhor absoluto. Pelo contrário, sua estima pela espôsa há de crescer e com ela a felicidade de ambos. Sem estima que note no marido, a espôsa não será elemento de felicidade na sua vida.

58. DESDE O OUTRO MUNDO

somos conhecidos e destinados um para o outro! Eis aí uma linguagem comum entre enamorados, traduzindo um fenômeno que se repete com freqüência. Os vários tipos funcionais querem completar-se mùtuamente. A mulher pensa como o homem de quem está enamorada e êste sente como ela. Não tarda, porém, a mudança dos rumos pessoais. Cada

qual assume sua modalidade pessoal de pensar e sentir. E' então que surgem as tensões.

Os dois tipos, bàsicamente diferentes, precisariam neste caso de um conhecimento mútuo mais profundo. Nada de almas inexploradas. Pois dia por dia um tipo ver-se-á obrigado a conviver e discutir com seu tipo oposto. Por êste motivo passo a expor a seguinte teoria de Plattner, na qual um marido bem intencionado achará bases para atitudes acertadas.

Há conflitos em muitos casamentos e, quem sabe? — no teu caso também, leitor. Alguém compara-os às enfermidades. Destas dizia um médico inglês do século XVII, Sydenham, que nada mais são do que um esfôrço da natureza para eliminar as substâncias que produzem a doença. Os conflitos matrimoniais são um esfôrço da comunidade matrimonial para conseguir sua unidade realmente harmoniosa. Como uma doença pode derrubar uma pessoa, pode um casamento perecer por um conflito que atinge sua crise. Mas que esta crise conduza à saúde espiritual ou à catástrofe, é assunto que depende em grande parte dos próprios casados. Tôdas as doenças são divinas e humanas ao mesmo tempo, na opinião do velho Hipócrates. Coisa parecida podemos dizer das crises matrimoniais. E' errado só lhes ver os defeitos. Em todos os conflitos pode andar escondido algo, que é portador da saúde e da paz.

Isto posto, passemos aos nossos "tipos funcionais". Aí está com suas dimensões:

o extravertido — que se dirige para o mundo exterior;
o introvertido — que olha mais para seu mundo interno.

Numa comparação singela, o extravertido pode ser comparado à água que se adapta à forma do recipiente. O introvertido é como um bloco de granito. Tem sua forma muito determinada e tenta impô-la ao seu meio, à água que o cerca ou à terra onde pisa. Não está sabendo disso, nem quer isso, mas o faz. Basta que pergunte a seu cônjuge extravertido.

O extravertido tem as janelas da alma bem escancaradas e gosta de comunicar-se com o mundo, a rua, a praça. O introvertido insula-se. O mundo, o ambiente é que devem adaptar-se a êle. O primeiro corre o perigo de perder-se no labirinto do mundo exterior. O segundo vive no risco de isolar-se, acabando prisioneiro de sua própria reserva.

O introvertido defende-se quando a vida o agarra e quer arrastá-lo. Mas inùtilmente tenta manter sua autodeterminação. Nesta tendência de firmar-se, inclina-se ao egoísmo. Sua imutabilidade lhe parece mais importante do que a comunidade conjugal. Para êle, amar é crescer acima de si mesmo. Já o extravertido vê no amor a tarefa de encontrar a si mesmo. Um quer a calma e a seleção de amigos. Seus sentimentos são águas de uma reprêsa: fundos. O outro — corredeira — tem grande precisão de sociabilidade. Não há perigo de preferir a companhia de animais à dos homens, como fàcilmente acontece com o seu oposto, que os aprecia como companheiros desinteressados e fiéis e discretos. Não lhe devassam o mundo interior. O introvertido emprega gostosamente o método da cortesia, cujas fórmulas lhe permitem manter contacto com o mundo e ao mesmo tempo alhear-se dêle. E' um contacto impessoal. Para o extravertido as fórmulas de cortesia são mais um impedimento do que um recurso. Sente-se freado por elas. Por isso a educação, a cortesia e certas convenções sociais o impedem de expressar, de uma maneira demasiadamente clara, seus sentimentos de simpatia e antipatia.

Um exemplo: Uma espôsa introvertida vai às compras. Já leva o pêso, a côr, o prêço, o tamanho bem fixos na cabeça. Di-lo claramente no balcão. E ninguém lhe impinge coisa diferente. Um marido extravertido vai ao balcão e lá se informa, deixa-se guiar, pergunta, indaga e sai com umas compras inúteis. E' claro que um há de censurar o outro e as censuras são tão equivocadas como exatas. Ou então numa roda o marido é o introvertido e ela a extravertida. Resultado? No fim da reunião o marido, de janelas fechadas, tem ganas de ralhar com a espôsa, por causa de seus modos, suas expansões que lhe parecem menos corretas. E ela o chamará de desmancha-prazeres, de atacado de complexo de distinção, de tipo insocial. Um marido insuportàvelmente correto. E êle, lá no íntimo, lamenta-se "de que deve entregar a educação dos filhos a uma mulher que não tem o senso das conveniências..."

Entretanto êsse marido, em certos momentos, aprecia os modos vivos, espontâneos, calorosos de sua espôsa. Modos de menina. E a espôsa sente-se amparada e protegida pelas maneiras tranqüilas e sempre reservadas do marido. E só

porque se sente ao lado dêle, é que pode comportar-se com tanta liberdade numa roda e divertir-se alegremente com os outros. No fundo é uma agradecida ao marido, embora momentâneamente se enfade com o tal secarrão.

Vê o leitor que poderíamos ir longe, se nos puséssemos a picar em migalhas o dia de um casal. Êstes dados bastam, por enquanto. O marido que se aprofundar na análise da espôsa, no roteiro de sua alma, correrá menos perigo de em tudo vislumbrar má vontade, falta de compreensão, de educação e de formalidade. As pessoas são como as impressões digitais. Não há uma igual à outra. Coisas geniais da natureza. Com isto a situação perde muito de seu caráter provocador de conflitos. Aceita-se o fato como se aceitam os fenômenos da natureza, que talvez não agradem, mas que se não podem mudar "nem insultando, nem sentindo-se insultado".

Remédio para chuva, leitor? Ficar em casa ou sair com um impermeável ou bom guarda-chuva. Não tentamos modificar o estado atmosférico, mas a êle nos adaptamos.

Aqui deixo Plattner a quem segui de longe; e com variantes e atalhos. Mais adiante vamos encontrá-lo de novo.

59. O "NÃO" EM TEU LAR.

— Não há corretivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que o enfeiteis um *não* sempre amarga. Por mais que o enfeiteis sempre é feio. Por mais que o doureis sempre é ferro. A língua hebraica, que é a que falou Adão, e a que mais naturalmente significa e declara a essência das coisas, chama ao negar o que se pede envergonhar a face. — Quem te avisa sôbre o *não* é o velho P. Vieira.

Infelizmente eu tenho de pronunciar êsse antipático, mas salvar *não,* na seguinte hipótese. Aconselharam à tua espôsa uma mutilação ou esterilização dos órgãos internos, fontes da vida. Ela talvez esteja de acôrdo, talvez viva reclamando essa operação. Muitas amigas já fizeram o mesmo e agora estão passando tão bem! Como homem armado de sãos princípios deves vigiar, para que não "perfurem tua casa", não a deitem por terra. A lei natural e divina prescreve o seguinte:

"Tôda mutilação sexual é falta grave. Logo qualquer operação (amarração, ressecção, ablação, aplicação de raios X e muitos outros métodos) que tenha por efeito esterilizar é ilícita, é imoral.

Só é lícita a mutilação dêsses órgãos, quando são focos ameaçadores da vida no corpo inteiro. Neste caso, estando a parte submetida ao todo, como é lícito amputar um braço gangrenado para cortar uma infecção total e mortal, de igual modo podem ser removidos os órgãos sexuais atacados. Intervém-se num órgão atacado, que no caso é um órgão sexual, mas não porque é tal órgão. Fôsse um outro qualquer, e far-se-ia do mesmo modo a intervenção. Empregou-se até um esfôrço para salvá-lo, o mais possível.

A esterilização ilícita, pelo contrário, é uma mutilação que ataca o órgão sexual, justamente porque *é tal* e pela operação espera-se conseguir a esterilidade. E' uma conseqüência diretamente visada.

Numa palavra: a mutilação sexual é lícita, quando feita para salvar o corpo todo, *mesmo* que cause a esterilidade e mesmo *sem* a esterilidade influenciar na saúde do enfêrmo.

E' ilícita, porém, quando é feita *porque* conduz à esterilidade e *porque* esta traz o bem desejado" (Ricaud).

Eis a razão: O homem não passa de um usufrutuário dos bens que Deus lhe pôs nas mãos. Deve conservá-los, por todos os meios. Não pode sacrificar uns aos outros, quando lhe é dado conservá-los todos, devidamente subordinados segundo a respectiva importância que possuem. Sem violar a lei natural e divina não pode o homem inutilizar os órgãos de geração, como tão pouco lhe é permitido despojar-se da faculdade de gerar. O uso dessa faculdade não é obrigatório. Procriar é o exercício de um direito (no casamento). Não é cumprimento de um dever, salvo circunstâncias especiais.

Tornar artificialmente infecundos, de um só golpe, os atos conjugais pela esterilização ilícita, é um ato imoralíssimo. Concentra num só ato a malícia de inumeráveis pecados futuros.

Creio que o leitor bem me compreendeu. Lamento muito, mas tenho um outro *não*, para uma outra hipótese. Sei que tua espôsa fará um rosto fechado, batizando-me de antipático e atrasado, intolerante e cruel. Entretanto curvo-me res-

peitoso perante o heroísmo de muitas espôsas tementes a Deus, que enfrentam corajosamente o dever.

— Mas se uma nova gravidez puser em perigo a vida de minha mulher, cujos órgãos estão agora em perfeita saúde, não poderei admitir ou exigir uma mutilação esterilizadora?

Não. Só resta, neste caso, uma saída. Ou a continência perpétua ou a periódica, de acôrdo com os dias agenésicos. Pois uma mulher, atualmente sadia, sem ameaça alguma por parte de seus órgãos internos, não tem direito de extirpá-los ou de atentar contra sua potência natural. Não é a conservação dêles, de suas faculdades naturais, o que expõe à morte. E' o resultado dos atos conjugais: gravidez, complicações anormais no momento do parto.

Nenhum médico de consciência reta, marido algum bem formado e temente a Deus aprovará, executará tal medida, sob pena de participação num crime. Esta é a doutrina da moral sôbre a *esterilização terapêutica.*

Sôbre *a esterilização eugênica,* para melhoria da raça, a Igreja católica é positiva. Condena-a como intrìnsecamente ilícita, mesmo quando praticada pelo Estado.

Pio XI diz claramente:

"Nem os próprios indivíduos têm, sôbre os membros de seu próprio corpo, outro poder do que o relacionado com seus fins naturais. Não podem nem destruí-los, nem mutilá-los, nem torná-los por outros meios inaptos para suas funções naturais, salvo quando de outro modo não é possível acudir ao bem do corpo inteiro. Esta é a firme exposição da doutrina cristã, esta é também a certeza que proporciona a luz da razão.

Os governantes, por sua vez, não têm poder algum direto sôbre os membros de seus súditos. Assim, pois, não podem condenar nem mesmo atacar diretamente a integridade corporal, quando não exista culpa alguma ou causa de castigo cruento. E isso não podem nem mesmo por causas eugênicas, ou por outras causas que sejam.

E dá a razão: a família é mais sagrada do que o Estado, e os homens são gerados principalmente para o céu e a eternidade, e não para a terra e o tempo. Não admite

se proíba o casamento a homens capazes dêle, mas defeituosos. Diz que proceder assim é proceder... perversamente (Casti Connubii).

60. CORPOS PERDIDOS

assim poderíamos chamar o corpo do marido e o corpo da mulher no casamento. Um perdeu para o outro, cedeu-lhe o corpo com vistas à procriação dos filhos. Daí nasce o direito e o dever das relações conjugais, havendo perfeita igualdade neste ponto. Iguais são os direitos e os deveres do homem e da mulher.

Uma coisa é, porém, *o direito* e outra o *seu uso*. O direito às relações é essencial ao casamento e constitui pròpriamente o objeto do contrato matrimonial. O uso, entretanto, não é essencial, nem obrigatório de modo absoluto. Por isso marido e mulher podem, de comum acôrdo, abster-se das relações. Por pouco tempo, por muito tempo, para sempre. Motivo? Porque não querem aumentar de modo irrazoável o número dos filhos, por espírito de sacrifício, por virtude. Lemos que vários santos assim procederam, vivendo como irmão e irmã. Eram esposos e cônjuges, embora não chegassem a ser marido e mulher por não usarem do casamento.

E' bom saiba o leitor ser prática de muitos casais cristãos a continência em certas épocas do ano, como, por exemplo, pela quaresma, à véspera de grandes festas religiosas. Isto fazem de comum acôrdo, desejosos de oferecer uma renúncia, de afirmar o direito do anjo na criatura humana. Prudente sistema há nessa renúncia voluntária. Assim quando a doença impuser continência, talvez longas, encontrará a vontade robustecida no sacrifício. S. Paulo desceu a êsse pormenor, escrevendo: "Não vos priveis um do outro senão de comum acôrdo, durante algum tempo, para vos aplicardes à oração. E de novo tornai a coabitar, para que não vos tente Satanás por vossa incontinência" (1 Cor 7, 5).

Portanto nada de impor, ou forçar uma continência. Não sendo essencial e indispensável ao casamento o uso do direito ao ato conjugal, temos a seguinte conseqüência: *Por si* nenhum dos esposos está obrigado a pedir as relações. Contudo poderá haver razões particulares que tornem obrigatório êsse pedido. Certos mal-entendidos, a necessidade de

prender o amor ou reacendê-lo, de afastar certas tentações poderão obrigar a um pedido.

Estrita obrigação existe de prestar o dever conjugal, quando uma das partes o pede com *prudência e seriedade.* Neste caso a recusa seria injustiça grave, só desculpada na presença de um verdadeiro e proporcionado motivo. Neste ponto faltam mais as mulheres, alegando desculpas insuficientes e obrigando o marido a continências forçadas e penosas, ou levando-o ao pecado.

As relações devem ser leais, respeitadoras do programa, do rito traçado por Deus. Devem ser moderadas quanto à freqüência, cabendo aos casados encontrar a justa medida perante as semelhanças e diferenças de sua constituição física. A palavra do médico cristão pesará no caso.

Cuide-se o marido perante a frieza ou o ardor excessivo da espôsa. Fàcilmente poderá cair em excessos de receitas. De outro lado não alegue seu "tipo emocional" para ser um guloso e glutão.

As relações sejam caridosas, tendo em vista o cansaço, a saúde, a repugnância da espôsa, da mãe ocupadíssima. Sejam nobres, excluindo "compras e concessões" à fôrça de presentes, de explorações da fraqueza feminina. Não há obrigação de atender ao dever conjugal:

1) quando o cônjuge infiel e adúltero o reclama. Perdeu o direito perante a parte inocente, a não ser que esta lhe queira perdoar o êrro;

2) quando quem o pede quer proceder de modo gravemente pecaminoso. E' o caso do marido onanístico ou sodomita. À espôsa cabe *o direito* de recusar-se. Sôbre *o dever* de recusar-se já tratamos em outro livro;[1]

3) quando o pedido não é sério e razoável. Marido embriagado, inconsciente, louco, atacado de moléstias feias, contagiosas, não pode ser levado a sério. Sempre que a espôsa pode temer com razão um dano para a prole concebida ou a conceber, perde o marido seu direito.

A exagerada, descabida freqüência do pedido justifica uma recusa, porque já não é razoável o modo.

Se houver, leitor, motivo justo para uma sonegação de tua espôsa, não te rebaixes a ameaçá-la com... outra mulher, lá de fora. Se for séria a ameaça, já és um adúltero pela

[1]) *As Três Chamas do Lar.* — Vozes, Petrópolis.

intenção. A tal preço, as relações conseguidas nunca serão fusão de almas. Haverá sempre uma alma violentada, revoltada.

Sobretudo a recém-casados convém lembrar que as criadas não se empregam para verem cenas de intimidades numa sem-cerimônia escandalosa.

61. A REALIDADE DE UM INSTINTO

Resumem-se a três os caminhos do homem: a realidade *sem Deus,* que é a desassociação dos materialistas. Deus *sem a realidade,* que é a desassociação dos pseudo-místicos. A realidade *com Deus,* que é a fé cristã. E' o caminho mais penoso. Viver a realidade, tal qual é, sem dar ouvidos à voz de Deus, é mais fácil. Também é isso responder sentimentalmente a uma chamada, fechando os olhos à realidade. Ser materialista ou idealista é mais fácil. Ser cristão é difícil.

O leitor precisa aplicar a receita à realidade de sua vida sexual, com seu poderoso e providencial instinto. Ter idéias dentro das quais haja lugar para Deus. Hoje em dia, sobretudo. Urge conhecer qual a disciplina a que deve se sujeitar. Pode um marido abster-se, não havendo nessa abstenção um valor positivo. Pode largar as rédeas ao instinto, rolando para a devassidão. Mas pode levantar-se à altura de uma liberação, escapando a precipícios. Basta sujeitar totalmente sua vida sexual à lei divina.

Contudo, leitor, uma observação orientadora no caso: "Um médico não te prometerá a cura de um fígado, se teu estado geral não é perfeito. Não se cura um órgão em separado, porque não está enfêrmo *sòzinho.* A submissão da vida sexual a Deus só é possível, quando está inscrita no quadro da submissão *total* da vida a Deus. Fàcilmente conquista-se uma cidade fortificada só de um lado. Sòmente uma vida cristã integral é o maior remédio para os problemas sexuais. Êsse remédio chama-se uma Redenção. Isto é certo: uma vez convencido de que seu corpo é templo do Espírito Santo e também membro do Corpo de Cristo, não torna o cristão a usá-lo de outra forma (a não ser por esquecimento). Vemo-lo na reflexão horrorizada de S. Paulo: Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Hei então de abusar dos membros de Cristo, para fazê-los membros de uma prostituta? Deus me livre! (1 Cor 6, 15).

Também o instinto sexual é filho de Deus. E' um menor de idade, a quem se precisa vigiar com grande cautela. Mas que ódio secreto há contra êle, para convertê-lo num bastardo que tem de ser separado da família e da casa do Pai? Satanás sabe perfeitamente o que faz, insinuando isso. Leva à abdicação e ao desespêro aquêle, a quem Cristo veio curar no corpo e na alma" (Ricaud).

Esta é pois a realidade na tua vida de marido cristão: Tens o instinto sexual, com sua atividade no corpo, corpo que foi objeto de contrato-sacramento quando te casaste. Converte-o numa realidade *com Deus,* pelas idéias, pelas atitudes, pelo uso indicado pela natureza e meritório pelo sacramento. Por isso, guerra a revistas, cinemas, teatros, televisões que consideram *sem Deus* tão tremenda realidade.

62. ADÃO CONHECEU SUA MULHER EVA

diz a Escritura (Gn 4, 1). Há nestas palavras um sentido espiritual mais profundo do que literal. Para S. Paulo é o homem o "salvador da mulher". Nesta altura lembre-se o homem de tudo o que forma a psicologia feminina. Quantas atenções deve ter para com sua espôsa! Conquiste-lhe o coração de modo amável, com gentilezas e delicadezas, não se entregando aos caprichos da natureza, à brutalidade dos instintos. A facilidade em concordar com uma continência insinuada pelas precisões da espôsa será também uma prova de amor.

Quem ama verdadeiramente, segundo o espírito, é cheio de discrição e atenções para com a outra parte. Adivinha e previne-lhe os desejos. Aceita antecipadamente os sacrifícios impostos pelo amor. Pela sua constituição é o homem mais inclinado a procurar a satisfação de seu instinto sexual. E' mais ávido, atinge-o mais depressa e em geral sem fadiga. A mulher pelo contrário procura mais a carícia. Seu instinto sexual acorda mais devagar. Geralmente espera que o marido reclame o dever conjugal. Raramente o pedirá e periòdicamente sente-se fatigada.

Os casados devem conhecer-se mùtuamente, tanto física como psìquicamente e ter em vista suas diferenças. Entre êles é preciso que haja a maior sinceridade e franqueza. Seria funesto, se ambos se fechassem numa reserva mútua.

Não temam a permuta recíproca de todos os seus sentimentos, mesmo sendo divergentes. Compreensão e mútua indulgência são deveres também.

O ato sexual, realizado no casamento, de acôrdo com a lei natural, impregnado de amor espiritual, está longe de ser um ato vulgar. Adorna-se com tôda beleza da ordem natural respeitada, e com uma dignidade e uma nobreza espiritual sem par. Centro da vida matrimonial, êsse ato deve ser, como ela, santificado. Tôda doação carnal de si mesmo, neste cenário, possui um caráter sagrado por fôrça da santidade do sacramento do matrimônio. Êste sacramento consagra o ato sexual e nêle tem sua própria consumação.

Uma nota: quando o casamento não chega a consumar-se no ato sexual, não adquire indissolubilidade absoluta e pode ser anulado.

De modo muito especial, a doação física de si mesmo, unida à intenção de procriar, adota já por si mesmo um caráter religioso e sagrado. Os esposos recebem de Deus sua faculdade procriadora. Ao exercê-la participam do poder criador do Pai da luz.

O verdadeiro amor espiritual impede seja a união da carne um ato meramente animal, realizado sob a maré do instinto. Impede se converta num ato brutal e cruel. Dele aparta tudo quanto poderia ferir a dignidade humana, a dignidade do pai e da mãe, o espírito cavalheiresco e o sentimento do pudor. Êsse mesmo amor espiritual cumpre a missão de velar pela pureza dos costumes, obstando que o ato sexual venha a ofender de algum modo a virtude da castidade. Por isso, um ato sexual contra as leis da natureza não pode jamais ser uma verdadeira expressão de amor.

Eis o que apresento ao leitor, citando livremente a Streng. Não admira haja leis severas regulando êsse ato.

Mas leis que são cadeias, tanto para o homem como para a mulher. Pois a Escritura diz claramente que o homem não é dono de seu corpo, nem a mulher também, quando unidos no matrimônio. Um é devedor do outro.

Há maridos que não conhecem, ou fingem não conhecer a espôsa. Notam a maré de seus desejos, a flexa de seus agrados, de acôrdo com a data de certa tabela que fala de uma floração do instinto. Num e em outro caso são censuráveis, imprudentes, injustos. Esperam por um pedido for-

mal, deslembrados que ela também tem lá seu orgulho de mulher. Não quer declarar que o marido lhe faz falta. Preferiria que êle desse por essa falta, poupando-lhe o amor-próprio, o pudor.

Estão aí os apressados. Também para o rito do amor, como se êste fôsse qual sêde que se sacia com um copo d'água, sorvido às pressas e colocado no seu lugar. Ela quereria sentir-se envolvida numa demorada prova de amor e intimidade. E' a sua hora. Deseja-a lenta como uma aurora que precede ao sol. Com tempo para as almas entrelaçarem seus sentimentos, num mútuo enaltecimento.

Não sendo assim, êsses apressados deixam a espôsa insatisfeita de alma, porque lograda na sua esperança. Deixam-na a meio caminho do gôzo para o corpo. E sem desenrolar em vários fios o novelo de seu coração.[1] Nada altera o programa, leitor: Adão deve conhecer sua mulher Eva.

63. NO SEU PROCESSO

de beatificação falarão de mim, porque contribui bastante para exercitá-la na paciência. — Assim confessava com sinceridade o marido de madame Acarie, de quem já em vida afirmavam ser uma santa.

Com efeito, falou-se muito dêle, homem de autoridade versátil e imprudente. Como se falou muito do marido de Taïgi, um tal Domênico, urso não domesticado, de bom coração. Mas ora fraco, ora violento. Ora entupindo as crianças com doces, ora mandando-lhes à cabeça uma cadeira.

Meu leitor, respeitarás sempre as qualidades da autoridade: ser justa, ser prudente, ser precisa e oportuna. Justa — respeitando o que é direito de Deus e direito da consciência e pessoa humana em tua espôsa. Nada de lhe impor leituras, divertimentos, "fraudes" contra a vida. Nada de

[1]) Interessante é a observação que faz, sôbre isso, o Dr. Picard, obra citada: "Depois de alguns anos de casamento, há maridos que se admiram de ver a espôsa flertar, aliciar com meiguice os homens. Certamente está errada. Mas os maridos bem poderiam fazer um exame de consciência. Não recusaram, por uma preguiça egoísta, satisfazer-lhe os legítimos desejos? Não se esqueceram de, por atenções e amabilidades, lhe dar o alimento da ternura, que é o mais desejado pela mulher? Deveis evitar êste êrro. O amor quer ser vigiado durante tôda vossa vida" (p. 119).

lhe impedir o livre exercício de sua religião. O chefe há de ser guia e anjo tutelar. Nunca sedutor, traidor, demônio.

Prudente, fugindo dos caprichos que hoje quer isto e amanhã, ou horas depois, o refuga. Do contrário o leitor será "muito falado", num possível processo de beatificação da santa que tem em casa.

Autoridade precisa e decidida, que não comece a vacilar e recorrer a paliativos à hora de uma ação. Do contrário a mulher terá que tomar as rédeas da casa. Mal menor, sem dúvida, mas sempre um mal. A desgraça de um povo, gemia Isaías (3, 12) profeta é ter êle caído sob a dominação de mulheres. Seja o leitor capitão de seu navio, de mão firme e resoluta no leme. Lembre-se do que Pio XII recomenda: não pode o homem abrir mão de sua autoridade, largar o seu cetro por indolência, distração e egoísmo (Aloc. 10 de Set. de 1941).

"Lembra-te dos teus limites" e seja humilde tua autoridade. Tua companheira — direi com Bessières — não é um *zero* e tu um *infinito*. Muito marido olvida-se de uma coincidência: aquela que é sua espôsa é cooperadora de sua paternidade. Espôsa e mãe. A forma da humildade é o respeito no tratar, no falar, no reclamar, no chamar a atenção. A arte de mandar é de tôdas a mais difícil. Por desgraça, sempre achamos que nasce conosco. Muito marido julga possuí-la, sem jamais a ter aprendido.

Na missa dos esposos a Igreja diz como deve ser tua autoridade: um jugo de paz e de amor. Jugo, amigo, é puxado por ... dois, que repartem o pêso entre si. Essa humildade tornará prudente a autoridade.

Não falte enfim a oportunidade, um certo oportunismo. Direito absoluto não figura entre os direitos humanos. E' preciso contar com o tempo. Por que exigir que tua espôsa fale e proceda aos vinte anos, como o irá fazer aos sessenta? Há maridos que pensam pela mulher, que a obrigam ao papel de mata-borrão: chupar a tinta das idéias do chefe. Urge deixar-lhe certa iniciativa, quanto aos meios de executar um desejo manifestado pelo espôso.

Eis o que em resumo, livremente citado, te aconselho com Bessières.

X

64. GULOSOS E GLUTÕES

Há maridos dêste feitio. Cama e mesa conhecem-nos. Nesta humilham a espôsa por contínuas reclamações, receitas que corrigem, prescrevem e aplaudem. Nunca a pobrezinha acerta para seus paladares exigentes e caprichosos. Acaba ouvindo louvores a outras donas de casa hábeis em tudo.

Naquela rebaixam-na, porque só se interessam pela carne, pelo gôzo, pela fome insaciável. Norma única é o apetite sexual. Daí aquelas relações com freqüência cansativa, mais vêzes na semana, ou, se mais espaçadas, feitas com tôda técnica do prazer. Fogos e labaredas da carne.

Surgem então as receitas e os truques. Umas para intensificar o mais possível o gôzo dos sentidos. Outros para iludir a vida, injuriar a moral, irritar a Deus e violentar a consciência da espôsa. Tais maridos entram na lista dos condenados por Pio XI e Pio XII. Deus não os chama de gulosos. Compara-os rudemente a... "irracionais" (Tob 6, 17).

Pior é o caso quando tal marido encontra uma espôsa ufana do seu "sex appeal", que lhe oferece sòmente uma vigorosa sexualidade. O leito conjugal é profanado então pela orgia dos sentidos, pelo despudor. Que sobra da castidade, da graça do sacramento, da dignidade de cristãos?

O guloso e glutão, na mesa e na cama, acaba sendo desprezado, por si mesmo, por outros, pela companheira. Ainda mais quando êsse marido, treinado no prazer comprado, quer aplicar à espôsa os métodos que usou em tempos idos, com outras mulheres. Fêz aprendizagem, diplomou-se talvez. Muito entre nós: será o teu caso, leitor?

Já sabe o leitor o que Deus pensa do prazer, que êle mesmo uniu a uma séria obrigação. Sempre há de ficar um meio e nunca uma finalidade. Sempre há de ser respeitador das jerarquias no casamento: procriação, amor, mútuo enaltecimento, mútuo apaziguamento. Sabe que êsse prazer não pode ser egoísta, mas há de ser comum. Espôsa, que serve a um marido e queda-se com a prova de que êle a procurou egoìsticamente, só para si mesmo, adormece com um demônio na alma: a tentação de achar outro, que se lembre de que ela é mulher, capaz de gôzo e orgasmos.

E quando então surgirem as continências impostas pela doença, pela ausência, que sucederá ao guloso? Êsse *gourmand et gourmet,* em mau sentido, calcará aos pés a fidelidade. Depois de humilhar o corpo, humilhará a alma da espôsa traída.

Se o leitor é pai e tem filho môço, avise-o sôbre isso: nada se improvisa no leito conjugal. Há de ser preparada a virtude, a continência, o respeito, por uma vida casta antes do casamento.

O melhor meio para escapar a tal gula, leitor, será uma rigorosa disciplina em tôda extensão de tua vida: leituras, divertimentos, conversas. Há uma gula dos olhos nas ruas, nas reuniões, e em outros lugares. Há uma gula das mãos, do coração. Sei que me entendes... Mesmo, como provas de amor, tuas relações podem obedecer a uma tal qual disciplina. A espôsa perceberá, imediatamente, quem está com a direção da orquestra dos sentidos, quando a procuras para a sinfonia do amor. Sempre te ficará agradecida, se não a considerares como interessante para tua gula de carne e de formas.

65. UTOPIAS E IDOLATRIAS

Nunca é demais a repetição dêste princípio: O papel normal da castidade conjugal não consiste em diminuir a intensidade do prazer nas relações. Querendo Deus servir-se da cooperação do homem e da mulher para a propagação do gênero humano, unindo-os no matrimônio, dispôs sentissem os casados — um prazer e uma felicidade no corpo e no espírito, nessa função geradora, eis como Pio XII explica o problema. A presença do prazer não é contra a castidade. Esta consiste em orientá-lo, em conferir-lhe tôda sua dignidade humana e cristã.

Luís IX, o santo rei de França, era castíssimo. Entretanto soube mostrar amor, ternura nas relações com Margarida, sua pequena e encantadora espôsa. Seguiu o conselho do Sábio, "gozando da companheira de sua mocidade" (Prov 5, 18).

Soube também privar-se dêsse prazer, santificando certas épocas e certos dias do ano, conforme combinação com a es-

pôsa. Utopia é imaginar-se um marido uma castidade, que não lhe permita sentir "o que Deus concedeu".

Aqui menciono a opinião do grande S. Tomás. Afirma êle que no estado de inocência — portanto de maior castidade — o gôzo nas relações teria sido tanto mais acentuado, quanto mais pura era a natureza e mais sensível o corpo. [1]

Entretanto não queremos com isso favorecer a idolatria do gôzo, da função geradora. E' isso recomendação positiva de Pio XII.

"Exaltar — diz êle — além da medida, como hoje se faz não raras vêzes a função geradora, mesmo na forma justa e moral da vida conjugal, é não sòmente um êrro e uma aberração. Acarreta o risco de uma desviação intelectual e afetiva, apta para impedir e sufocar bons e elevados sentimentos, especialmente na juventude, ainda desprovida de experiência e desconhecedora dos desenganos da vida. Porque, enfim, que homem normal, são no corpo e na alma, quereria pertencer ao número dos deficientes de caráter ou de espírito?"

Mais adiante lemos na mesma alocução: "Êsse hedonismo anticristão não se envergonha de erigir como doutrina a ânsia de tornar cada vez mais intenso o gôzo na preparação e execução das relações conjugais. E isso como se nelas tôda lei moral se resumisse no regular cumprimento do próprio ato. E como, se todo o resto, feito de qualquer maneira que seja, ficasse justificado com a efusão do recíproco afeto, santificado pelo sacramento do matrimônio e merecedor de louvor e prêmio perante Deus e a consciência. Não se tem cuidado com a dignidade do homem e a dignidade do cristão, que põem um freio aos excessos da sensualidade".

Corajosamente sustenta o homem de branco: Nem a gravidade, nem a santidade da lei moral cristã permitem ao homem racional conceder tal domínio ao prazer. Tanto no que concerne à substância como às circunstâncias do ato. Tão pouco a felicidade no casamento está na razão direta com o *prazer recíproco* nas relações. Não. A felicidade está em razão direta com o *mútuo respeito* entre os esposos, mesmo durante as relações íntimas, êles não julgam nem

[1]) Summa Theologica, I, q. 98, a. 2.

repudiam como imoral o que a natureza oferece e o Criador concedeu. O mútuo respeito e a mútua estima, nessa hora, são um dos elementos mais sólidos de um amor puro e por isso também mais terno. Não há nada de maniqueísmo ou jansenismo nesta doutrina. Visa sòmente a honra do casamento cristão e a dignidade pessoal dos esposos".

Aqui, um toque no nervo de tua consciência, leitor. Falta em tua vida de casado (ambos, tu e ela) a vigilância sôbre leituras, revistas, teatros e filmes, ao correr do dia e à entrada da noite? O dia inteiro multiplicam-se êsses excitantes? E como então a castidade há de achar um lugar em teu leito?

Locht aconselha: Se os esposos constatam, com tôda lealdade, a ausência da pureza em suas relações íntimas, perguntem-se qual o clima que cerca sua comunidade conjugal. Há clima suficiente para o amor e generosidade, para uma vida autênticamente cristã?

66. DE BOTINAS FERRADAS

E' um médico que nos conta o seguinte:

"Quando começamos a trabalhar aqui, eu tinha que suar como um demônio para ganhar a miséria de dois xelins e seis pences. E agora por um trabalho de três minutos (umas injeções) recebo cinco guinéus.

Minha espôsa não respondeu, mas serviu-me em silêncio outra xícara de chá. Qualquer coisa em sua reserva irritou-me.

— Que é que há? Você não acha que mereço algum crédito? — E alisei as lapelas de meu terno de talhe impecável feito em Savile Row.

— Afinal de contas, já vão longe os tempos em que eu tinha de bater a pé pelas ruas para visitar os mineiros, metido num impermeável imundo e de botinas ferradas.

Ela olhou-me bem nos olhos.

---

[1]) Alocução às parteiras, 29 de Outubro de 1951 — REB. XI-1951.
[1]) A. J. Cronin, *Pelos Caminhos de Minha Vida* (Memórias) — Livr. José Olimpo; p. 235.

— Acho que eu gostava mais de você com aquelas botinas ferradas. Você preocupava-se mais com os seus doentes e menos com os seus guinéus, quando as usava.

Corei até à raiz dos cabelos. Tive ímpetos de botá-la para fora da sala, com um "Diabo do inferno! Não há nada que a satisfaça!" — mas surpreendi-me calado. E então, depois de uma longa pausa, resmunguei:

— Talvez você tenha razão... Não devo esquecer-me jamais daqueles tempos... Valeram a pena".

Eis aí o mútuo aperfeiçoamento. Uma leve censura da espôsa ao marido, que ia se tornando cada vez mais interesseiro, cada vez mais bem instalado. E menos médico. Um exame de consciência e um remorso a martelar e uma resolução salvadora.

Dar valor à espôsa é uma grande ciência e grande prudência. Um velho humanista Yves de Paris, sábio capuchinho, previne os maridos:

"E' verdade que dá motivo para queixa ver-se o homem, por condição da natureza, obrigado a converter em metade de si mesmo um sexo fraco. Mas se as inclinações desta mulher são doces, são também suscetíveis de tôdas as boas impressões que lhes quiserdes dar. Tendo-a animado com vossa prudência, considerá-la-eis como maravilha vossa e duplo objeto de amor. Vossa contínua conversação poderá inspirar-lhe um espírito másculo, com lucro vosso em conselhos para vossos negócios e sempre com notáveis alívios no lar. E se vossos esforços não conseguem tirar o que a natureza pôs de fraco nesse pequeno coração, considerai que a Providência assim o permite. E isso para temperar vossa inclinação muito turbulenta. Seus temores moderam a temeridade de vossos empreendimentos. Suas lágrimas apagam o fogo de vossas cóleras. Suas ternuras, suas pequenas vaidades, também, vos dão a preocupação com as coisas pequenas. Destas vos dispensaria, ao contrário, vosso "humeur sauvage" (em bom português: vossos modos selvagens), com sacrifício das exigências da civilidade".

Termina recomendando ao marido assegurar-se a fortaleza dêsse coração para nêle depositar uma parte das preocupações; seu amor, para colhêr consolações e assistências necessárias nas doenças.

67. COISAS LíCITAS E ILíCITAS

Já sabe o leitor que o matrimônio se destina à procriação e ao mútuo aperfeiçoamento moral dos esposos. E' terra fértil para progressos no legítimo amor humano, rumo a Deus, à santidade. Para isso é sacramento com fôrças sobrenaturais. Portanto a castidade, como virtude obrigatória, é companheira inseparável dos casados.

Aqui exponho normas imperativas para ser casta a cópula carnal, castas as carícias e intimidades entre marido e espôsa.

1. Todo abuso voluntário da fôrça procriadora, sem verdadeira relação com o outro sexo é ilícito, gravemente pecaminoso. Em teu caso, leitor, seria um adultério. Falta-lhe a necessária relação entre o meio e o fim. O caso do vício solitário.

2. Nas relações entre dois sexos, o ato sexual há de ficar nos limites bem definidos do matrimônio. Por isso tôda relação entre pessoas solteiras, ou entre pessoas casadas e solteiras (amor livre... amor venal — fornicação, adultério) — é gravemente proibida por Deus.

3. No casamento as energias sexuais estão subordinadas à grande finalidade de transmitir a vida, nos devidos limites.

O marido, como mestre da espôsa, precisa saber o seguinte:

"*Intimidades, em vista do ato conjugal* assim como Deus o ideou para a propagação da vida, obedecem também a normas severas.

I) E' gravemente ilícito tudo o que tende a frustrar a vida vindoura a nascer da cópula natural (onanismo).

II) E' perfeitamente *normal* e *lícito* — bom e meritório também — tudo que vai ao encontro dessa grande intenção de Deus e procura secundá-la, facilitá-la. Tôdas as familiaridades que servem para preparar e completar o ato conjugal, correto e completo, são permitidas sem culpa.

E' claro, os esposos saberão fugir do vulgar, vigiando uma paixão que é ligeira em tomar as rédeas da vontade. Saberão dar um sentido de elevada dignidade, de recíproco respeito, educada reserva e delicado pudor nessas ocasiões. Aqui atenção com certos truques e receitas do "tal

matrimônio perfeito". Neste caso, pôsto o ato em tôda a sua carnalidade refinada e gozada, os esposos sentirão mútuo asco um do outro. A carne sufocou o espírito.

Sadias liberdades fazem parte da vida conjugal. Uma reserva exagerada e descabida prejudicaria a intimidade que se impõe entre casados, que contribui para acordar o desejo, dar uma satisfação mais completa. Escrúpulos neste ponto (máxime por parte da espôsa) devem ser esclarecidos.

Nesta altura, atenção com a harmonia sexual nas relações. Muitas espôsas só lentamente, mais devagar do que o marido, chegam ao prazer genésico. Têm um orgasmo sexual retardado. Impõe-se, pois, ao marido procurar essa harmonia, êsse gôzo conjunto. Longe por isso tôda brutalidade. Saiba refrear sua concupiscência, seus nervos, agindo com doçura e delicada afetuosidade. A canção do amor tem um prelúdio.

III) Tudo que, pròpriamente falando, nem favorece nem se opõe maliciosa e completamente ao fim principal —, não é por si gravemente ilícito e proibido, mesmo não sendo inteiramente normal" (A. Boschi, S. J.).

Um espôso cristão, compenetrado do sacramento, do seu simbolismo, do programa "de ascensão" ao eterno Amor, que é Deus, através do amor humano —, saberá sentir o que convém ou não convém. Para dúvidas que aparecerem tem o recurso da consulta a um sacerdote de sua confiança. O que importa é não profanar o leito conjugal, onde nasce a vida para Deus e a sociedade. — Adiante exporemos outras normas.

68. MENINO MALCRIADO

Não penso no garôto da rua, nem no filho do vizinho, nem em teu filho ao escrever o título supra. Penso..., com licença, no leitor destas e das seguintes linhas.

O cenário é simples: um doente — e dos piores — médico. Certas normas que deve observar e são urgidas pela enfermeira e pela espôsa. Insubmissão do marido:

— Tenho muita coisa para estudar, disse êle, empurrando como um menino malcriado as cobertas com que cui-

dadosamente o envolvera a enfermeira. Iniciei o tratamento sugerido. Explosão completa.

— Escute aqui, *seu* malcriado e oportunista... E nesse tom continuei, dizendo-lhe que eu podia não entender nada de medicina e cirurgia, mas que sabia lidar com um fedelho mal-educado". — Assim uma espôsa relata-nos sua luta com o espôso teimoso. [1]

Há em tôda espôsa um estôfo materno com relação ao marido. O homem por sua vez, ao casar-se, procura também uma segunda mãe que lhe dê confôrto material, que termine sua formação, que amenize seus modos e sentimentos. Quer olhar o mundo através dessa ótica feminina-materna. Suas roupas, seus pertences, até o nó na gravata em um dia de festa e recepção, ficam por conta da segunda mãe. E nem faltam os maridos que, sendo pais, se enciúmam do garotinho que lhes rouba a primazia, que lhes furta o colo.

Mas infelizmente êsse menino, que tanto exige, tem não poucas vêzes conduta incorreta. Modos de mal-educado na sua vida íntima de relações, a partir da primeira noite. Vai assim afastando de si a afeição da espôsa, cujo pudor é sacrificado. Modos de mal-educado à mesa, apesar de uma aparente civilidade externa. Desatenções com a espôsa, no trato social, tão notado por êle quando cometidas por outros maridos.

Feliz dêle, quando tem por companheira uma alma delicada, meiga, mas firme e jeitosa em lhe corrigir tal conduta.

— Em casa, eu e o garotinho temos o mesmo diminutivo no nome, dizia-me um pai.

— E não há confusão quando êste diminutivo é chamado pela mãe?

— Nenhuma. Quando atrás do nome vem uma descompostura. ., é para o garôto. Não é comigo. Faço tudo por nunca merecê-la.

E os elogios que a espôsa me fazia do marido justificavam a afirmativa ouvida. Possìvelmente, leitor, há tempos anda tua espôsa procurando mudar *uns modos* na tua conduta. Mas em vão. Tua resposta consiste, talvez, numa mortificante zombaria, numa interrogação sôbre os nervos da espôsa, na recordação de que ela enfim é *tua mulher?*

---

[1]) Mary Bard, *O Doutor meu Marido.* — Edit. José Olímpio, Rio.

Ou alegas, engrossando a voz, que "quem manda sou eu"? Ficam sabendo disso as portas batidas com violência? De tal "filho" a nova mãe não precisa. Já tem trabalho bastante com os que imitam o exemplo visto.

69. MARE' MONTANTE

E' inegável essa maré montante de erotismo nas praias da vida. Nas cristas de seus vagalhões carrega uma literatura afrodisíaca, materialista. Literatura barata, espalhada por tôda parte. Ao alcance de todos para perverter a todos. Cínica, fala do sexo e do amor como se tratasse com irracionais. Não estranhe o leitor a rudeza da exposição de Sheen rebatendo tudo isso:

"A atração de bêsta por bêsta é fisiológica, a atração do ser humano pelo ser humano é fisiológica e espiritual. O espírito humano tem uma sêde do infinito que o quadrúpede não tem. Êste infinito é, na verdade, Deus. Mas o homem pode perverter essa sêde, o que não pode o animal, por não ter conceito de infinito. A infidelidade, na vida conjugal, consiste primordialmente em substituir o infinito por uma sucessão finita de experiências carnais... Os espíritos mais angustiados são aquêles que buscam a Deus num falso deus.

Se o amor não se eleva, se rebaixa. Se o sexo não se eleva para o céu, êle desce até o inferno. Não existe tal coisa de dar *o corpo* sem dar *a alma*. Aquêles que pensam poder ser fiéis de espírito mas infiéis de corpo, esquecem que corpo e alma são inseparáveis. Não existe sexo isolado de personalidade. O homem não tem funções orgânicas separadas de sua alma.

Diz Sheen que o sexo é um dos meios que Deus instituiu para o enriquecimento da personalidade. Que tôda mulher compreende por instinto a diferença entre sexo e amor, mas os homens só vêm a compreendê-la mais lentamente por intermédio da razão e da oração. Que o homem é dirigido pelo prazer e a mulher, pelo significado dêste.

Separado o sexo do amor, alguém fica com sentimento de que foi obrigado a parar no vestíbulo do castelo do prazer; de que ao coração foi negada a cidadela. Tristeza e melancolia são a resultante de tal frustração do destino. Pois a tristeza é natural ao homem que é pôsto para fora de si

mesmo, ou que se exterioriza sem conseguir acercar-se de sua meta.

O leitor anote-se êste aviso do escritor. E' sinal fechado, vermelho:

"Na mulher essa tristeza vem da humilhação de verificar que, quando o casamento se funda ùnicamente no sexo, seu papel poderia ser preenchido por *qualquer outra* mulher. Nada há de pessoal, de incomunicável e portanto nada de digno. Impelida pela própria natureza, que Deus nela implantou, a ser iniciada nos mistérios da vida, que têm sua fonte em Deus, ela é condenada a permanecer no limiar, como um simples instrumento de prazer e não como uma companheira no amor. Dois copos vazios não podem encher um ao outro. E' preciso haver uma fonte de água, exterior a ambos, para que êles possam se comunicar entre si".

Anda triste tua mulher? Vem disso que acabas de ler? Então não será com presentes, teatros, viagens, etc., que desaparecerá a tristeza. Teu casamento não pode ser onda dessa maré montante. Ela só deixa salsugem na praia e êle, amargura nas almas.

70. PERCEPTIVO E INTUITIVO

Há lares onde o casal é formado por essa dupla de tipos funcionais. O mundo, as pessoas e as situações são encaradas por ângulos diferentes. Essa visão poderá ocasionar choques, azedar o "doce lar". Anote-se por isso o atento leitor a seguinte exposição, em traços gerais dada por Plattner.

Tipo perceptivo:

— o concreto, o tangível, o visível e palpável prendem-no; depende do valor prático das coisas, tendo a utilídade um papel preponderante no seu mundo prosaico;

— sente-se contrariado quando há complicações ou tem de agir dentro delas. Só está à vontade numa situação conhecida ou de muito pouca mudança;

— em geral é "conservador", o que não impede seja ao mesmo tempo muito caprichoso. Largado por conta própria, fàcilmente se torna relaxado, remisso. Mas perante uma tarefa que lhe assenta, ei-lo de repente vivo e experto;

— pode reagir violentamente e conseguir seus intentos com muito êxito;

— êsse tipo é com freqüência um dependente; espera que seu consorte o ponha em moviento, que lhe confie uma tarefa;

— princípios têm pouco sentido para êle, sobretudo quando é por cima um extravertido. Também não sente precisão de pôr em ordem sistemática suas experiências. Mas assim mesmo vive com freqüência prêso à certa tradição, na qual vê um escudo protetor;

— entre os dêsse tipo é que achamos o "homem gozador", para quem tem suma importância tudo o que se relaciona com os sentidos. Tem capacidade de reconciliar-se com a injustiça do mundo, se esta não lhe vem perturbar a capacidade de gozar;

— pertence à sua natureza vestir-se bem e com bom gôsto e cercar-se de um ambiente belo e agradável. Em geral tem compreensão para o desporto, o baile, para o movimento; numa palavra, para tudo quanto se relaciona com os sentidos do corpo;

— a função contrária, subdesenvolvida, é nêle a intuição. Daí sua inclinação para superstições, em vez de "aceitar as reais e verdadeiras relações de causa e efeito". Dêsses tipos saem em geral os maiores horóscopos;

— por ser companheiro de casamento, a êle caberá muitas vêzes o tipo intuitivo, ao qual terá em conta de sonhador, entusiasta e por demais confiado;

— a intuição subdesenvolvida manifesta-se nêle pelo embaraço de achar saídas; não vê possibilidades onde o intuitivo as apanha do chão; olha por isso com mêdo para o futuro e atormenta-se com tôda classe de preocupações e com o dia de amanhã. Assim, por exemplo, (sendo introvertido) mentalmente se tortura com a pergunta de como receber hóspedes anunciados e pouco ainda conhecidos;

Tem por complemento o *tipo intuitivo*:

— que vê as coisas e o mundo de uma maneira completamente distinta do precedente; olha-as com olhar interior;

— para êle o mundo consiste antes de tudo em interdependências e possibilidades e assim se descuida com freqüência do que está ao alcance de suas mãos;

— não gosta de prender-se a acordos e regras e quer

sempre espaços reservados para suas idéias, seus impulsos; não se pode confiar muito nêle, porque tem mais energia impulsiva do que concentração e perseverança;

— tem capacidade especial em sair-se das dificuldades e sabe ocultar suas faltas;

— muitas vêzes, como diz a experiência, desenvolve-se mais tarde que outros tipos; freqüentemente conserva durante bastante tempo algo que irradia infantilidade, algo inocente e ingênuo. Já o perceptivo é temporão e prepara-se de modo consciente, com mais atividade, para a luta pela vida;

— nêle está subdesenvolvida a percepção e por isso vemo-lo inclinado a se descuidar ou também a sobrevalorizar tudo o que depende dos sentidos. Mostra-o a começar pelo próprio corpo com suas precisões. Ou delas se descuida ou lhes dá demasiada importância. Esta se revela pela observância exagerada e inapropriada de medidas higiênicas, dietéticas. Formam quase uma espécie de rito. O cuidado exagerado de muitos maridos com sua saúde, as queixas sem fim sôbre doenças, das quais as mulheres se riem, estão em relação com a função perceptiva subdesenvolvida;

— subdesenvolvida acha-se também a atitude perante o tempo e o dinheiro, em muitos casos. Ou temos um esbanjador ou um avarento, não porque valorize demais o dinheiro, senão porque não tem atitude adequada e real perante êle. Diga-se o mesmo do tempo. E' criatura sem horário, impontual. Freqüentemente perde uma condução, embora chegue quase sempre a seu destino, por causa de certa ingeniosidade em achar saídas.

E' claro, tal procedimento choca-se com o consorte, na maioria dos casos, de tipo perceptivo e portanto real, despachado e pontual. O intuitivo molesta-se quando, por atenção ao consorte, deve prender-se a combinações e convênios de longa data estabelecidos. Não gosta de planos para férias, de hora marcada para voltar de uma excursão. Vive com mais intensidade no meio de situações novas. Renúncias neste ponto lhe levam um pedaço de vida;

— sendo o marido um intuitivo, com percepção subdesenvolvida, não se verá capacitado para atitudes resolutas e varonis perante a espôsa de iniciativas e resoluções. Mas desejosa de seguranças e apoio, sentir-se-á mal protegida

pela vacilação do marido perante o futuro dos filhos e dela. Terá grande dificuldade com tal insegurança.

Plattner termina dizendo: "Esta nossa descrição é necessàriamente esquemática e desde logo não faz justiça à multiplicidade da vida. Na formação da personalidade entram, e têm um papel muito importante, outros fatôres, como por exemplo vivências, meio profissional, desenvolvimento da personalidade, experiências e muitos outros". [1]

Em todo caso pode o leitor encontrar uma chave, com que lhe seja possível abrir a porta das grandes compreensões ou das grandes paciências, indispensáveis para a ventura de um lar.

XI

71. SO' PELO AMOR E COM AMOR

se deve transmitir a vida. O filho é a soberba encarnação do amor, corporal e espiritual, dos pais. E' a recordação, viva, monumento humano dêsse amor.

"E' exigência da moral que não se separe o gôzo sexual de um grande amor ao consorte e da possibilidade, pelo menos, quando não do desejo da fecundidade. Exige que, no ato carnal, não haja intervenção alguma a influir diretamente contra as possibilidades da fecundidade, incluída no próprio destino do ato. Pois sòmente assim se respeita o caráter espiritual do amor que — por meio da carne, mas além dela — se sente pela pessoa.

No fundo dos corações dos que se amam, ao unir seus corpos, há o desejo de ver nascer uma outra vida, de selar visìvelmente a unidade de cônjuges. A paternidade e a maternidade ainda mais estreitará seus laços de união, de desenvolvimento biológico e espiritual. Engrandecidos pela vida do filho, espôso e espôsa serão com mais amplitude homem e mulher. Vendo-se como retratos no rosto e nas qualidades daqueles entezinhos, crescerá o amor, repetindo-se a maravilha dêsse aumento, com a entrada de novas fecundidades. A proibição de fraudes anticoncepcionais é motivada pela mutilação do amor, ao roubar-lhe sua generosi-

[1]) Obra citada.

dade inerente. Com maior razão é impossível admitir-se a intervenção cirúrgica que causa a infecundidade definitiva. E assim consuma irremediàvelmente a desassociação entre o gôzo sensível e a possível finalidade procriadora" (Biot).

"No homem a vida não é exclusivamente um fenômeno fisiológico. Há nêle uma alma espiritual, animadora da carne e da vida. O recém-nascido não é apenas o filho de *um homem,* como o gatinho o é de um gatão. E' "meu filho", é nosso filho, é filho do casal e nêle há essencialmente uma alma. Essa vem de Deus e não pode ser o resultado direto e exclusivo de uma atividade corporal, já que isso impede sua natureza imaterial. Mas o dom e a entrega dos corpos dos pais foi motivo de criá-la no céu" (O mesmo).

Um fato ilumina tôda nossa natureza humana: foi o homem criado à semelhança de Deus que é *Amor,* que *é Pai.* Por isso uma conclusão é imperiosa também. Ei-la, atento leitor: A paternidade humana, que nos assemelha ao Criador, deve consistir essencialmente no amor, no amor *à criança* a quem se dá a vida, e no amor *ao ser* em cuja união se realiza êsse poder maravilhoso.

Portanto o homem não está convidado a ser pai, para mostrar orgulhosamente sua poderosa masculinidade, nem para ver os filhos seguindo mais tarde a sua profissão... Mas para lhes manifestar o seu amor, criando, orientando, educando-os. Do contrário fará da espôsa mero instrumento de prazer, rebaixando-a. Ou a reduzirá a ser motivo de orgulho masculino.

72. INTIMIDADES DE CASADOS

"Queira-se ou não, é sempre a forma e o reflexo de Deus que se quer bem no semelhante. O amor foge, apavorado, quando esta lei não é compreendida ou respeitada — lei-chave de seu mágico mistério.

Sem dúvida, a sensualidade, como a simpatia, são duas correntes que acompanham o amor. Não passariam, porém, de água estagnada e suja se a personalidade que as filtra não fôsse iluminada pela percepção do ser amado e comunhão com êle em Deus. Em nossos dias, não é su-

pérfluo redizer ao homem. que o amor conjugal só na mediação de Cristo realiza plenamente suas aspirações. [1]

Ora tal ascensão não é possível sem a castidade integral, mesmo nas intimidades fora do ato conjugal. Êste muitas vêzes fica proibido pela saúde da espôsa, pelo seu cansaço, pelas indicações médicas, econômicas e sociais que sadiamente contraindicam maternidades freqüentes. Há horas imperativas de abstenções. Restam então, reclamadas como provas de afeição, "de pazes feitas", etc., as intimidades e os carinhos. Eis as normas para a castidade em tais casos:

I) São *bons e lícitos* todos os sinais de simpatia e contactos físicos (beijos, abraços, etc.,) destinados apenas a exprimir sensìvelmente *o afeto e amor espiritual.* Boschi lembra aqui o trecho onde S. Francisco de Sales refere os abraços castos de Isaac e Rebeca, observados por Abimelec, que assim os reconheceu como casados e não como irmãos. Recorda S. Luís, tão rigoroso consigo e tão afetuoso e cheio de ternuras para com a espôsa. Censuraram-no por isso, mas Luís merecia antes louvor, por saber descer de seu rigor à afetuosidade necessária para avivar o amor conjugal.

II) Sinais de afeto, mesmo íntimos e prolongados, a vizinhança e familiaridade que acordam o instinto, sem constituir, para nenhum dos esposos, perigo próximo de satisfação completa (fora do ato conjugal) são também *lícitos,* quando procedem de boa e razoável consideração. Por exemplo, do desejo de reconciliação, do auxílio recíproco que os casados têm direito e dever de conservar vivo no casamento.

Boschi lembra que uma satisfação completa, sucedida a um ou a ambos, sem má intenção (isto é, procurada e querida), sem desprêzo temerário do perigo, mas por *surprêsa* e *imprevidência,* não é pecado, (ao menos grave). Mas sob a condição de a vontade não consentir, mas lhe ser claramente contrária. Podem esposos saber por experiência que certas familiaridades não lhes são perigosas, quanto ao desfecho mencionado. Se em tal caso acontecesse a satisfação não intencionada diretamente, teríamos um acidente não imputável.

---

[1]) André Merlaud, *Splendeur de l'amour conjugal.* — Spes, Paris p. 184.

Aqui importa muito *"a sinceridade* e a *lealdade"* (Boschi, S. J.)

Com outras palavras Viollet ensina o seguinte:

"E' difícil dar normas precisas quanto à intimidade das carícias. Sempre é útil andarem os esposos lembrados neste ponto dos princípios da moral, que os devem guiar e dirigir.

Quando um ato proibido é intencionado, direta e imediatamente por si mesmo, é claramente imoral. Por conseguinte, esposos que se dessem mútuas carícias com a intenção de provocar uma polução fraudulenta, seriam condenáveis.

Contudo o mesmo ato proibido pode-se dar, sem que se tenha provocado e desejado diretamente. E assim os esposos podem trocar mútuas carícias, visando sòmente dar provas de ternura. Se neste caso tais carícias provocam uma polução, não intencionada, deve ser considerada como um acidente fisiológico, isento completamente de culpa ou só culpa venial, conforme a vontade consentir na excitação sexual.

O dever dêstes esposos não é a supressão de tôdas as carícias, mas um esfôrço para que não cheguem a tal desfecho.

Cabe distinguir entre carícias que provocam *diretamente* o tal acidente, ou não o provocam. Haverá umas que fortemente influem no caso. Devem então ser consideradas com uma *grave imprudência* e neste sentido são condenáveis, mais ou menos.

E', contudo, impossível precisar quais as carícias permitidas ou proibidas. Pois os temperamentos são muito diferentes, uns dos outros. O que um pode permitir-se sem risco do acidente, o provocará em outro imediatamente. Seria desumano condenar sem misericórdia esposos arrastados, sem premeditação, a carícias excessivas por causa de sua mútua ternura.

73. A ÁGUA CONVERTIDA EM VINHO

foi provada pelo mestre-sala nas bôdas de Caná. Mereceu-lhe êste elogio, participado ao noivo:

— Todo mundo oferece primeiro o vinho bom. E depois, já tomados os convivas, empurra-lhes o ruim. Mas aqui se fêz o contrário. Agora, sim, é que veio o vinho bom.

Ignorava o acontecido: as águas das talhas convertidas em vinho. Quem fizera êste prodígio? Cristo que "com sua mãe e seus discípulos tinha sido convidado e ali se achava presente com êles e com *ela*, que notara "a falta de vinho" (Jo 2, 6-10).

Deve o leitor saber que, ao fundar o homem sua família, o vinho, o amor dos sentidos e da mera paixão, é inferior. Precisa ser mudado — pois não passa de água — em outro vinho capitoso, no verdadeiro amor humano sobrenaturalizado, espiritualizado, santificado.

"Presente naquele casamento, Cristo abrangia com seu olhar e abraçava todos os homens de tempos vindouros. Mas de modo especial os filhos de sua futura Igreja. Abençoava-lhes as núpcias. Acumulava aquêles tesouros de graças, que "o grande sacramento" do matrimônio, por êle instituído, derramaria com liberalidade divina sôbre os esposos cristãos".[1] — Também o teu casamento foi envolvido no seu olhar e na sua bênção.

"Assim, o matrimônio que era ato da espécie converte-se em sinal e símbolo da graça. Entre cristãos a união do homem e da mulher deve ser sacramento. A vontade de Deus é de que seus filhos estejam unidos pela graça. E eis as razões de conveniência para ela: O amor, assim podemos dizer, desempenha na vida humana, e por conseguinte na vida cristã, um papel demasiado importante, rico em boas obras e em perigos, para poder prescindir de uma consagração. E' também de suma importância para a Igreja, à qual apresenta seus futuros fiéis (nos filhos). Portanto há de ser coisa de Igreja. Enfim, (e esta consideração "mística" parece-nos a mais decisiva) o matrimônio realiza à medida do possível a unidade natural da humanidade. Pois bem, essa unidade realiza-se de modo sobrenatural e perfeitìssimamente em Jesus Cristo.

Esta é a grande verdade de Cristo vivo na Igreja, do Corpo místico de Cristo. Em virtude da graça, de um modo misterioso e real, a humanidade regenerada unifica-se em Cristo... Existe um gesto da Igreja, que o é também do próprio Salvador, que santifica e sobrenaturaliza no matrimônio a união fecunda da humanidade. A graça sacramental do matrimônio eleva à sua perfeição o amor conjugal, con-

[1]) Pio XII, Alocução aos recém-casados, 3 de Maio de 1939.

firma sua unidade indissolúvel e santifica os cônjuges".[2] — "Eis aí, leitor. A água do amor humano convertida em vinho inebriante. Não profanes êsse amor por idéias rasteiras, por técnicas pagãs, por limitações criminosas.

74. MÃOS CHEIAS

de verdades tem o homem de branco, em Roma. Ao falar aos recém-casados abre essas mãos, oferecendo as verdades. Aqui exponho uma preciosa coleção.

Fala do amor

e diz que há de ser mútuo, terno, puro, acima do mero amor carnal. Deus aperfeiçoa, não destrói a natureza. Por isso o amor, ideado por êle, deve guardar tôda a sua beleza. Só afeto natural não suporta o pêso do matrimônio. Há de ser solícito e não egoísta, fugindo às gulas do amor sensual que se prende aos atrativos dos sentidos e da mocidade, tão fugazes e passageiros por natureza. Todo cheio de pequenas surpresas para agradar à espôsa, ao espôso.

Fala da harmonia

dos primeiros dias. Lembra as leituras em comum, os divertimentos honestos procurados em comum. E também os sofrimentos partilhados pelo casal. Condena os ciúmes, provas de um amor imperfeito, a revelarem incerteza, dúvida. Não devem existir num matrimônio verdadeiramente cristão. Podem ser a causa de infidelidades.

Fala da colaboração

tão necessária para fundar e garantir a família. Elogia a confiança entre os esposos, que "entre si permutam alegrias e tristezas, temores e esperanças, planos e resoluções sôbre a ordem interna da casa, sôbre o futuro da família, sôbre a educação dos filhos".

Avisa que a indiferença e o desleixo são as piores entre as inumeráveis formas do egoísmo humano. Refere-se aos maridos frios, esquecidos, grosseiros e resmungões perante a preocupação da espôsa como dona de casa, mãe de família e educadora. Não lhes aceita as desculpas dos deveres pro-

[2]) E. Mersch S. J. — Goedseels — Biot, Conocimiento y guía del amor. — Buenos Aires. — Ediciones Descleé, De Brouwer, p. 29, ss.

fissionais, das lutas para melhorar o padrão de vida no lar. Quer se vença o hábito do orgulho, do isolamento, da timidez que impede a confiança conjugal.

Fala da mútua entrega de si mesmo,

dizendo ser ela da essência da bondade; que deve ser feita nos limites traçados pela lei de Deus. A moral deve ser respeitada e não se pode consentir na vontade de um cônjuge, quando oposta à vontade de Deus. Previne que de nada vale só a união exterior das vidas, quando se quer corresponder à missão confiada por Deus. A união das almas, e não só a dos corpos, é a base da família. Exige a reciprocidade de sentimentos e uma verdadeira amizade conjugal. O dom de si mesmo é princípio, expansão e fonte de vida no casamento.

Torna-se belo, quando se realiza entre duas almas cheias "de vida sobrenatural".

Fala da felicidade,

colocando-a num coração aberto, como fonte de onde nasce. E com ela a alegria, a paz. Mas há uma condição essencial: a mútua confiança em manifestar os sentimentos. Não quer deixem os esposos medrar na alma incompreensões, mal-entendidos, que preparam catástrofes. Haja permuta de pensamentos de aspirações, de alegrias e tristezas. Excetuam-se os segredos para a confissão, os profissionais, os que sendo revelados viriam toldar a paz. Condena o insulamento, o viver cada um sua vida à parte. Dá mesmo uma receita para a felicidade. Ei-la: um casamento é feliz, quando, ao contraí-lo, um dos esposos resolveu buscar, não a sua felicidade, mas a felicidade do outro.

Investe contra o egoísmo,

dizendo que, quanto se faz na família, há de ser obra de colaboração dos esposos, que não devem ficar um alheio ao trabalho do outro. Isso exige às vêzes o sacrifício das próprias idéias e preferências.

E'-lhe êrro palmar insistirem os casados naquilo que desune, de preferência ao que entrelaça e une os corações. Menciona as pequenas exigências, pequenas tiranias, pequenas crueldades do egoísmo.

Descreve as formas da fidelidade

no casamento, uno e indissolúvel. Afirma estar ela acima de qualquer tesouro. Há de ser o clima, o ambiente de onde ordinàriamente procedem os homens sãos e honestos. Sem ela há viuvez no lar e desorientação para os filhos.

Fala da fidelidade do corpo, do espírito e do coração. Fidelidade na entrega dos corpos, das inteligências, dos corações. Até a paciência é uma forma de fidelidade. Fidelidade integral, fidelidade-ouro, metal padrão dos valores. Sustenta que as pequenas infidelidades levam às maiores, às totais. A fidelidade é dom de Deus; urge que os casados a peçam.

Menciona as causas da infidelidade

que estão no rigor excessivo, nas leituras livres, nos divertimentos perigosos, nos ciúmes, na traição de uma parte. Como também as vê nos tais amôres platônicos, nas admirações intelectuais, nas imprudentes cordialidades com terceira pessoa.

Censura severamente os maridos que, criminosamente, expõem suas espôsas vestidas sem pudor; que as levam a reuniões e divertimentos condenáveis. Diz — nota isso, leitor! — que é pequena a distância entre a falta pública do pudor e a verdadeira infidelidade. As simpatias intelectuais podem, ao seu ver, ajudar para o bem. Contudo, as mais das vêzes, servirão para o mal.

Sabe dos defeitos, da diversidade dos caracteres

que, aos poucos, um vai descobrindo no outro. Mas receita o seguinte: Dissimular os defeitos do outro, tanto perante si mesmo como perante os outros. Nada de ares de uma superioridade, mas os modos de quem indaga, pergunta; de quem tem algo para dar e sente prazer em receber. Chama a isso "uma fidelidade do mútuo dom das inteligências".

Conhece as tentações

causadas pelas ausências impostas, pelas doenças, pelas continências reclamadas por estados e circunstâncias. Mas lembra a todos que os deveres podem ser cumpridos com a graça do sacramento.

Vamos parar aqui, leitor. Creio que as pedras da ver-

dade já estão fazendo barulho no remanso de tua alma, nesse silencioso poço onde os círculos já vão se formando, se aumentando...

75. UMA IDÉIA CRIMINOSA

pode aninhar-se na cabeça de um marido. Pode passar para a cabeça da espôsa. E por fim ambos a traduzem numa prática imoral.

Pio XI, na encíclica sôbre o casamento, assim qualifica o conceito dos que confundem a perfeição do casamento com o gôzo desenfreado e refinado nas relações conjugais. Para êle não se trata de um casamento perfeito, mas de um casamento depravado pela idolatria da carne e técnica do gôzo. Quer seja isso repudiado com horror, também como vergonha para a pessoa humana.

Já então o homem de branco lastimava a propaganda escrita e oral de tal êrro gravíssimo. Em 1941, falando aos recém-casados, Pio XII previne-os para que não convertam "numa associação de prazer e interêsse" o casamento, que Cristo embelezou.

Em 1951 assim falava às parteiras reunidas num congresso: "Querem alguns alegar que a felicidade no casamento está na razão direta do recíproco prazer nas relações conjugais. Não. A felicidade do matrimônio está na proporção direta do mútuo respeito entre os casados, mesmo nas relações íntimas. Não que êles julguem imoral e repudiem o que a natureza oferece e o Criador lhes deu. Mas porque êste respeito, esta mútua estima geram um dos mais eficazes elementos de um amor puro e por isso tanto mais terno.

Em vossa atividade profissional, oponde-vos o mais possível ao ímpeto dêsse refinado hedonismo, vazio de valores espirituais e, por isso mesmo, indigno de esposos cristãos. Mostrai como a Natureza tem dado o desejo instintivo do gôzo, aprovando-o no matrimônio legítimo. Não como um fim em si mesmo, mas, em último têrmo, a serviço da vida.

Desterrai de vosso espírito aquêle culto do prazer (!). Fazei o mais possível para impedir a difusão de uma literatura, que se julga na obrigação de revelar com todos os detalhes as intimidades da vida conjugal, sob pretexto de instruir, dirigir e assegurar".

E Pio XII diz que essa admoestação é exigida pela dignidade da pessoa humana, quando no uso da inclinação geradora. Essa dignidade impede ao homem racional ser escravo do prazer, mesmo quando lícito. Impede o gôzo desenfreado, excessivo e exclusivo, irracional enfim. A própria natureza, dando o desejo instintivo do gôzo aprova-o sòmente "a serviço da vida". E uma moderação, nas modalidades e circunstâncias dêsse ato, é condição imposta pela dignidade da pessoa humana.

76. VÁRIAS MOLDURAS

para almas e temperamentos vou expor à classe unida, sob a orientação de Plattner. Mas no intuito de diminuir as áreas de atritos conjugais. Dentro das molduras poderá o leitor colocar a espôsa, os filhos, a sogra, as cunhadas e os filhos e também a si próprio. Além dos grupos de extravertidos e introvertidos pode a humanidade, de acôrdo com sua conduta psíquica, ser distribuída em quatro grandes subgrupos funcionais. Ei-los:

Tipo reflexivo:

— formado em geral pelos homens, que olham o mundo antes de tudo com o pensamento, agindo de acôrdo com as reflexões;

— nas coisas indagam inicialmente se são falsas ou verdadeiras;

— com facilidade se julgam ao par dos motivos de suas ações e esperam o mesmo por parte dos outros;

— está inclinado a supor que a espôsa atua igualmente conforme leis lógicas, de aceitação geral, tal como acredita acontecer com êle mesmo. Não se dará isso na maioria dos casos. Pois a espôsa de um tipo reflexivo é, em geral, do tipo sensitivo, que se guia por flechas completamente diferentes. As mulheres carregam a razão no coração e o homem na cabeça (Kotzebue). E assim êsse marido não aceita razões do coração, toma a espôsa por uma charada ou a chama de caprichosa.

— tem por suspeito todo sensitivo, todo sentimento. Pode mesmo ter na família um procedimento frio, congela-

do, perante a mulher e os filhos. Esta padece por vê-lo tão sem fantasia, sem vibração sintonizada.

— para êsse tipo com seu mundo lógico não existem estados de humor, de desejos secretos, entusiasmos de modas na espôsa.

— não pega as ondas sensitivas e reações da mulher. E ela, sentindo-se incompreendida, reage com sentimentos ainda mais violentos, que se tornam ainda mais incompreensíveis para o homem. Rechaça-os como... histéricos.

Tem por complemento um *tipo sensitivo*:

— Neste pólo predominam as mulheres, como no primeiro os homens. Dão os sensitivos o predomínio ao sentimento e de entrada perguntam pelo bom ou pelo mau, ou também pelo simpático ou pelo antipático;

— sendo extravertido, precisa de contacto contínuo para sentir-se bem. Toma as côres do ambiente. Triste com os tristes e alegre com os alegres. Vive dependendo da sintonização sensitiva com o mundo externo. Tem-se por profundamente infeliz se não é compreendido, ou tal não se sente, pelo ambiente imediato;

— êsse tipo anda em geral com lista de muitos conhecidos. Forma novas amizades com rapidez e facilidade;

— mas lhe fica subdesenvolvida a reflexão. Aliás se consegue conhecer exatamente uma criatura pela função que não desenvolveu. E'-lhe difícil ser objetiva e expressar opiniões muito definidas, as quais na maioria dos casos surgem coloridas pelos sentimentos.

A lógica masculina falha nesta altura. Pois êsse tipo sensitivo amiúde usa camuflar suas opiniões com verdades religiosas e procura apoiá-las numa frase da Bíblia, de autoridades. Quando falham todos os argumentos sai-se com afamado slogan: Os homens não têm coração. Sendo *introvertido,* é mais difícil conhecê-lo. Traz então refreados os sentimentos. Não se preocupa com o contacto, mas com o *tato.* Possui delicado sentimento do que convém em determinada situação. Tal pessoa é por assim dizer "mestra de cerimônias da vida". Fàcilmente, de guarda, passa para escrava do protocolo. Mulheres dêsse tipo encaramujam-se ao mais leve perigo de serem mal vistas ou mal interpretados seus sentimentos.

O homem, sendo em geral um tipo reflexivo extravertido, terá dificuldade em pegar as finas vibrações sentimentais da espôsa supra classificada. Dá-lhes só um nome: caprichos. Reagirá de má vontade. E a mulher? Isola-se na tôrre de sua incompreensão e corta as pontes de acesso. Com a repetição dos mal entendidos ei-la passando-se o atestado de culpada, de inferior e de infeliz. Sofrerá vendo a seu lado um marido desorganizado, informal e todo satisfeito consigo mesmo (Plattner).

77. PUDOR EM TUDO

O pudor é lei inviolável da carne e de suas atividades. Não se pode reduzir a nudez humana à nudez de uma pedra. O pudor vai mais longe do que a castidade.

Esta refere-se diretamente ao exercício da função geradora. Envolve preocupação com a satisfação do instinto de reprodução, com as paixões que estimulam o uso dos órgãos genitais. Já o pudor é um anteparo da castidade. Visa os atos que, em si, não têm por fim pôr em jôgo o aparelho de geração, mas são próprios para perturbar, causar excitação e assim comprometer a castidade (Boschi).

Cabe ao pudor afastar êsse perigo. Proíbe por isso tudo que desnecessàriamente, ou sem motivos adequados, proporcionalmente graves, é uma ameaça para acordar a leoa — a concupiscência da carne.

Numa palavra, quando o corpo tem o seu festim legítimo, tenha o espírito o seu também, que é uma elevação, um predomínio sôbre os sentidos. Êste é o conselho que dá S. Paulo: "Isto eu digo, irmãos: o tempo é breve; resta, os que têm mulheres, sejam como se as não tivessem; e os que usam dêste mundo como se dêle não usassem. Porque a figura dêste mundo passa" (1 Cor 7, 29 ss.).

E assim o leitor verá que o pudor — pele da castidade! — sente os menores arranhões e acusa-os logo. Neste ponto costuma a espôsa ter mais delicadeza e sensibilidade. Como mulher há de ser a mestra para o espôso e os filhos. Nada perderá o marido que der atenção aos avisos, às queixas, às recriminações da espôsa que lhe estranha os modos. Marido sem modos, marido malcriado não é condecoração para ninguém.

O ambiente do lar há ser clima favorável para o pudor. Pio XII menciona uma exigência: banir tudo que o desambiente. Entram na lista as revistas, os quadros, as estatuetas, as conversas, "as novelas de rádio", as televisões.

Há pessoas que são completa negação do pudor. Por exemplo, as mal casadas que pùblicamente ostentam sua conduta imoral. Não servem como visitas para um lar que cultiva o pudor.

Livros e leituras podem atestar a favor ou contra o pudor de um lar. Por isso o leitor faça o possível em alargar as fronteiras de suas exigências neste assunto. Os filhos não terão suas almas mal assombradas com um ambiente sensual, perigoso e contagioso.

Haja firmeza também perante a ilustre espôsa com seus vestidos e suas modas. O homem de branco já condenou os maridos que criminosamente toleram falta de pudor em suas espôsas, ou pior ainda, se envaidecem e se comprazem em vê-las assim exibidas.

Diz Job que a vida do homem é uma milícia, uma guerra. A de um bom marido, sobretudo, é assim. Possìvelmente terá de guerrear também com as filhas, fáceis imitadoras e vencedoras das mães nas modas e nos vestidos.

XII

78. MARIDO NO SÉCULO VINTE

O século que nos precedeu, por falta de audácia em certas horas, parecia querer contentar-se com a *fisiologia do casamento.* Felizmente os romancistas, cedendo sem perceber à pressão da cultura cristã, não cessaram de explorar por muito tempo a *psicologia do amor.* Hoje, porém, as almas religiosas levam a audácia até nos perguntar sôbre a *espiritualidade conjugal.*

Meu leitor não quererá ficar com os dois primeiros exploradores do casamento. Sente que oferecem coisa incompleta. Logo precisa enfileirar-se com os modernos da espiritualidade.

Espiritualidade é um modo de comportamento perante Deus. Assim os casados teriam um modo de proceder "di-

ante de Deus". Mas dêsse Deus que perscruta os corações e os rins, que desce aos mais secretos pensamentos, que levanta o menor refôlho do coração. Deus que acompanha a vida interior e íntima dos cônjuges.

Coisa curiosa! Sempre a história mostrou nos homens a crença de haver, na função geradora, um mistério sagrado e algum "fragmento de coisas celestes". Que fêz o homem? Imaginou-se deuses revestidos de corpo, deu-lhes corpos e sexos. Queria forjar uma semelhança. Deus usou de misericórdia e, na hora da misericórdia, seu Filho *encarnou-se,* realizou suas núpcias com sua Igreja. Mudou-se a proporção. Em vez de tomar emprestado aos homens seus amôres humanos, Deus fêz o homem participar do mistério das ternuras e fidelidades de Cristo, cabeça do Corpo místico.

A partir de então a estrutura do casamento, em vez de partir das sensibilidades viris e femininas, seria levantada e erguida ao encontro de seu modêlo e de seu princípio.

Essa espiritualidade não significa desprêzo do corpo e do sexo. Significa sujeição do amor sensível ao espiritual, e de ambos ao sobrenatural do sacramento. Gozando das alegrias dos dois primeiros, respeita e procura alargar o ambiente para a graça.

Com muita graça S. Francisco de Sales descreve essa espiritualidade: "Exorto sobretudo os casados para que tenham aquêle mesmo mútuo amor, tão recomendado pelo Espírito Santo nas Escrituras. O' casados, eu nada diria se vos aconselhasse o amor natural. Pois um casal de rolinhas faz o mesmo. Também nada diria se vos recomendasse o amor humano, porque também os pagãos o têm praticado. Seguindo a S. Paulo, digo isso: "Maridos, amai vossas mulheres como Cristo ama a sua Igreja. Mulheres, amai a vossos maridos como a Igreja ama a seu Salvador". Deus foi quem apresentou Eva a Adão e lha deu por espôsa. E Deus, com mão invisível, deu o nó em o vínculo sagrado de vosso casamento. E por que não vos amaríeis com um carinho todo santo, sagrado, divino"? [1]

Vamos, leitor, ao lado prático: Espiritualidade é... castidade; sem ela Deus não fica no lar, com a chama da sua graça transfiguradora.

---

[1]) Introdução à Vida Devota, parte III cap. 38.

79. PENSAMENTOS E DESEJOS

Nos dias de namoro e noivado ela queria saber se foi lembrada por ti, leitor, que hoje tens uma espôsa. Diante das realidades da vida conjugal teus pensamentos e desejos poderão ocupar-se agora com a espôsa, com as relações e o amor de um leito.

Êste mundo de pensamentos e desejos não fica sem sua estrêla orientadora. O cristão vive num sacramento quando casado; é carregado por uma onda de graça que o eleva e santifica. Êste seu mundo interno não pode fugir à lei da perfeição. Quero que o leitor anote-se o seguinte:

Pensamentos, desejos referentes às relações conjugais:

1) São permitidos quando se referem *ao legítimo uso e cumprimento* do dever conjugal, mesmo quando no corpo se apresenta um certo deleite, contanto que não seja a satisfação completa ou perigo próximo de provocá-la.

2) Pensamentos, desejos, lembranças, imaginações de atos *levemente* ou *gravemente* ilícitos são, por sua vez, pecado respectivamente leve ou grave. E assim todo pensamento ou desejo voluntário oposto ao legítimo uso do matrimônio (atos de onanismo ou de adultério...) é sempre proibido, sob culpa grave.

(Aqui um "muito entre nós" novamente. Más leituras são vespeiros de imaginações proibidas. Por que procurá-las, leitor, ou facilitá-las à espôsa, aos filhos?)

3) Muito em boa hora vem uma observação de S. Francisco de Sales: "Verdadeiro sinal é de espírito vulgar e infame cuidar em manjares antes do tempo de comer. E ainda mais quando depois se pensa no gôsto experimentado ao comer, entretendo-se em palavras e pensamentos e revolvendo no seu ânimo a lembrança do deleite, que tinha quando engolia os bocados. Como fazem os que antes de comer têm o sentido no assador, e depois nos pratos, gente digna de serem cães de cozinha, que fazem "um Deus de seu ventre", na frase de S. Paulo. As pessoas de honra não cuidam, na mesa, senão quando se assentam a ela. E depois da comida lavam as mãos e a bôca para que lhes não fique nem o gôsto, nem o cheiro do que comeram... Igualmente procurem os casados não o afeto prêso à sensualidade e deleites, que segundo sua vocação tiverem exercitado. Mas passados êles, la-

vem o coração e o afeto e se purifiquem logo para depois com mais liberdade de espírito praticarem outras ações mais puras e mais remontadas" (*Introdução à Vida Devota.* Parte III cap. 39).

Em resumo é o que Boschi dá como orientação, geralmente aprovada: Pelas frestas dos pensamentos e dos desejos penetra a infidelidade na vida conjugal. Cristo Senhor avisa "que do coração nascem os maus desejos". Quem os plantou? Muitas vêzes os olhos. Muitas vêzes os pensamentos. Logo, é questão de vida e morte a barreira de uma resoluta resistência ao se apresentarem com seus contrabandos, à vista ou disfarçados. A fidelidade do corpo é fruto da fidelidade do coração e esta, do pensamento. Eis o roteiro do bem e do mal.

80. CASTA LEALDADE

de ambos os cônjuges, ao lado da honesta obediência da mulher ao marido, unidos à firme e legítima caridade mútua — são as virtudes domésticas que entram na lista da fi delidade conjugal (Pio XI, obr. cit.). Revolta e desobediência na espôsa é golpe na fidelidade. E o marido, que por não saber mandar e governar-se causa semelhante situação, é responsável por ela.

Torno a repetir: antes de mandar na mulher, mande o marido em si mesmo, nos seus repentes, nos seus caprichos, nos seus nervos, nas suas faltas de horários, no seu gênio e nas falhas que a educação recebida lhe deixou. Impondo disciplina à sua casa, seja um disciplinado, a começar com relação a Deus, a seus deveres religiosos. Como a paternidade, também tôda autoridade vem de Deus e há de ser aureolada por êle.

"Até as mútuas relações familiares entre os casados devem estar ornadas com a *nota da castidade,* para que resplandeça o benefício da fidelidade com o devido decôro. E assim se conduzam os casados, em tôdas as coisas, conforme à lei de Deus e da Natureza, procurando cumprir a vontade do Criador Sapientíssimo, com inteira e submissa reverência à obra divina". [1]

[1]) Casti Connubii. — Editôra Vozes.

Desde a altura dos seus pensamentos até o menor de seus atos, o marido cristão, é respeitoso da castidade. A sós, em público; nos divertimentos, nas leituras, nas amizades. Saberá tratar com respeito o corpo que não lhe pertence mais. E isso em casa, em seu leito. Fora de casa, nas viagens, hospedado com amigos. No escritório com secretárias, nos consultórios com enfermeiras, na fábrica, nos transportes coletivos.

E também em todo tempo. Quando forçado a poupar a espôsa; quando ausente a companheira de seu leito. Por pouco prazo, por longo prazo. E aqui rendo um preito ao marido casto. Sua fidelidade e castidade, em tais cenários, é mais heróica do que a de muitas pessoas consagradas a Deus.

"Não têm elas um passado livre de tôda experiência, uma memória virgem de tôda lembrança? A assistência espiritual que recebem, o habitual recolhimento de vida, a fidelidade às práticas aconselhadas pelos autores espirituais nem permitam, talvez, se lhes torne um problema a castidade perfeita" (B. Lavaud).

Veremos como Pio XII se refere às três formas da fidelidade, que são também outros tantos feudos da castidade: fidelidade da mente, do coração e do corpo.

A um tentado disse o Senhor: Minha graça te basta (2 Cor 12, 9).

O que é exigido de um marido cristão lhe é possível pelo auxílio divino. Neste transe é imprudência contar apenas com o passado, com a educação recebida, com motivos de ordem natural.

81. ASMODEU E MARIDOS

Debulhada em prantos, chorava Sara, a filha única de Ragüel. Uma criada insultara-a com a classificação de "matadora de sete maridos". Fato verídico, inegável. Um depois do outro, os sete maridos foram encontrados mortos, na manhã seguinte à primeira noite. E quando, também receoso da mesma sorte, o jovem Tobias a desposara, perdurava o mêdo da família. Ao cantar dos galos, o prudente Ragüel abria já uma cova para o infeliz. Mas a criada, encarregada de espiar o acontecido, voltara dizendo que Tobias dormia tranqüilo ao lado da espôsa.

E a razão? Tobias aplicara ao caso a receita do arcanjo Rafael. Êste prevenira-o a que não imitasse o exemplo dos sete predecessores. Maridos que "se casaram, lançando a Deus fora de si e de seus espíritos, entregando-se às suas paixões como cavalo e macho que não têm entendimento".

O nobre Tobias havia executado o rito prescrito. Por três noites consecutivas fez oração a Deus com Sara, a êle se unindo. Disse a esta: "Depois da terceira noite viveremos nosso matrimônio. Pois somos filhos de santos e não podemos juntar-nos à maneira dos gentios, que não conhecem a Deus". Na quarta noite é que, levados mais pelo desejo de ter filhos do que pela sensualidade, viveram seu matrimônio. [1]

Saiba o leitor; espero alcançá-lo em vésperas do casamento! — que a primeira noite é uma encruzilhada. Digo, a primeira noite de posse. Pois não há lei que obrigue a consumação logo na noite do primeiro dia. Pelo contrário, uma preparação graduada por afetos e agrados será mais vantajosa; evitará choques, recalques e cicatrizes para o resto da vida. E' horrível para uma jovem sentir que foi humilhada, foi violentada *na alma,* logo na primeira noite fora da casa paterna.

Um êrro pode tornar-se uma catástrofe para o marido e a espôsa. Esta poderá a vir desprezá-lo por inábil, odiá-lo por brutal. Aquêle poderá deitar por terra todo o alto conceito em que era tido pela espôsa. — Já sei para que nós, mulheres, nos casamos, dizia uma vítima. E' para o homem ter em sua casa o que precisava procurar em certos lugares!

A posse tem de ser preparada lentamente, começando pela alma, pelas carícias e atenções. O amor não *se impõe; cria-se.* Cuidado com a sincronização da entrega e do gôzo comum. Nada de posse violenta, egoísta, brutal, fora do compasso. Aqui a carne é invasora. Urge vigiar-lhe a invasão. Boschi aconselha certa moderação nos primeiros tempos. Por ser bom e lícito o ato conjugal, não se tem com isso motivo suficiente para usá-lo sem limites. Uma bebida, um alimento, por ser agradável, não autoriza um excesso de indigestão ou de embriaguez.

---

[1]) Tobias, capítulos 3, 8.

Certo jovem operário, cristão genuíno, relata-nos sua lua de mel. Fêz passeios com a espôsa, conversando amàvelmente com ela; à noite, num lar ainda pobre de mobílias, fizeram juntos uma leitura, meditaram um pouco. Um abraço e cada qual procurou, em separado, seu cantinho para dormir. Só alguns dias depois eram marido e mulher. E ajunta:

"Poderá alguém achar pueril tal procedimento. Mas fui compensado pelo sacrifício feito. Ofereci-o ao Senhor para um dia ter um filho sacerdote. Recebi entretanto meu prêmio, pessoalmente. Minha mulher amou-me, depois disto, muito mais ainda. Não se sentiu ferida no seu íntimo. Tivemos tempo para chegar às familiaridades. Isso é possível, embora não seja talvez aconselhável a todos. Os que nos imitarem não se tornarão, em todo caso, ridículos ou estouvados. Pelo contrário êste pequeno sacrifício, oferecido como prova de respeito à companheira, ao seu delicado pudor de virgem, lhes valerão além do reconhecimento da espôsa, um embelezamento e uma purificação do recíproco amor. E isso para sempre" (Bosch, S. J.).

— Meu filho, sê bom para com ela, na primeira noite. Como deves então te mostrar delicado! Não te esqueças: por tôda vida ela te será reconhecida. Assim escrevia certa mãe ao filho, na véspera do casamento.

Há maridos que continuam com Asmodeu no quarto, por longos anos. Um demônio de sensualidade, de sexualismo, de erotismo e hedonismo acorrenta-os. Baniram de sua idéia, de sua vida, de seu lar a Deus.

Pode bem ser que alguém, ao cantar dos galos, já lhes ande cavando a cova.

82. O AMOR CONTA

"Cada pessoa é aquilo que ama. O amor passa a ser semelhante à coisa amada. Se se ama o céu, o amor torna-se celestial. Se se ama a carne como um deus, o amor se torna corruptível. O tipo de imortalidade que teremos depende do tipo de amor que temos. Pondo a questão sob forma negativa, quando enumeramos as coisas que não amamos, estamos mostrando o que somos. O amor é minha gravitação, disse S. Agostinho. Esta lenta conversão de um su-

jeito em seu objeto, de um amante no amor, de um avarento em seu ouro, do santo em seu Deus, — mostra a importância de amar o que é certo.

Amar aquilo que é inferior ao homem é degradação. Amar o que é humano, por simples amor humano, é mediocridade. Amar o que é humano, por amor daquilo que é divino, é engrandecimento. Amar o que é divino, pelo amor do próprio divino, é santidade" (Sheen).

Para meu leitor andar com idéias certas e entusiasmos sadios na alma, resumo num quadro o contraste entre amor e sexo, duas flechas na rota da felicidade, mão e contramão. Tiro-o de Fulton Sheen:

SEXO	AMOR
é dualidade, racionaliza, procura justificações;	é trindade, não exige razões;
busca a parte, é biológico e fisiológico; tem zonas de satisfações definidas;	compreende tudo isso; indo mais além, tem por fim a totalidade da pessoa amada: corpo e alma feita à semelhança de Deus;
elimina da pessoa amada tudo aquilo que não se adapta à sua libido carnal. Por essa razão todo aquêle que dá primazia ao sexo é anti-religioso;	não se concentra numa função, mas sim na personalidade;
é dirigido a si mesmo, busca a auto-satisfação; lisonjeia o objeto não porque seja louvável em si, mas antes como uma solicitação;	é dirigido a alguém e procura a perfeição dêste; vence a pequenez das coisas pelo devotamento e dom de si mesmo;
é movido pelo desejo de encher um momento entre o ter e o não ter;	horroriza-se perante tal noção, porque vê nela nada mais que a morte do objeto amado pelo simples motivo da auto-satisfação. [1]

[1]) Fulton J. Sheen. Obra citada pp. 14-18.

Terminada a leitura, já terás analisado o que és em tua vida de casado. Foi desfavorável a apuração? Mãos à obra para melhorar o errado. Mas o comêço do melhoramento está no eficaz arrependimento sôbre o passado. Chegou a hora da graça "de estado", caderneta que Deus te abriu para o "financiamento" de seu reino em teu lar. Coragem e resolução!

83. OS PRESENTES DA NOIVA

Com que alvorôço de criança feliz, arrepanhando seu vestido, aquela noiva mostrava-me seus presentes! Eram tantos, tão belos, tão carinhosos em suas dedicatórias!

Deus, leitor, tem também um presente para seus filhos quando recebem o sacramento do matrimônio. Êste sacramento "exerce uma pressão sôbre os esposos para que sobrenaturalizem sua vida conjugal. E' uma "predisposição" à santidade, depositada por Deus em suas almas. Traz a graça sacramental, dourada realidade a unir as almas dos casados. Temos a penetração de Deus na vida humana, vida tomada com seus elementos carnais e espirituais. E por isso a Igreja, com um realismo invejável, abençoa o leito nupcial. Deus acompanha seus filhos, sustenta-os, toma parte em suas vidas e até em seus amôres. Transforma tudo pelo sacramento. Tôdas essas coisas simples e cotidianas em que se desfaz a vida conjugal são santificadas e chegam a ser, pelo sacramento, instrumentos, manifestações de vida divina na alma" (Leclercq).

Os amigos dão coisas alheias a si. Deus dá de sua vida divina. Entra em o novo lar, trazendo a salvação à tua casa. Entra para ficar e sai, sòmente, quando a infidelidade na observância de sua lei, na oração de cada dia, o obriga a retirar-se.

Ao pé do altar, meu leitor recebeu no dia do seu casamento a graça divina, por um título especial do sacramento. Graça com novos auxílios correspondentes aos novos deveres. O estado de graça é mais do que o suave perfume dos Reis Magos. Dá à tua vida um aroma celeste. E' uma verdadeira elevação de tua alma à ordem sobrenatural. Quanto cuidado deves ter em conservar, e também em aumentar semelhante tesouro! [1]

---

[1]) Pio XII. Alocução, 10 de Janeiro de 1940.

Num estado de vida, tão santificado pelos presentes de Deus, tens de viver com dignidade, na nobre ambição de realizar nessa vocação teu programa de santidade. São muitos os jovens casais que pretendem cumprir o programa de santidade cristã abraçando êsse estado. Querem construir juntos uma obra de perfeição, ao mesmo tempo divina e humana. Não olham o casamento como colocação, como enseada na vida.

Por isso eu gostaria de ver entre *os presentes do noivo*, com uma *dedicatória de Deus*, essa mística do matrimônio em tua alma de leitor cristão. Mística de realizar a santidade como espôso, como pai, como educador. Não terminam os presentes do céu com o dia do casamento. Deus aguarda que o amor, depois de unir as almas, reúna os corpos numa só carne. E então infunde a alma no corpo infantil, que será a encarnação do amor dos esposos.

84. GOTEIRAS EM TUA CASA

Goteiras de um telhado velho ou mal colocado aborrecem, enervam. Nem sempre tem consêrto. Trocam apenas de lugar. Contudo não são as piores desventuras de um lar.

Há outras mais graves. São as que deslocam a paz, a felicidade e até a estabilidade do lar. Surgem desinteligências, aguçam-se problemas nos vários setores que formam o mapa geográfico do amor conjugal. Até os vizinhos ficam sabendo dessas goteiras. A escola anota-os no caráter dos filhos de casais com problemas. O pediatra perspicaz enxerga-os na flor dos nervos de seus pequenos clientes.

Abençoada, pois, a iniciativa do "Centro das consultas matrimoniais" fundado na Inglaterra. Veja o leitor a lista de seus benefícios nestes dados. Entre 946 consultas que nos interessam temos:

para eventual anulação do casamento	226
para problemas jurídicos	201
para questões médico-sexuais	154
para moral conjugal	131
preparação para o casamento	99

Em 1950, de 260 casos para uma reconciliação, 188 foram bem resolvidos. Em 1951 a percentagem neste ponto subiu a 65%.

Ninguém é louco a ponto de deitar abaixo uma casa por causa de goteiras. Por que então a loucura de arruinar um casamento pela separação, sem antes tentar todos os meios contra "as goteiras"?

— Esta criança, doutor, parece ter sido um engano, disse ela. O sr. bem sabe como meu marido é forte e sadio; quanto a mim nunca estive doente um dia sequer. Nós dois estamos sempre dispostos e cheios de energia, prontos para qualquer coisa. E essa criança! Pálida, magra, medrosa, tem receio da própria sombra! Não posso saber o que é.

Eu podia saber e soube. Os efeitos da maneira de cuidar da criança e do ambiente que a cerca não podem ser desprezados. Eu já tinha visto muitas crianças que cresciam numa atmosfera de excitação, de agitação, de brigas. Elas tornam-se briguentas, neuróticas, de emotividade instável... Eu me convencera de que o cérebro da criança é o mais delicado aparelho registrador até hoje conhecido, sensível à menor impressão e que fàcilmente se desregula com choques repetidos. No caso era assim: Marido e mulher, embora se amassem, eram de temperamento exaltado, discutiam em altas vozes, batiam as portas com raiva, faziam barulho pela casa. [1]

Vê o leitor que o casal, de fato, "estava sempre disposto para alguma coisa". Espero não haja em teu lar tal disposição, cheia de energia. Prefiro haja a disposição para a tolerância, calma, paz, enfim caridade cristã na mútua paciência.

[1]) Isaac Abt, obra citada p. 187, s.

II.

PAI E EDUCADOR

"Senhor, fazei que minhas mãos sejam a sombra de tuas mãos de Pai!"

Reformatado by:

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

I

1. "EU ERA PAI,

eu era efetivamente pai. E, então, indagava por que era que essas flôres da campina verdejante não desabrochavam tôdas, por que era que essa passarinhada alegre não vinha, em bandos, chilrear em tôrno de mim os seus hinos festivos. Por que não chiava a cigarra, por que não cantava o grilo e a natureza tôda não se enchia de galas.

Ah!... no meu egoísmo de homem feliz, eu quisera que todos bendissessem essa ventura, que todos participassem dela, que tudo risse e cantasse, como cantava e ria a minha alma.

E, todavia, o dia estava risonho e formoso. As aves trinavam em tôrno de mim e as magnólias desabrochavam as suas corolas amplas, derramando perfumes intensos.

Mas a minha alma, prenhe de uma satisfação incomensurável, queria mais, queria a alegria universal dos sêres e das coisas, queria o ruído estrepitoso das saudações festivas, exigia a aclamação delirante dos triunfadores. Eu sentia-me ébrio, ébrio de júbilo".

Êste felizardo conta-nos, em seguida, como ao voltar do jardim para a casa, dava com uma mulher magra, de seio descoberto, com um filho pequenino e doente ao colo, esperando-o à porta para pedir uma esmola.

"E eu, ao vê-la tão abatida e tão pálida, repartindo com o filho enfêrmo o resto do seu sangue, as tristes migalhas da sua vida curta, lembrei-me dos cruéis destinos dos sêres desafortunados, e tive pesar e mêdo dessa suplicante, que vinha esperar-me à porta, logo depois que a ventura entrara por ela. Convulsivamente, despejei a bôlsa nas mãos magras dessa infeliz. E, não satisfeito com isso, dei um beijo no rosto dêsse entezinho enfezado, que lhe sugava o sangue, orvalhando-o com as lágrimas do meu pesar.

Depois disso, entrei em casa e, voltando de lá com umas roupinhas destinadas ao meu filho, cobri com elas o corpo dessa criança doente. E só então, enquanto a mendiga me enchia de bênçãos e fazia votos pela felicidade dos meus, eu fui beijar o meu filho com os lábios ainda trêmulos do beijo que depositara no rosto macerado do filho da miséria. Nessa ocasião entregavam-me um telegrama em resposta a um dos que havia expedido três horas antes. Nêle eu lia esta simples palavra, tão doce e tão sugestiva: Parabéns". [1]

Veja o meu leitor como o amor humano enobrece uma alma. Um homem ficou mais nobre na sua caridade por sentir-se pai. Acabava de tomar parte "em tôda paternidade que vem de Deus" (Ef 3, 15).

2. DE QUE FAMíLIA

és tu, jovem? Assim indagou Saul ao ver diante de si David com a cabeça do gigante Golias na mão. Com essa, era a terceira vez que se interessava pela família do valoroso môço. Foi certo seu cálculo: tal môço devia provir de família de valor.

O perguntado relatou sua modesta família, mas expôs também certas tradições de valorosas atitudes por ela assumida: O destemor era uma tradição na casa de Isaí de Belém (I Rs c. 17).

A tradição, o costume da família entra no rol do legado paterno. O crescimento de uma árvore só é possível pela perseverança da seiva. E não é possível uma verdadeira e profunda educação sem a continuidade do esfôrço. Diz com razão Charmot:

"O esbanjamento do passado é esbanjamento de esperanças. O futuro é um fruto. O que se chama criação é conseqüência de uma longa maturação, cuja marcha secreta não se percebeu. Um filho que tem a ilusão de pertencer a si mesmo, e que para mostrar sua independência corta tôdas suas raízes familiares, não guardará por muito tempo as fôlhas e os ramos. Secará. Às vêzes conseguirá enxertar sua vida sôbre outra planta, quando a família pere-

[1]) Garcia Redondo, *Carícias*.

ce. Deus permita que êsse brôto enxertado sôbre árvore escolhida floresça como se nunca houvesse sido arrancado.

Mas isso é um acidente. Em geral a ruptura com o passado acarreta ruína para o indivíduo e as sociedades. Por isso temos de tomar a união, a autoridade moral e o espírito de tradição como um dos fundamentos da educação".

Em tempos idos de castelos e cavaleiros os escudos, os copos das espadas, as inscrições sôbre as entradas afirmavam um princípio de honra e lealdade, que as mãos de uma geração transmitia à outra. O cavaleiro que não seguisse aquela "tradição" era um degenerado, a quem não se dava a mão de uma filha. Ainda hoje se apontam os descendentes de mártires do cristianismo, ciosos da gloriosa tradição herdada.

Meça por aí o leitor a importância das águas que correm pelo leito da tradição na família. Não as tolera turvas, duvidosas, barrentas. Sobretudo no que se referem aos direitos de Deus, da sua Igreja, da solidariedade com o grande corpo da humanidade, ou melhor, com o corpo místico de Cristo.

Frases, apreciações, projetos, atitudes perante grandes e pequenos acontecimentos são as gotas que formam o caudal. Até as paredes de uma casa, seus móveis, as ruas da vizinhança, as visitas que chegam, as datas do calendário religioso e civil podem contribuir para a moldura de uma tradição. Sobram provérbios e frases que bem classificam o tesouro do lar com seu ambiente.

Da boa tradição numa família podemos dizer o que se diz das árvores: "Quando novas dão flôres e frutos; quando velhas, calor e sombra". Na nossa infância são floridas e vergam-se cheias de frutos. Mais tarde são como sombra agradável, ou como calor aquecedor, quando recordadas.

"E' sentença dos *Provérbios*: "Instruí o vosso filho; êle vos consolará e encherá a vossa alma de contentamento". Mas para ensinar bem é preciso saber transmitir as tradições, observa Rouzic. Tradições são costumes baseados em determinados princípios morais ou sociais. Evidentemente os princípios da fé e da honra são idênticos para todos. Mas êstes mesmos princípios, considerados sob diversos aspectos por uns e por outros, ocasionam, quando se transformam

em atos, certas particularidades que acabam por caracterizar uma família. Êstes caracteres, como a própria palavra tradição o diz, transmitem-se de pais para filhos, pela palavra e pelo exemplo. Semelhantemente ao corredor antigo em que fala um poeta, o pai lega aos filhos o facho da vida, a fim de que, uma vez morto, a luz continue, mesmo assim, a resplandecer, por intermédio daqueles que lhe sobreviveram: Quasi cursores vitae lampada tradunt.

As tradições constituem um apreciável patrimônio espiritual, que pode ser colocado a par da história, do brasão, do lar e das terras. Nada contribui tanto para apertar ìntimamente as relações de afeto e de estima entre os filhos e os pais. Nada há que comunique tanta fôrça aos indivíduos. O filho é o prolongamento fiel do pai quando acredita naquilo que o pai acreditou. E quando há certeza de que semelhantes máximas foram praticadas, de que tais sentimentos são hereditários na história de uma família, os descendentes dessa família são, naturalmente, levados a viver de harmonia com semelhantes princípios e a inspirar-se nesses sentimentos. Napoleão era o primeiro a reconhecer o poder da tradição, quando exclamou, possuído de funda melancolia: "Ah! Se eu tivesse um... neto!"

O que predomina nas tradições de algumas famílias é a lealdade. Noutras, é principalmente, a valentia. Em muitas é a honra ou o desinterêsse. Lembremo-nos daquele pai que, segundo Vergílio, assim falou ao filho:

Meu filho, aprende comigo a virtude, a verdade e o trabalho; aprende com os outros a fortuna.

Tobias também fala, da mesma maneira, ao filho, conforme narra a Bíblia: "Nada temas, meu filho. E' verdade que somos pobres, mas tem-se muitos bens quando se teme a Deus e quando nos afastamos do pecado, para só praticarmos o bem" (Tb 4, 23):

Assim escreve Rouzic no livro intitulado "O Pai", livro que muito recomendo ao leitor. E' claro, as tradições não aparecem de repente. Vão se cristalizando. Resultam de uma atmosfera moral que se respira todos os dias e a cada instante do dia. Deslizam nas conversas habituais, aprendem-se nos atos cotidianos do pai e da mãe.

3. REMONTANDO UMA NASCENTE

Como espôso e pai nota o leitor o bramido das ondas do amor em sua alma. Êsse amor tem uma nascente que está em Deus. "Êle é o amor e foi para o amor que criou o mundo. Deu-se ao amor com tôdas as suas fôrças para criá-lo, redimi-lo, santificá-lo. E' Pai, Salvador e Santificador do amor.

Porque ama a criatura, Deus quis fazê-la colaborar em suas obras e é essa a razão por que depôs seu tesouro supremo, o amor, nas mãos frágeis do pai e da mãe".

Já temos lembrado ao leitor que o amor conjugal é criador, redentor e santificador. Programa garantido, pela graça do sacramento, para todos os homens de boa vontade no esfôrço. "Sendo Pai, Deus quis o fôsse também o homem, à sua semelhança. Pois o amor tende à perenidade. Quer sobreviver a si próprio, continuar-se nos sêres novos. O homem confunde suas energias com a da espôsa, que também quer ser mãe. Lá um dia ela diz ao espôso que "êle chegou". Que traz em seu seio o fruto do amor, a dádiva suprema do espôso.

Há transformações na espôsa e no espôso. O homem maravilhado com sua fôrça criadora, sente em seu coração como que a sublimação do amor que devota à espôsa. Agora a considera mais como um tabernáculo da vida. Sente-se possuído de um grande respeito pela companheira. Tem-lhe veneração. Mais do que nunca a protegerá contra os perigos e as vicissitudes da vida. Pois ela lhe engrandeceu a própria existência. Multiplicou-a, perpetuou-a no tempo. Êle é pai.

Nasce o filho, fraco, vagindo. Ela chama o espôso, pede o filho e ambos inclinam-se com emoção sôbre o pequenino ser confiado ao amor de ambos. Beijam-se, cheios de reconhecimento. Notam que se amam, que estão mais ligados um ao outro por uma nova missão: a de proteger êsse pequenino sem fôrça e sem calor. Abraçam-no com uma delicadeza infinita, como se temessem magoá-lo. Assim Viollet.

Por compreender tudo isso, um pai teve um gesto comovedor e de profunda fé. Nascera-lhe um filhinho. No dia seguinte a jovem mãe recebia no leito a Sagrada Comunhão. Então o pai toma o filhinho nos braços e deposita-o bem

junto do coração da espôsa. Queria ficasse o fruto do amor mais perto da "nascente", de Deus recebido na comunhão.

Nunca se olvide o leitor da colaboração de Deus na geração de um filho. O Criador subordina sua ação à dos esposos. Espera pelos pais, até que tenham preparado na união do amor o germe, do qual a alma fará um ser humano. Nem é esta a única associação que têm com Deus. Estão associados com Cristo na redenção. Apresentam o filho ao batismo e comprometem-se a desenvolver a vida sobrenatural que aí recebeu. Duplo programa glorioso: fazer homens e formar cristãos.

Com carinho olha a Igreja para os lares cristãos. Defende-lhes os direitos. Sabe que sem êles ficaria reduzida a pouca coisa, não teria as vocações de seus sacerdotes e religiosos, não veria a tradição de pureza e amor que filhos cristãos continuarão ao fundarem suas famílias.

Se o leitor tiver um filho môço, explique-lhe essas grandezas. Nêle desperte o orgulho perante tantos títulos que acarretam responsabilidades, que exigem sagrado respeito à fôrça criadora depositada em seu corpo. Quer Charmot se mostrem aos jovens estas perspectivas de paternidades, para melhor prepará-los e um dia levarem com honra nome e encargos de pais.

Lembra que no Pai-Nosso Cristo Senhor pede "seja santificado o nome do Pai". Ora os que podem santificar êsse nome são, antes de tudo, os que o levam. A êles cabe converter sua paternidade numa ação santa, pela qual serão imagens do Pai celeste. A paternidade de Deus é fecunda. Como êle gera seu Filho, comunicando-lhe tôda sua natureza, assim também o homem deve desejar comunicar-se inteiramente ao maior número possível de filhos.

Hoje reina o mêdo do filho. Observa Leclerq: — "O mêdo oposto é mais são. O mêdo de não os ter bastantes, de não os ter suficientes para satisfazer a ambição de uma família abundante, rica pelo contacto de personalidades diversas que crescem no mesmo lar. Isso porque há muitas causas físicas, sociais e econômicas que impedem ter tantos filhos como reclamaria a expansão da família" (Charmot, S. J.).

4. JÁ ERA CALIFA

antes de ser pai, dizia em *Lendas e Narrativas* [1] o governador mouro das conquistas na Espanha. E assim justificava seu zêlo pelo reino do profeta, pelo Koram, e sua crueldade contra o filho conspirador, que condenara à morte.

Dá-se o mesmo com o leitor, quanto ao caráter e missão de batizado. Poderá dizer: já era cristão antes de ser pai. A paternidade não ab-rogou o decálogo, o caráter e o programa do batismo. Não apagou as normas do Evangelho, os deveres de docilidade às normas da Igreja no que dizem respeito ao leito conjugal, à coabitação, aos filhos, à escola e à "cidade de Deus". Numa palavra, o amor paterno é mais uma flor desabrochada no amor cristão. E' a um cristão que Deus, no teu caso, confia um ser imortal, uma alma destinada à eterna visão do Pai dos céus.

Tudo que um pai pensa, faz, padece, projeta a respeito dos filhos há de vir "carregado do batismo". E assim a educação de um filho é isso para êle: garantir ao educando todos os socorros materiais e espirituais que lhe são necessários para o pleno desabrochamento da graça do batismo; ensiná-lo a se conduzir no meio dos homens como filho de Deus, em caminho para a casa do Pai.

Já disse Pio XI: o clima da educação é a preocupação com Cristo a ser formado na alma do filho. Sabe o leitor que, após a Redenção por Cristo, tudo no mundo anda com o programa de contribuir para formar Cristo em nós. Justamente a família é o lugar privilegiado dessa "primeira configuração".

Muito eu lamentaria, se o naturalismo moderno houvesse roubado ao leitor a compreensão sobrenatural de tôda educação que é genuína. Hoje fala-se em formar homens e não, cristãos. Entretanto teu filho não é um mero homem, composto de corpo e alma. E' um filho de Deus, um remido do Salvador. O sentido cristão exige mais uma coisa, além disso. Não admite se ignorem as conseqüências físicas, intelectuais e morais do pecado original.

Jamais podemos perder a lembrança de uma inegável realidade: a criança carrega o pêso dos pecados de sua raça. Tôda educação integral há de ser também uma reeducação.

---

[1]) Alexandre Herculano.

E sem o socorro da graça redentora de Cristo não será possível ao pai cuidar com proveito do belo equilíbrio humano e sobrenatural do filho.

Em chegando a hora da chamada para a vocação, entra novamente o princípio: antes de ser pai, tu eras um cristão. E o leitor avaliará com vistas cristãs os roteiros oferecidos ou preferidos pelo filho. Nada de preferências ou tolerâncias comprometedoras da primeira vocação de tôda criatura ou filho de Deus. Não desejaria ver meu leitor no meio dos "horizontais", sem visão vertical, ligando a terra ao céu, a Deus, à eternidade. Não é visão digna de um batizado. Compromete, pelo contrário, a felicidade um eleito para a cidade de Deus.

5. EDUCAÇÃO TOTALITÁRIA

Por mais que o têrmo pareça suspeito, é inegável sua necessidade. A dupla finalidade do homem — de teu filho, leitor — caracteriza um dos requisitos fundamentais da verdadeira educação: a totalitariedade. E isto quanto ao educando e quanto à duração.

Quanto ao educando. — O trabalho educativo deverá estender-se ao educando todo, e não a uma só parte ou a uma só faculdade dêle. O menino tem corpo, tem alma que pensa, raciocina, quer, sente, é livre. Todos êsses campos hão de ser lavrados e cultivados. A educação tem de ser física, moral, intelectual, sentimental. O educando não vem ao mundo destinado a ser um egoísta, a levar uma vida egoísta e solitária. Nasce numa tríplice sociedade: a doméstica, a religiosa, a estatal. Família, Igreja e Estado. E' um ser essencialmente religioso. O afamado e antigo escritor Tertuliano fala da "alma naturalmente cristã". Logo, deve praticar a religião como indivíduo e como membro de uma sociedade na qual vive: a Igreja.

Diga-se o mesmo com referência à sociedade civil, à pátria.

Quanto à duração. — Não basta ser alguém um adulto para dispensar-se da educação. Só a morte subtrai o homem à formação, ao dever de educar-se. Inteligência, vontade e sentimentos podem ser deformados, embrutecidos com

o tempo e o desleixo. Ainda mais que os maus exemplos são mais numerosos no alto mar da vida, do que na viagem de cabotagem da infância. E contam sempre com terríveis aliados que são as máximas erradas e as paixões. Ninguém dorme tranqüilo numa cratera aparentemente extinta.

Nestas páginas interessa-nos sobretudo a precisão das idéias sôbre a educação religiosa. Não faltam livros bem orientados e ao alcance do leitor de boa vontade, que expõem os outros programas e métodos. Não faço ao leitor a injúria de supô-lo um dêstes, que fazem caso omisso do ponto de vista sobrenatural, que negam ou, pior ainda, que se inspiram num naturalismo perigoso.

O principal destino de todo homem é o sobrenatural. Seu principal dever na vida? O dever traçado autênticamente pelo Evangelho. Para um pai cristão, digno dêste nome, "educar é cooperar com a graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, para quem a vida é Cristo e tôdas as operações são manifestações de Cristo nêle. Por isso compreende ela o âmbito todo da vida humana: sensível, espiritual, intelectual, individual, doméstica e social" [1] E isso — ainda Pio XI — não certamente para diminuir essa vida humana em qualquer coisa que seja, senão para elevá-la, regulá-la, ordenando e aperfeiçoando-a de acôrdo com os exemplos e doutrina de Cristo. Pode haver ideal mais nobre do que êsse: "A fim de que a própria vida de Cristo se manifeste em nossa carne mortal"?

Já viu o leitor a parte respeitosa, mas vigiada, que cabe ao corpo com sua missão de subordinado à alma e à eternidade. E a sensibilidade ficará prejudicada neste método? Leitor, na frase de S. Agostinho, será mais fácil contar os cabelos de teu filho do que os afetos e os movimentos de seu coração. Tem êle a faculdade de gozar e sofrer, de amar e odiar. Algo há de turbulento nos homens, observava Cícero. E em teu filho há uma maré de sensações, sentimentos, inclinações pessoais, sociais e superiores. Tudo atuando de uma maneira caprichosa. Há em nós "um certo centro de atração que nos põe em comunicação com tudo quanto existe: com a natureza, com o gênero humano, com o verdadeiro, com o belo e o bom e com Deus. O homem vale tanto quanto seu coração — no mais vasto sentido da

[1]) Encíclica Divini illius magistri — Editôra Vozes.

palavra —, mas é preciso que seu coração seja *bom*. E tal se tornará pela educação cristã" (Delabar).

Inteligência, vontade, caráter têm suas rotas bem assinaladas e sempre bem atuais, ao alcance do leitor em livros de sã orientação. Foge à nossa tarefa entrar em muitos pormenores. E' verdade, não faltam sofismas que, como cogumelos em paus apodrecidos, nascem das paixões requentadas na época moderna. Figuram entre êles o culto excessivo da liberdade, da personalidade, da iniciativa individual no educando. O eco a tudo isso ouve-se nas lamentações dos pais sem autoridade, desprestigiados.

O pai — êsse humilhado! E' o preço pago pelo êrro individual ou coletivo.

6. EM LORETO

está a Casa Santa, dentro de magnífica Basílica. Assim quer a cristandade mostrar sua veneração pelo lugar onde Deus tomou forma humana e, sob os olhos de José e Maria viveu e cresceu.

Casa onde viveu na mais bela união o mais santo casal que a terra viu: José, o varão justo, e Maria, a bendita entre tôdas as mulheres. Lembro isto ao leitor para destacar a predileção de Deus pelo lar. A cada passo encontramo-la no Evangelho, nas atitudes de Cristo Senhor. Ei-las: Cristo levou a alegria festiva à casa dos esposos de Caná (Jo 2, 1).

Levou a cura à casa de Pedro (Lc 4, 39). Entrou com a misericórdia na casa de Simão, o fariseu (Lc 7, 36). Distribuiu conversões no lar de Mateus, o cobrador de impostos (Mt 9, 10). Trouxe a vida para a casa de Zaqueu, o onzeneiro, e de Jairo, choroso da filha falecida (Lc 19, 5 e 8, 5). Carregou suas ternuras para a casa de Lázaro (Lc 10, 38).

E à mesa, na casa de Simão, o leproso, cantou hinos à generosidade, ao amor de uma convertida e pronunciou solene reprovação da sórdida, sacrílega avareza de seu hospedeiro (Mt 26, 12).

Queria estar perto das almas, delas se aproximar, indo sentar-se até em seus lares. Sua presença santificou afetos conjugais. Era celestialmente enamorado dos pequeninos, das

virgens. Quem poderá dizer o que levava êle em seu coração, ao sair dessas casas visitadas?

Impressionante fato: a Eucaristia — o grande sacramento da Igerja! — foi instituída em sala espaçosa de uma "casa, onde quis o Mestre celebrar sua Páscoa". Seus sacerdotes tira-os dos lares honestos, filhos de um sacramento. Quando perseguido pelos maus, Cristo refugia-se nas casas de família. Ainda hoje também. E por fim quis ter sua sepultura no jardim de uma família.

Por conseguinte, leitor, *Êle* não pode estar ausente de teu lar. Pois é amigo de séculos de tôda família que o recebe. Presente em sua imagem de Crucificado; entronizado na de seu Coração Divino; lembrado na oração de cada dia; louvado nas horas alegres e tristes; confidente de todos os planos e segredos — eis o programa.

Mas sobretudo urge a presença dêle na sua doutrina respeitada, no seu exemplo imitado e no seu amor retribuído. E pergunto ao leitor: E por que não chamar a presença do Mestre, pela leitura de seu Evangelho? O homem de branco assim fala: "Vosso "sim" sacramental tem na realidade algo do *Pai-Nosso,* pelo compromisso que implica de santificar o nome de Deus na obediência às suas leis; de estabelecer seu reino em vosso lar; de perdoar todos os dias, um ao outro, as mútuas ofensas ou faltas; de combater as tentações e de fugir do mal. E sobretudo o "seja feito", resoluto e confiado com que encarais os mistérios do futuro" (Aloc. de 16 de Outubro de 1940).

Para êle os casados devem fazer, por assim dizer, "a dedicação da basílica", consagrando a casa a Deus, como a Igreja celebra a festa da dedicação de suas basílicas. (O Papa explica: basílica significa casa do rei). Na mesma alocução (15 de Nov. de 1939) recorda que a suma da vida humana é... o pão, o vestido, a casa. Não ter casa, estar sem teto e sem lar é o símbolo da máxima angústia e miséria. Que um dos maiores sacrifícios que Deus pede a uma alma, ao chamá-la a qualquer vocação mais elevada, é o de deixar a sua casa. E ao que a deixar por amor a Êle, promete a vida eterna. Até Cristo Senhor quis, durante sua vida apostólica, ser como um homem sem casa. As rapôsas — dizia tem suas tocas, as aves os seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde descansar a cabeça (Mt 8, 20).

Mas que calamidade, quando esta casa, tão importante na realidade e no simbolismo, é... templo em ruínas, sem Deus! Uma basílica sem o Rei que é Cristo, com sua doutrina, seus exemplos, seus preceitos e seu espírito! De ti, leitor, depende tudo isso. Se não criares um clima de "Casa Santa" no teu lar, terás dentro dêle "almas desajustadas". Pois o ambiente da alma é Deus, no qual vivemos, existimos e nos movemos.

7. MANUEL? RAUL? ...MANOELITO!

— Afinal precisamos decidir esta questão do nome, disse-me a espôsa. Sorri-me. Era a terceira investida que ela dava, nesse dia, sôbre êsse assunto já tão discutido entre nós e ainda não resolvido.

— Amanhã decidiremos isso.

— Amanhã... sempre amanhã! E nunca decidimos nada. Levantou-se e, visìvelmente desapontada, dirigiu-se para o quarto onde dormia o nosso bambino no seu bercinho de cana da índia, todo envolvido num longo cortinado de gaze creme.

Ela queria o nome de Raul, por achá-lo romântico, e refugava o de Manuel que lhe parecia muito prosaico, apesar de o pai o haver escolhido em homenagem ao avô paterno. Agastada, não compareceu ao chá, deixando o marido sòzinho a essa hora, pela primeira vez. Por fim o desfécho... "Então sem me lembrar mais do que se tinha passado na véspera, querendo, a todo o transe, a paz, a doce paz do meu lar, dirigi-me ao berço e tomando nos meus braços o filhinho, que já me olhava risonho e palreiro, voltei para o nosso leito e deitando-o ali, ao lado dela, que simulava dormir ainda, disse-lhe:

— Aí tens o nosso... Raul, que vem pedir-te um beijo.

E ela, cheia de uma grande satisfação com aquilo, tão desejosa como eu de desfazer a nuvem, cobriu o pequenino de beijos e, repondo-o nos meus braços, disse-me:

— Raul, não; agora sou eu quem quer que êle tenha o nome de teu pai. E' justo, muito justo, tu tinhas razão. E, como eu olhasse enternecido e estupefato, ela acrescentou explicativa e terminante:

— Inútil insistires pelo Raul. O menino terá o nome de teu pai, sou eu quem o quer, sou eu quem o pede. Mas, como êsse nome é efetivamente feio, nós, para amenizá-lo um pouco, só usaremos dêle no diminutivo em *ito*, à espanhola, e todo o mundo pensará que é êsse o nome dêle.

E, como eu lhe explicasse então o que havia feito (passando um telegrama) e lhe mostrasse a carta do avô, ela, sempre meiga mas decidida, insistiu:

— Agradeço-te muito e também ao avô essa gentileza, mas não aceito a resolução. A nossa decisão está tomada e agora vamos tratar de o batizar quanto antes.

E retomando o pequenino nos seus braços, conchegou-o ao seio e, olhando-o, com aquela ternura que só se encontra no olhar das mães, repetiu muitas vêzes:

— O Manoelito!... o meu querido Manoelito!

Procurava habituar-se com o nome. E nunca mais nessa casa se falou em Raul". [1]

Desculpem-me Raul e Manuel a apreciação de seus nomes. Digo apenas: Leitor, quando fôres avô, não ponhas lágrimas nos olhos de tua filha, se, deixando o teu nome, escolher outro para o filhinho. Isso de legar nome é orgulho masculino, orgulho de dinastia, que a mulher não compreende, nem aprecia. Nem eu também. Estou com ela.

8. NO REINO DA PATERNIDADE

A paternidade é uma relação menos sensível do que a maternidade. Os sentidos não a percebem tanto, como nesta. A criança que vai nascer não cessa de aderir ao corpo materno. Revela sua presença por muitos modos. Nascida, é um prolongamento da carne materna e as relações continuam através do aleitamento. Já o modo de a mãe carregar seu nenê dá a impressão de ser êste um todo com ela. A mãe foi feita para levar a vida nos braços. A curva de suas vértebras adapta-se a isso fàcilmente, elegantemente. Parece que sua elegância precisa dêsse pêso nos braços.

Entretanto que sucede com o pai? Psicològicamente pode sentir-se estranho a êsse negócio. Sua carne não sentiu nem a pré-história, nem a primeira história do filho.

[1]) Garcia Redondo, *Carícias*.

Desaparecesse êle, após a geração, e tudo correria sua marcha natural. Na animalidade é assim: o macho desaparece. Pois não passa de um reprodutor. Não é pai. A relação de pai para filho puxa mais pelo espírito.

Mas esta verdade, leitor, transforma a consciência, de vários modos. Primeiro, sob a consideração do tempo, prolonga teu horizonte temporal além dos limites da tua vida. Um pai não pertence apenas à sua geração. Torna-se membro da geração seguinte e, de certo modo, de tôdas as outras por meio do filho, do neto, etc. Entra em dose menor a parte da carne, na relação da paternidade. Da maternidade se poderá dizer que o instinto tem maiores manifestações. A mãe tem precisão, para sua euforia, dêsse prolongamento de seu corpo, da sensação de seios sugados por pequenas boquinhas.

Já o pai deve vencer sua insensibilidade para reconhecer-se nesse pedaço de carne tenra e avermelhada, envôlta num embrulho de sêda azul. A seus olhos o filho é, muitas vêzes, um fruto involuntário do amor. E' o "tal" que pôs em perigo a vida da mãe, o terceiro que vai mudar a alegria da intimidade, o símbolo de muitas penas futuras, a começar pela precariedade de sua vida. Só corre perigo de perda aquilo que se possui. E a idéia de que o filho poderá perecer deita uma sombra sôbre as alegrias que dá.

Interessante a relação da paternidade entre filho e filha. Aquêle encerra muitas vêzes uma rivalidade latente. Isso se manifestará com o crescimento, quando se mostrará ingrato para com o pai, como êste o foi para com o seu. Depois, o filho estabelece um confronto entre pai e mãe. Sabe que esta, sim, sofreu muito para dar-lhe a vida, enquanto o papel do pai era insignificante no caso.

Em velhos tempos, leitor, o pai tinha de defender o lar contra hienas e chacais. Hoje, à medida que a sociedade se encarrega de proteger a criança, o papel físico do pai vive limitado. Em todo o caso a relação da paternidade está inscrita na natureza espiritual.

Um pai não pode abrir mão da severidade e esta tem suas raízes. No filho verás, leitor, tuas próprias qualidades ao lado das falhas e insuficiências. Muitas vêzes castigando teu filho, estás castigando a ti mesmo. Tudo porque te queres melhor em teus exemplares, numa segunda edição.

Todo filho torna-se, em certos dias, um filho pródigo com relação a seu pai. Deixa a casa paterna e é na solidão que compreende enfim a majestade da filiação. Por isso não se faça muito empenho em evitar a provação da ingratidão. Com razão dizia Lacordaire aos pais de família: "E' honra para vós, encontrar, nos filhos, a ingratidão mostrada por vós para com vossos pais, e assim acabar como Deus num sentimento desinteressado".

Outra é já a relação entre pai e filha, na qual contempla a feminilidade, que até então residia na espôsa. A filha é imagem e espelho para o pai. Cada um de nós traz consigo o caráter recessivo do outro sexo. Tem o homem precisão de ver sua imagem num ente feminino. A espôsa está por demais incorporada ao homem e não lhe oferece traços copiados. Também a mãe, da qual como filho herda talvez a fisionomia, é sua origem e sua fonte. Por isso lhe é mais doce ver-se no rosto de um ser que dêle procede.

Nessa relação a metamorfose é maior. A menina muda de *estado,* bem mais do que o menino. Seu aspecto é um aos quatro, aos dez, aos doze, aos dezesseis anos. Essas metamorfoses da natureza feminina, sempre tão plástica, oferecem ao pai que as contempla, um espetáculo sempre variado. Reconhece-se nessa graça. Sua energia aparece nessa fragilidade. E às vêzes até suas cóleras de homem são revistas nos modos agrestes, vivazes, ferozes da jovem.

Nessas relações de pai e filha há também a cumplicidade e raramente fracassa tal amizade. Para a menina o pai é algo de patriarca, de rei, de guia; tem autoridade sob o aspecto de ternura. Leia-se o que Santa Teresinha nos escreve a respeito das relações com pai e ter-se-á um exemplo. Está aí um livre apanhado de uma exposição de Jean Guitton.

9. NONATOS EM TUA CASA

Quero com o têrmo abranger os filhos possíveis, que não nasceram. Refiro-me ao número dos filhos. Idéias bem cristãs e bem claras devem orientar o leitor. Exponho-lhe, por isso, o seguinte:

1) Nada obriga os casados a terem tal ou qual número de filhos. Dizemos "nada obriga", isto é, nada obriga

pelo fato da lei do matrimônio. Se de comum acôrdo os esposos resolvem omitir por um tempo, mais ou menos prolongado, as relações conjugais, podem fazê-lo.

2) Se os casados, embora continentes, deixarem de ter filhos por falta de confiança em Deus, ou por razões egoístas, podem faltar contra a virtude da esperança ou contra a fortaleza e o valor que devem ter os cristãos.[1]

"Neste caso, Barbe acha que o casal, agindo por egoísmo na sua continência, poderia incorrer em falta pesada e mesmo eventualmente mortal. Qual a razão? Tal atitude é contrária à obrigação fundamental do estado de vida que foi abraçado.

Saiba o leitor que a Igreja não é natalista, quando por tal se entende a vontade de procriar filhos a qualquer preço, e de elevar a curva dos nascimentos. O que ela pede aos casados é uma generosa e leal vontade na transmissão da vida a sêres, aos quais a graça do Batismo transformará em filhos de Deus. Mas essa generosidade tem limites na razão, a qual não exige sejam chamados à vida sêres que teriam sua salvação entravada por uma miséria fisiológica ou econômica. O próprio Leão XIII com S. Tomás reconhece nessa miséria um "mau clima" para a virtude.

Não exige a Igreja que a mãe repita a gravidez numa seqüência muito próxima uma da outra. Ou que venha correr um risco de vida extraordinário, para dar à luz um filho. Chega mesmo a admitir que motivos superiores (compromissos religiosos, sociais, científicos, por exemplo) possam dispensar certos casais da procriação de filhos. Assim se dedicarão exclusivamente à sua missão mencionada".

Streng continua: "Seria falso afirmar que a Igreja ensina, ou tenha ensinado alguma vez, a obrigação de terem os casados todos os filhos que fìsicamente possam gerar. Já temos apontado para a existência de famílias, muito numerosas por causas antinaturais. São aquelas onde os filhos se sucedem com demasiada freqüência, porque os pais não guardam a devida continência, imediatamente depois do parto.

A Igreja, diz P. Plus, antepõe o crescimento espiritual do gênero humano ao seu crescimento numérico. A moral conjugal não visa tanto produzir muitos homens, como formar nos corpos de bela saúde física almas de caráter, (citado por G. Madinier na obra infra, p. 243).

Não poderia faltar no assunto a voz do homem de branco. Pio XII, além do que o leitor já está sabendo pela leitura destas páginas, disse abertamente:

"Há uma miséria ainda mais profunda, da qual deveis preservar a família. Digo aquela aviltante escravidão a que a reduz uma mentalidade, tendente a convertê-la num mero organismo a serviço da comunidade social na procriação de uma massa suficiente "de material humano". [2]

Não quero terminar sem lembrar a recomendação de Streng:

"Devem os pais estar dispostos a ter tantos filhos quantos possam educar nas condições de vida em que se encontram. Hão de ser ouvidas a saúde da mãe e educadora, a suficiência de salário, de moradia. Contudo há casamentos onde a consciência é muito larga neste ponto. Por egoísmo exageram suas dificuldades e consideram como impossibilidade o que seria simplesmente um ligeiro sacrifício. Sem motivo justificado reduzem o número dos filhos".

10. ROTEIRO DO ESPORTE

Todo pai e educador precisa andar com avaliações certas a respeito do desporto. Filhos e filhas vivem na atmosfera das competições e torcidas. Têm o esporte como programa nos colégios, nos clubes e na educação. Felizmente temos firmes balizas plantadas pelo homem de branco nas freqüentes alocuções a esportistas e médicos. Guarde-as como suas o leitor bem intencionado. Ei-las:

— *A prática* do desporto e da ginástica está difundida em tôdas as classes e vivo é o interêsse que despertam por tôda parte. Grandes são as suas repercussões, quer para as pessoas, quer para a sociedade. E' variadíssima sua lista: ginástica de quarto, ginástica escolar, exercícios livres, exercícios com aparelhos, corrida, salto, escalada, ginástica rítmica, marcha, equitação, esqui e outros desportos invernais, natação, remo, esgrima, luta, pugilato, e muitos outros ain-

---

[1]) P. Plus, *Hacia el Matrimonio.* — Edit. Difusión, Buenos Aires p. 11.

[2]) Alocução à Confederação das Famílias Italianas, 27 de Nov. de 1951.

da, entre os quais os tão populares do futebol e do ciclismo. A imprensa acompanha e comenta-os.

Mas base para acertar aqui é o seguinte princípio: tudo o que serve para a consecução dum fim determinado deve tirar do mesmo fim a regra e a medida. Qual o *fim do desporto?* Educar, desenvolver e fortificar o corpo, sob o ponto de vista estático e dinâmico. Eis seu fim próximo. Como fim remoto está a utilização, por parte da alma, do corpo assim preparado para o desenvolvimento da vida interior ou exterior da pessoa. Como fim, ainda mais profundo, o contribuir para a sua perfeição. Por último, como fim supremo do homem em geral, e comum a tôdas as formas de atividade humana, aproximar o homem de Deus.

Impõe-se também a consideração dos *fatores* principais que intervêm nas atividades gímnico-esportivas: corpo e alma. Consideremo-los sob o aspecto religioso e moral.

A anatomia, a fisiologia, a psicologia e a estética, e outras ciências mais, estudam o corpo humano e descobrem sempre maiores maravilhas. O pensamento moral e religioso reconhece e aceita tudo isto. Contudo vai mais além. Quer o corpo humano ligado à sua primeira origem, que o tornou morada e instrumento da alma. Essa origem juntou e uniu, numa síntese, difìcilmente explorável pela nossa inteligência, o mundo espiritual ao material, não só com um vínculo puramente exterior, mas na unidade da natureza humana. Recebe o corpo a prerrogativa de ser, com isso, templo de Deus. Daí a senha do Apóstolo: Glorificai e trazei a Deus no vosso corpo" (1 Cor 6, 13 ss.).

Agora o corpo humano é mortal, mas não é êste seu destino final. Será chamado outra vez à vida e esta eterna. Norma importantíssima para uma justa perspectiva. Mais ainda. Os instintos e as fôrças do corpo levantam-se sufocando a voz da razão, predominando sôbre as energias da boa vontade. E isto desde o dia, em que a sua completa subordinação ao espírito se perdeu com o pecado original. Bem o constatou S. Paulo: "Vejo nos meus membros outra lei, que se opõe à lei da minha mente, e me torna escravo da lei do pecado, que está nos meus membros" (Rom 7, 23). Guerde o pai e educador esta norma de ouro pronunciada por Pio XII, que conhecidamente pratica o esporte:

"A máxima é esta: *cuidado do corpo, robustecimento do corpo, sim. Culto do corpo, divinização do corpo, não. Como também não divinização da raça e do sangue e dos seus pressupostos somáticos ou elementos constitutivos*".

Em seguida êle lembra *certa ginástica* e desporto que, com sua austeridade, contribui para refrear os instintos. Como também outras formas de desporto que os despertam, quer pela violência do esfôrço, quer pelas seduções da sensualidade. Mesmo sob o ponto de vista estético, com o prazer da beleza, com a admiração do ritmo na dança e na ginástica, o instinto pode insinuar o seu veneno nos ânimos.

Além disso há, no desporto e na ginástica, no ritmo e na dança, *certo nudismo*, que não é nem necessário nem conveniente. O que nesse campo interessa às massas, não é a beleza do nu, mas o nu da beleza. Perante tal maneira de praticar a ginástica e o desporto, o sentimento religioso e moral opõe o seu veto.

Numa palavra o desporto e a ginástica não devem *mandar* e *dominar*, mas *servir* e *ajudar*. E' a sua função e nisso encontram a sua justificativa". [1]

Veja o leitor como são claras e sólidas as normas do gajeiro da nau de Deus, que é a Igreja. Por isso intervenha resolutamente quando colégios particulares, e mesmo oficiais, exigem desfiles onde o nu, maxime o feminino, predomina. O Estado não tem direito de ir contra os direitos dos pais. E' dever de consciência dizer um *não*.

Mais adiante falaremos do outro fator, a alma no desporto.

11. PARVA DOMUS — MAGNA PAX.

Grande paz em casa pequena, era o aviso à entrada de antiga morada. O programa do lar, santuário das almas, foi bem focalizado por Pio XII. Chega a compará-lo com uma lente que, "enfocando" os raios do sol atira-os concentrados sôbre um ponto para incendiá-lo.

---

[1]) Alocuções de 8 de Novembro (1952) aos médicos desportivos, e 16 de Maio (1953) aos dirigentes da Associação Esportiva Nacional Italiana.

Por isso quer o seguinte:

— Não deve ser desleixado, frio, com a frieza de um hotel com suas mobílias. Seja, ao contrário, embelezado com a alma das coisas e com a vida da alma. O melhor ornamento do lar são as virtudes dos moradores.

— Todos que entram devem ficar sabendo que, neste lar, se serve a Deus; que dêle estão banidas as conversas desonestas, as palavras mentirosas, as cóleras ou fraquezas culpáveis. Que seu Rei é o Sagrado Coração. Que o lugar de honra é ocupado pelo Crucificado e pela Virgem Maria.

— No jardim da humanidade, desde que deixou de ser o paraíso terrestre, tem amadurecido e amadurecerá sempre um dos frutos amargos do pecado original: a dor. Ela entrará no lar, viverá ao lado *dos sãos*. Virá a debilidade na figura dos velhinhos e crianças. Mas para cristãos a debilidade é um título de respeito e a dor é prova do amor de Deus e manancial de graças. Aos velhos assegure-se aquêle respeito e aquela tranqüilidade de que precisam.

— Na casa os pais fazem-se pequenos com os pequenos, crianças com as crianças, sem comprometer a autoridade paterna ou materna. Uma coisa faltou aos lares pagãos, outorgada sòmente pelo cristianismo: a ternura ao lado da austeridade, mas ternura sem claudicações e rigor sem dureza.

— Os maus livros, piores do que as más companhias, por serem mais de casa, não devem entrar no lar cristão. Nem a imprensa que espalha ódios e mentiras. Quem se crê livre do dano dos maus livros, já está pervertido. Não há liberdade de se ler tudo, como não há liberdade para se comer e beber de tudo, mesmo que seja cocaína ou ácido prússico.

E Pio XII desce aos pormenores. Lembra casos de filhos e filhas vítimas de quedas escandalosas e surpreendentes. E a causa? O "homem inimigo" que entrou no lar, nêle se introduziu furtivamente na forma de um livro do "pai", de uma novela largada sôbre o sofá ou no toucador da mãe. Condição para as graças da paz e da união, prometidas por Deus, é a repulsa às publicações reprováveis e corruptoras, tanto da fé como dos bons costumes.

— O lar há de ser como um Tabor, como o conhecido

comentário de S. Pedro: E' bom, Senhor, estarmos aqui..." façamos três casas...

Há uma condição para a grande paz das horas e dos homens, mesmo nas agitações e surprêsas da vida. Chama-se... ordem. E o ambiente familiar deve ter *o esplendor da ordem,* na expressão de S. Agostinho. Isto é, cada coisa no seu lugar. Mas a começar pelo leitor que há de estar no seu lugar em relação com Deus, com a Igreja, com o Estado, com a espôsa, com os filhos, com seu próximo. Um velho pagão dizia a certo amigo, "que eram belos e bem colocados os móveis da casa, mas o dono era feio pelos vícios e mal colocado lá dentro". Censurava-o por se gabar dos ornamentos da casa e andar com a vida sem beleza. Na casa bem ordenada *as horas* estão no seu lugar e são respeitadas nas suas exigências ou convenções. Horas felizes, horas aziagas, obedecem ao programa do Sábio: Tudo tem seu tempo (Ecle 3, 1).

Há horas de Deus — com os domingos, dias santos; com grandes acontecimentos de vida e de morte, de sorte e de desastre. Não podem ser mal recebidas, mal observadas. Creio até que a leitura dêste livro seja uma "meia hora de Deus" para o leitor cristão.

Há *ritos* no lar, *mudos* e *estáveis.* Criam o hábito do costume. Facilitam a imensa tarefa da autoridade, que é "de conservação delicada e de uso perigoso, quando as ordens são freqüentes e as censuras incessantes". Manda a sabedoria tirar o menos possível a espada da autoridade. Os ritos formam uma corrente que carrega a família, substituem as ordens.

Sejam êles de um *nível elevado,* dignos de uma mentalidade cristã. Pois passam para o sangue dos filhos. Mais tarde dirão: Nunca foi uso em nossa família isso e aquilo! A Igreja é sábia. Pela liturgia forma a piedade. E todo mundo sabe que a liturgia conta com rico conjunto de ritos, regulares e obrigatórios. E assim se tornam de um grande poder.

Os ritos mudos, estáveis, elevados contribuem para formar a *herança moral* da família. Não é o patrimônio que forma a família. E' a seqüência de gerações que cria e mantém o patrimônio. A família sem posses pode reaver seus domínios. Mas quando perdeu suas tradições, sua fé,

sua solidariedade, sua honra; quando se reduziu a uma assembléia de indivíduos cheios de interêsses contrários, dando maior preferência a si mesmos do que à prosperidade da família, — esta já não tem alma. E' um cadáver que sente a morte. Suas mais belas propriedades não lhe darão a vida. Leitor, acima da herança paterna de bens materiais está a herança moral. E' insubstituível.

12. PARA NADA SERVE

a carne; é o espírito que vivifica, diz Cristo (Jo 6, 64). Esta frase vem enquadrada pelo homem de branco ao mencionar o fator alma no desporto. Êste, não servindo àquela, será apenas um vão agitar-se de membros, uma ostentação de esbelteza caduca e uma alegria efêmera. *A alma* é o *fator* determinante e definitivo de tôda a atividade exterior, do mesmo modo que não é o violino que determina o desprender-se das melodias, mas o toque genial do artista, sem o qual o instrumento, mesmo o mais perfeito, ficaria mudo.

No desporto e na ginástica é o espírito que comanda os movimentos harmônicos, as deslocações ágeis e sagazes nos jogos. Não é o corpo, mas o espírito o elemento principal e dominante. Com base em tais princípios, *a consciência religiosa e moral* exige que na apreciação do desporto e da ginástica, no juízo sôbre a pessoa dos atletas, no tributo aos seus cometimentos, seja tomada, como critério fundamental, a observância desta hierarquia dos valores. E assim o maior mérito caberá não àquele que possui os músculos mais fortes e mais ágeis, senão ao que demonstra maior capacidade de sujeitá-los ao império do espírito.

Outra exigência ainda: Em caso de conflito está proibido *sacrificar* a favor do corpo os interêsses intangíveis da alma. Verdade e probidade, amor, justiça e eqüidade, integridade moral e pudor natural, devido cuidado da vida e da saúde, da família e da profissão, do bom-nome e da verdadeira honra, não devem estar subordinados à atividade desportiva, às suas vitórias e às suas glórias. Como nas outras artes e ofícios, também no desporto é lei imutável que o bom êxito não é segura garantia da sua retidão moral.

E agora *o grau de importância* a se dar ao desporto no conjunto das atividades humanas: Não se trata de con-

siderar e apreciar o corpo e a alma dentro dos limites do desporto e da ginástica. Trata-se de pôr êstes últimos *no quadro mais vasto da vida,* e de examinar então que valor toca reconhecer-lhes. A razão natural e muito mais a consciência cristã dizem o seguinte: O revigoramento e o domínio do corpo exercido pela alma, a alegria da consciência da fôrça que se possui e dos cometimentos desportivos bem sucedidos, não são *nem único nem principal elemento* da atividade humana.

São auxiliares e acessórios que é preciso certamente ter em conta. Mas não são valores indispensáveis da vida, nem absolutas necessidades morais. Elevar a ginástica, o desporto, o ritmo com todos os seus complementos, a fim supremo da vida, seria na verdade um pouco demais para o homem. A primeira grandeza do homem é formada por muito mais elevadas aspirações, tendências e qualidades.

Em seguida o leitor anote-se o que Pio XII diz sôbre *a prática* do desporto. Menciona a tríplice lei — a natural, a dos preceitos positivos de Deus e da autoridade humana — que na verdade é uma só, a vontade divina manifestada de diverso modo. O desporto não pode violar esta lei. Quer por isso se preste a Deus a honra que lhe é devida, santificando sobretudo o dia do Senhor. O desporto *não dispensa dos deveres religiosos.* Não se tome o corpo como um deus. Seria um regresso ao paganismo. Nem tão pouco as obrigações familiares profissionais devem ser supostas às exigências do desporto e das associações desportivas. Pelo mandamento divino é também protegida a vida própria e a alheia, a saúde própria e a alheia, as quais não é lícito expor imprudentemente a sério perigo, com a ginástica e o desporto.

Dos mandamentos divinos recebem fôrça as leis já conhecidas dos atletas do paganismo: franqueza, lealdade, espírito cavalheiresco, pelas quais detestam, como mancha desonrosa, o emprêgo da astúcia e do engano; estimam e respeitam o bom-nome e a honra do adversário tanto como o próprio. São leis invioláveis no jôgo e nos desafios; são outros tantos pontos de honra.

Quando se respeita com cuidado o teor religioso e moral do desporto, êle deve entrar na vida do homem como *elemento de equilíbrio,* de harmonia e de perfeição e como ajuda eficaz para o cumprimento dos outros deveres.

Pio XII quer o cristão tal em tôda a parte e que nenhuma circunstância deva impedir que o bom odor de Cristo se desprenda da sua pessoa para edificação de muitos. E isto quer se retire, em oração, sob a abóbada de um templo, quer se permita o são divertimento do desporto sob o céu de um estádio (Alocuções aos desportistas e médicos).

São bem claras as normas expostas ao leitor. São modernas e provam que a Igreja é uma educadora sempre à altura de sua missão. O grande escritor e cardeal, Faulhaber, disse num discurso: Cultura do corpo sem cultura da alma. é cultura de cadáver.

13. IA MORRER

Domingos Fourier. Tira seu gôrro, ajunta as mãos. Insistem com êle para que se cubra e eis sua resposta:

— Parentes e amigos, não ousaríeis entregar uma carta, oferecer o menor presente a um príncipe, a não ser de cabeça descoberta, corpo meio inclinado, em sinal de reverência. Diferem as grandezas dos homens e de Deus. Há tantos anos que o Senhor me deu emprestada a alma, que possuo e que agora lha devolvo. Permiti que lhe faça tal presente na posição mais respeitosa possível.

Foi o último belo exemplo com que fechou a série dos muitos que ornavam sua vida, calando na alma dos filhos. Um dos seus filhos, Pedro Fourier, foi o grande apóstolo e educador da Lorena. [1]

Lee, general na guerra escravagista americana, sai uma tarde a caminhar pela praia, levando ao lado o filho pequeno. Perdido nos pensamentos sôbre as vicissitudes da guerra, alarga os passos, deixa para trás o menino. Ao dar pela falta do companheiro, vira-se e o vê dando pulos para pôr os pés nos rastos deixados pelo pai na areia.

— Senhor, fazei que na vida eu só deixe rastos que possam ser acompanhados por meu filho! — assim exclamou. O pai de Lacordaire conservou, escondido por três meses, em sua casa, um pobre vigário escurraçado pelos jacobinos franceses. Um quarto virou capela onde o persegui-

[1]) Com a bem-aventurada Madre Alix fundou a Ordem das Cônegas de S. Agostinho, que tanto trabalham na educação da mocidade feminina, em nossa terra.

do celebrava a Santa Missa. Um menino viu tudo isso e mais tarde de advogado passou para o sacerdócio, para a tribuna de Notre Dame de Paris.

Quando foi do arrombamento das igrejas na França, um pai toma sôbre seus ombros o filho pequeno para lhe mostrar o horror do sacrílego atentado. Que o menino contemplasse bem aquela igreja profanada! Que mais tarde se metesse na luta ao lado de Deus, como sacerdote.

Mãos inexperientes na caligrafia escreveram sôbre o túmulo de S. Teresinha: Um muito agradecido aos pais que nos deram tão grande santa! E' assim, leitor. O bom exemplo é dever sagrado em tua vida. Mas exemplo em tôda linha. O cidadão, o cristão, o profissional, o espôso, o apóstolo, o sofredor, o são e o doente cada um tem rastos para deixar. Sobretudo o último bom exemplo — o da morte cristã — é importantíssimo. Não pode ser improvisado, mas requer preparação ao longo da vida.

"Certo poeta escreve:

Depois, uma bela noite, discretamente apagar a luz, apagar a lâmpada, e morrer, porque é essa a lei.

"Não é só morrer porque essa é a lei, o que poderia ser apenas um fatalismo estóico. Mas deixar êste mundo num derradeiro ato de amor para ir ter com o mesmo Amor" (P. Plus).

O maior quinhão na vida cabe sempre à dor, ao sofrimento. Por isso o filho há de ser educado pelo exemplo paterno para enfrentá-los de modo cristão. As doenças, as reviravoltas econômicas e sociais; os desastres, as perdas, os fracassos que entram em casa são mensageiros de algum plano divino. Quem sabe ser cristão à altura, em tais horas, prepara outro cristão à altura da medida esticada por Deus.

Não sei se em teu lar, leitor, há blasfêmias, recriminações e apostasias nessas horas carregadas de Deus. Em todo caso serás um educador fracassado, se falhares ao longo de tua vida nessas "estações da Via-Sacra" de tôda criatura.

O último bom exemplo há de ser de uma morte cristã, de cabeça baixa, descoberta, devolvendo a Deus o empréstimo da alma, num gesto de amor. A maior riqueza de uma herança está no bom exemplo, na tradição de uma família saturada de fé e de graça santificante.

14. ENTÃO, NÃO E' PAI?

perguntava Francisco de Sales ao hóspede, que reclamara contra a gentileza de ser, tôdas as noites, acompanhado pelo Santo Bispo, de vela acesa, ao quarto onde dormia.

— Sou solteiro, Sr. Bispo.

— Ah! Então já não virei acompanhá-lo. Fazia-o por respeito à sua paternidade. Mas vejo, agora, que somos dois... solteirões. — Assim arrematava com seu bom humor o bispo de Genebra.

Entre os males que assolam a família está, sem dúvida, a paternidade subestimada e mal preparada. Nossos moços, casando-se, amanhecem pais improvisados. Ofereço ao leitor umas idéias que colhi em Roupain. Servirão para rever muita atitude em tua vida de marido, de pai e de educador.

Deus tem gôsto em marcar-nos com sua semelhança. Fêz-se homem, na pessoa de seu Filho, para que pudéssemos "humanamente" ser semelhantes a Êle. Para conferir ao homem o mais augusto traço de semelhança com a natureza divina, que é infinitamente fecunda, criou na terra o mistério da paternidade. Temos na ordem sobrenatural a paternidade espiritual. Di-lo a frase de S. Paulo: "Em Cristo Jesus eu vos gerei pelo Evangelho" (1 Cor 4, 15). Mais abaixo, porém acima de tôda dignidade humana, colocou a dignidade paternal na família, como honra e fôrça do lar.

O pai possui sôbre a família uma autoridade que vem de Deus, de onde vem tôda autoridade, mais ou menos mediatamente. Descendo do céu ela toma pé primeiramente na família, primeira sociedade natural. E nesta é o pai o seu principal depositário. Recebe de Deus a autoridade, pela primeira e mais autêntica das delegações que existem.

Três títulos tem o pai para sua autoridade: é *autor,* é *guia,* é *providência,* a exemplo da paternidade de Deus.

Tem êle *a autoridade de comando,* por ser autor. Quanto mais se é autor, se é dono. Ninguém como Deus é Autor e ninguém como êle é Senhor. Em obra alguma é o homem tão princípio e autor como na paternidade. Pois aí reproduz a imagem de sua própria substância. O filho é algo do pai.

Daí sua autoridade de mando, a exigência de obediência na espôsa e nos filhos. Ao pai cabem as responsabili-

dades, as iniciativas, as decisões e as ordens. E quando elas são a expressão de uma vontade que manda, há ofensa de Deus em rejeitá-las.

Tem o pai *a autoridade de guia.* Deus não deixa suas criaturas na "indeterminação". Na família, ao lado das faculdades e capacidades humanas dos filhos, Deus põe "a autoridade de direção" do pai. Autoridade de persuasão, de luz. Se a mãe é a chama, o pai há de ser a luz no lar. Graças a êle cada um conhece seu dever. Reina pela casa o muito doce sentimento de segurança, de ordem e de paz. "O fruto da luz consiste em tôda espécie de bondade" (Ef 5, 9).

Tem o pai *autoridade de govêrno.* Do contrário não imitaria até ao fim a paternidade de Deus, que é "providência". Deus não abandona sua criatura. Segue-a com seu olhar, com sua solicitude. Dela afasta perigos, favorece-lhe as legítimas tendências, corrige e completa nossos planos. O mesmo papel caberá ao pai. Por isso Cristo apresenta-nos o govêrno divino sob a imagem de um govêrno paternal. Pergunta: qual o pai que, em vez de pão, dá uma pedra ao filho? Logo... (Lc 11, 12).

Há na alma do filho um pendor indestrutível para seu pai. Nunca um filho acreditará na falência paterna. Todo pai traz sôbre a fronte uma auréola que é, depois da do sacerdócio, a mais bela, a mais serena imagem da majestade de Deus. Os anos só poderão embelezá-la ainda mais com novas paternidades.

Não estranhe o leitor, por conseguinte, haja o Criador promulgado severo mandamento de respeito e honra, devido pelos filhos aos pais. Respeito que chamamos *piedade filial,* verdadeira forma de culto prestado à excelência da pessoa ou do título. Mais: Empenhou-se com promessas aos filhos respeitosos. Sancionou com seus favores "a bênção paterna" (Gn 27, 40). O belo uso de os filhos beijarem a mão do pai não deveria desaparecer. O "Deus te abençoe" é ouvido por Deus!

E, feito homem, Cristo quis deixar o exemplo de submissão e sujeição na casa de Nazaré. Como Legislador sábio e caridoso deixou uma lição prática: Está escrito que "lhes era submisso" (Lc 2, 51), em Nazaré. — Assim Roupain.

Leitor, tens de ser o primeiro "crente respeitoso" pe-

rante a paternidade que vem de Deus. Não andarás errado, se exclamares e viveres sob a impressão desta verdade:

"Pai dos céus, fizeste de *minhas mãos* uma *sombra das tuas!*" E estranharás que devas ajuntar tuas mãos, rezando, chamando pelo "Pai que está no céu"?!

III

15. SOB UM TELHADO

que cobre uma casa de família agitam-se problemas da mais alta gravidade. Problemas que interessam a um mundo de observadores. Interessante para o estudioso das ciências familiares, para o biologista, para o jurista, para o sociólogo, para o moralista, para o pedagogo. O psicólogo, o fenomenologista, o metafísico, o teólogo assentam suas lentes sôbre êste mundo de quatro paredes, tôdas trazendo problemas pendentes.

E o pior de tudo, há oposição entre a técnica de um lado e a filosofia e teologia de outro. Três pontos principais são o eixo dessa oposição: Primeiramente, o especialista só vê uma parte da realidade. Considera o homem apenas sob o aspecto de uma de suas funções, de uma de seus estados. O filósofo e o teólogo não podem admitir a suficiência desta visão para julgar corretamente uma ação humana. Reclamam um ângulo que pegue *a totalidade.*

Tomemos o caso da sexualidade. O homem é um ser sexual. Há marcas dessa natureza em todo o seu comportamento, em tôda sua pessoa. Seria absurdo querer tratar da virtude da castidade, sem saber em que consiste o poder instintivo e sentimental, que por ela deve ser regulado. Mas outra falta grave seria apreciar um ato sexual, ignorando e querendo ignorar sistemàticamente os outros componentes do ser humano. Assim procedem os que determinam o valor dêste ato, ùnicamente por suas conseqüências eugênicas.

Leitor, êste é o caso daquelas batidas frases — "o médico proibiu ter filhos", "mandou que me cuidasse", etc.

O teólogo abraça o homem todo, com todos os rumos e tôdas as meadas convergentes de sua finalidade eterna.

Isso é mais difícil, mas é o único caminho que respeita plenamente a realidade.

No "Contraponto" de Adlous Huxley fala alguém: "Ser um homem completo, equilibrado, é difícil; mas é o único que de nós se exige. Ninguém te pede ser mais do que um homem, sabes? Nem anjo, nem demônio. E' o homem uma criatura que anda equilibrando-se numa corda bamba, levando numa extremidade a inteligência, a consciência e tudo que é espiritual e na outra o corpo, o instinto e tudo o que é inconsciente, terreno, misterioso. Isso é terrìvelmente difícil".

Em segundo lugar vem a questão da *jerarquia.* Certos valores, leitor, precisam andar de coroa e cetro em nossa apreciação. Sabes que o homem é um ser corporal e social, que a fisiologia influi em tôda a sua personalidade; que o homem é carnal até em seu amor a Deus. Sabes que o homem vive "enredado" numa rêde quase infinita de relações sociais. E também não ignoras que êle é tributário do passado como do presente, do econômico como do político. Mas, muito menos, deves ignorar que o elemento essencial no homem chama-se *espírito.* Para medir ações do espírito há critério diferente.

Um exemplo: O olhar de um sábio num microscópio é insignificante em si. Também o foi a esmola da viúva louvada por Cristo. Pois bem. A fôrça natural empregada em ambos os casos foi quase nula. Entretanto êsses gestos tem uma primazia.

O técnico, no caso o profissional — o médico, o sociólogo, o biologista — escandaliza-se com as afirmações de *caráter absoluto* da lei moral. Mas que fazer? Em nós, atento leitor, é o espírito que pronuncia a sentença sôbre o valor de uma ação. E esta é boa quando no cenário, em que aparece, respeita os valores espirituais. Em caso contrário é má. Má, se os ataca e lhes destrói a jerarquia, o valor.

Temos uma qualificação diferente para avaliar a benevolência e a crueldade, o esbanjamento e o trabalho, a continência e a devassidão. Ninguém ouve essa voz pronunciada por uma autoridade exterior. Ela brota das exigências da nossa própria natureza, tomada no seu todo. E a lei moral, dentro de nós, não é um composto de parágrafos de

códigos. Expressa, fala o que desejamos ser; está sendo o eco de uma voz, partida de Deus.

— Para que tanta filosofia? perguntarás. Muito simples. Podem surgir em tua vida de marido e de pai problemas do instinto sexual, problemas de geração de filhos, de abortos, de intervenções, de educação. Para resolvê-los muito importa uma visão acertada da totalidade, da jerarquia e das afirmações do composto humano. Em teu caso, como cristão, tens muita facilidade em acertar. Basta ouvir tua Igreja. Não digas "sei o que devo fazer, tenho minha consciência formada". Não saberás o que tens de fazer, nem terás balança exata na alma — se não ouvires tua Igreja.

Nesse caso serás responsável perante Deus pela consciência desnorteada e errônea. Uma agulha errada num trilho é causa de desastres. Quem a manobrou é o responsável.

16. QUE VIRÁ A SER ÊSTE MENINO?

Pelas montanhas da Judéia espalharam-se as maravilhas a respeito do nascimento de João Batista. Todos os que as ouviram faziam-se a pergunta dêste trecho.

E os pais hoje e amanhã, como ontem, não se livram dela. A vocação dos filhos, o futuro cenário da vida, é séria preocupação. Aqui vem a dedo uma frase de Pio XII: "Sem dúvida, tirando casos de todo estraordinários, Deus não chama diretamente para uma determinada profissão. Mas no jôgo das circunstâncias exteriores, independentes da vontade própria, deve o homem reconhecer o dedo de Deus que lhe indica qual a direção de sua escolha. E nas aptidões, nas inclinações naturais, recebidas de Deus, postas a descoberto por um sério exame, um jovem prudente vê também um outro sinal da vontade divina dentro dessa direção" (Aloc. aos laureados e universitários da A. C., 7 de Janeiro de 1946).

Percorra o leitor as linhas seguintes e achará um resumo dos seus deveres neste assunto. Primeiramente é êrro tomar por vocação só a escolha do estado religioso ou sacerdotal. E' uma restrição um tanto ilegítima. Pois "todo o emprêgo das faculdades humanas de acôrdo com a vontade divina, com as aspirações da personalidade e com as obrigações da moral, é uma vocação". Mas a vocação não

pode ser imposta de fora para dentro. Imita a fonte que de dentro corre para fora. Com isso não fica excluída a cooperação paterna, para o menino ou o adolescente achar seu roteiro.

Contudo a vocação não é apenas fruto de uma espontaneidade. O meio familiar, várias circunstâncias e o livre uso das faculdades individuais entram na sua preparação. Ela é como uma adaptação do indivíduo livre às possibilidades que lhe oferece o meio em que vive, diz Viollet. Êsse mesmo autor acha que os educadores deverão mostrar, ao educando, que tôda vocação digna dêsse nome é sempre função das contingências, das capacidades e do bem comum. Pio XII avisa: liberdade não quer dizer capricho ou lua; e os pais fiquem eqüidistantes do conselho egoístico, como do desleixo.

Violleta tem interessantes observações neste ponto: Para preparar uma escolha judiciosa e desinteressada, comecem os pais por mostrar ao jovem como sua própria existência é inconcebível, sem a colaboração de um incontável número de trabalhadores de tôdas as profissões. Todos êles, cada um no seu ofício, concorrem para o alimento de seu corpo, de seu espírito. Vestem-no, erguem-lhe a casa, dão-lhe a instrução intelectual e religiosa. Ao filho caberá retribuir por sua vez, pelo seu trabalho, uma parte dos bens dos quais tem sido o beneficiário. Deve preparar-se para tal missão.

Lamentàvelmente essa formação do coração do adolescente é omitida e mesmo, as mais das vêzes, é desfeita pelas cincadas do educador. Põe-se êste a fomentar-lhe ambições egoístas apontando-lhe, como finalidade da vida, criar-se uma situação tão vantajosa quanto possível. E isto sem preocupar-se com o bem comum, com a dívida de cada um para o conjunto da sociedade ou com as exigências da vontade divina, revelada pelos acontecimentos.

Comece o educador por despertar no adolescente um sentimento de reconhecimento e admiração pelo trabalho humano, sob seus variadíssimos aspectos. Pelo operário das minas, pelo marinheiro, pelo lavrador, pelo sábio, pelo santo, pelo herói e pelo mártir. Cada um dêles traz um bem para a humanidade, seja de ordem material ou de ordem espiritual e moral. E' a melhor preparação para a infância e a adolescência.

O desfile das vocações humanas despertará em teu filho, leitor, o sentimento da fraternidade e do amor por todos, que com seu trabalho contribuíram ou estão contribuindo para enriquecer a personalidade dêle. Aprenda teu filho, de acôrdo com esta lei, que a primeira expressão da fraternidade universal é o trabalho. Por isso lhe é indispensável obrigação conformar-se com a vontade divina, consagrando sua vida a um trabalho produtivo.

Ainda voltaremos a ouvir Viollet, cujos rastos segue no assunto tratado.

17. EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Todo pai e educador, que leva a sério seu dever, concordará com a comparação de S. Paulo: Filhinhos meus, por quem eu sinto de novo as dôres do parto, até que Jesus Cristo se forme em vós (Gál 4, 19). Acentua Pio XI, como fim próprio e imediato da educação cristã, cooperar com a *Graça* divina para formar o verdadeiro e *perfeito cristão.* Descreve o âmbito que ela abrange. E' o próprio âmbito da vida humana, sensível e espiritual, intelectual e moral, doméstica e social.

Entra aqui, como fator indispensável, a formação religiosa. A religião é antes de tudo vida. Mais tarde, já melhor desabrochada a inteligência, virá a demonstração da religião para o educando. Interessante, leitor, é o seguinte: A vida está de acôrdo com o *ser,* e como nosso ser está organizado em função de Deus, não deve admirar que se deixe cativar pela idéia de Deus. Emerson disse: O menino está de acôrdo com as estrêlas. Bela imagem para significar a predisposição existente na criança em orientar-se para Deus.

Nas coisas humanas precisamos primeiro conhecê-las, para depois amá-las. O contrário dá-se com as coisas divinas, na frase de Pascal. Ora, por aí vê o leitor que pode contar com um aliado dentro do coração do filho que começará por ter "o gôsto de Deus". A mãe do pequeno mártir macabeu convidava-o assim: Peço-te, filho, olha para o céu! Frase influente na educação religiosa, para quem se preocupa em levantar a infância e a mocidade acima da vida corriqueira e do materialismo absorvente de nossos dias. Linneu, o

grande botânico, dizia depois de examinar atentamente uma planta: Eu vi Deus passar por detrás desta planta. Abençoado o pai que souber, com naturalidade, acostumar os seus à visão "vertical" do mundo, das pessoas e dos acontecimentos!

Entram aqui as práticas religiosas e a piedade. Nelas alma e corpo estão presentes. Uma genuflexão bem feita inclina diante de Deus tanto a alma como o corpo. E' lei da psicologia que um gesto realizado em conformidade com um sentimento provoca êste sentimento. Ponha-se alguém a fazer gestos coléricos e despertará a cólera. Mude-os para gestos de bondade e verá surgir a benevolência. E por que haverá diferença em se tratando do sentimento religioso?

Ao lado das práticas do costume e regulamento da casa, haja vaga para a piedade espontânea do educando. Não se menospreze a piedade que é imposta, mas se cultive também a espontânea, a iniciativa pessoal do pequeno cristão.

Uma educação religiosa sem prática de generosidade e sacrifício não é verdadeira nem duradoura. Tomás Morus, o santo chanceler e utopista, falava de uma educação "in himnis et canticis". Suave, como que melodiosa. Contudo para si mesmo escolheu o sacrifício. Na manhã do dia de sua decapitação mandou entregar à filha o cilício que, mesmo na prisão da Tôrre, trazia sôbre o corpo. Querer poupar sacrifícios ao educando, exagerar os cuidados com as dores e saúde denota um culto errado ao corpo. Para um membro do Corpo místico de um Cristo coroado de espinhos é destoante, deprimente, vergonhoso o repúdio do sacrifício. Êsse sacrifício pode ser uma dor, uma renúncia para o corpo ou uma privação ou imolação para a alma. Sobretudo depois de uma falta mostre o pai a necessidade de uma expiação. Já antigo pagão e sábio (Platão) afirmava que o pior que nos pode acontecer, depois de uma falta, é a falta de expiação. Mas note-se o leitor os dois lados do sacrifício: aguentar e enfrentar.

Tendo o educando uma visão "vertical, sobrenatural" da vida, saberá ligar seus sacrifícios aos de Cristo Redentor, pela pureza de intenção.

Neste assunto, leitor, o exemplo paterno é de uma eloqüência única. Veja estas linhas: "À idade de 6 ou 7 anos comecei a entender o que via e ouvia. Via e ouvia um homem e uma mulher que tôdas as noites, de joelhos, honra-

vam a Deus. Aos 14 anos, rapazola adolescente, voltava da rua para casa e encontrava-os fazendo o mesmo. Mais tarde deixei minha pátria, fui para a América e meus pais puderam dizer: Cumprimos nossa obrigação para com êste nosso filho. Se Deus te quer na América, não poderás voltar à tua casa para dizer-nos: Foi aqui onde começou a traição a teu Deus" (Peyton).

Crescendo com a visão dos pais *rezando o rosário,* Peyton tornou-se o grande apóstolo do "têrço na família". Falava às multidões, dando-lhes por lema a bandeira: A família que reza junta vive junta.

Foi pedra dentro de tua alma o que acabo de escrever? Então segue o conselho daquele general vencido que dizia: Ainda temos tempo para ganhar outra batalha. Está em tempo a boa resolução reclamada pela consciência.

Finalmente não gostaria de ver-te como merecedor da censura de Pio XI na sua encíclica sôbre a educação: "Longos estudos e cuidadosa preparação precedem aos ofícios e profissões da vida temporal e terrena, certamente de menor importância. Entretanto para o ofício e fundamental dever da educação dos filhos estão hoje pouco ou nada preparados muitos entre os pais, por muito metidos em cuidados temporais".

18. ALMAS AUSENTES

Pio XII, tão humano e compreensível perante as dificuldades modernas, verbera com severidade os pais que faltam contra a vida e as almas. Tacha de flagrante injustiça, contra as almas, impedir-lhes a existência por um egoísmo vil e baixo. Chama-as de magníficas imagens divinas, raios do Sol que ilumina todo homem que vem ao mundo, mas escondidas, cobertas pela vergonha do egoísmo dos homens.

Lamenta a injustiça, de ressonâncias eternas, dos que impedem essa existência de almas que, depois de terem vivificado os corpos e elevado os membros da inocente criatura a instrumentos do espírito e da graça, estariam destinadas por Deus à santificação, pela luta, e ao amor e aos louvores dêles na eternidade, em companhia dos pais.

Fala das energias do sacramento recebido e das graças dos outros. Sustenta, com firmeza, que "os gozadores recal-

citrantes contra a prole" desprezam o sacramento e a graça de Deus. E isso ou porque não acreditam nesses auxílios sobrenaturais, ou porque se tornam indignos de os receber. E sob êsse aspecto pecam e tornam-se réus perante o tribunal de Deus. Legislador, Redentor e Santificador do matrimônio cristão.

Com a profanação do sacramento fica *manchado também o leito conjugal abençoado por Deus,* porque se rouba ao matrimônio a jóia mais cintilante: a castidade conjugal. Textualmente diz: "Pensareis, talvez, que a idéia de uma pureza sem mancha tem exclusiva aplicação à virgindade ideal, sublime, para a qual Deus não chama todos os cristãos, mas sòmente algumas almas eleitas... Contudo o estado matrimonial, tencionado por Deus para o comum dos homens, pode e deve, também êle, ter sua pureza imaculada... Não vos esqueçais de que o amor cristão tem uma finalidade bem mais elevada do que uma passageira satisfação. Ouvi a voz da vossa consciência, que repete interiormente a ordem dada por Deus ao primeiro casal humano: crescei e multiplicai-vos... Então, segundo as expressões de S. Paulo, o matrimônio será em tudo ornado e sem mancha o leito conjugal".

Pio XII está ao par de situações em que, de fato, a abstinência é uma necessidade e também um heroísmo. Isso não o impede de afirmar que o preceito pode ser cumprido e que o heroísmo pode existir. Dizia às obstetrícias: "E' cometer uma injustiça contra os homens e as mulheres de nossa época julgá-los incapazes de um heroísmo continuado. Hoje por tantos motivos... pratica-se o heroísmo num grau, numa extensão tidos por impossíveis por séculos passados. Por que pois tal heroísmo, se realmente exigido pelas circunstâncias, deveria parar nos limites traçados pelas paixões e inclinações da natureza?"

Enumera as bênçãos da prole numerosa, apontando o lado positivo com suas vantagens. Uma bela coroa de filhos, embora dificultada pela vida cara de nossos dias e por isso exigindo coragem, traz bênçãos. Ei-las: livra os pais de uma culpa grave, desastrosa para a família e nação; conserva a graça sacramental, com abundância de outros auxílios divinos; afasta do lar os elementos envenenados por desgraças, tais como o egoísmo, a constante busca do bem-estar, a falsa e viciada educação de uma prole voluntàriamente reduzida.

Os filhos é que "reconsagram" o amor conjugal. O dia do nascimento de um filho é como um segundo dia de casamento. O amor dos pais é *alimentado* pelo filho que atrai ambos os corações e prende-os no seu. Êsse amor toca com outra mão tantos objetos e circunstâncias que, antes, podiam ter sòmente uma finalidade econômica. Agora têm uma voz de amor industrioso pelo filho amado.

Os filhos "abrem e fazem amadurecer o espírito dos pais". Êstes sentem-se estimulados a ultrapassar a si mesmos e à felicidade própria, desejando a dos filhos. O filho entra com uma bandeira e lema de renúncia e sacrifício, e assim exige dos pais pureza de amor cristão, abnegação, atenção e senso social.

Leitor, como cristão tens uma outra visão a mais. A do filho batizado. Onde há uma criança batizada há "uma auréola divina, um raio de vida que supera a natureza". Há com ela uma atmosfera de espiritualidade, um apêlo e nostalgia divina. O filho batizado introduz no lar uma nova presença de Cristo e, por causa da graça santificante, embalsama a família com um perfume de consagração. Todos os cuidados, dispensados ao pequeno ente, podem *intencionalmente* terminar na honra e glória de Deus, oculto na criança.

Êstes conceitos aparecem emitidos pelo homem de branco em várias oportunas alocuções e mensagens. Linguagem do "Papa da família".

19. PERGUNTA INCOMPREENSíVEL

seria, sem dúvida, para nossos avós esta: Convém encorajar o educando por recompensas e afastá-lo do êrro por castigos? Numa palavra, as sanções continuam tendo um papel na educação? O naturalismo andou virando as cabeças e criando o axioma: as sanções servem apenas para deformar a consciência e falsear o caráter da criança. E mais alguém (Spencer) afirma que a própria natureza aplica recompensas e castigos.

Ora, leitor, a natureza tem a tendência de afrouxar a moralidade. Sabemos que atos imorais são muitas vêzes agradáveis; que outros, bons em si, são penosos para a natureza.

Há mentiras e roubos que compensam e sentimentos de vingança que nos satisfazem. A natureza nada padece ou sanciona nestes casos. Por isso, não toma por caminho certo o pai que pretende abrir mãos das sanções, querendo que o bem e o mal sejam procurados ou evitados por si mesmos. Pio XI condena o "naturalismo" na educação. E um pai cristão sabe muito bem da existência do pecado original, que é herança de todo homem que vem a êste mundo.

As sanções tencionam ajudar o homem na conquista dos hábitos morais. O problema não está em suprimi-las, mas em bem usá-las. Depois tenham-se em vista a idade, as tendências, os defeitos, as qualidades do educado. O progresso moral de um menino só é possível, à medida que as sanções conseguirem vencer as resistências da natureza. Que se pretende com uma sanção? Ajudar o menino a compreender o significado de seus atos com as suas conseqüências morais. Tôda sanção que não atinge êste resultado é, além de inútil, perigosa. Penas e privações aparecerão, neste caso, como uma vingança exercida pelo mais forte contra o mais fraco. Em vez de trazer luz à consciência e arrependimento ao coração, geram a revolta e o desânimo.

Tôda sanção, para ter valor, precisa ajudar o educando a tornar-se mais forte, mais generoso perante o esfôrço. Diz Kiefer: "Todos quantos recusam causar um sofrimento à criança, mesmo faltosa, sob pretexto de que a alegria deve ser o seu alimento habitual, parecem ignorar o valor educativo e insubstituível do sofrimento e constrangimento na formação da consciência".

A sanção deve ter um valor reparador. Êrro, injustiça cometida, falta ao dever — reparados pela pena da sanção. Uma gula, uma preguiça, uma ofensa a outro, reparadas pelo ato contrário. A punição corporal, influente em criança nova, é perigosa quando aplicada ao menino crescido. Fàcilmente arrasta os pais ao excesso, à cólera, provocando a revolta ou fingimento nos filhos. Ou então gera a brutalidade dêstes perante os mais fracos. Enfim, prêmio e castigo não se dispensam, embora reclamem tato, espírito de observação, contrôle. Por exemplo, louvores como prêmios podem fortalecer o amor-próprio, o orgulho, o convencimento no filho. Criança muito incensada julga-se de outra essência, com desprêzo de outras menos hábeis. "O

verdadeiro encorajamento consiste em despertar na criança a alegria de haver cumprido seu dever, dando com isso alegria aos encarregados de sua educação. Na cúpula da vida moral, o menino aplicar-se-á a proceder bem só pelo amor de Deus e da perfeição" (Kiefer).

20. "BEM-AVENTURADOS TEUS SERVOS

que estão sempre em tua presença", exclamou a rainha de Sabá, feita a visita ao palácio e às maravilhas do rei Salomão (3 Rs 2, 8). Chegamos agora ao problema da criadagem, dos empregados em tua casa, leitor. Outrora se chamavam fâmulos. A raiz etimológica da palavra é a mesma de *família,* como se os criados fôssem a ua ampliação natural.

Princípios certos e cristãos pautando uma conduta adequada — eis o que importa neste assunto. E' inegável, os criados e criadas de hoje são em geral filhos da época envenenada pelo desequilíbrio econômico e pelas agitações de classes. Mas o leitor cristão não pode arredar sua conduta, seus princípios da verdade que não se muda com os homens e seus caprichos. Ei-los numa sucinta exposição:

Princípios. — Os fâmulos são uma necessidade no lar. Como no corpo humano os membros são vários, um precisando do outro, também na família o amo precisa do fâmulo. Não pode o ôlho dizer à mão: não preciso de ti; nem a cabeça fazer pouco dos pés. Se um membro sofre, todos sofrem juntos. Um patrão, de mentalidade humana e cristã, há de sentir as penas de seus subalternos. Tanto as temporais como as da alma. Daí seu interêsse pela conduta cristã da criadagem, pelas instituições que a assistem, material e religiosamente.

Patrões e servos, eis aí dois diversos apelativos. Mas homens e homens são dois nomes iguais, observava em seu tempo S. Agostinho. E isto denota que os amos são também servos do mesmo Senhor comum que é Deus, perante quem não há nem senhores nem criados. "Tratai os servos de acôrdo com a justiça e eqüidade, sabendo que também vós sois servos do amo que está no céu. E vós, amos, sabei que o Senhor, tanto dêles como vosso, está no céu e não

faz acepção de pessoas" — observa S. Paulo (Col 4, 1; Ef 6, 5).

Lembre-se o leitor como Cristo se humilhou tomando "a forma de servo". O Papa chama-se "servo dos servos de Deus". O que importa é que cumpram seu dever, tanto o que manda como o que obedece. Cada qual será julgado de acôrdo com seus méritos. [1]

Contudo essa igualdade, perante Deus, não diminui entre êles as naturais diferenças sociais, nem minimiza a autoridade. Pio XII observa: "Dirão que é preciso manter o próprio grau, a própria posição mesmo perante os criados. Sim; mantende vossa posição, mas também vossa posição de irmãos como a mantém o Filho de Deus feito homem, que nos deu o exemplo de humildade e de mansidão e veio à terra, não para ser servido, senão para servir. Não vos espanteis com isso. Não se trata de faltar nem à dignidade nem à autoridade de chefe de família ou de senhor da casa" (Aloc. aos casados, 5 de Agôsto de 1942).

Conduta. — Os pagãos tratavam duramente seus criados, mas o cristianismo mitigou essa dureza. Notável é o número de criados que, em tempos de perseguição pagã, morreram mártires com seus amos. Sendo irmãos, amo e servo entre si, impõe-se mais do que mero humanitarismo. Reine a fraternidade cristã. A fórmula não pode ser a mera justiça nas mútuas relações: paga-se o salário e recebe-se o serviço. Êsse rigorismo não pode reinar entre dois homens, que são criaturas e servos do mesmo Deus e Senhor. Um e outro possuem, além dos bens e direitos e interêsses materiais, bens, direitos e interêsses mais sagrados de seus corpos, de suas mentes, de seus corações e de suas almas.

"Portanto não se trata de puras relações de mera justiça, restringida ao frio sentido da palavra. Nem se trata de simples eqüidade. Mas urge juntar à justiça a "humanidade", aquela humanidade que se parece com a misericórdia e a bondade divina; e que sublima a justiça humana por cima da matéria numa aura espiritual" (Pio XII).

---

[1]) Na alocução supramencionada Pio XII acentua a tríplice igualdade entre amos e fâmulos: a de servos de Deus, a de irmãos; a de membros do Corpo místico de Cristo. Diz que especialmente à dona de casa caberá vigiar a religiosidade e a moralidade dos seus subordinados.

A sociedade servil não é um mero contrato de trabalho. E' a entrada de um estranho no lar para pertencer de certo modo à família. O homem de branco compara-a a uma certa adoção, pela qual os pais do empregado ou da empregada delegam de certo modo aos amos sua autoridade paterna. Chega mesmo a dizer: "Conservando-se a devida proporção, não vem o dono da casa a ser responsável pelo doméstico ou doméstica como pelos seus filhos?"

Nada de autoridade soberba ou excessivamente exigente nos trabalhos da criadagem. Haja carinhosa compreensão do isolamento em que vivem fâmulos e fâmulas. Uma boa palavra, uma atenção humana é recompensa mais preciosa do que o ordenado mensal. O leitor está ao par do "salário mínimo", sempre crescente em nossa terra. *A alma* tem igualmente um salário mínimo, que deve crescer com os anos de fiel serviço e dedicação.

Não sei se o leitor irá receber visitas de rainhas, como Salomão recebeu a da rainha de Sabá. Mas desejaria que, *caso se desse o caso,* fôsse ouvida a mesma exclamação: Bem-aventurados os que servem diante de ti!

Retornaremos ao assunto.

21. TEU JORNAL

Várias perguntas podem ser formuladas a respeito de teu jornal, meu leitor. E' êle bandeira branca de paz ou, contrariando a côr, é bandeira de guerra? Há maridos e pais, que consideram sagrada a hora de leitura dos jornais. Ai de quem os interromper! Nem mesmo a própria espôsa pode aproximar-se dêsse rei. A refeição está na mesa, mas o ilustre marido ainda não terminou a leitura. Que se espere por êle!

Reclama a dona de casa contra o atraso? E eis que ouve uns resmungos, dá com uma cara fechada ou, pior, ainda, com gritos ou gestos grosseiros de jornais, atirados malcriadamente a um canto. Reclama a mãe, em outras horas, contra a algazarra da criançada, pedindo a intervenção paterna? Quantas vêzes tem de ouvir que «criança é criança, que menino é menino», que êles precisam expandir-se. Ouvirá que importa ser ela menos nervosa, etc. Mas se os diabretes escolhem para suas "expansões"

a hora em que o pai lê o jornal, ai dêles! Neste caso a fôlha branca, por detrás da qual o pai se esconde, é bandeira de guerra. Permita-me o leitor uma reminiscência da infância: Garôto, ao ver meu pai com seu jornal, ao ouvi-lo recitando alguns trechos em voz alta, aproximava-me devagarzinho. E' que sabia do final do recitativo. Vira meu pai pondo sôbre a mesa meus irmãozinhos, convidando-os à repetição dos discursos políticos que o entusiasmavam. Êles faziam manhas e eram descidos da tribuna, com uns coques na cabeça. Feita a experiência comigo, a oratória vingara sempre. Palavras e gestos do pai eram repetidos, imitados até na entonação da voz. E ei-lo contente, entusiasmado, exclamando comovido:

— Meu filho, você tem de ser deputado!

Hoje sou de fato deputado... por Deus, junto às almas. O outro deputado desejado pelo pai, graças a Deus, jamais entrou no programa. E' claro, o pequeno tribuno era sempre aplaudido e premiado. Dias depois um canarinho da terra, que eu comparava com o prêmio, pulava dentro de uma gaiola e com êle meu coração de criança contente.

Jornal branco pode também ser bandeira branca de capitulação. O homem "armado" largou mão dos princípios católicos sôbre a fé, a moral, as modas, a pureza. E eis que lhe entram, bem armados, os jornais contrários à religião, proscritos pela Igreja. Ficam por ali, sôbre a mesa, ao alcance de qualquer olhar curioso. Lembro ao leitor a tremenda responsabilidade neste ponto: Num lar verdadeiramente cristão não podem entrar nem jornais, nem revistas contrariando a fé e à moral. E' um pecado de cooperação com o mal a assinatura que se toma. Pio XII concita a família a opor-se a esta invasão teimosa e cheia de veneno.

Neste particular, só há de trazer benefícios todo severo exame que os leitores fizerem sôbre seus jornais, sôbre tôda espécie de literatura, de impressos que lhe entrarem pela casa. E isso ou por suas mãos, ou pelas mãos da espôsa, dos filhos e das filhas. Quando o homem "armado" guarda sua casa, todos os bens estão no seguro...

IV

22. TENHO DE SER PAI?

Invente a gramática outros têrmos de se explicar, porque os superlativos já são curtos, dizia o P. Vieira. No campo do Filho do homem andaram espalhando muita cizânia de erros e sofismas. Os superlativos já não bastam para mencionar a quantidade e a qualidade dos erros que viçam nos lares.

Precisa por isso o leitor andar com idéias bem claras sôbre a resposta à pergunta em foco. Para os casados a procriação é um dever. Pois abraçaram livremente um estado, cuja principal finalidade visada pelo Criador é a propagação da raça humana. Fatos de ordem física, sentimental e social evidenciam esta verdade. A formação do corpo humano, sobretudo na mulher; os instintos naturais específicos dos sexos conduzem à procriação no seu curso normal. Por sua vez, a sociedade de amanhã não poderá existir sem as crianças de hoje, que criadas e educadas, atingindo a idade adulta, intervirão no leme da nau social.

Citando textualmente, agora, Dufoyer [1], lembro ao leitor atento o seguinte: "Certamente não se pode falar de um instinto paterno no homem, no mesmo sentido como do materno na mulher. Geralmente não o vemos nascer no homem antes do aparecimento do filho, como é o caso da mulher. Vem depois do nascimento. Cresce com o filho e só por exceção atinge o calor e o entusiasmo do instinto materno.

Mas, em troca, existe no homem o instinto carnal, sendo êste moderado, inconsciente ou nulo em muitas mulheres, antes do casamento. Não se dá isso com o homem. A união física o atrai. Sua natureza deseja-a. Mas que procura por ela? O prazer? A paternidade? Seja qual for a psicologia individual neste particular, a fisiologia fala com muita clareza. A natureza tem ligado a intensidade do prazer carnal à realização completa do ato conjugal. As relações interrompidas (chamadas de onanismo pelos moralistas) suprimem o essencial do prazer. Trazem consigo sua

[1]) Na tradução espanhola *Angel del Hogar*. — Los problemas de la natalidad en el hogar. — Ediciones Desclée de Brouwer. — Bilbao p. 1, 21.

parte de contrariedade e de refreamento, bem conhecida pelos que a praticam. A busca do prazer leva o homem ao ato conjugal completo, suscetível por si mesmo de fecundação. Podemos dizer: Deus ao fazer o homem como é, com êsse corpo e êsse instinto varonil, queria-o pai... Quem abraça uma profissão, aceita por conseqüência seus fins e obrigações. Quem abraça livremente o estado matrimonial fica obrigado a aceitar suas obrigações e visar os fins indicados pela própria natureza e portanto pretendidos por Deus, seu Autor. Êstes fins e deveres — mútuo amparo procriação, educação — hão de ser atendidos. Sòmente motivos sérios, proporcionados por sua gravidade à importância das obrigaçeõs e dos fins em questão é que poderão eximir o interessado.

Sendo a procriação um dos fins visados pelo matrimônio, por sua natureza e ordenação divina, é também um *dever de estado* dos casados, salvo exceções fundadas em razões graves".

Há na procriação um processo humano, pessoal, social e religioso. Mais adiante vem exposta a questão do "número" de filhos ou de paternidades.

23. DOIS NOMES FEIOS E... UM SANTO

— Alguma vez chega a tal ponto a crueldade lasciva ou a lascívia cruel que procura também venenos de esterilidade. E quando não consegue o intento, mata e destrói nas entranhas o feto concebido, querendo que pereça a prole antes que viva. Ou, se já vivia no ventre materno, procurando matá-la antes do nascimento.

Os que assim procedem não são absolutamente esposos. E se tais foram, desde o comêço, não se uniram pelo laço conjugal, mas para se entregarem à fornicação. E se os dois não são assim, ouso dizer:

ou ela é a prostituta do marido ou êle é o adúltero da mulher". Caíram êstes têrmos da pena do santo e sábio Agostinho, Bispo de Hipona. Pio XI, na Encíclica sôbre o casamento [1], tornou a citá-los.

---

[1]) Enciclica Casti Connubii, 31 de Dezembro de 1930.

Que dilema vergonhoso para um casal cristão! Prostituta ou adúltero! Mas o crime do abôrto não merece de fato outra qualificação. Por isso está condenado expressamente o abôrto direto, encarado como fim.

No caso do abôrto terapêutico, já vimos que a Igreja o condena como ilícito e proibido quando se apresenta "como a supressão direta" da criança. Ela não admite igualmente se ponha o dilema: ou a vida da mãe ou a vida da criança. Nem a primeira nem a segunda podem estar sujeitas a uma supressão direta. Num e no outro caso só há uma coisa a ser feita: empregar todos os esforços para salvar a vida da mãe e a da criança.

Pio XII explica-se claramente: Dizemos "supressão direta". Pois se a vida da futura mãe, independentemente de seu estado de gravidez, exigisse com urgência uma intervenção cirúrgica ou uma outra ação terapêutica, da qual resultasse como conseqüência acessória, de modo algum intencionada ou procurada, mas inevitável, a morte do embrião —, tal ato já não poderia ser qualificado como atentado direto contra uma vida inocente.

Termina dizendo que nesse caso é lícita a operação ou outra intervenção médica para salvar a vida, quando a operação é inadiável e único recurso possível.

"Há países que admitiram o "abôrto eugênico", para melhoramento da raça ou da sociedade. Pio XI declarou sem ambages que "é indecoroso e é contrário ao preceito divino". Pio XII chegou o ferro em brasa à chaga: "A Igreja declarou, logo no comêço dessa prática, que matar, mesmo sob a ordem da autoridade pública, a sêres que sendo inocentes não são úteis à Nação, por causa de suas taras físicas ou psíquicas — e antes são uma sobrecarga —, é contrário ao direito natural e ao direito divino positivo e portanto proibido".

Nada de confusão entre utilidade e valor. O valor e a dignidade de uma pessoa supõem o espírito e impõem-se como um absoluto. Perante sua filhinha envôlta nas trevas do espírito, depois de uma encefalite, escrevia um pai, profundamente cristão:

"Que sentido teria tudo isso, se nossa filhinha não passasse de um montão de carne, atolada não sei onde, e não fôsse essa "pequena hóstia branca" que está acima de nós!"

— Sem essa primeira "religião natural" da pessoa, sinal e soleira da verdadeira religião, da religião do Verdadeiro Deus, está o mundo destinado a não passar de uma feira, ou de um campo de concentração com seu forno crematório" — diz Lestapis.

Um raio ameaça o adúltero e a prostituta neste caso: a excomunhão.

24. ESCOLHAS ALINHADAS

A linha é traçada aqui pelo senso cristão e pelas normas da Igreja. O papel de um pai consciencioso é pois seguir a flecha que, neste caso, coincide com a direção da felicidade. A Igreja faz questão das necessárias presenças:

da liberdade concedida aos filhos na escolha da vocação;
do conselho discreto e oportuno dos pais;
da prudente sindicância das capacidades e das eleições.

Condena, porém, severamente experiências perigosas para vocações religiosas e sacerdotais. Ainda mais: Não quer se exagere a grandeza do casamento com prejuízo do valor e aceitação da virgindade cristã. Andaria errado o leitor, se andasse afirmando em casa que "o único meio" de garantir à personalidade humana o seu desenvolvimento e a sua perfeição natural está no casamento. Com tristeza reprovamos essa opinião, diz Pio XII. Nem tão pouco, mesmo sendo um sacramento, é o matrimônio cristão instrumento mais eficaz, do que a virgindade, para unir as almas a Deus. Para o homem de branco tal doutrina é falsa e nociva. E mesmo a personalidade humana não fica mais pobre por causa da "solidão do coração".

Outra linha bem traçada, leitor, é esta: Não quer o senso comum da Igreja que se apregoe o instinto sexual, como a mais importante e profunda das tendências humanas. Não quer que daí se conclua que o homem não pode coibi-lo, durante tôda a sua vida, sem perigo para o organismo e sem prejuízo do equilíbrio da sua personalidade. Falas assim a teu filho, à tua filha? Então estás apartando-te da doutrina certa, do senso comum da Igreja.

Resolvido o casamento, a linha acertada exige:

não seja escolhido consorte acatólico, consorte muito aparentado;

não se realize só o contrato civil, sem o religioso;

não se apresentem os noivos a ministro acatólico;

não se receba o sacramento sem prévia confissão;

não se falte à modéstia e pudor nos trajes à hora da cerimônia religiosa.

Prefere que esta se realize à hora da Missa, com a comunhão dos noivos e bênção nupcial do rito.

Um pai conhecedor da orientação da Igreja, que é também a do bom senso, levará a sério a admoestação de Pio XII: "Ora, vêde a coisa estranha, que Pio XI também lamentava na sua Encíclica: enquanto não passaria pela cabeça de ninguém fazer-se de repente, sem tirocínio nem preparação, operário mecânico ou engenheiro, médico ou advogado, todos os dias não poucos rapazes e môças desposam-se e unem-se, sem nem sequer por um instante ter pensado na preparação para os árduos deveres que os esperam na educação dos filhos". [1] Um aviso oportuno, um interêsse acentuado por parte do pai pode levar o filho ou a filha a procurar um curso de formação para o caso. Criança não é cobaia para improvisações de pais analfabetos em pedagogia.

25. A MíSTICA DO LAR

foi sentida por certo casal que viveu na mística do sacramento. Eis o cenário. Um casal de verdadeiros cristãos. Dos três filhos havidos, um morrera criança, outro fizera-se monge e sacerdote e a filha, jovem ainda, ingressara para o claustro. Êle e ela resolvem, com as necessárias licenças, imitar os filhos e entrar para um mosteiro. Ela em Solesmes, com o nome de Madre Rosalina, e êle em Oosterhout, com o de Dom Matias. Chega o dia da partida e eis a página do diário:

— "Pela manhã, depois da Missa e da Comunhão (jamais receberemos lado a lado o Corpo de Nosso Senhor), Ana Maria e eu percorremos todos os quartos da casa. Parávamos a cada instante e nossos olhos passeavam de alto

[1]) Alocução à União Católica das Sras. Italianas.

a baixo, fixavam-se nos móveis, nas paredes onde se achavam ainda quadros e gravuras: todos aquêles objetos, em meio dos quais vivemos durante tantos anos os dias abençoados, as tardes maravilhosas, as noites de nossa vida comum. Reinava silêncio pela casa: uma atmosfera de paz sobrenatural nos envolvia. Tive a impressão nítida de que não estávamos sós. A presença de nossos anjos da guarda era, por assim dizer, tangível. Êles nos acompanhavam nesta última visita aos quartos de nossa felicidade; permaneciam muito perto de nós nesta hora derradeira. Chegando à capelinha, onde tantas vêzes o padre Basílio e o príncipe Giovanni celebraram a Missa, ajoelhamo-nos no chão e rezamos. Quando nos levantamos, recitamos juntos, em voz alta, o *Magnificat.*

Quantas e quantas vêzes não dissemos, nós dois, êste cântico de exultação, de humildade e de gratidão, nas nossas alegrias e nas nossas dores! Abandonamos tudo: as coisas familiares que nos rodeavam com seu silêncio, os dias sem conta de nossa vida ardente, nossos amigos e a felicidade de nossa vida em comum. Deus pede por vêzes aquilo que não damos, o que cremos ter o direito de não nos privar. A Deus tudo pertence. Abri suavemente a porta de entrada e a de fora, fechando-as da mesma forma. De Oosterhout terei ocasião de mandar as chaves ao novo inquilino" (P. van der Meer de Walcheren).

E assim tomaram o rumo da estação, embarcaram, dividiram na viagem o dinheiro apurado na venda do mobiliário. O marido deixou a espôsa em Solesmes e tomou a direção de seu mosteiro. Na vida de casados viveram profundamente o sacramento recebido. Um contemplava a presença de Deus nos olhos do outro e a respeitava religiosamente.

A alma do lar, leitor, será aquela que nêle criares com tuas idéias, teus sentimentos, tuas renúncias, tuas paciências e teus encontros com Deus. Com Deus e seu Cristo, ausentes de tua alma e de tua vida, nunca terás o ambiente dêles em tua casa. E os filhos darão pela falta dessa presença como a flor dá pela falta do sol. Digo mais: Entrará *outra* mística de acôrdo com o lema do Evangelho: Quem não está comigo. está contra mim. O lema é da bôca de quem se intitulou *Caminho, Verdade e Vida.*

26. LABORATÓRIO BIOLÓGICO OU SANTUÁRIO?

Pio XII quer saber o que pensas, o que respondes à pergunta supra. Vivemos numa época que pretende reduzir a família a um laboratório pela inseminação artificial. Há países onde a lei a tolera, num tremendo atentado à moral. Quero, meu leitor, que tenhas clareza sôbre o assunto, como "homem forte, que defende sua casa".

Em Setembro de 1949, falando ao IV Congresso Médico, reunido em Roma, "o homem de branco" assim expôs a verdade:

I) A prática da inseminação artificial, quando se trata do homem, não pode ser considerada nem exclusivamente, e menos ainda principalmente, sob o aspecto biológico e médico, com exclusão da parte que toca à moral e ao direito.

II) A inseminação *fora do matrimônio* deve ser pura e simplesmente condenada como imoral. Pois a lei natural e a lei divina positiva prescrevem que a procriação de uma nova vida só pode ser o fruto do matrimônio. Só o matrimônio salvaguarda a dignidade dos esposos (maxime da mulher no caso presente), e o seu bem-estar pessoal. Só êle provê ao bem e à educação da criança. Não se concebe que a respeito da condenação de uma fecundação artificial, fora do matrimônio, seja possível uma divergência de opiniões entre católicos.

III) A inseminação artificial *dentro do matrimônio,* mas produzido pelo elemento ativo de um terceiro, é igualmente imoral e como tal condenada sem apêlo. Ùnicamente os esposos têm um direito recíproco sôbre seus corpos. Direito exclusivo, incedível, inalienável. E assim há de ser, também, em consideração à criança. A quem dá a vida, a um pequeno ser, impõe a natureza — por fôrça de tal vínculo — o dever de conservá-la e educá-la. Mas entre o espôso legítimo e o "bambino", fruto do elemento ativo de um terceiro (mesmo que houvesse consentido o espôso) não existe vínculo algum de origem, vínculo algum moral e jurídico de procriação conjugal.

IV) Quanto à liceidade *no matrimônio,* basta no momento recordar êstes princípios do direito natural: o simples fato de que o resultado almejado se consegue por êsse caminho não justifica o emprêgo do meio. Nem o desejo,

em si legítimo, de terem os esposos um filho, basta para provar a legitimidade do recurso à fecundação artificial, que apoiaria tal desejo.

Seria errado pensar que a possibilidade de recorrer a tal meio, poderia tornar válido o matrimônio entre pessoas incapacitadas pela impotência, como impedimento. De outro lado é supérfluo observar que o elemento ativo nunca pode ser procurado legìtimamente, por meio de atos contra a natureza. O Papa avisa que, só por serem novidade, não se podem excluir a priori novos métodos. Mas neste particular da fecundação artificial urge não só extrema reserva, mas "se precisa absolutamente excluí-la".

Dizendo isto, não se proíbe necessàriamente o uso de um meio artificial, só destinado ou seja para facilitar o ato natural, ou a procurar atinja o seu fim o ato natural, realizado com tôda a sua normalidade.

Sòmente a procriação de uma nova vida, segundo a vontade e os desígnios do Criador — nunca se olvide isso! — encerra, num admirável grau de perfeição, a realização dos fins propostos. E', ao mesmo tempo, conforme à natureza corporal e espiritual e à dignidade dos esposos. Conforme ao normal e feliz desenvolvimento da criança".

Leitor, para a Igreja não há fecundidade sem união e sem amor. Não dispensa essas duas exigências. Tão grande é o respeito que tem pela alma, pelo corpo, pela espiritualidade do homem.

Certo médico francês observou, com rudeza mas exatidão: A inseminação artificial criará uma novidade: o pai garanhão, "doador ideal". [1]

27. COLUNA BRANCA NO DESERTO

Guiando os israelitas, rumo à terra prometida, avançava pelo deserto afora uma coluna branca. Hoje temos outra coluna branca no Vaticano, orientando os pais de família pelas areias movediças de idéias humanas. Descrevo-lhe o roteiro, tirando trechos de uma alocução de Pio XII, aos 16 de Setem-

[1]) Citado por Dr. René Biot. — Ofensivas biológicas contra la persona humana. Edic. Desclée, de Brouwer. — Buenos Aires p. 147. — O mesmo Dr. Biot observa delicadamente: que "a vida só se deve transmitir com amor e por amor", ibid. p. 144.

bro de 1951, a um grupo de "pais de família franceses, católicos militantes, entre os quais se encontravam não poucos de exemplares famílias numerosas".

Fala da sua *alegria*: Que alegria para nosso coração! Uma peregrinação de pais de família! Tantas e tantas vêzes temos, a propósito das questões mais diversas, insistido sôbre a santidade da família, sôbre os seus direitos e sôbre a sua função enquanto célula fundamental da sociedade humana! Os seus direitos e privilégios são intangíveis, inalienáveis.

Fala de um *dever*: A família tem o dever, primeiro que tudo perante Deus, e secundàriamente perante a sociedade, de *defender*, de reivindicar, de *promover* efetivamente êstes direitos e privilégios, não só para vantagem própria, mas para glória de Deus e bem da coletividade.

Fala dos deveres: Vós compreendestes a necessidade, para o pai de família, de conhecer, inteligente, social e cristãmente, a própria função e os próprios deveres e viestes pedir os conselhos e a bênção do Pai comum, chefe da grande família humana. Vosso primeiro dever no santuário do lar doméstico é prover, — no respeito e perfeição total humanamente possível da sua integridade, da sua unidade, da hierarquia natural que une entre si os seus membros, — à conservação, à saúde corporal, intelectual, moral e religiosa da família. E êsse dever abarca evidentemente o de *defender* e *promover* os seus direitos sagrados, em particular o de cumprir as obrigações para com Deus e o de constituir, em tôda fôrça do têrmo, uma sociedade cristã.

Lembra *os princípios* que devem defender: Para o cristão há uma regra que diz, com certeza, a medida dos direitos e dos deveres da família na comunidade do Estado. Eila nos seguintes têrmos: a família não é para a sociedade; é a sociedade que é para a família. O Estado, já por instinto de conservação, deveria cumprir o que é seu dever, isto é, garantir os valores que asseguram à família à ordem, a dignidade humana, a saúde e a felicidade. Tais valores são elementos do bem comum. Menciona alguns: a indissolubilidade do matrimônio; a proteção da vida do ser humano; a habitação conveniente da família, não já da família de um ou dois filhos ou mesmo sem filhos, mas da família normal mais numerosa; fornecimento de trabalho,

porque o desemprêgo do pai é a angústia mais amarga da família; o direito dos pais sôbre os filhos em face do Estado; a plena liberdade dos pais de educar os filhos na verdadeira fé; e por conseguinte o direito dos pais católicos à escola católica; condições de vida pública, e nomeadamente moralidade pública tal que as famílias, e sobretudo a juventude, não estejam na certeza moral de ficarem à mercê da corrupção.

Exige ação sôbre *a opinião pública*: para educá-la num terreno onde há urgência e êste terreno é descrito assim: Queremos falar de escritos, livros e artigos, acêrca da iniciação sexual, os quais, muitas vêzes, obtêm hoje enormes êxitos de livraria e inundam o mundo inteiro, invadindo a infância, submergindo a geração que sobe para vida, perturbando noivos e casados. Recorda o que a Igreja já tratou e aconselhou neste assunto, tendo em vista o desenvolvimento físico e psíquico normal do adolescente e as condições individuais em casos particulares.

Menciona *a liberdade*: que ela deixou, em teoria e em prática, aos esposos, naquilo que autoriza, sem ofensa do Criador, o impulso duma natureza sã e honesta. Textualmente: — "Fica-se aterrado em face da intolerável desfaçatez de tal literatura: quando, ante o segrêdo da intimidade conjugal, o próprio paganismo parecia deter-se com respeito, querem obrigar-nos a ver violar êsse mistério e dar dêle uma visão — sensual e vivida, — como pasto ao grande público e à própria juventude. Verdadeiramente é de perguntar se há ainda uma fronteira suficientemente marcada, entre esta iniciação, que a si mesma se chama católica, e a imprensa ou ilustração erótica e obscena que, de propósito deliberado, visa à corrupção ou exporta vergonhosamente, por vil interêsse, os mais baixos instintos da natureza decaída.

Aponta *um duplo flagelo* no caso: a exageração, feita por essa imprensa, da importância e do alcance do elemento sexual. Tal exposição conduz à perda do verdadeiro fim primordial do matrimônio, que é a procriação e educação dos filhos. Tais escritos deixam na sombra êsse grave dever dos esposos.

Há silêncio dêstes escritos sôbre uma verdade básica. Qual? Ei-la: A experiência geral de ontem, de hoje e de sempre, fundada na natureza, atesta que na educação moral,

nem a iniciação, nem a instrução apresentam de si qualquer vantagem — sendo antes gravemente malsãs e prejudiciais, se não são fortemente unidas a uma constante disciplina, a vigoroso domínio de si mesmo, e sobretudo ao uso das fôrças sobrenaturais da oração e dos sacramentos.

Diz que os *verdadeiros educadores* católicos, dignos do seu nome e da sua missão, conhecem bem o papel preponderante das energias sobrenaturais na santificação do homem, jovem ou adulto, celibatário ou casado.

28. PARA ALCATÉIAS OU PARA COLMEIAS?

Criar um filho sem o senso social, sem o sentimento de solidariedade humana e caridade sobrenatural, é preparar um lôbo para uma alcatéia. Entretanto deve meu leitor criar seus filhos para abelhas operosas numa colmeia humana. Em linguagem cristã, diríamos ser necessário criá-los na compreensão do Corpo místico de Cristo. Isso é exigência da origem comum, da igualdade da natureza racional, da comum redenção pelo sacrifício de um Homem-Deus. Êsses fatôres desconhecem limites de posições, de classes e de geografia. Os limites geográficos devem apenas lindar terrenos de irmãos.

Seguindo a rota abaixo indicada, andará bem o leitor de boa vontade, que tem consciência de sua grave obrigação neste ponto. Ei-las:

1) *Saber que os outros existem.* — Êsses outros não se limitam aos irmãos em casa. Abrangem os colegas no colégio, na fábrica, no escritório, nos transportes, nos encontros. Os outros são todos que labutam pelo pão da família, pela ordem social. Desde o mais modesto varredor de rua até ao chefe de Estado. Não vivem os homens como grãos de areia numa praia, amontoados ou justapostos apenas. Formam um organismo dentro do qual se dão reações de tôda natureza entre suas diversas partes.

2) *Sentir os outros e colocar-se em seu lugar.* — Figura aqui a simpatia humana, pórtico aberto para se bater à porta do coração. Dizia um letreiro de velha abadia: Esta porta para ninguém se fecha; está sempre aberta para o honesto. Isso de concentrar as simpatias só na família é insulá-la.

Colmeia onde cada abelha trabalha só para si própria é má. Deve ser queimada. O programa é o programa da luz que se espalha pelo mundo inteiro. Acima da geografia humana está "a geografia cristã". Que bela formação teve Guido de Fontgalland! Pequeno, rico da graça de Deus, observava as palhaçadas de um palhaço num circo. Às tantas, pondo-se no lugar dêle, perguntará à governante: "Como andará a alma dêsse palhaço?" Estendamos a pergunta a tôdas as precisões humanas do corpo e da alma, do tempo e da eternidade.

3) *Ter idéia do bem comum.* — Sem ela não haverá colaboração para o bem comum. Pio XII lembra que o cristão deve procurar seu aperfeiçoamento individual, tendo em vista "uma melhor aptidão para melhor servir a outros". Sabe o leitor que o instinto de conservação estimula cada indivíduo a desenvolver e a defender a sua pessoa. E' preciso criar nos filhos "o instinto social cristão". Sempre viverão os homens numa participação constante dentro do organismo social da família, da corporação, da nação, da Igreja. Não se pode ser um bárbaro, um lôbo desgarrado de alguma alcatéia dentro de tal organismo. Que todo pai apure êsse instinto social cristão em seus filhos. Sòmente assim saberão fazer os sacrifícios reclamados pelo bem comum, sentido, conhecido e respeitado por êles.

4) *Ter idéia da justiça social.* — Cito textualmente a Fr. Kiefer, que está me orientando: "O quarto elemento do senso social é o *sentimento de justiça social.* Quem recebe fica devendo. Êste princípio de contabilidade é um princípio de moral social. Não pode o indivíduo gozar egoìsticamente de tôdas as vantagens que lhe oferece a sociedade, da qual é parte. Não pode negar-se a devolver-lhe o bem pelo bem. O egoísmo, como já se tem dito, é o gêlo do mundo moral. O frio separa, rompe os laços sociais e portanto destrói a sociedade. Possuir senso de justiça social é ter consciência das profundas repercussões de nossa atividade no corpo social. E' não se recusar ao trabalho útil ao bem geral. Todos os elementos estão pois reunidos na seguinte definição: "O senso social é a aptidão para *perceber* e *executar* prontamente, como por instinto, numa situação concreta, o que efetivamente serve para o bem comum" (Jouen).

Não sei como andam as coisas em teu lar, meu leitor de classe unida. Lôbos já há demais neste mundo. Não cries mais um para a alcatéia. Pelo contrário, vôe de tua casa mais uma abelha, de operosidade cristã, para a colmeia humana. Esta é a contínua e teimosa recomendação de Pio XII para a época de hoje. Publicou uma famosa encíclica, onde trata das realidades e exigências da verdade de formarmos nós todos um só Corpo místico em Cristo. Até para o pecado pessoal de um cristão aponta êle uma visão social. Chama-o de mancha nesse Corpo abençoado.

V

29. DIPLOMA CRIMINOSO

conferem certas experiências "de mulheres". Existe um preconceito na cabeça de vários pais neste assunto. Julgam que o filho môço, em se casando, não saberá como lidar corretamente com a espôsa, como lhe dar as sensações de direito, se antes não fizer certas experiências femininas. Um pai verdadeiramente cristão, conhecedor do seu catecismo, jamais advogará uma causa tão imoral. Não quererá sentir o cheiro das cocheiras de Áugias no filho que se apresenta diante do altar, ao lado de uma jovem pura.

Dou a palavra ao abalizado P. Viollet: "O conhecimento da mulher tem dois aspectos diferentes. De uma parte, o conhecimento experimental do ato sexual e do corpo feminino. De outra, o conhecimento do coração e da mentalidade feminina. A primeira, a do corpo, é simples demais para exigir uma experiência preliminar. Por pouco que um jovem casto não seja um tôlo, e tenha pedido algumas explicações exatas (sendo preciso, a um médico experimentado), correrão sem dificuldades suas primeiras experiências no casamento. Levará a imensa vantagem de agir com delicadeza e precaução. Nem sempre será êste o caso do diplomado por experiências com mulheres fáceis.

O que, porém, é mais importante é o conhecimento do coração feminino. Ora o coração de mulheres que se prestam às experiências de rapazes, sejam lá as que mercadejam com o próprio corpo ou amantes de costumes fáceis, em nada se iguala ao coração de uma jovem, casta e reservada, que amanhã será espôsa e mãe. Conhecer tais mu-

lheres é tomar por rumo errado a respeito da alma feminina. E' uma preparação para tôda espécie de inaptidões e incompreensões ao longo da vida conjugal. A mulher leviana, e mais ainda a venal, já perdeu o respeito a si mesma e tôdas as delicadezas que formam o encanto da mulher.

O verdadeiro conhecimento da alma feminina é, de modo especial, facilitado pela castidade, por pouco que o jovem seja psicólogo. Viollet diz apenas isto: "O homem impuro só vê um lado na mulher, o corpo e o prazer. O homem casto contempla a mulher desinteressadamente e assim vibra perante delicadezas ou baixezas morais, valores ou deficits morais. A escolha ressente-se também. Os habituados ao prazer escolhem a mulher com os sentidos. Os castos escolhem-na com inteligência e coração. Mesmo no seu papel, deve a atração física ser controlada quando se trata de casamento. E isso pela observação moral e psicológica. Esta última fica obscurecida em muitos homens governados por apetites inferiores".

Coisa curiosa! Quereria o leitor para genro, como componente da felicidade da filha, um "diplomado" de tal quilate? O mesmo direito de repulsa tem outro pai que entrega a filha para ser feliz. Já temos visto que tal diploma leva ao uso de "técnicas e de hedonismos" condenados por Pio XII, como profanadores do lar cristão. Significa nada mais nada menos do que a morte do mútuo respeito, base indispensável para a felicidade. Esta é a verdade. O resto é sofisma da paixão, desculpa do pecado.

A Igreja condena tal diploma de vício. "E' de temer que aquêles que, antes do casamento, só pensavam em si mesmos e nas próprias comodidades e que condescendiam com os seus desejos desenfreados, chegados depois ao casamento, sejam os mesmos que eram antes e tenham finalmente de colhêr o que semearam. Isto é, dentro do seu lar a tristeza, o luto, o desprêzo mútuo, litígios, aversão de ânimo e aborrecimento da vida conjugal. E o que ainda é pior, encontrar-se-ão a si mesmos com suas paixões desenfreadas" (Pio XI na Encíclica sôbre o Casamento).

E recentemente Pio XII diz: "Por outro lado, também o homem, que no vigor da juventude levou vida dissoluta, como poderá pois constituir na fidelidade conjugal santo e casto matrimônio?"

Por aí pode o leitor conferir seu êrro, dando direito ou predileção a criminosos e comprometedores diplomas. Torno acentuar: êstes, quando muito, ficarão no campo sexual com suas emoções. Mas o sexo não é o principal no casamento" (Aloc. de 24 de Abril de 1953).

30. APLICAÇÃO QUE TE ENGRANDECE

Sheen diz que as palavras do Pai-Nosso podem ser aplicadas aos pais na terra da seguinte forma[1]:

"Santificado seja o vosso nome". — "Filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor" (Col 3, 12).

— "Honra teu pai e tua mãe (Êx 20, 12). "Pois a glória do homem provém da honra de seu pai, e um pai sem honra é a vergonha de seu filho" (Ecli 3, 13).

"Venha a nós o vosso reino". — Seu reino é a família. "Eu nunca entendia o significado das palavras "Venha a nós o vosso reino" até o dia em que olhei para o rosto de meu filho" (Léon Bloy).

Não fôstes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi, e que vos destinei para que vades e deis fruto, e para que o vosso fruto permaneça (Jo 15, 16).

"Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu". — Ouve, meu filho, as instruções de teu pai, e procede de sorte que sejas salvo" (Ecli 3, 2).

Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, porque isto é justo (Ef 6, 1).

"O pão nosso de cada dia nos dai hoje". — E' o pai que sustenta a família. "Tôda a dádiva excelente e todo o dom perfeito vem do alto e descende do Pai das luzes" (Tgo 1, 7).

"Porque melhor é que teus filhos te peçam, do que estares tu olhando para as mãos de teus filhos" (Ecli 33, 22).

"Perdoai as nossas dívidas". — E vós, pais, não provoqueis à ira os vossos filhos (tratando-os com excessiva severidade), mas educai-os na disciplina e nas instruções do Senhor" (Ef 6, 4).

---

[1]) Obra citada pp. 198-199.

"E não nos deixeis cair em tentação". — "Os filhos de um pai ímpio queixam-se dêle, pois se acham por causa dêle vivendo no opróbrio" (Ecli 41, 10).

"Mas livrai-nos do mal". — Qual o filho a quem seu pai não corrige? Se, porém, estais isentos do castigo, do qual todos são participantes, então não sois filhos legítimos, sois bastardos" (Heb 12, 8).

31. ERA UM HÁBITO

antigo que êle tinha:
entrar dando com a porta nos batentes.
— Que te fêz essa porta? A mulher vinha
e interrogava. Êle, cerrando os dentes:
— Nada! Traze o jantar (A. de Oliveira).

E um dia fêz isso, como de costume. Mas a mulher lhe apontou para a filha morta. Era a vingança da porta.

Eu preferiria que o leitor seguisse outro procedimento, sendo pai. "A vida de um filho em casa impõe tantas obrigações que se perde a possibilidade de muitas coisas agradáveis, diz Ricaud. Aliena-se uma parte completa da vida e da liberdade. São êsses os laços que, precisamente, fazem pulsar o coração do homem no mais íntimo e completo ritmo do mundo. Escolher o casamento equivale a renunciar ao não-casamento. "Se ocupas o trono de rei da Inglaterra, adverte Chesterton no seu habitual humorismo, terás de renunciar ao invejável cargo de maceiro da catedral de Brampton". Por isso Ricaud, citando Duhamel, aconselha:

Daqui em diante não abrirás com violência uma porta. Pode ser que atrás dela esteja um homenzinho.

Medirás teus gestos e conterás muitos impulsos. Menos fogosidade e mais fôrça.

Olharás menos para o céu. Terás que olhar teus pés, constantemente, a fim de não pisares em algum de teus filhinhos.

Não feches os caixotes de um golpe. Mãozinhas de veludo deslizam por qualquer parte. Tudo farás com vagar, com cuidado.

Não dormirás com os ouvidos tapados, mas escutarás inquieto o menor dos suspiros. Não poderás ouvir um grito,

sem te perguntares, com o coração em sobressalto, se não é o grito..., o grito que lamentarás por tôda tua vida.

Nunca acenderás o fogo, sem te recordares que o fogo queima. Não deixarás a xícara de chá à beirada da mesa. Apagarás com particular cuidado as pontas de cigarro.

Teu gôsto por bibelots diminuirá. Renunciarás a colecionar, a não ser em segrêdo, vasos de cristal ou porcelanas delicadas. Para sempre dirás adeus aos cachimbos de barro.

Não tornarás a comer uma gulodice, sem pensar que outras boquinhas também gostam de guloseimas.

Imporás silêncio a muitas coisas acidentais e quase que mitos.

Não tornarás a dizer com a segurança de outrora: tal dia farei tal coisa.

Usarás de muitos "talvez" nas asas de teus projetos.

Assim é a vida e "só resta tomar um ou outro partido".

32. FILHO DE PEIXE

peixe é, diz o povo. Mas na família o filho não precisa necessàriamente ser médico, operário, professor só porque o pai exerce uma dessas profissões. A vocação profissional, como vimos, não é em geral um chamado direto de Deus. Entram em jôgo contingências, capacidades e inclinações que muito variam de filho para filho, de família para família. Apresento aqui "umas flechas na estrada".

1) Não ceder logo aos entusiasmos e miragens do adolescente.

Por isso mostre-lhe o pai, em boa hora, que é necessário abandonar desejos irrealizáveis e adquirir o costume de encarar a realidade. E isso pela razão de não poder o homem fugir, por devaneios, das dificuldades e enfados da vida. Olhar a realidade, para a indispensável adaptação, eis o programa na vocação profissional.

2) Noção do trabalho, bem plantada nos hábitos do filho.

Com ela será mais fácil determinar uma vocação. A segurança neste ponto crescerá quanto maior for semelhante noção. Afinal de contas tôda vocação, bem encarada, é sacrifício em prol da sociedade. Supõe e exige um devotamento constante, um esfôrço leal para uma útil eminência no ramc.

3) A generosidade no trabalho profissional é fator de alívio.

Andam por aí criaturas que parecem arrastar correntes de escravos no trabalho impôsto pela profissão. Disso a razão está na ausência de uma generosa aceitação dos percalços do ofício. Contemos também com erros na escolha. Serão remediados por essa generosidade. Vale aqui, em grau relativo, a frase de S. Agostinho: Não és um chamado? Fazete de chamado! A aceitação das penas e dificuldades inerentes a tôda profissão é um elemento essencial do progresso moral, diz Viollet. Mas aceitação alegre e corajosa. Entretanto aqui uma coisa é indispensável: ter sido o educando acostumado, desde pequeno, ao hábito do sacrifício. Pobre filho, cujo pai teve por normas poupar-lhe todo sacrifício na vida!

4) A visão de serviço do próximo na profissão.

À medida que isso suceder, tornar-se-á mais leve e suportável o pêso da profissão. O que foi recebido, durante longos anos, pelo educando é agora restituído à comunidade pelo exercício da profissão. Por isso importa muito não permitir que se transforme num meio de ambição êsse trabalho profissional. Tudo faça o pai por despertar no filho o senso da fraternidade humana e cristã. Então lhe será mais fácil chegar à visão acertada da sua profissão.

5) Sombras da profissão hão de ser mostradas de modo prudente.

Mostre-se ao jovem que a vida é cruel. Muitas vêzes entrava, reduz a ruínas uma profissão, apesar da lealdade nos esforços. Do contrário o desânimo surgirá logo com os primeiros fracassos. A sorte é caprichosa e nem sempre favorece os mais competentes e dedicados ao dever.

Isto pôtso, é normal certa ambição em escalar os degraus do progresso, de subir na hierarquia social, à fôrça de méritos e competência no trabalho. Mas sob uma condição: que nisso se veja um meio de contribuir, ainda de modo melhor, para o bem geral. Não quero terminar sem referir na íntegra as palavras finais de Viollet:

"A primeira regra a ser observada pelos pais, perante a vocação dos filhos, é a do *absoluto desinterêsse.* Tenham a convicção de que a Providência lhes confiou os filhos sem o

programa de executarem os desejos e vontades pessoais de seus progenitores, em se tratando de semelhante assunto. Os pais hão de ser guias na descoberta dos caminhos por onde Deus quer conduzir os filhos. Por maiores que tenham sido os sacrifícios feitos pelo pai na educação dos seus; por grande que seja o desejo de tê-los como sucessores na própria carreira, lembre-se disso: os filhos não lhe pertencem. Pertencem a Deus, que os confiou a seus representantes com a missão de formá-los e guiá-los até à idade adulta, na qual serão capazes de arcar com responsabilidades e escolher livremente a orientação de suas vidas.

Mostre-se bem cedo ao filho que a vida é dom de Deus a ser empregado para o bem comum. Não se desoriente o educando com apreciações errôneas e perigosas sôbre os caminhos, que um dia se abrirão diante dêle. A própria vocação dos pais, seus temperamentos, seus desejos e suas ambições, suas desestimas e seus fracassos, podem, mais ou menos inconscientemente, orientar suas predileções. Com isso podem levá-los a querer dirigir a vocação dos filhos, mais para um do que para outro rumo.

Ou então, se não se cuidarem, agirão sôbre a inteligência do filho levando-o a seguir uma vocação em contradição com a natureza e aptidões que possui. Estará assim a vida inteira num rumo falso e o filho nunca sentirá seu pleno desenvolvimento. Isto não significa vivam os pais impassíveis e inativos perante os desejos e as aspirações dos filhos. Trazem êstes o coração cheio de paixões de diferente valor moral. O orgulho, a preguiça, a imaginação podem falsear o desenvolvimento das faculdades e a escolha da vocação. Aos pais caberá discernir as razões dêsses anseios, afim de que o filho só cultive as sadias, aquelas que são inspiradas pelo desejo de tornarem-se úteis em sua vida.

Mais: E' preciso que o trabalho, ligado a tôda verdadeira vocação, seja conforme às aptidões e disposições de cada um. O operário manual, o médico, o engenheiro ou o sacerdote trabalham para o bem comum, seguindo caminhos diferentes. E' dever paterno distinguir as aptidões para estimular o filho no rumo de suas disposições naturais. Elas anunciam e preparam a vocação.

Para não desnortear a orientação providencial do educando, seja abolida a crítica e o rebaixamento de tal ou tal

espécie de trabalho. Mostre-se a beleza das profissões humanas: do trabalho manual como do trabalho intelectual; da vocação para o casamento como para a vida religiosa. Eis um evidente dever dos educadores" (Viollet).

33. LEIS E ENCRUZILHADAS

Para pais, educadores e seus representantes há leis da Igreja que são encruzilhadas. Tanto para êles como para os educandos. Observadas, levam ao bem, à paz e à felicidade. Desrespeitadas, rumam para o mal e a desgraça. Quero que o leitor fique bem ciente de tudo em ponto tão sério.

Instrução religiosa

"Todos os fiéis de tal modo hão de ser educados, desde sua infância, que não sòmente não se lhes ensine coisa alguma contrária à honestidade dos costumes, senão também que se dê o primeiro lugar à instrução religiosa e moral (Cânon 1372. § 1).

Não sòmente os pais, ao teor do cânon 1113, mas também quantos fazem suas vêzes, têm direito e gravíssimo dever de procurar a educação cristã dos filhos (O mesmo § 2).

— Em tôda escola elementar deve-se dar aos alunos uma instrução religiosa proporcionada à sua idade (Cânon 1373 § 1).

— Aos jovens que freqüentam as escolas secundárias e as superiores se lhes deve dar uma instrução religiosa mais completa e os Ordinários (Bispos) do lugar procurarão que isto se faça por sacerdotes muito zelosos e sábios" (Cânon 1373 § 2).

Êstes cânones são uma aberta refutação do êrro de quem diz não se dever dar educação religiosa à criança, até que chegue a certa idade e então por si mesma a peça. Há dois elementos nesta lei. Um negativo: nada se ensine contrário à religião católica e à honestidade de costume. Outro, positivo, que impõe o *primeiro lugar* à educação moral e religiosa.

Em 1929 (31 de Dezembro) Pio XI dizia na sua Encíclica sôbre a Educação: Que seja a religião de fato fundamento e coroa de tôda instrução, em todos os graus, tanto no elementar como também no secundário e superior.

Escolas e religião. — Além do que acima se lê há outros cânones e normas no caso.

— *Cânon* 1374: Os meninos católicos não devem freqüentar escolas acatólicas, neutras ou mistas, isto é, que também estão abertas para acatólicos. Cabe ao Ordinário local exclusivamente determinar, em conformidade com as instruções da Sé Apostólica, em que circunstâncias e com que cautelas, para evitar o perigo de perversão, se pode tolerar a freqüência a tais escolas.

Anda errado o pai que resolve, sem mais nem menos, por si mesmo, qual a escola para o filho católico. Tratando-se de escolas acatólicas, é o Bispo quem determina a liceidade e as cautelas neste caso. Com isto quis a Igreja reconhecer as dificuldades de muitos pais que não encontram ao seu alcance escolas católicas.

Tão sério é o caso que o *Concílio Plenário Brasileiro* [1] determinou em 1939:

Decr. 461. — Devem os sacerdotes e párocos avisar os pais sôbre o gravíssimo dever de acudir à educação religiosa e moral dos filhos;

— de mandá-los às escolas católicas;

— de afastá-los daquelas onde corre perigo a fé, a honestidade dos costumes ou a disciplina eclesiástica. Isto é, das escolas acatólicas e assim chamadas neutras.

Sobretudo pelo tempo do Advento preguem os supramencionados contra o abuso dos pais, que mandam os filhos às escolas acatólicas; e avisem-nos sôbre os castigos que a Igreja dá conforme o cânon 2319, § 1, número 4. Nem permitam os pais, sem motivo grave, que seus filhos freqüentem as escolas promíscuas, sobretudo as secundárias e superiores (decr. 461, 462).

Em Pastoral Coletiva nossos Bispos assim falam às famílias:

"Aos pais de família, que se vêem na dura necessidade de mandar seus filhos seguir algum curso especial de estudos, em colégios onde não se cultivam os princípios do ensino católico, exortamos que não esqueçam o dever que lhes incumbe de velar cuidadosamente pelos seus filhos, a fim de que não percam a fé e os bons costumes, tendo sempre presentes as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: "De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? (Mt 16, 26).

---

[1]) Nome dado à reunião de todos os Bispos do Brasil.

E lhes recordamos a gravíssima obrigação de preferirem, a quaisquer outros, os colégios genuìnamente católicos, se os houver, onde possam seus filhos terminar os estudos secundários ou superiores".

Não está esgotado o assunto, leitor. Tenho aqui uns avisos bem sérios de Pio XI a respeito da "coeducação" de meninos e meninas. O naturalismo conseguiu embotar a sensibilidade cristã em muitos pais. Não enxergam ou não avaliam devidamente o mal. Aqui está o pensamento do pastor das ovelhas "que são de Cristo":

"De modo semelhante, errôneo e pernicioso à educação cristã é o chamado método da "coeducação", baseado também para muitos no naturalismo negador do pecado original, e ainda para todos os defensores dêste método, sôbre uma deplorável confusão de idéias que confunde a legítima convivência humana com a promiscuidade e igualdade niveladora.

O Criador ordenou e dispôs a convivência perfeita dos dois sexos, sòmente, na unidade do matrimônio e gradualmente distinta na família e na sociedade. Além disso, não há na própria natureza, que os faz diversos no organismo, nas inclinações e nas aptidões, nenhum argumento donde se deduza que possa ou deva haver promiscuidade, e muito menos igualdade na formação dos dois sexos. Êstes, segundo os admiráveis desígnios do Criador, são destinados a completar-se mùtuamente na família e na sociedade, precisamente pela sua diversidade. Esta, portanto, deve ser mantida e favorecida na formação educativa, com a necessária distinção e correspondente separação, proporcionada às diversas idades e circunstâncias.

Apliquem-se êstes princípios no tempo e lugar oportunos, segundo as normas da prudência cristã, em tôdas as escolas, nomeadamente no período mais delicado da formação, qual é o da adolescência. E nos exercícios ginásticos e desportivos, com particular preferência à modéstia cristã na juventude feminina, à qual fica muito mal tôda a exibição e publicidade". — Leitor, tudo é tão claro nesta doutrina. Como justificar então o "conformismo" de um pai que se cala e tolera desfiles e carteiras de *uma* ao lado do *outro* nas classes? Eu gostaria de saber se o leitor ouve esta voz do pastor.

é a sonegação da absolvição num caso e a excomunhão, de cada sentença, em outro. Vou citar os textos que regem o assunto. Diz o Concílio Plenário Brasileiro:

Número 462: Firme a prescrição do cânon 2319 § 1 n. 4 e § 2, os confessores adiem a absolvição sacramental aos pais católicos que mandam seus filhos às escolas acatólicas. E se não quiserem obedecer, recusem absolvê-los.

Tal severidade prova a grandeza e gravidade do êrro de quem, sem dar ouvidos às normas da Igreja (explicadas acima), manda seus filhos a escolas proibidas. A Igreja requer motivos graves, cautelas, garantias contra os riscos e obediência às determinações dos Bispos em tais casos.

Por sua vez o *Código de Direito Canônico* declara excomungados por dada sentença os seguintes: Cânon 2319 § 1:

1º os que contraem matrimônio perante um ministro acatólico, violando o prescrito no cânon 1063, § 1;

2º os que se unem em matrimônio com pacto explícito ou implícito de educar todos ou alguns dos filhos fora da Igreja católica;

3º os que têm a ousadia de apresentar, com conhecimento, seus filhos a ministros acatólicos para que êstes o batizem;

4º os pais (!), ou os que lhes fazem as vêzes, que entregam seus filhos para que sejam educados ou instruídos em alguma religião acatólica.

E o § 2 dêste número 2319 diz ainda: Aquêles mencionados no § 1, número 2-4 são além disso suspeitos de heresia.

Explico ao leitor êste cânon terrível: Os filhos devem ser entregues, na suposição da lei, para serem *educados* ou *instruídos na religião acatólica,* e não apenas na ciência que não se refere à religião. *Educação* é a total formação do espírito: intelectual, religiosa, moral e científica. *Instrução* é sobretudo intelectual. Mas basta para se cometer o delito. E' preciso que seja feita a entrega *com ciência,* isto é, com pleno conhecimento da lei, do castigo e do fato. E isso com plena liberdade. Assim expõe Regatillo, S. J. [1]

[1]) E. F. Regatillo, S. J. *Institutiones Iuris Canonici.* Vol. II. p. 541, Sal Terrae, Santander 1951.

Os parágrafos referem-se a castigos e não à culpa de quem, mesmo sem praticar os pontos censurados, é desleixado em tomar as cautelas já explicadas no assunto. Temos em nossa terra colégios protestantes que obrigam alunos — mesmo os católicos — a certo culto da seita. Neste caso um pai católico, forçado por circunstâncias a matricular o filho em tal colégio, tem *de exigir,* sob pena de pecado e censura, uma exceção para êle. A própria lei do país facultalhe tal atitude, reclamada pelo dever.

Mencionei ao leitor atitudes outras a respeito do casamento, do batismo. Isso com uma intenção bem clara. Ciente do castigo, impeça os seus de incorrerem na censura. Avise-os, caso se apresente semelhante despropósito.

Quando, por exemplo, um dos teus pretende casar-se com protestante temos o caso de "mixta religio ou religião mista". A Igreja não quer tais casamentos e só os admite forçada por circunstâncias, mas sempre com a prévia autorização do Ordinário e dadas por escrito garantias para a parte ató-

---

Nota importante

A proibição positiva do Cânon é precedida pela proibição do direito natural. Três coisas esta última impõe:

1. Continua firme, sempre que haja perigo próximo para a fé e os costumes. Neste caso nunca será lícito freqüentar escolas nocivas, nas quais é tão iminente o perigo para a fé e os costumes, que nem sequer pode ser removido por cautela alguma. Nem danos gravíssimos a serem evitados, pela freqüência a tais escolas, justificam a inscrição de aluno católico.

2. Não havendo perigo próximo de perversão, ainda continua gravemente ilícito, em si, entregar os filhos a tais escolas.

3. Acidentalmente pode cessar a proibição, a ponto de *se poderem tolerar* tais escolas, quando se verificam certas condições. Ei-las:

a) o perigo deve ser apenas remoto;
b) as razões devem ser suficientes para a escolha;
c) as necessárias cautelas não devem ser omitidas.

Mas quem julga sôbre essas condições é o Bispo diocesano. — Desprezar um colégio católico e matricular o filho em colégio acatólico, neutro ou misto (no qual se aceitam alunos acatólicos e católicos), é faltar sèriamente contra a lei da Igreja.

Sobretudo em se tratanto de escolas acatólicas os confessores devem adiar ou mesmo recusar a absolvição aos pais, como acima menciona o *Concílio Plenário Brasileiro.*

Sempre, mesmo quando justificados, devem os pais *contrabalançar* o perigo, vigiando os livros usados, as doutrinas ensinadas, instruindo melhor os filhos na doutrina cristã, afastando o trato com alunos que possam pôr em risco a fé e os bons costumes dos seus. (J. Brys, J. C. D. et Mag. — Juris Canonici Compendium — Bruges; X ed. 1949, pp. 178-179).

lica praticar sua religião e nela educar os filhos *todos,* e afastado o perigo de apostasia do pai ou da mãe.

A fé católica, tesouro de preciosidade rara, impõe-lhe tais preocupações. Eis o texto da proibição:

"A Igreja proíbe severìssimamente, em tôdas as partes, que se celebre matrimônio entre pessoas batizadas, das quais uma seja católica e a outra adscrita a uma seita herética ou cismática. E se há perigo de perversão do cônjuge católico e da prole, o matrimônio está, além disso, vedado pela mesma lei divina", Cânon 1.060. — Pio XI renovou esta condenação na *Casti connubii.*

35. COM SIMPATIA E COMPREENSÃO

sabe a Igreja considerar as reais dificuldades dos casados em nossos dias. Temos por isso afirmado — em nossa última alocução sôbre a moral conjugal, — a legitimidade e ao mesmo tempo os limites, muito largos, de uma regularização da prole. Contràriamente ao assim chamado "controle de nascimento", é êle compatível com a lei de Deus. Deve-se também esperar — neste ponto a Igreja deixa o julgamento à ciência — que esta consiga dar àquele método lícito uma base suficientemente segura. Recentíssimas informações parecem confirmar uma tal esperança. (Alocução de 27 de Novembro de 1951 à Frente das Famílias).

Pio XII faz com isso clara referência aos dias infecundos, procurados tantas vêzes para relações que não devem acarretar um fruto. Diz o homem de branco "que são possíveis situações que digam um *não* à maternidade, após segura e experimentada apreciação da vossa parte (isto é, refere-se às obstetrícias). Neste caso seria um êrro e uma injustiça impor ou aconselhar um *sim.* Sérios motivos podem eximir dessa prestação positiva e obrigatória. E isso por muito tempo ou até durante todo o tempo do matrimônio. Não é raro encontrá-los na assim chamada "indicação" médica, eugênica, econômica, social".

Indicação médica seria a falta de saúde da mãe ou da criança esperada. Indicação econômica temo-la em vista do problema de renda insuficiente, de moradias apertadas. Fim primário do casamento é *a procriação educadora* da prole. Não basta pôr o filho no mundo. Pode estar em jôgo a sal-

vação eterna dos filhos, conforme a boa ou má educação recebida. À pergunta "quantos filhos?", o cristianismo não responde, sem mais nem menos, com o "maior número possível". Põe na resposta um quê, do qual só os esposos são juízes em suas consciências. Responde: tanto quanto podeis educar bem.

E' claro que um número maior de filhos supõe mais capacidades nos pais. Isso falando de modo geral. Pois, como alguém observou com razão, um pai com muitos filhos pode trazê-los bem formados e educados, enquanto outro, só com a metade, os tem todos mal educados e mal criados. Convém notar a observação de um sociólogo: "O filho único não é normal, embora não seja sempre um infeliz".

Uma coisa é certa: As Escrituras louvam a casa onde as crianças são como os brotinhos de oliveira, numerosas portanto. Fala da coroa dos filhos como prêmio para o justo. E ninguém aprecia árvores que mal apresentam um fruto. Nem meu leitor nega louvores às árvores que vergam seus galhos ao pêso de frutos saborosos. E tua espôsa, pai generoso, sorri contente ao ver que sua roseira, seu jardim estão "florindo". Lastima-se quando o caso é de sovinice de flôres.

Também a história confirma um fato: Os gênios, os santos, os heróis, os sábios saíram de famílias numerosas. Tôda criança a mais é, sem dúvida, mais uma outra prova de generosidade. Para o cristão representa mais uma alma para amar, glorificar e servir a Deus. Para, enfim, sentar-se um dia à mesa do Pai celeste.

No salmo 143, o salmista pede, em hora solene e litúrgica, o seguinte:

"Que Deus faça

— seus filhos como plantas, viçosos na sua adolescência;
— suas filhas elegantes como as colunas do templo;
— seus celeiros cheios, repletos de tôda espécie de colheita;
— suas ovelhas aumentadas aos milhares.

Tudo isso indica abundância, número grande. A floresta de plantas e de colunas, o rebanho de ovelhas, a fartura dos celeiros significam desejo e coragem de vidas numerosas. Como castigo tomava o salmista a escassez de filhos, a pobreza dos celeiros e dos rebanhos.

Quando a Igreja dá a bênção do casamento à noiva, implora ao Senhor a faça fecunda, rodeada de muitos filhos, ricos de bênçãos durante muitas gerações. Quer dizer, leitor, que é pensamento de Deus se multiplique a vida; não se façam cálculos mesquinhos com ela.

VI

36. EGOÍSMO DE UM E DE MUITOS

— Espontâneas na criança são apenas as tendências *egoístas.* O que, indevidamente, se chama hoje em dia de *altruísmo* só pode ser fruto da educação. A criança é, antes de tudo, um ser *necessitado.* Daí vem que seus primeiros afetos, conscientes ou inconscientes, sejam essencialmente egoístas. Ainda dentro do seio materno, a criança suga e absorve o sangue materno como alimento. O nascimento é um drama de egoísmo brutal, cujo desenlace não raras vêzes é trágico. Cada um dos organismos, o materno e o filial, procura livrar-se do risco em que o põe a coabitação já inadiável do outro ser. E depois o lactante continua o programa do egoísmo, que nêle é um apetite, sugando com avidez o leite materno. Pouco se lhe dá se com isso debilita sua mãe.

A educação intelectual conta na criança com raízes de interêsse pedagógico: com a curiosidade, com o apetite de eminência, com o sentimento da própria personalidade. Mas a pedagogia social não conta com quase nada" (Ruiz Amado, S. J.).

Com o mesmo autor lembro que, além do egoísmo *individual,* existe o egoísmo *social.* Família, cidade natal, região, pátria, corporação, comunidade são os setores dêsse egoísmo social. O que se chama "espírito de equipe" não passa em muitos casos de mero egoísmo coletivo. E' claro que seus efeitos são às vêzes mais perniciosos, para a vida social grande e fecunda, do que os do egoísmo individual.

Pio XII vive acentuando o caráter da família humana, livre de barreiras de regiões, classes, grupos, castas e países. Para um educador cristão tais normas são sagradas.

"Educação social não é a mesma coisa que educação "societária", caso possamos cunhar êste têrmo. Êste estriba-se cabalmente na ação de uma classe *contra* as outras,

seja defensiva ou ofensiva. As classes, as corporações devem agrupar-se e organizar-se com vistas às vantagens justamente solicitadas por seus membros. Mas que seja de paz e não de guerra tal organização. E êste tem sido o pecado capital das associações operárias e profissionais de nossa época" (O mesmo).

Já sabe nosso leitor que, em tôda educação, a base há de ser a razão, isto é, inteligência ilustrada. Para o cristão a fé consolida a razão e traz maiores luzes à inteligência. Razão e fé hão de mover a vontade. Os sentimentos serão auxiliares poderosos. Mas nunca poderão ser as molas ou fibras dessa educação. Por isso ficou acentuado, em outro lugar, o conjunto de idéias a serem inculcadas no educando: mutualidade ou reciprocidade dos bens sociais e dever que nos prende à sociedade na qual nascemos. E, sôbre as duas, a terceira idéia cristã: Corpo místico de Cristo.

O que o próximo capítulo apresenta mostrará ao leitor o lado positivo de uma visão cristã no caso. Nada mais é do que conclusão tirada do Evangelho, da sua grande lei do amor fraterno entre os homens.

37. O GRANDE MANDAMENTO

cristão e social é *o da caridade,* do amor mútuo entre os homens de tôda classe. Cristo declarou-o como "distintivo" para reconhecimento dos seus discípulos. Figura logo no começo, ao lado do mandamento de amor a Deus. Para que não haja dúvida, Cristo deixou bem explicado o método que vai seguir no dia do juízo final. Nêle mencionará apenas a caridade. A isso ajuntou parábolas e comparações do rico avarento, do samaritano caridoso, do credor cruel.

Êsse dever imperioso da caridade há de ser inculcado, a todo prêço, na alma do educando. E' a primeira idéia na educação social.

Vem depois a segunda idéia: *a fealdade do ódio.* Nunca o leitor cometa o êrro de pintar o ódio como elemento construtivo da sociedade humana. Nem a pátria, nem a raça, nem o particularismo político, nem as classes podem justificá-lo ou com êle trabalhar. Em nossa terra a política é a grande culpada de ódios.

Em terceiro lugar urge ensinar ao educando *gestos caritativos*. Leve-se o educando a ver as misérias dos pobres, dos deserdados e sofredores. O pobre tem lá sua dignidade humana e cristã, passando a fazer as vêzes de Cristo.

Abençoado o pai que souber criar no filho *o hábito de incomodar-se* para acomodar a outros. Os escoteiros dão um nó no lenço e desatam-no só depois de praticada uma boa ação em favor do próximo, da coletividade. Lembro aqui *a cortesia*, que impõe sacrifício pessoal para não molestar a terceiros. Não fique em mera cortesia social. Seja batizada e torne-se cristã, praticada por motivo sobrenatural.

Há outras formas menos comuns da caridade social, às quais devem ser acostumados os meninos. São, entre outras:

A indulgência nos juízos sôbre o próximo. Dizia Unamuno que perdoar é com freqüência compreender. Quem não quer perdoar, tem inteligência fraca que não sabe compreender. Em todo caso tem falta do espírito cristão.

Evitar as injustiças, num leal esfôrço de praticar a justiça social. Se o filho percebe semelhante preocupação no lar, em que vive, sairá pela vida com essa bandeira abençoada. Mais tarde as aplicações para os casos ocorrentes lhe parecerão naturais, fáceis e possíveis. Sentirá o que um autor chama de "con-moção social", ao dar com um estado de coisas injusto, miserável.

Insistem os últimos Papas sôbre o papel social da riqueza, do dinheiro. Diz Pio XI: — "Não está o homem autorizado a empregar conforme seus caprichos suas rendas disponíveis, isto é, as rendas que não são indispensáveis para o sustento de uma existência conveniente e digna de sua condição" (Quadragesimo anno). Um educando precisa notar que seu pai se governa por êste princípio. Achará então natural que lhe recomendem sua compreensão e prática. Grande é o êrro de se deixar ao capricho do filho o dinheiro que recebe, a riqueza que herda.

38. UM PATRÃO NO EVANGELHO

passa para a história com sua conduta humana, generosa e cheia de fé. E' o comandante romano, pagão, que vencendo o respeito humano, se apresenta a Cristo. Diante dêle elogia o criado que tem e pede sua cura. Naaman é

outra figura interessante no papel de patrão. Escuta o conselho de uma criada de sua espôsa e parte em busca do profeta Eliseu, de quem esperava o livrasse da lepra. Mal satisfeito com o recado recebido da bôca do mensageiro do profeta, ordenando-lhe se banhasse sete vêzes no Jordão, já ia partindo de volta para a sua terra. Dêle aproximaram-se os servos e disseram-lhe: Pai, ainda que o profeta te tivesse ordenado uma coisa muito difícil, tu devias sem dúvida fazê-la. Quanto mais agora que êle te disse: Lava-te e ficarás limpo! Naaman atendeu a seus servos. Foi ao Jordão, lavou-se sete vêzes e a sua carne tornou-se como a carne de um menino muito tenro e ficou limpo (4 Rs c. 5).

Já lembramos ao leitor os deveres para com os fâmulos. Interêsse de cristão para com cristãos. E' dever de consciência dar-lhes o tempo e jeito para o cumprimento dos deveres religiosos. Urge ter cuidado com a moralidade nas relações entre criados e criadas. Os filhos, à medida que crescem, tornam mais delicada a responsabilidade dos pais. Pois êles hão de ser educados no respeito para com as criadas, sobretudo quando môças. Pio XII diz: "Suponde que, conforme avançam as coisas, um dia o dever imponha aos pais, para o bem dos filhos, afastar aquela criada, que não foi culpada dos inconvenientes ou do perigo, do qual foi sòmente causa involuntária. Não sentirá o chefe da casa, ao vê-la partir humilhada em sua inocência, remorso de ter sido êle, com outros, menos prudente do que a empregada, menos vigilante, menos firme e resoluto? Não deverá atribuir a si mesmo a culpa desta última e o seu futuro incerto?" (Aloc. 20 de Agôsto de 1942).

Que fracasso de cristão e de chefe seria o do leitor, caso êle mesmo se metesse a desrespeitar uma doméstica! Neste ponto a vigilância, a prudência, e mesmo a retirada perante certas ocasiões, impõe-se com o pêso de uma lei divina. Há seduções que são lentas e silenciosas. Pio XII lembra a das revistas imorais largadas sôbre a mesa, à cabeceira das camas. Lembra os quadros, os diários ilustrados. As conversas, as relações de aventuras mais ou menos licenciosas que os filhos maiores contam aos amigos. Menciona certos olhares e indiretas, gesto livre, aumentando o perigo para inexperiente.

O homem de branco aparece à tua mesa e escuta uma

queixa, uma observação maliciosa a respeito de alguma pessoa respeitável. E' uma flecha atirada contra um professor, contra um pároco, contra uma autoridade de qualquer gênero até às mais altas, às mais sagradas. E com êle as criadas escutam a conversa e sentem ferida ou diminuída a veneração para com pessoas dignas. E então lembra o que se deu com a Revolução francesa: A criadagem vivia ouvindo nos salões de seus amos aquelas palestras atrevidas, filosóficas, sociais, políticas, condimentadas com agudeza. Apreciavam os chistes libertinos em desprestígio e môfa da religião e as tiradas endeusando a liberdade sem freios. E essas teorias lhe invadiram o espírito, envenenaram o coração. O povo simples é lógico e tira as conclusões daquilo que é professado pelos grandes, pelos patrões (Aloc. citada).

O leitor concordará comigo na seguinte ponderação: Um chefe de família prudente, temente a Deus e amoroso do bem dos filhos, sempre procura informar-se sobre a conduta passada da criadagem que bate à sua porta em busca de emprêgo. Se a informação fôr desabonadora, recusará a pretendente. Portanto, aceitando-a por trazer boa recomendação, assume o compromisso de respeitar essa bem recomendada. Seria crueldade, da qual Deus se vingará, explorar a precisão de uma doméstica sôbre cujos ombros pesa, talvez, a obrigação de ganhar o pão para irmãozinhos ou para pais necessitados.

Muito entre nós: que o pai não admita sem-cerimônias das filhas môças, que escandalizam criadas pela falta de pudor, pelos modos imorais do namôro ou noivado. O mau exemplo é contagioso. A caridade proíbe todo escândalo. Que triste recomendação para uma casa, quando dela se retira uma empregada honesta, alegando que "na família até as môças eram imorais"!

Caiu no êrro uma pobre empregada? Mesmo não estando o causador do desastre entre os homens da família, apareça nessa hora a fraternidade cristã. Caberá ao chefe do lar conseguir, por meio da espôsa ou pessoa de confiança, amparo que impeça maiores desastres. Nada de simplesmente atirar à rua, para ser apedrejada, uma infeliz ou leviana. Tal caridade é mais uma garantia, a impedir aconteça semelhante êrro com... uma das filhas da família. Naaman, o leproso, deve ter sido um estimado patrão. A

confiança que nêle tinham os criados aparece no têrmo *pai* e no ajuizado conselho dado ao amo. A cura foi também prêmio do procedimento dêle com os fâmulos.

39. TENDÊNCIAS ANTI-SOCIAIS

Todo educador leal não desconhece o dever de formar nos filhos o sentido social. Sobretudo em nossos dias de lutas de classes. Para um cristão isso equivale à formação da caridade para com o próximo.

Ora as tendências anti-sociais exigem que se lute contra elas. Essa luta é o lado negativo da formação que nos interessa. São elas: a falta de honradez, a mentira, o anelo imoderado de êxito. A primeira não respeita o bem alheio. A segunda impede e coarcta a confiança. A última vive atropelando os outros, sacrificando-os à ambição pessoal.

Ser um cristão, mas antes de tudo ser um homem honrado — foi axioma de certo escritor. Não quis opor o primeiro ao segundo. Tencionou, sòmente, dizer que não era autêntico o cristianismo de quem não se apóia na honradez. Por isso, leitor, teu filho há de crescer honrando sua palavra, respeitando o alheio, mesmo que seja um lápis ou uma borracha na escola, uma parede que êle não garatuja, um móvel que não estraga e danifica. A base da vida social é a confiança. E quando falta a honradez acaba-se a confiança. Temos então um homem desqualificado. Mas todo ato vil desqualifica um homem, viva lá em que posição quiser.

No assunto de mentira, seria êrro julgar o pai que a criança é por natureza sincera, precisando de algum tempo para se diplomar na arte de enganar. Também aqui o pecado original deixou estragos. E' claro, nunca se deve enganar a criança e nunca se deve mentir diante dela. Igualmente andaria errado quem submetesse a sinceridade de um educando a uma prova demasiado rude. Haja, sim, preocupação com o culto da sinceridade.

Avançar na vida, melhorar sua posição, ter justa ambição como programa é, em si, coisa justa e louvável. Mas nunca se elogie ou aprove o golpe, o truque, a deslealdade, lesando direitos alheios. A lei não há de ser "suba quem puder e por onde puder". Concorrência limpa e leal — eis o programa. O que é obtido com sacrifício dêsse princípio não com-

pensa o prejuízo moral, o choque social. Sairão prejudicados vencedor e vencido. Nos jogos infantis poderá o pai observar a tendência do filho.

Hoje em dia o desleixo na luta contra essas tendências traz maiores repercussões. Pois vivemos numa época na qual o homem é "um ser gregário", subjugado pela massa. Já não vive tão isolado como antigamente. Mora em apartamentos, em cortiços, em casas geminadas. Move-se e trabalha em grupos. A cada passo dá com sinais vermelhos nas ruas, tem de entrar nas filas, marcar hora, esperar por linhas de telefone, etc.

Ponha-se neste meio um ser anti-social, com tôdas as tendências anti-sociais bem nutridas e treinadas, e adeus paz, caridade e colaboração. Neste trabalho de luta o educador saberá adaptar-se à idade, ao temperamento, ao método adequado. Jamais os povos viverão como uma grande família humana, se as pequenas famílias onde se formam os indivíduos não cooperarem para isso.

Gostaria que o leitor começasse por si mesmo, no exame leal sôbre as malsinadas tendências anti-sociais. Espôsa, filhos, vizinhos, companheiros de trabalho lucrariam muito no caso.

40. TEU FILHO NO DESFILE

"Na *Missa Solemnis* Beethoven traduz musicalmente a "vida do século vindouro". Escreveu assim um dos coros mais gigantescos concebíveis. Vicente d'Indy chamava-o com justeza "desfile dos eleitos". Vozes ajuntam-se às que estão cantando. Novas entradas do tema glorioso não cessam de multiplicar as chegadas de novas falanges celestes. Tudo está invadido, submergido por essas ondas em contínuo crescimento" (René Biot).

Ora nesse desfile glorioso espero ver um dia o leitor e seus filhos. Garantia para tanto oferece, na medida da contigência humana, uma sólida educação religiosa. Sem ela está comprometido êsse desfile. De entrada no assunto quero prevenir contra dois erros, muito comuns.

Há pais que sofismam como racionalistas. Afirmam então que a criança deve ser educada sem religião, para mais tarde escolher o objeto de sua fé, quando possuir o pleno

uso da razão. Mas isso é contrariar as mais profundas aspirações do coração humano. E' cruel abandono da criança às correntes que arrastam o espírito e o coração, em via de formação. Se tivéssemos que esperar pelo sol da razão, a fim de a criança governar a si mesma, então teríamos de deixar não só o ensino da religião, mas muitos outros também. Todos êles são dados da experiência, impostos, de fora, para dentro da alma infantil.

Um pai cristão terá remorso de perder tempo nessa obrigação. Bem cedo dará sua contribuição ao trabalho materno para ir acendendo as luzes da fé na alma infantil. Irlhe-á desenvolvendo a personalidade moral e crenças pessoais. E isso de tal modo que, amanhã, possa o educando transformar em convicções e crenças pessoais a doutrina recebida na infância.

Outro êrro no assunto é o de se atribuir, exclusivamente, ao sacerdote e ao colégio católico, a tarefa da educação religiosa. Sem dúvida, o catecismo, a aula de religião exigida e controlada, estimulada e premiada pelos pais, é fator de suma importância. Mas os primeiros responsáveis, perante a Providência pela formação religiosa dos filhos, são inegàvelmente os pais. A êles cabe a gloriosa tarefa de levar o filho a conhecer, amar e servir a Deus. A Igreja só intervém para completar a formação que espera encontrar bem começada pela família.

Note-se o leitor mais uns pontos:

1) Essa formação não pode ser fictícia e superficial. Não dispensa o exemplo religioso dos pais. Teu exemplo sobretudo, leitor! Pai sem vida religiosa, sincera e efetiva, é um terrível entrave no assunto. Seria um iludido, caso esperasse ver um cristão integral no filho, quando êle mesmo é cristão mal receitado, rebelde às leis de Deus e da Igreja. O fruto não cai longe da árvore.

2) Fórmulas e gestos exteriores não fazem ainda a religião, que requer a prática das virtudes. Só por submeter-se a ritos e cerimônias, sem aplicar-se ao desenvolvimento de qualidades e virtudes agradáveis a Deus, teu filho não está ainda cumprindo, por exemplo, a lei de amar a Deus e ao próximo. Mais do que o adulto, a criança corre grande perigo de confundir a fé com gestos exteriores e práticas religiosas (Viollet).

Êsses ritos e práticas tendem a despertar sentimentos, que uma educação progressiva e perseverante tornará reais e sólidos.

Viollet aconselha preocupação com a formação da consciência, com a realidade do arrependimento, com a presença de Deus, e mesmo com o mau exemplo que espera o educando na escola e na vida. Urge então redobrar a influência dos pais para contrabalançar o mau exemplo dos companheiros. Não faltará a descoberta da diversidade de crenças. Contra ela só mesmo a inabalável firmeza das convicções paternas, ao lado de um progressivo desenvolvimento dos conhecimentos religiosos.

Nesta passagem o leitor compreenderá qual a importância dos mestres na vida do filho. Não tachará de intolerância a atitude da Igreja, que proíbe colégios acatólicos para filhos de famílias católicas.

3) Conte o pai prudentemente com uma crise religiosa na mocidade do filho ou com uma possível exaltação religiosa em vários casos. Sobretudo com as filhas, que correm o risco de confundir os arroubos da sensibilidade com o sentimento religioso. De outro lado cuide-se de apagar a fogueira do devotamento. Na adolescência mora o gôsto pelo heroísmo. Longe de o abafar, encaminhe-o para o aperfeiçoamento, sempre dentro dos limites do real e do possível.

Lá um dia o filho môço — nababo do sentimento de sua fôrça e de sua independência — protesta contra dependências de família e de religião. Ambas as obrigações lhe parecerão limitações à sua gloriosa personalidade. Religião sem espírito de submissão e obediência não é concebível. Daí a crise da fé e das práticas religiosas no môço. Ajuntemos a isso o espírito de crítica, cujo clima pode estar num ensino insuficiente ou desajeitado da religião. Dogmas e lendas andaram de permeio na bôca de mestres incapazes. E agora, ao contacto com os conhecimentos científicos e históricos [1] que começa adquirir, nosso jovem é tentado a tornar-se um iconoclasta.

As tempestades dos apetites sexuais "levam o jovem a

[1]) Razão e fé são filhas de Deus. Nunca se contradizem. O errado uso de uma e outra é que cria os conflitos. As exageradas afirmações dos representantes de uma e outra é que "armam" aparentes conflitos.

livrar-se das exigências, do jugo de uma lei moral, rica em difíceis e dolorosos sacrifícios", observa Viollet.

O exemplo religioso, a oração, o sacrifício feito pela família (à frente o pai!) serão de grande valor. A êles associe-se o cuidado com amizades e companhias de moços firmes na sua religião. Nesse ambiente teu filho, leitor, conseguirá vencer a crise para a qual já o vinhas preparando. E' claro, se a família contar com a amizade de um esclarecido sacerdote, nêle terá preponderante auxiliar.

Seja como for, teu filho não pode faltar no desfile final dos eleitos.

41. SILÊNCIO DE CÚMPLICES

E' uma espécie de cumplicidade o silêncio da família sôbre certos problemas da puberdade nos filhos. Futuras quedas, hábitos perniciosos são muitas vêzes a triste conseqüência do "acanhamento" dos pais em tratar dêsse assunto, que hoje tem o nome de "iniciação sexual". Entretanto a primeira queda ou a primeira vitória, que o amor pode levar, é na adolescência. A batalha da pureza é inevitável e tem de ser preparada. Uma derrota nesse ponto traz prejuízos incalculáveis para a vida tôda. Filho vencido, pais vencidos. Pois soldado vencido é também chefe vencido.

Fale, pois, o pai e educador. Dirija-se ao filho "que na puberdade põe o pé vacilante no caminho de um reino nebuloso. Desde que o jovem fixa a sua atenção nos fenômenos sexuais, apodera-se dêle a intranqüilidade, a incerteza, o desassossêgo". Tôda a sua vida intelectual se agita sob o signo desta investigação intranqüila.

A reta formação da consciência manda quebrar o silêncio. Precisa êle saber o que é pròpriamente a impureza, condenada por Deus. Deverá saber que a sua sêde de saber as coisas neste ponto não constitui logo pecado. Se os pais não falarem, falará a rua, falarão os companheiros, os cinemas, as revistas, as gravuras. Pessoas por conseguinte que não estão autorizadas para isso.

Pio XII diz claramente que às mães (para as filhas) e aos pais (para os filhos) caberá levantar cautamente, delicadamente o véu da verdade e dar uma resposta *prudente, justa* e *cristã* a tais questões e inquietações (Aloc. 26 de

Outubro de 1941). O grande escritor Tihamér Toth acha que se deve falar antes mais cedo do que tarde. Que é melhor faltar por excesso do que por defeito neste assunto. Diz: "Há duas classes de pais. Uns dizem que o filho é ainda uma criança. Outros respondem que deveriam dizer-lhe qualquer coisa, mas o assunto é tão delicado. No fim de contas, nem uns nem outros falam. Optam pelo mais cômodo, neste caso: calar-se. Mas não se cala a rua, não se calam os amigos, nem os livros, nem os teatros, nem os cinemas".

Quero expôr ao atento leitor umas regras nesta obrigação inegável. Pois a ignorância — disso está a Igreja convencida — não é, ao menos materialmente, sinônimo de inocência; nem o conhecimento equivale à culpabilidade. Eis as normas:

1) Seja *individual a iniciação.* O filho tem um direito, no curso normal de sua existência, de ser iniciado prudentemente nos problemas e nas lutas dos sentidos. A hora e o tempo são também individuais. Pio XII quer andem os pais atentos para observar e discernir a ocasião e o momento da chegada destas questões. Protestem os pais, se temerários ousarem atacá-la pùblicamente. E' dever de consciência.

2) Seja *leal a iniciação.* Jamais pode ser violada essa regra. Nada de respostas, que amanhã serão desmentidas por explicações necessárias, imperiosas. Nada de histórias ridículas, provocadoras de zombarias ou de sorrisos compassivos em outras rodas.

3) Seja *acolhedora a iniciação.* Isto é: não se bata a porta na cara do filho que pergunta, com êle ralhando por causa da indagação curiosa e incomodativa. Tôda pergunta é um convite feito à verdade, parcial ou total. Nada portanto de respostas peremptórias, dilatórias, esquivas. Desiludido na sua confiança, irá o curioso saber da verdade exposta por bôcas contaminadas de companheiros.

4) Seja *delicada e elevada a iniciação.* As revelações "devem ser apresentadas sob seu correspondente ângulo moral e espiritual. As descrições fisiológicas nunca devem deitar sombras sôbre a beleza dos sentimentos, normalmente necessários à obra da procriação".

5) Seja a iniciação precedida *da educação do sentimento.* Criado o ambiente de amor e de confiança entre filho

e pai; formada por êste a delicadeza no trato daquele com as irmãs, parentas e amigas, desde a infância, teremos "o clima" favorável para o respeitoso acolhimento da iniciação.

Charmot observa com razão: "Quer nos parecer que aos pais tem faltado muitas vêzes o conhecimento de certas verdades do cristianismo, no desempenho de suas missões. Daí a causa principal da incompetência dos educadores. Sôbre as coisas do mundo possuem ciência, que não é acompanhada de uma suficiente ciência da vida sobrenatural. O que a mocidade mais precisa conhecer não são os escândalos das paixões e os horrores da sensualidade. A fraqueza lhe vem disso: nós os fizemos meditar pouco sôbre as insondáveis riquezas de Cristo. Sem dúvida, há alguma utilidade na experiência do mal. Mas a experiência do bem tem maiores vantagens. E' igual nos pais a experiência sôbre o bem e sôbre o mal? E' para se temer que não.

Não é a inteligência, nem a ciência que salvam a humanidade; é o amor. A verdade só liberta a alma na medida em que lhe liberta o coração. São as cadeias do coração que prendem os espíritos ao fogo da condenação. Pouco teria valido ao jovem David ter visto o agigantado tamanho de Golias, se não tivesse na funda os seixos da torrente e, no coração, a confiança em Deus. O amor humano tem de ser disciplinado, ordenado, sobrelevado pela caridade cristã. Mas continua sendo êle mesmo; tem sua forma, seu objeto, suas leis, suas qualidades e seus defeitos". [1]

6) Mas nada de *endeusamento da iniciação!* — Pio XI diz claramente: "Erram gravemente (os tais iniciadores) não querendo reconhecer a natural *fragilidade* da natureza humana e *a lei* de que fala o Apóstolo. [2] Mostram desconhecer *a experiência* dos fatos, os quais mostram que, principalmente nos jovens, as culpas contra os bons costumes são efeito, não tanto da ignorância intelectual como especialmente da *vontade débil,* exposta às ocasiões sem o amparo dos meios da Graça" (Enc. sôbre a Educação).

Peço ao leitor que pondere sèriamente sua atitude neste assunto: convicções — silêncio — confidência e iniciação.

---

[1]) F. Charmot *L'amour humain,* pp. 16-18.

[2]) Carta aos Romanos: Vejo nos meus membros outra lei que se opõe à lei do meu espírito e me faz escravo da lei do pecado (7, 23).

filhos? Ciente do dever de procriar, é natural que um cristão, vivendo no matrimônio, faça tal pergunta. A questão — diremos com famoso escritor, — não versa sôbre o número de filhos, mas sôbre a moralidade das relações conjugais. Que um casal tenha um, dez ou vinte descendentes não o prescreve a Igreja. O de que se interessa é a moral dos meios empregados para a limitação da prole. Motivos de ordem econômica ou médica podem sugerir a uma família o conselho de diminuir ou espaçar as maternidades. Empreguem-se para êste fim não artifícios que frustrem a finalidade natural das relações conjugais, mas meios que a moral não condena, — e a Igreja, longe de censurar, não terá senão louvores por mais esta conquista humana, virilmente afirmada com o domínio consciente da razão sôbre as impulsividades do instinto". [1]

Isto pôsto, vamos aos detalhes: "Nesta como em outras matérias podemos distinguir entre estrita obrigação e generosidade. Existe um dever quando há obrigação em consciência de cumprir um ato. Há generosidade, quando ela não existe, havendo sòmente um conselho de maior perfeição. O dever estrito termina onde começa a generosidade. E esta começa onde aquêle termina.

Freqüentemente não é sempre fácil fixar exatamente o momento em que começa a generosidade e acaba o dever. Da mesma maneira nem sempre é possível determinar o ponto concreto, além do qual começa a traição ao dever, ou dizer quando essa traição é falta grave. A maioria das matérias morais não se prestam a estas aritméticas.

Por exemplo, em que momento preciso falta gravemente a seus deveres conjugais um marido frívolo, sempre fora do lar, onde entra só por breves momentos? Dirão: quando sua conduta cause graves tristezas, duras decepções à espôsa. Mas qual será precisamente êsse momento? Com que freqüência deverão repetir-se as saídas e que duração hão de ter, para que seja grave o mal causado e a tristeza ocasionada? E' impossível uma resposta matemática a tais perguntas?

---

[1]) P. Leonel Franca, S. J. Alocuções — Agir.

Dá-se o mesmo no caso do dever de procriar filhos. Impossível fixar o mínimo de filhos que tôda família há de ter, sob pena de pecado" (Angel del Hogar).

Qual a razão disso? Poderá estar numa contraindicação médica, econômica, pedagógica, social. Em certos devotamentos sociais ou religiosos, iguais ou superiores em importância humana ao dever procriador. Tais razões justificam uma isenção do dever.

Mas apresentemos ao leitor um caso comum, normal, onde não há contraindicação ou isenção do dever. Não se poderia, ao menos neste caso, determinar o número de filhos exigido por um lar cristão?

"Impossível fazê-lo matemàticamente, como o desejaria nosso empenho de clareza. O dever positivo de procriação varia, com efeito, de acordo com as possibilidades de cada um. Ao que recebeu cinco talentos — diz o Evangelho — se pedirá o rendimento de outros cinco. De quem recebeu dois, se pedirão lucros de dois. E quem apenas recebeu um, dará conta só de um. — Nesta questão de fecundidade as diferenças individuais de saúde, de recursos econômicos, qualidade educadora, recursos morais, fazem variar, de casal para casal, as fronteiras do dever. Por isso é impossível a fixação de uma quota certa de nascimentos, obrigatória para todo lar, e cuja ausência implicaria descuido do dever, fôssem quais fôssem os motivos invocados.

Pela mesma razão não se pode marcar o expoente máximo, que separa o reino do dever do reino da generosidade. Variam as circunstâncias de família para família. Para tal família poderá significar o máximo de suas possibilidades físicas, econômicas e educativas a aceitação ou a vontade de um terceiro filho. Chegar ao máximo das possibilidades é, sem dúvida, um ato de generosidade. Ultrapassá-lo raiaria na despreocupação e na imprevisão. Já em outra família a coisa pode ser totalmente distinta.

E diz o autor que a aceitação ou o desejo de uma prole numerosa obedece, sem dúvida, a um espírito de generosidade social, menos quando tal atitude venha ditada pelos impulsos descontrolados do instinto. O caso requer, do casal, um cálculo prudente das possibilidades efetivas unido ao desejo de melhor contribuir para os fins sociais e religiosos do matrimônio".

43. UM DIA NO BANHO

meu pai viu-me, pubescente, na agitação da adolescência. Todo satisfeito foi contar à minha mãe que iriam ter muitos netos. Minha mãe horrorizou-se com a notícia e deu-me conselhos para que respeitasse as mulheres... Mas eu tinha vergonha de segui-los. — Assim nos conta Agostinho uma cena de sua vida, nas *Confissões*.

Patrício, o pai, não era ainda cristão. Mônica, a mãe, batizada e santa, teve as entranhas comovidas perante o terrível acontecimento. Voltamos, leitor, ao grave problema da vida sexual na existência de teu filho. Não ignoras que sua alma é um campo de batalha — que será eterna — entre dois mundos que nela se encontram: o do bem e o do mal. "Mas, entre todos os instintos, o mais forte é o instinto da própria conservação (instinto *egoísta*), e o da conservação da espécie (instinto *sexual*). Nenhum dos dois é em si mesmo pecaminoso, porque, sem o primeiro, o homem morreria e, sem o segundo, morreria a humanidade. Mas ambos têm de manter-se nos devidos limites, porque, doutro modo, o egoísmo desenfreado transformaria o mundo num antro de ladrões, e o desenfreamento da vida sexual transformaria o orbe num imenso manicômio" (Tihamér Toth).

Perante êste problema variam as atitudes de muitos pais. Uns são abstencionistas. Nada falam a respeito, com sério prejuízo perante as exigências da hora oportuna. Perguntados, esquivam-se ou impõem silêncios funestos, compensados por respostas recebidas de bôcas contaminadas.

Outros são rigoristas. Querem criar os filhos num espécie de "vácuo", de redoma, teimosamente isolando-os como plantas de estufa. Entretanto, lá fora, o ar está sexualizado. Estão aí os laxistas que tudo toleram, tudo permitem, nada vigiam ou controlam. Para êles nada faz mal ou tôdas as exigências são intolerâncias e preconceitos.

Por fim surgem os naturalistas. Tudo lhes parece tão natural, como o resultado de uma multiplicação. Advogam uma iniciação temerária e prematura. Chegam mesmo a "expor os filhos prematuramente às ocasiões para acostumá-los — como dizem — e curtir-lhes o espírito contra os perigos". Pio XI censura tal atitude, chamando-a de êrro e temeridade, de ig-

norância e desconhecimento da natureza humana, na qual *o conhecimento* do mal não traz necessàriamente *o fortalecimento* da vontade contra êle. Essa robustez vem é da Graça.

Uma comparação, leitor: Um alpinista, mestre nas escalações, certamente não se atreveria a levar um novato, aluno de poucas aulas, a enfrentar os vertiginosos precipícios na ascensão de um Matterhorn. A experiência lhe sairia muito custosa. Pior é o caso no problema sexual. Os precipícios que devem ser transpostos vencem, por suas vertigens, a audácia prematura de quem os enfrenta.

Já sabes, não advogo um silêncio a qualquer preço. Mas não vejo na iniciação um remédio para todo mal. E entre o silêncio do que se não deve dizer e do que se deve dizer há, certamente, um abismo. Charmot traz belo resumo neste assunto: "Os sistemas naturalistas de iniciação sexual são condenados pela Igreja. Os sistemas de iniciação, acatadores da decência, muitas vêzes mais prejudicam do que aproveitam. As iniciações feitas de modo cristão acarretam um perigo. Enfim a mais pura e santa entre todas não é ainda um remédio suficiente... Numa palavra, o que cremos falso e funesto

é começar a educação pela iniciação;
é reduzir à iniciação todo o problema da educação e da pureza;
é fazer a iniciação *antes* da educação para a pureza.

Julgamos um benefício considerar a iniciação como uma questão necessária, mas secundária;
questão adjacente e difícil;
questão que tem sua hora;
questão que jamais há de ser tratada isoladamente e por si mesma.

A educação cristã do amor, e por conseguinte da pureza, deve começar por uma teologia e uma ascese que ultrapassem infinitamente o estreito horizonte dos naturalistas. Neste ponto muita coisa, e muita mais importante do que um curso de anatomia e de fisiologia, deve ser ensinada aos meninos".

São sentenças de morte, leitor, frases como estas: Meu filho tem de fazer suas descobertas, suas experiências! — Que êle pague o preço dos erros e acertos na sexualidade! — Mais tarde, mais adiante, assentará a cabeça!

Diz o sábio que os vícios da adolescência penetram nos ossos e ficam com êles na sepultura.

Vejam os pais quanta importância tem o clima de confiança no qual deverão saber manter os filhos. Do contrário nunca serão amigos dos pais, nunca lhes farão perguntas ou pedirão explicações sôbre a vida, sua origem, suas fontes, seus programas, seus fracassos e suas ruínas. Não faltam hoje livros que tratam detalhadamente sôbre êste assunto.

E não falte ao leitor a consciência de sua responsabilidade de guia na transposição de precipícios.

44. BREVIÁRIO DE PEDAGOGIA

O homem de branco lembra que os filhos são caniços agitados pelo vento; são flôres às quais até os zéfiros roubam alguma pétala; são canteiros virgens em cujo solo Deus colocou a semente da bondade. Bens que são atocaiados pelos sentidos e pensamentos do coração humano, inclinados ao mal desde a adolescência. E também pela soberba da vida e concupiscência dos olhos e do prazer.

Pergunta: quem será o defensor dessas flôres? Em primeiro lugar a autoridade que governa a família e os filhos. A autoridade dos pais, portanto. Quero, agora, levar o leitor à aula que Pio XII continua dando. Em resumo diz:

"Uma coisa é o direito à autoridade e outra aquela proeminência moral que constitui e enfeita a autoridade efe-

---

NOTA. — Damos aqui o texto de Pio XII:

"Tocará então a vós para as vossas filhas, ao pai para os vossos filhos, no que se julgar necessário, levantar cautelosamente, delicadamente, o véu da verdade, e dar-lhes resposta prudente, justa e cristã àquelas perguntas e inquietações (do sexo). Recebidas dos vossos lábios de pais cristãos, na hora oportuna, na devida medida, com tôdas as devidas cautelas, as revelações sôbre as misteriosas e admiráveis leis da vida, serão ouvidas com reverência mista de gratidão. Iluminar-se-ão as almas com muito menor perigo (!) que se as aprendessem no acaso de encontros escusos, de conversações clandestinas; na escola, de companheiros de pouca confiança e demasiadamente entendidos por meio de leituras ocultas, tanto mais perigosas e perniciosas, quanto mais o segrêdo inflama a imaginação e excita os sentidos. As vossas palavras, se sensatas e discretas, poderão ser salvaguarda e conselho no meio das tentações da corrupção que os cerca. A seta que se espera vem mais devagar" (Dante) (Alocução à União de Senhoras da Ação Católica, 26 de Out. 1941).

tiva, operadora, eficaz. O direito é conferido por Deus. Mas a segunda prerrogativa precisa ser conquistada e conservada. Pode ser perdida ou aumentada. O direito de mandar nos filhos pouca coisa conseguirá, se não fôr acompanhado da autoridade pessoal que se impõe.

A alguns Deus dá o dom natural do comando. Dom precioso. Quem o possuir cuide-se dos abusos. Está aí o conselho de S. Paulo: Pais, não provoqueis a cólera de vossos filhos, para que não desanimem (Col 3, 21).

O abuso da autoridade forma escravos em vez de filhos amorosos.

A energia natural da autoridade ande temperada com a bondade suave, paciente, animadora.

A inconstância, a volubilidade, os excessos de energia, ao lado das carícias, comprometem para sempre a autoridade.

Autoridade apoiada no bom exemplo. Se os filhos vivem ouvindo críticas contínuas e irreverentes a tôda autoridade; se vivem presenciando como os pais são os primeiros que não cumprem a lei de Deus e da Igreja, — como irão obedecer? Por isso o bom exemplo "é o mais precioso patrimônio" que os pais podem legar aos filhos. Há uma herança do exemplo. Aborrece e também enfraquece a autoridade quem a usa, levianamente, a cada instante. Tão pouco ela precisa de razões falsas. Nada de falsificar a verdade aos pequenos, causando-lhes prejuízos graves para o futuro. E' preferível o silêncio.

Não vejam os filhos jamais sombra de desunião entre os pais. O modo de impor a autoridade seja proporcionado à idade dos filhos. A ordem seja boa e calma, mas franca e firme". [1]

Apenas confirmo êsse breviário, se disser ao leitor que "a autoridade deve sempre ser exercida em *nome* e em perfeita *dependência* de Deus. Quando no mando não existe a vontade de Deus, sobra apenas a vontade do homem, que, não se relacionando mais com a vontade divina, é sem valor obrigatório. Deus não ratifica tôdas as decisões de suas criaturas. Assina com seu nome só a decisão que o homem fêz antes divina, do que sua. As ordens do educador não

[1]) Pe. Francesco Pellegrino, S. J., *Pio XII agli sposi*. La Civiltà — Ediz. Cattolica. Roma, 2ª ed., Serie Terza, 1941.

devem passar de ecos da voz de Deus. Não pode mandar a capricho, nem formar um decálogo a seu gôsto. Os direitos da personalidade do menino são superiores a tudo quanto não é pròpriamente um dever de consciência.

A autoridade no educador não representa seu arbítrio pessoal, senão a ordem divina. A obediência no educando não é submissão física, violenta, *por causa da cólera,* a uma fôrça maior. Mas é uma subordinação moral, voluntária, *por causa da consciência,* à vontade de um superior reconhecido como intérprete e executor da vontade divina.

A autoridade não foi conferida para o bem pessoal de quem manda. Requer abnegação, pois foi dada em benefício do educando. Há de ser considerada como um serviço cristão, quase religioso" (A. Oddone, S. J.). Nada de abuso, portanto:

— ou seja restringindo excessivamente a atividade do educando ou dêle exigindo o que não pode dar. Cuidado com "os educadores e pais proibicionistas"! Educar não é abrir sempre e em tôda parte o sinal vermelho da proibição;

— ou seja afrouxando a autoridade em favor da liberdade. Já Dupanloup, no seu livro sôbre a Educação, conhecia *três categorias* de pais. Eram *poucos* os que queriam saber dos defeitos dos filhos. E *menos numerosos* os que queriam corrigi-los, sabiam querer, mandar e proibir. E *muitos* os que se recusavam a pensar nisso... Creio que o número dos faltosos não diminuiu em nossos dias. Desconfio mesmo de uma coisa. Qual? De ver meu leitor já classificado numa destas categorias.

45. PRECIPÍCIOS Á VISTA

Nunca, como nos tempos atuais, se tem falado tanto de educação. Multiplicam-se por isso os mestres de novas teorias pedagógicas. Meios e métodos são propostos, não sòmente para facilitar como também para criar uma educação nova, de infalível eficácia, capaz de formar novas gerações para a ansiada felicidade da terra. Assim escrevia Pio XI na sua Encíclica sôbre a Educação, de 31 de Dezembro de 1929.

Fará bem ao leitor aproximar-se de vários dêsses precipícios, sentir a vertigem de suas profundidades. Para dentro dêles querem jogar a infância. Resumo-os:

O têrmo final de muitas pedagogias é fazer da criança uma escrava. Fala-se na formação do caráter, mas de formação que será um instrumento nas mãos de uma fôrça divinizada que o possui, diz Charmot. [1]

Veja o leitor se é glorioso para a dignidade humana o seguinte quadro. Ideal a ter em vista?

— *O homem animal,* porque está decidido que em nós tudo é fisiologia, ensina Spencer.

— *O homem nação,* um soldado de baioneta calada na mão (Fichte).

— *O homem racial,* escravo de uma raça privilegiada (Chamberlain).

— *O homem do Estado,* numa Estatolatria, na qual se adora o Estado como a um Deus (Hegel).

— *O homem econômico,* mero produtor industrial a enriquecer o país, como prega Marx e com êle o comunismo.

— *O homem social,* gôta d'água na grande circulação da torrente humana, através dos séculos (Durkheim).

— *O homem libido,* para quem a vida não passa de uma forma de incoercível paixão sexual (Freud).

— *O homem técnico,* já que a técnica é a cúpula da ciência, da felicidade, do progresso (Spengler).

— *O homem instinto,* de paixões divinizadas e sôltas (Rousseau).

— *O homem evolução,* a acabar na moldura do "superhomem" (Nietzsche).

Destas teorias nasceu a ditadura do Estado em rumos de educação. Nasceu a gana de açambarcar as escolas, opondo-se ou criando inferioridades às escolas particulares, sobretudo quando católicas.

E' outro precipício: A doutrina católica reconhece ao Estado o direito à educação dos cidadãos, conforme a ordem estabelecida por Deus. Pio XI diz claramente: "São direitos comunicados à sociedade civil pelo Autor da natureza. Mas não a título de paternidade, como no caso da Igreja e da Família, mas sim pela autoridade que lhe compete de promover o bem comum temporal, sua meta principal. Por conseguinte a educação não pode pertencer à so-

[1]) Fr. Charmot, S. J. *Esquisse d'une pédagogie familiale.* Dessa obra, fiz um apanhado do quadro sôbre os tipos de homens que menciono. — Edition Spes, Paris, 1946.

ciedade civil, do *mesmo modo* como pertence à Igreja e à Família; pertence-lhe de *maneira diversa,* correspondente ao seu fim próprio.

Logo, com referência à educação, o direito — ou melhor, o dever — do Estado é proteger com suas leis o direito anterior da família na educação cristã da prole. E, por conseguinte, acatar o direito sobrenatural da Igreja sôbre essa educação.

Ao Estado toca proteger também o direito da prole, quando chegue a falhar física ou moralmente a obra dos pais, seja por defeito, incapacidade ou indignidade. Pois êsse direito dêles não é absoluto ou despótico. Depende da lei natural e divina, estando assim sujeito à autoridade e juízo da Igreja e submetido também à vigilância e tutela jurídica do Estado, em ordem ao bem comum.

Pio XI lembra que a família não é sociedade perfeitamente possuidora de todos os meios necessários para seu aperfeiçoamento. Mas neste caso — por excepcional que pareça — o Estado *não suplanta,* mas *supre* o defeito, remedeia-o com medidas idôneas. Nunca, porém, lesando os direitos naturais da prole e os sobrenaturais da Igreja".

Leitor, um passo adiante desta doutrina começa o precipício. Não prego com isso o descaso da lei civil em matéria de ensino e instrução. A referida Encíclica acentua:

"Além disso o Estado pode exigir, e portanto procurar que todos os cidadãos tenham o conhecimento necessário de seus deveres civis e nacionais, ao lado de certo grau de cultura intelectual, moral e física, que, atendidas as condições de nossos dias, são verdadeiramente reclamadas pelo bem comum.

Contudo é claro que, em todos êstes modos de promover a educação e a instrução pública e privada, deve o Estado respeitar os direitos nativos da Igreja e da família à educação cristã, observando também a justiça distributiva.

Portanto é *injusto e ilícito* todo monopólio educativo ou escolar que obrigue, física ou moralmente, as famílias a freqüentar as escolas do Estado contra os deveres da consciência cristã, ou mesmo contra suas legítimas preferências".

em sua casa, minha senhora, dizia Windthorst, famoso juiz e lider católico da Alemanha.

- Que objeto? indaga a espôsa, que acabava apresentar muitas queixas contra o marido.

— Um genuflexório sôbre o qual irá rezar à hora da enchente dos padecimentos. Suas queixas irão desaparecer Posso garantir-lhe.

Creio que a respeito do marido a falta de genuflexório será mais evidente e mais comum. Hoje, mesmo na era dos motores e energia nuclear, a oração é uma potência que deixa longe dínamos e máquinas. Não pode o leitor, que quer estar à altura do seu matrimônio cristão, nutrir idéias atrasadas ou viver com preconceitos de auto-suficiência neste ponto. Passarinhando pela floresta das alocuções pontifícias, prendi, como aves canoras para o teu lar, os seguintes conceitos. Hão de cantar em tua alma, dia por dia.

— O matrimônio inicia-se com uma oração e nela tem sua maior e mais frutuosa união. S. Francisco de Sales recorda que há frutos só agradáveis quando açucarados. Pois têm uma acidez desagradável. Aconselha as espôsas que "temperem o marido com o açúcar da devoção". Textualmente diz: "O homem sem devoção é um animal rude, agreste, severo. E os maridos hão de querer suas espôsas devotas, porque sem esta a mulher é por demais frágil e inclinada a cair".

E' a oração o ato mais belo e comum da devoção. Oração em comum, unindo inteligências, vontades e corações dos esposos perante Deus. Todos os cristãos devem dar um lugar para essa oração em sua vida. Ela lhes recordará que são irmãos em Cristo. Com maior razão não deve ser isolada e solitária, como a "dos ermitões", quando se trata de casados. Seria errado nunca se encontrarem de joelhos, juntos, diante de Deus.

Não se aleguem as muitas ocupações como motivo para omiti-la. Por mais cheios que andem os dias, urge encontrar ao menos um instante "para um se ajoelhar ao lado do outro", começando o dia de coração voltado para Deus. Mimosa é a frase de Pio XII ao referir-se à oração da noite. Fala do doce colóquio dos esposos, trocando entre si as ocorrências do dia numa cordial intimidade. "Não temais

— diz então — Deus não virá como um importuno perturbar vosso delicioso colóquio. Pelo contrário, torná-lo-á mais suave e reconfortante sob seu olhar de Pai que preparou êste momento". [1]

Vem a oração da noite em comum a recolher o fim do dia, implorando a bênção divina para todos os que vão dormir sob o mesmo teto. Entra a devoção do têrço com a presença da Virgem Maria. Não diga o leitor que sua casa não é uma igreja. Na velha Roma os pagãos tinham altares e deuses em suas casas. Eram ornados e celebrados como deuses domésticos. E' vergonhoso para um homem que traz o sinal do batismo na testa não achar em seu lar um *lugar* para o verdadeiro Deus, nem *tempo* nas 24 horas do dia, para prestar-lhe a homenagem da família.

Na família verdadeiramente cristã o marido sabe que sua alma é da mesma natureza, e não menos frágil do que a de sua mulher e a de seus filhos. Por isso às orações dêles ajunta as suas, diàriamente. E como fica satisfeito ao vê-los ao redor da mesa familiar, não deixa igualmente de acompanhá-los à mesa eucarística.

Está se vendo: o homem de branco conhece o sistema de muitos maridos, que consiste em "deixar" mulher e filhos irem à igreja e rezarem em casa. Como se êles tivessem outro Deus e outra religião desconhecida, na qual não se reza!

E agora, leitor, toma da tua caneta e prepara-te para assinar o trecho final:

"Não é porventura o temor de Deus o princípio da sabedoria, daquela sabedoria que edifica para si a casa, sustentada não pelas frágeis colunas dum mundo, senão pelos sete pilares das virtudes teologais (fé, esperança, caridade) e cardeais (prudência, justiça, fortaleza, temperança)?

Tal casa torna-se assim qual outro Santuário, onde reina o sacrifício do afeto e da paciência recíproca, da concórdia e da fidelidade. Onde os pais se tornam mestres que ensinam aos filhos que há um Pai e uma Mãe nos céus. Onde a oração, que consola as penas e afirma as esperanças da vida, inicia e fecha o dia".

Assinaste-o? Muito bem. Vamos para frente e não deixes de executar o programa assinado, ou de nêle continuar

[1]) S. S. Pio XII, *La Familia Cristiana.* — Obra citada.

se já o vens executando. Em todo caso, real ou simbòlicamente, não pode faltar o genuflexório em tua casa. Mas... para teu uso, sobretudo.

47. HERDOU AOS 11 MESES...

— A sra. Ellis trouxe um dia ao consultório sua filhinha de 9 meses, contemplando-a com um ar de angústia que jamais lhe vira. Era um forte e rosado bebê, que ria satisfeito e batia palmas como se estivesse aplaudindo.

— Doutor, disse-me a mãe aflita, ela não tem ainda nem um dentinho!

— Tenha calma, os dentes hão de vir.

— Mas a menina da vizinha tem só 6 meses e já lhe saíram dois dentes! Que é que tem a minha filhinha?

— Qual a idade da sra., quando lhe nasceram os primeiros dentes?

— Sete meses.

— Sabe porventura qual era a idade do seu marido, quando teve os primeiros dentes?

— Parece-me que foi com 11 meses, mas é porque a mãe dêle não lhe dava caldo de laranjas e nem óleo de fígado de bacalhau, como estou dando a Danny.

— Não é bem isso, expliquei. Se a sra. deseja um filho com os primeiros dentes aos 6 meses, não devia ter-se casado com um homem que até quase um ano não tinha dente algum. [1]

Já que estamos na herança de dentes, chamemos por Juvenal, escritor satírico pagão. Diz-nos em sua XIV Sátira o seguinte: "Sendo o pai mestre na gula, o filho com sete anos, sem renovação dos dentes e com mil educadores ao lado, suspirará por uma mesa farta e delicada. Jamais se descuidará de degenerar da cozinha paterna".

Neste caso herdou também bons dentes. Outro quadro. Um garotinho arma terrível berreiro à mesa, por qualquer coisa.

— Que tem êste menino, para ficar raivoso e genioso assim? indaga o pai.

— Teu gênio, responde muito conformada a mãe, de

[1]) Dr. Isaac Abt, *O Romance da Pediatria*, p. 180.

caráter manso e meigo. O gênio do garôto veio dos "gens", encontrados nos 24 cromossomas paternos, uma vez que os outros 24 maternos procedem de uma criatura mansa e acomodada. E assim o pai transmite traços morfológicos, psíquicos e patológicos aos filhos.

E' terrível a lei da hereditariedade. Deve o leitor lembrar-se dela, sobretudo à hora de suas relações conjugais, lealmente procriadoras.

Pio XII aborda o assunto de um ângulo superior. Diz que, faltando a vontade firme de guardar perene e inviolável a fidelidade conjugal, vacilam pai, mãe e filhos na recíproca confiança tão essencial à felicidade doméstica ... Os homens espiritualmente sãos e moralmente puros, os alegres e contentes, os íntegros de caráter e costumes nos quais a Igreja e a sociedade civil depositam sua esperança, procedem ordinàriamente de famílias tomadas de profundo te-mor de Deus e inviolável fidelidade conjugal. Não saem de lares perturbados pela discórdia ou por vacilantes afetos. (Aloc. 29 de Abril de 1942).

Leitor, teus pensamentos e desejos e atos de infidelidade, de desamor são herdados. A paz, a harmonia, a mútua paciên- com a espôsa também.

Quem não dará razão à queixa do velho Horácio, descrevendo a decaída moral de Roma e do império romano? "Séculos fecundos em culpas, primeiro mancharam o casamento, as gerações e os lares. Dessa fonte correu a desgraça para o povo e para a pátria" (Ode VI, livro III).

E outra vez Pio XII diz: "Não falaremos de ocultas heranças transmitidas pelos pais aos filhos, da influência tão importante na futura fisionomia do seu caráter; herança que por vêzes acusa a vida desregrada dos pais, tão gravemente responsáveis por tornar com o seu sangue talvez bem difícil aos seus filhos uma vida verdadeiramente cristã. O' pais e mães, a quem a fé de Cristo santificou o mútuo amor, preparai, já antes do nascimento do filho, o candor da atmosfera familiar, em que os seus olhos e a sua alma se abrirão à luz e à vida. Atmosfera que deixará o bom odor de Cristo em todos os passos do seu progresso moral"

O rumo apontado aqui é claro, sério e possível.

---

[1]) Alocução à União de Senhoras da Ação Católica, de 26 de Outubro de 1941.

quer o leitor sua casa, ninho de seus filhos. Mas êstes exigem ainda outro sol, cercando-os do clima indispensável para o desabrochamento de suas almas e corações. Vamos analisá-lo.

O primeiro dever dos pais para com os filhos é... o mútuo amor entre si mesmos. A criança faz de entrada uma exigência: quer crescer num lar unido, onde as vontades estão combinadas. Na vida de um filho, não há desgraça que supere a de ter pais que o disputam entre si, desunidos e egoístas na conquista de seu coração infantil. Ou então tê-los assim em eterna contramão. Um permitindo o que o outro proíbe; um criticando o que o outro ordena; um se escondendo do outro.

E' claro, essa união de vistas refere-se às grandes orientações da vida e não a eleições facultativas.

Outro raio de sol: a criança reclama uma atmosfera de afeto. Pois são os sentimentos que influem no caráter e nas opiniões. As idéias, leitor, tem seu valor. Mas agem sòmente quando convertidas em valores efetivos. Sobretudo isso se dá com a criança, que no comêço só é sensível ao fisiológico da vida. Dêste passa para o afetivo e só mais tarde adquire uma sensibilidade intelectual.

E', pois, pelo caminho afetivo sobretudo que se formam as convicções e as atitudes do espírito, dominantes da vida. O filho estima aquilo que o pai estima; despreza o que êle despreza. São-lhe de nobreza os sentimentos que os pais aprovam e vis os rejeitados por êles, observa Leclercq.

Por aí vê o leitor a responsabilidade de seus sentimentos patrióticos, de honradez, de desprêzo pelo fausto e vida irregular. Teus preconceitos sociais, teu orgulho de classe detentora da virtude, teus princípios religiosos são flechas e labaredas na vida e na alma dos filhos.

Clima de união e de amor dos pais, entre si, deixa sinais para tôda a vida. E o clima contrário deixa estigmas, abre agulhas nas encruzilhadas perigosas dos filhos. Lares desunidos podem ser materialmente fecundos. Não o serão moralmente e com isso entravam o progresso do gênero humano. Filhos, crescidos em tal ambiente, nêle enxergam a maior desgraça de sua vida.

Leclerq tem uma interessante comparação a respeito do "filho único", programado pelos pais. Chama-o de inoperante na vida dos pais. E' mobília; não é alma. Desempenha de modo incomparàvelmente superior a função do cachorro ou do gato na casa. Não obriga os pais a se esquecerem, a viverem no sacrifício e na união por causa da presença do filho. Diz que com a chegada do terceiro filho é que começa a pesar a carga da paternidade.

Leitor, ouves dizer que filho é sobrecarga. Mas se não fôr isso — carga moral — não será útil a seus pais. Pois à medida que impõe renúncias, cresce sua utilidade moral. Eis o que está certo. Mesmo pais ricos, sendo-lhes numerosos os filhos, têm de mudar o gênero de vida, como muitas vêzes se mudam de casas.

Nesta afirmação brilha a conhecida regra moral da purificação, que é fruto do sacrifício. Mais ainda: Os pais devem viver para seus filhos e não êstes para êles. O respeito e carinho, imposto pelo quarto mandamento, não implica o dever de lhes consagrar a vida. "Entretanto os pais devem consagrar-se aos filhos enquanto êles o precisarem. E' lei da natureza que empurra para frente o gênero humano. Os pais são o passado; os filhos, o futuro. Tarefa dos pais é transmitir a vida e depois desaparecer, feita aos filhos a entrega dos bens que adquiriram. A transmissão da fortuna não passa do símbolo da transmissão dos bens do corpo, da alma e do coração, recebidos primeiro pelo nascimento e depois pela educação" (Leclercq).

Leitor, a natureza não tem coração. Na missão paternal nada põe de lado para os pais. Êles plantam para outros. Tudo é para os filhos, nos quais encontrarão recompensas, mas "sob a condição de nem buscá-las ou nelas pensar".

O filho crescido e educado, sob a evidente prova do "dèsinterêsse e abnegação dos pais", saberá retribuir-lhes flôres e frutos de afetos. Diz a poesia que a felicidade não pode ser procurada, mas há de ser encontrada. Preocupar-se com ela é perdê-la. A receita tem valor inegável sobretudo nêste terreno, dentro de tua casa, leitor, com relação a teus filhos.

Lá um dia, teu filho toma nas mãos as rédeas do destino e obedece à lei natural, que o leva a deixar tua casa e fundar a sua. Nesta altura tua felicidade consistirá na

constatação da felicidade de teu filho. Pois os filhos, os êxitos dêles serão igualmente os teus.

Vida cristã genuína, na união sacramental com Deus, é que facilitará a presença dêsse clima, da "casa ensolarada".

49. BELEZAS EM TEU LAR

Não me refiro à beleza das pessoas que o compõem. Se houver alguma ou uma constelação de várias, seja bendito o Senhor. Mas sempre convém lembrar que é uma prenda fugaz. Mesmo da mulher afirma o Sábio, será louvada a que teme a Deus, por ser falaz e vã a beleza.

Há, porém, um conjunto de belezas de ordem moral, religiosa. Ei-las:

1) *A beleza da união conjugal.* — "Essa união repousa sôbre o mais belo contrato que há na terra. Contrato majestoso, esplêndido pela doação do que há de maior no mundo: entrega mútua dos corpos; entrega do que a alma encerra de melhor: a afeição, o devotamento, uma fidelidade inviolável. E' belo na sua duração. E' grandioso no seu destino, que é povoar a terra e encher o céu".

Mais: Essa beleza é "santificada pelo sacramento do matrimônio". Sacramento realizado pelo contrato, inseparável dêle. Religiosos e religiosas. contentam-se com a emissão dos três votos de pobreza, castidade e obediência. E, conforme o caso, podem ser desatados dêsses votos. Só pessoas destinadas a exercer uma fecundidade espiritual ou corporal — o sacerdote e os pais — têm seu estado elevado a sacramento. E o sacramento do matrimônio não se acaba com a cerimônia na igreja, como se dá com outros. Continua, perdura; é sacramento permanente.

2) *Beleza da criança regenerada pelo batismo.* — "Crescei e *multiplicai-vos* — foi ordem do Criador. Um filho para ocupar no mundo o lugar do pai e da mãe é uma subtração. Dois filhos... um estado estacionário... Com três começa a multiplicação". Cada filho batizado é nova paisagem de beleza sobrenatural. Com o batizado aparece o cristão, o filho adotivo de Deus, o incorporado a Cristo. Em suas almas há tesouros divinos. Valem o que vale o sangue de Cristo.

3) *Beleza da criança purificada pela penitência.* — Se a fraqueza humana fêz teu filho cair, a confissão eleva-o à graça outra vez. E' o filho pródigo revestido com suas vestes ricas e anel precioso. Quando a família inteira vai à confissão, quanta beleza que reaparece ou recebe nova luz de esplendor!

4) *Beleza dos membros da família fortalecidos pela Eucaristia.* — Comungam pela primeira vez teus filhos. Data que a família tem de solenizar e gravar no seu calendário. Cristo é vida e sua chegada às almas é vida nova. Comunga a família inteira, em certos dias? Outra paisagem belíssima de almas robustecidas por Deus. Ao redor do pão para o corpo, sentados à mesa, os membros de uma família sustentam e fortalecem sua vida. A rosa da saúde desabrocha no rosto dos filhos bem alimentados. E com isso alegram-se os pais. Com maior razão será êste o caso, em se tratando da saúde da alma, da mesa eucarística.

5) *Beleza do filho de alma revigorada pela crisma.* — Como se alegra um pai com o porte gracioso e sadio de um filho! Como olha contente para seu físico que se desenvolve bem! Passemos isso para a alma, com sua vida sobrenatural robustecida pelo sacramento da Confirmação. Robustecida a fé, a vontade, o caráter cristão. Se os pais comentam contentes os progressos da inteligência nos estudos do filho, por que não fazer o mesmo com a outra luz da alma, a fé? Data histórica há de ser essa da crisma.

6) *Beleza das horas em que Deus passa.* — Deus passa chamando para vocações, escolhendo para o sacerdócio, para o estado religioso um dos teus. Seria lamentável, se o leitor fôsse um cego para tanta beleza. Outras vêzes Deus passa ou com a felicidade ou com as provações de doenças, fracassos. Os filhos hão de guardar na alma a atitude cristã dos pais nessas horas. A vida não lhes poupará sofrimentos, que a fé espera aceitos na mentalidade de predestinados à configuração com Cristo glorioso, porque a êle se "conformaram" no sofrimento.

A repetida atitude cristã, em tais horas, forma as tradições abençoadas de que já temos falado. E' como um lema gravado à entrada da casa onde mora a família. Um brasão de nobreza cristã.

Por isso tudo é o pai um responsável. Preocupe-se com o batismo dos seus, sem adiá-lo por mais de dez ou onze dias. [1]

Escolha para o filho cristão o nome de um cristão santo. Crisma, primeira comunhão, casamento religioso, vocação religiosa ou sacerdotal com suas datas de cerimônias, hão de lhe merecer tôda atenção e desvelado devotamento. Se faltarem tais sentimentos em tua vida, leitor, darás prova de fraco senso cristão. Não saberás despertar sadios entusiasmos ou deslumbramentos perante essas belezas de ordem espiritual. Falhou assim tua influência, num ponto vital, para a educação cristã dos filhos cristãos.

7) *Beleza do amor humano elevado a sacramento no matrimônio.* — A chama da vida e do amor deita labaredas no coração dos filhos. Querem transmitir o facho da vida, querem um amor humano abençoado. Vão ao altar dizer o "sim" por tôda a vida. E o pai cristão preocupou-se para não faltar a beleza das almas bem preparadas para o sacramento. Passa tal beleza no desfile dos jovens esposos, que se retiram da igreja de braços dados, santificados no seu amor, carregados da graça de Deus pelo sacramento dignamente recebido, depois de bem preparado.

VIII

50. GRANDEZAS E SERVIDÕES DA PATERNIDADE

são claras, inegáveis e imperiosas. Ninguém pode esquivar-se de seu trono ou de seu jugo. Aí está a dignidade de ser todo pai um *representante* e *delegado de Deus* junto à mulher e aos filhos. O nome de Pai, atribuído por Cristo a Deus, volta 144 vêzes só no Evangelho de S. João. Há algo de divino na autoridade paterna.

---

[1]) Diz o Código do Direito Canônico: "As crianças sejam batizadas quanto antes, e os párocos e pregadores com freqüência exortem os fiéis sôbre essa sua grave obrigação (cânon 770).

A respeito *do nome*: Cuidem os párocos que se dê aos batizandos o nome cristão. Não podendo conseguí-lo, ajuntem ao nome imposto pelos pais outro de algum santo, e ambos os nomes sejam anotados no livro dos batizados (cânon 1761).

A respeito *dos padrinhos*: Há de ser um batizado, já com uso da razão, não pertencente à seita herética ou cismática, nem excomungado, nem infame por infâmia de direito, ou excluído de atos legítimos (cânon 765).

"Bossuet tem esta frase: O primeiro império entre os homens é um império paternal, Deus colocou em nossos pais, por serem êles de certo modo autores da nossa vida, uma imagem do poder pelo qual tudo fêz. Transmitiu-lhes também uma imagem do poder que tem sôbre suas obras. Por isso logo depois dos mandamentos que mandam adorar o Senhor, e só a Êle, ajunta o preceito de honrar o pai e a mãe, para ser longa a vida na terra. Êste preceito é como uma conseqüência da obediência devida a Deus, que é o verdadeiro Pai" (Charmot).

Está aí o privilégio da *bênção paterna.* "Desde o começo o pai de família é aquêle que abençoa. E' um seu privilégio, sua função. Na Bíblia a bênção nos vem apresentada como a obra fecunda do pai sôbre as gerações seguintes. O pai imita a Deus e Jesus Cristo; suas bênçãos eram criações e faziam milagres. Todos os patriarcas consideraram sua bênção como o mais autêntico ato de suas paternidades. As mães e seus filhos sempre a estimaram. Quem desconhece as artimanhas de Rebeca em favor de Jacob? Até Cristo a bênção paterna passava como a mais rica porção dos bens familiares. Nela via-se como que um sacramento eficaz que tornava os filhos outros herdeiros das promessas. Deus que abençoa era chamado "o Deus de vosso pai". E a bênção dêsse pai acumulava sôbre a cabeça do filho todos os favores dispensados aos antepassados: "As bênçãos de teu pai excedem as que êle recebeu de seus pais (Gn 49, 26).

E' claro, tal bênção não denota apenas um rito; pouco importa levantar ou não a mão sôbre a cabeça de um filho. E' o espírito que, animando-a, impede de ser ela simples caricatura. O pai antes de tudo deve ser e aparecer, aos olhos dos seus, como o intermediário sagrado entre Deus e a família. E' o depositário dos dons que não estão presos ao exercício sobrenatural do sacramento da Ordem". [1]

Aí está a *imolação do filho.* A todo pai Deus pede o que pediu a Abraão: o sacrifício de seu Isaac. Não se trata de matar o filho. Trata-se de entregá-lo à sua vocação, ao seu futuro. Trata-se do sacrifício de não o educar para o egoísmo paterno, nem mesmo para o egoísmo da família

[1]) R. P. Charmot, S. J., *Esquisse d'une Pédagogie Familiale,* pp. 56-59. — Spes Paris; 1946.

ou da pátria. Êste filho tem de entrar na circulação total do corpo da humanidade, diz Charmot; ou melhor, no grande Corpo místico de Cristo.

Existe ainda a servidão *da incompreensão.* O pai de família deve muitas vêzes resignar-se, não a ser desconhecido, mas sim mal conhecido dos filhos. Sua freqüente ausência de casa, sua missão ingrata de manter a autoridade, de presidente do tribunal doméstico, que — infelizmente! — funciona à mesa, motivam êsse desconhecimento (Buck).

Não falta a servidão *da vigilância* de si mesmo no amor aos filhos. Êsse amor não pode ser absorvente da dependência do amado. Não pode envolvê-lo com prejuízo da necessária e progressiva liberdade.

Possìvelmente *a solidão* desfilará entre as servidões. A mesa da sala já se tornou grande demais... para os velhos pais. Faltam os comensais que, crescidos e nutridos, debandaram atrás da vida, numa corrida de facho simbólico a ser transmitido.

Nessa hora voltarão com freqüência os filhos, cujos pais lhes deixaram a impressão de se terem sacrificado por êles. Refiro-me não apenas ao sacrifício do pão e da educação, mas sobretudo ao do coração. Não foi egoísta e açambarcador o amor, mas soube contentar-se com seu papel de formador desinteressado. Respeitou-os como... destinos.

Um pai não foge à servidão da *contínua adaptação.* — "Um menino de 10 anos já quase não é o mesmo menino de 5 anos. O adolescente de 15 anos olha por cima do ombro do garôto de 10 anos. Ao mesmo tempo o homem de 40 anos ao chegar aos 45 nada mudou, por assim dizer. Custa aos pais constatar como de dois em dois anos, mais ou menos, até à adolescência, se opera uma verdadeira revolução na vida do filho. Acostumados a tratá-lo como garôto no começo da vida, ficarão à margem de sua evolução se omitirem uma grande vigilância sôbre si mesmos".[2]

Ora tal adaptação é trabalhosa, exige renúncia até de carinhos e nomes, já não tolerados pelo filho. Também o pai precisa viver podando na vinha de seu amor paterno, em benefício do fruto esperado.

---

[2]) Jacques Leclercq, obra citada p. 181.

51. ESCOLAS E CIÊNCIA

— A ciência que aprendemos depende da escola em que estudamos. Falo de experiência. Na escola do mundo aprendi fazer o papel de louco. Na de Satanás, a maldade. Na da carne, só o pecado. Na dos homens, só o ódio. Mas na tua escola, meu Deus, aprendi só o amor.

Assim Guevara resume seus progressos. E os de seu filho, leitor, não se pautarão por outros padrões de escolas. Escolas, colégios, academias, aprendizagens formam grave problema para o pai e educador cristão.

Suas preferências serão, o mais possível, pela escola católica. Tendo de servir-se de outras escolas, antes de tudo irá indagar da mentalidade religiosa e moral dos professôres, da direção. Certamente, nem sempre uma educação religiosa assegura o triunfo da moral. Mas uma educação arreligiosa ou irreligiosa é quase sempre garantia de uma falência. A escola neutra é absurda. Ignorar a Deus e o seu Decálogo já é tomar partido contra êle. Acresce que o exemplo do mestre é mais eloqüente do que suas palavras. Não há exemplo neutro. A vida não é neutra.

Pio XII, o grande amigo dos lares, aconselha: "Deixai crescer o menino na límpida aura da família cristã. Dai-lhe uma escola que, combinando com a casa paterna e com a Igreja, trabalhe na sã formação da juventude. Os pais têm um direito primário de ordem natural à educação da prole (como dizia nosso glorioso predecessor Pio XI), inviolável, anterior ao da sociedade e do Estado" [1] — Êste apêlo torna-se mais vivo, à vista do desrespeito e da violação dêsse direito em nossos dias. Pio XII dizia, certa vez, que aos pais se pedirá um dia todo esfôrço pela independência da Igreja, pela educação dos filhos e pela escola correspondente. Em determinadas regiões se poderá chegar a uma luta sem trégua. [2]

Convém que o leitor saiba uma coisa: na Igreja tem a família uma indomável e corajosa defensora. Previne o Pai comum: Cuidado, pais, com o conceito materialista que sujeita a família a uma servidão moral, reduzindo os pais, em questão de educação, à condição de condenados degra-

[1]) Vol. III p. 326, aloc. aos Mestres católicos, 18 Set. de 1946.
[2]) Vol. X p. 219, Radiomensagem ao 72º Congresso dos católicos alemães, 5 de Setembro de 1948.

dados do poder paterno.[3] — Cuidado com o liberalismo, cujos representantes invocam o princípio de liberdade de consciência, de tolerância nas matérias referentes à vida espiritual, sobretudo religiosa. Assim falam. Mas, conquistando o poder, apressam-se em violar a consciência e impor à parte católica do povo um jugo opressor, especialmente no que diz respeito ao direito dos pais à educação de seus filhos.

Como irá uma escola neutra, liberal, materialista, de perspectiva reduzida ao terrestre, educar a contento de pais tementes a Deus, cristãos de hoje e cidadãos da cidade celeste, amanhã?

Lembre-se o leitor que é pai: A palavra educação traça fronteiras bem largas. "Trata-se de formar o homem com suas faculdades gerais e com suas qualidades individuais, assim como o exigem a sociedade e a religião. Um homem de razão, de senso, de gôsto. Um homem de coragem, de vontade firme e reta. Um homem como foi criado por Deus e regenerado por Cristo. Um homem de fé e de consciência. Um homem de seu século, de seu país, no perfeito sentido destas duas palavras" (René Bethleem).

Não sei se tenho no leitor um pai retratado nestes têrmos de Pio XII: "Em muitos pais, pouco instruídos cristãmente ou pouco praticantes, a preocupação limita-se apenas a isso: fazer os filhos crescerem materialmente ou quando muito lhes dar uma profissão. Mas o crescerem apenas na idade do corpo seria um crescimento digno das plantas e dos animais sem razão. E' preciso que cresçam na sabedoria, que é dada pela fé em Deus e pela visão completa dos próprios deveres. Então o vigor do corpo, que acompanha e embeleza o florescimento da juventude, não fica diminuído ou rebaixado, senão exaltado e enobrecido pelo estudo da cultura religiosa e da virtude que domina as paixões. (Aloc. aos Jovens da A. C., 8 de Novembro de 1940).

E assim "ao lado de um berço terão de estar dois pais e dois mestres: um natural e outro espiritual. E como as almas não podem, segundo o plano ordinário de Deus, viver cristãmente e salvar-se fora da Igreja e sem o ministério dos sacerdotes, para isso destinados com o sacramento da Ordem, — assim não podem de ordinário crescer cristã-

[3]) Vol. XI, p. 254, aos Delegados da União dos Org. Familiares, 20 de Setembro de 1949.

mente fora de um lar e sem o ministério de pais, abençoados e unidos pelo sacramento do Matrimônio" (Aloc. aos Esposos, vol. III, 15 de Janeiro de 1941).

Daí o nome de sacerdotes que o Papa dá aos pais, que são precursores na edificação do templo da Igreja.

Diante de tudo isso, pergunto que lugar pode ter na consciência de um pai, na sorte de um filho, a escolha de um colégio protestante, sectário? Deve o leitor saber que há uma pena de excomunhão para os pais, que mandam seus filhos para tais colégios, quando nêles se ensina a heresia ou se obriga o aluno à participação no culto. Mesmo isso não se dando, é gravemente ilícito ao pai expor o filho a ficar contaminado pelo êrro, desfibrado pela dúvida e indiferentismo. No *número 34* desta segunda parte vem tudo bem explicado.

Um pai temente a Deus consultará a quem de direito, antes de escolher escola e colégio para os filhos.

52. VIGILÂNCIA INDISPENSÁVEL

O dogma do pecado original e de suas conseqüências ensina uma verdade, que a experiência demonstra. Verdade, por outro lado, de indispensável conhecimento para o leitor casado. Ei-la: os instintos do homem sejam quais forem, — são bons em sua tendência normal, profunda, e na natureza de suas exigências. Mas são habitualmente tumultuosos e excessivos, quanto à medida dessas exigências.

São conhecidos os excessos no comer, no beber, nos esportes, no gôzo, dentro e fora do matrimônio. Quem deve vigiar tais instintos é a razão, a vontade fortalecida pela graça. Marido que se entrega à procriação, simplesmente por instinto, sem previsões, não merece louvor. E isso por mais de um motivo. Pois falta à caridade devida à espôsa, de saúde pouco resistente, ou cansada por repetidas maternidades, quase contínuas. Falta à atenção que deve a seus justos desejos. Falta à temperança no exercício de ûm direito, ainda que legítimo. Peca contra a prudência.

E assim, leitor, é preciso vigiar o instinto, que é domável pela graça do sacramento. Bem pode chegar o momento em que, com tôda lealdade, terás de concordar com tua mulher: temos de parar com os filhos. Num lar êste mo-

mento poderá apresentar-se depois do segundo, do quinto, do oitavo filho. Em outro, será diferente. Tudo depende das situações individuais e concretas.

Nesta altura o único método lícito está na abstinência total ou parcial. Esta, sabidamente, respeita o ato natural das relações conjugais. Tal continência periódica, motivada por razões justas e adequadas, nada encerra de antinatural. Não negamos, ela não é a expressão espontânea do amor instintivo que não consulta calendários e folhinhas e luas. E' antes "uma disciplina do amor, mas respeita os atos naturais básicos, conserva intactos os prazeres providenciais das relações e salvaguarda a dignidade dos cônjuges".

Não tire o leitor uma conseqüência precipitada do exposto, julgando ser lícito usar êste método sem causa proporcionada ou por motivos inconfessáveis. E' a velha história: um fim honesto não justifica o emprêgo de meios desonestos. Vamos inverter os têrmos: o emprêgo de meios honestos não legitima a procura de um fim ilícito. Um ato só é moralmente bom, se os meios e os fins pretendidos são moralmente bons.

A continência periódica é honesta, mas nem por isso pode ser empregada para abusar de uma limitação de nascimentos, cujo único motivo se chame egoísmo, desejo de evitar o freio que a presença dos filhos impõe à liberdade no lar. E' assim, leitor. A má finalidade de um ato estraga uma ação, apesar de serem bons os meios empregados.

Encontra-se, porém, uma família nas condições aprovadas para restringir os nascimentos, ou espaçá-los? Poderá neste caso empregar com segurança de consciência a continência de calendários.

Pio XII falou com clareza: "Abraçar o estado conjugal e subtrair-se sempre e deliberadamente, sem um motivo grave ao seu dever primário, seria pecar contra o próprio dever da vida conjugal. Motivos graves podem nascer de uma indicação médica, eugenésica, econômica e social. A observância da tabela dos dias é lícita nas condições mencionadas. Mas não havendo tais razões graves, pessoais ou derivadas das circunstâncias exteriores, a vontade de evitar habitualmente a fecundidade da união não pode nascer, senão "de uma falsa apreciação da vida e dos motivos alheios às retas normas da ética". (Discurso de 29 de Out. de 1951).

Nunca será demais repetir verdades, sempre contestadas ou postas em dúvida. Está o leitor lembrado do número de granadas necessárias para abrir uma brecha em muralha de fortaleza? Pois *a muralha do êrro* exige a mesma tática: bombardeio constante pela verdade.

Portanto, meu amigo, vigilância, policiamento das idéias e dos instintos!

53. VIDA LEVEDADA

O cristianismo tem dogmas que não são alheios à vida de cada dia. Não é uma doutrina esotérica. Tem muito que nos ensinar sôbre as coisas profanas. E' como um fermento que leveda os dias, os atos e as situações da vida.

"Sem dúvida, o cristianismo é uma revelação. Mas a luz que esclarece nossa razão deita fulgores sôbre todos os objetos dêste mundo. Na sombra ficam apenas aquêles que deixamos ou metemos na sombra. Há uma teologia sôbre a SS. Trindade, uma teologia sôbre o Verbo Encarnado, uma dos sacramentos. Mas existe também uma teologia dos contratos, do uso dos bens terrestres. Uma teologia do trabalho, uma teologia da mulher, uma teologia da geração. Pois tudo está numa certa relação com a SS. Trindade e com a Criação. Há um conhecimento dos sêres que se prende às vistas da fé e que tem em conta a realidade do sobrenatural no mundo.

Os moços devem saber o que vem a ser a mulher conforme a verdade da fé. Essa ciência faz parte do catecismo ou do humanismo cristão". [1]

E Charmot exige que se exponha aos moços o ideal cristão da mulher. Nada de esperar pelo casamento. Nossos moços não têm idéia *verdadeira,* mas deturpada neste ponto. São influenciados pelo gôsto, pela cultura, pelo temperamento, pelos interêsses e pelas paixões. Faltam-lhes princípios claros, tipo estacas. Ninguém lhes mostra a mulher colocada nessa esteira de luz, que é a revelação cristã.

Para o cristianismo a mulher é obra de Deus, ornada e enfeitada de prendas para ser auxiliar, companheira do homem e com êle princípio de outras vidas. E' flor que dará seu fruto. Ao criá-la, intencionava Deus humanizar o

homem de um modo mais ideal e mais completo. Mais ideal, no sentido da pureza. Mais completo, em ordem à geração.

Se teu filho, leitor, sabe apreciar na sua mocidade a beleza de estátuas, de quadros, de melodias — coisas mortas, enfim — não pode ser um cego perante outras maravilhas vivas. Por apreciar a arte, terá por inviolável a pureza de um rosto de pedra. Mas não será "um selvagem", estùpidamente cego à pureza de um coração, de uma alma de môça? Idealista e humanista na homenagem que presta a criações humanas, é uma toupeira perante as criaturas de Deus.

A mulher foi criada em colaboração com o homem, por Aquêle que espalhou a beleza no mundo. Muitos tesouros lhe foram confiados e têm de ser respeitados a qualquer preço. Roubada, depreda e despoja, num saque já proverbial, a quem a seduziu ou diminuiu.

Para um pai cristão há outro argumento poderoso, para incutir no filho môço o respeito e a reserva perante a mulher. O destino eterno de sua alma, o tesouro da graça santificante, a ressurreição gloriosa dos corpos — bens acima de qualquer oferta dêste mundo, — falam com eloqüência no caso.

Ora, leitor, em teu lar há de existir um clima de respeito pela mulher. E êle implica com quadros nus, como revistas imorais, com romances lamacentos, (como se existissem na vida sòmente dias de chuva, de tempestades!), com cinemas, televisões onde a melodia é o "sex-appeal".

54. MARIDOS FRACASSADOS

correm sempre o risco de outro fracasso como pais e educadores. Ninguém pode levantar sua vida sôbre um fracasso. Sobretudo quando se refere a uma das atividades mais instintivas, mais profundas e mais tirânicas. O marido fracassou no leito conjugal, não encontrando a consonância fisiológica, desejada e procurada; a afetiva, a emotiva também.

Neste caso pode acontecer que procure um "sucedâneo", uma compensação afetiva ou emotiva. Esta não precisa necessàriamente ser uma amante. Pode ser uma ficção qualquer. E' sabido, entretanto, que quem foge à realidade para cair

---

[1]) Fr. Charmot, *L'Amour Humain.* — Spes, 1948.

no imaginário recusa-se, ao menos implìcitamente, às leis da vida. Assim, por exemplo, um marido dominador, porque fracassado na vida conjugal, pode tornar-se um pai intransigente a respeito do filho. Aceita-o êste? Eis uma criatura asfixiada. Reage? Eis a desunião, o desamor, as portas trancadas dentro da alma.

Ou então houve a inevitável decepção do amor. Em geral o homem não gosta de confessá-la, embora a sinta vivamente. Sendo consciencioso e intransigente no ponto de fidelidade, êsse marido atira-se à sua atividade profissional, deixando o filho mais ou menos à deriva.

Enquanto persistir o conflito afetivo, emotivo entre pai e mãe, o método pedagógico será influenciado por êle. Pouco importa seja êsse conflito intermitente ou latente. Na educação cometerão dois erros básicos: ceder às perturbações afetivas e sancionar suas conseqüências, sem remediar suas causas.

Não se esqueça o leitor da posição do filho em casa. Êle não é uma justaposição entre seu pai e sua mãe. E' uma "presença" mútua, que implica trocas afetivas recíprocas e, antes de tudo, uma verdadeira consonância entre todos os membros da comunidade familiar. Existem elas? A criança está no seu clima de botão que se abre. Não existem? Eis que o filho se torna um problema para os pais, e, o que é pior, um problema para si mesmo.

O fracasso pode ser de outro gênero. O marido esperava uma filha. Veio um menino, o qual provoca uma certa animosidade do pai. Em troca a mãe lhe mostra denotada preferência. E entra na linha da animosidade do pai. Há casos em que só outros nascimentos posteriores aplainaram a desavença.

O conflito conjugal, inimigo da educação dos filhos, pode nascer de uma espécie de ciúme difuso. O pai censura a mãe por deixar-se absorver pelo filho homem. E esta estranha-lhe o "ser babão" pela filha. Êle notará que na espôsa os devotamentos maternos são maiores do que os conjugais. Ela fará o mesmo reparo no marido. Daí um mal-estar que pode chegar à incompreensão recíproca.

Portanto, certas dificuldades pedagógicas na família têm um caráter conjugal. Não se entendendo as almas e os corpos, andarão por outros rumos as vontades, os métodos do pai e da mãe. A vítima será o filho, convertido mais tarde

em algoz. Entre pai e filho não basta uma neutralidade feita de recíproca tolerância. Essa não lhe dá armas contra as grandes tentações morais e religiosas da mocidade. Falta a intimidade confiante.

Eis o que respiguei, livremente, em Buck.

55. DO CORPO UMA, DA ALMA CEM

vêzes tem o homem a paternidade na família, na frase de certo poeta italiano. Sem dúvida a expressão é feliz, mas impressiona e abala a consciência, lembrando responsabilidades.

O amor paterno terá como função, sendo criador da vida, dar essa vida sob tôdas as formas e em todos os domínios preparados pela Providência. Está aí a vida do corpo que reclama cuidados e vigilâncias. Ora, de tôdas as vidas dadas por Deus "a do corpo é a menor". Só porque a deu, já será o leitor um pai integral? Será ela um benefício, sem a vida da alma espiritual e imortal? Que vale a vida dos órgãos sem a outra das faculdades superiores? (E. Roupain).

"Mas, por sua vez, que vale no pensamento de Deus a vida da alma sem a graça? Êsse acréscimo — a graça — é gratuito mas obrigatório, indispensável. Debalde temos uma alma espiritual e imortal por natureza, se faltar ao seu destino, por estar privada do estado sobrenatural, condição de sua última finalidade.

Êsse *estado sobrenatural* da alma tem um responsável: o pai. E' responsável perante a sociedade cristã e perante Deus. Não é o único responsável, sem dúvida, visto ter a Igreja direitos sôbre a alma.

Em nada fica diminuída a responsabilidade paterna perante êsse direito primordial da Igreja. Pelo contrário. Cresce a obrigação de o pai secundar essa missão da Igreja. Torna-se mais sagrado o direito que a criança tem de tal cooperação.

Ao pai, na qualidade de chefe da família, cabe apresentar seu filho à Igreja. Deve-lhe o batismo, como lhe deve o alimento, a roupa, a educação... E esta alma, passado o batismo, há de ser trabalhada pelo pai, a fim de que se desenvolva o germe divino nela depositado".

Se, pois, a vida do corpo mete sobressaltos na alma do pai, muito maiores hão de ser suas preocupações pelo es-

tado sobrenatural da alma do filho. Sabe o leitor que, pelo pecado — sobretudo mortal — se enfraquece ou morre essa vida. Sendo cristão de verdade, terá também muito empenho em guardar o filho, de livrá-lo dessa "morte evitável".

Pio XII tem belas palavras no caso: — "Recordai-vos de que, quando chamais aos filhos de herdeiros do vosso sangue, deveis referir-vos a algo mais alto do que a mera geração corporal. Sois — e vossos filhos o devem ser — rebentos de uma estirpe de santos. Dizia-o Tobias à sua jovem espôsa: "somos filhos de santos". Isto é, de homens santificados e participantes da natureza divina por meio da graça sobrenatural... Por conseguinte, num povo de batizados, quando se fala de transmitir o sangue aos descendentes — que devem viver e morrer, não como animais irracionais, senão como homens cristãos, — é preciso não restringir o sentido daquelas palavras a um elemento puramente biológico e material. Mas, sim, estendê-lo ao que é como a seiva nutritiva da vida intelectual e espiritual: o patrimônio da fé, da virtude, da honra.

E continua o homem de branco: Todos os que têm recebido a graça do batismo. podem dizer-se "príncipes de sangue", de um sangue mais do que real: divino. Inspirai pois, queridos recém-casados, tal estima desta nobreza, que vossos filhos prefiram sofrer tudo a perder um tesouro tão precioso". [1]

"Neste assunto o esfôrço paterno já tem seu programa. Ei-lo: tudo o que pode tornar a alma mais sadia, mais forte, mais útil e lhe dar vigoroso impulso na estrada para o céu, na qual Deus a colocou. Portanto:

uma consciência clara, tôda cristã;

um caráter fortemente temperado, verdadeiramente cristão;

uma carreira honrada, sobretudo cristã — serão as etapas e os meios para êsse belo programa, observa E. Roupain". [2]

Sertillanges aponta ao pai a coleção de vidas: "A vida da alma em todos os graus e respeitada a jerarquia dêles: sensibilidade bem equilibrada, caráter bem temperado, inteligência bem formada; vida religiosa sólida, inteligente e fiel, apoiada por parte do pai com o exemplo".

---

[1]) Alocução aos recém-casados 3 de Julho de 1940.
[2]) Ibidem p. 227.

A primeira geração é física, a segunda, a terceira, a centésima é moral, espiritual, religiosa. O grande apóstolo e educador S. Paulo fala "de filhos que torna trazer à luz", até que nêles se forme o Cristo.

56. NOS BANCOS DA ESCOLÁSTICA

Não fica o leitor rebaixado, se por algum tempo tomar lugar entre os alunos da Escolástica, ouvindo a seguinte preleção. Belas paisagens de almas, corretas avaliações domésticas, preciosas flechas pedagógicas serão o prêmio desta aplicação.

Ensinam os escolásticos que na alma sensitiva estão presentes dois apetites: *o concupiscível* e o *irascível*. Ambos, remotamente, procuram uma só coisa: *o bem*. Agora, assim de momento, há uma diferença. O apetite concupiscível quer o bem para o sentido, *enquanto tal* (deleitável). E o irascível quer a extirpação *do obstáculo*, que impede a aquisição dêsse bem.

Se o animal e a criança não possuíssem senão o apetite concupiscível, o obstáculo que lhes impedisse a aquisição do bem, nêles apagaria ou, pelo menos, diminuiria a intensidade dêsse apetite. Mas não se dá isso. Antes, pelo contrário, a experiência ensina que tal obstáculo aumenta ainda mais o vigor do apetite. E' o que leva o animal a submeter-se determinadamente ao que, em espécie, lhe é *nocivo* contanto que possa finalmente alcançar o bem.

Há um influxo? Eis o animal mantendo-se de um modo mais *passivo*, com respeito ao apetite concupiscível. Sofre o influxo do objeto que o atrai. Com respeito ao apetite irascível mantém-se pelo contrário mais *ativo*. Emprega esforços no sentido de triunfar dos empecilhos. Há *seis espécies* do apetite concupiscível e *cinco* do irascível. Ei-las num esquema:

NO APETITE CONCUPISCÍVEL

Amor, com relação ao bem em geral.	*Ódio*, com relação ao mal em geral.
Desejo, com relação ao bem ausente.	*Fuga*, com relação ao mal ausente
Gôzo, com relação ao bem presente e possuído.	*Dor*, com relação ao mal presente.

Esperança, com respeito ao bem possível.
Audácia, com respeito ao mal superável.
Ira, contra a causa do mal.
Desespêro, com respeito ao bem impossível.
Temor, com respeito ao mal insuperável.

Como vês, leitor, o árduo, o difícil, o obstáculo interessa ao apetite irascível, dividindo-o nestas cinco espécies citadas. Mas se o bem fôr possuído, perde o seu caráter de árduo.

Tudo isso passa como nuvem pelo céu das almas com que vives em casa. São as paixões da alma, indiferentes em si. Boas ou más, conforme o que as motiva. São os "kilowatts". Para construção e destruição na via pessoal e social.

IX

57. CÂNON 1113.

E' bom que o leitor, sendo pai, decore êsse cânon do Código do Direito Canônico. No dia 23 de Março de 1952 Pio XII lembrava-o, pelo fim da Jornada da Família.

"E' a família o bêrço do nascimento e do desenvolvimento de uma nova vida, que, para não perecer, deve ser cuidada e educada. Há nisso um direito e um dever fundamental, dado e impôsto imediatamente por Deus aos pais. Conteúdo e finalidade da educação, na ordem natural, é o desenvolvimento da criança, para tornar-se um homem completo.

Conteúdo e finalidade da educação cristã é a formação do novo ser humano, renascido no batismo, para ser um perfeito cristão. Tal obrigação, orgulho e praxe das famílias cristãs, está solenemente sancionado pelo Cânon 1113, que reza: *"Têm os pais gravíssima obrigação de procurar, com todo o empenho, a educação de seus filhos, tanto a religiosa e moral, como a física e civil, e de prover também a seu bem temporal"*.

E aqui lembro, com o homem de branco, *a consciência* da criança, do filho. E' ela um santuário em cuja soleira hão de parar os pais. Só o ministro de Deus pode nêle penetrar, no sacramento da penitência. Mas respeitando pelo silêncio

os segredos que ouviu. E assim mesmo os pais devem formá-la. Isto é, iluminá-la sôbre a vontade de Cristo, sôbre sua lei, suas exigências. Significa agir sôbre a vontade para levá-la a querer em tôda parte o que Deus quer. [1]

Nada de consciência individual, livre de tôda orientação da Igreja de Cristo, determinando por si mesma o bem e o mal, nas várias circunstâncias do tempo e das coisas. Não é êsse o clima natural da consciência humana, que desambientada só pode produzir frutos envenenados.

Êrro funesto é, outrossim, a separação da atividade humana — ciência, arte, política, economia, — da moral e de suas exigências. A criança não pode sofrer o traumatismo de ver, mais tarde, mudar-se a avaliação das coisas e dos atos. A separação teórica e simples não tem sentido na vida humana, que é sempre uma síntese. Pois sempre o homem é o sujeito de qualquer atividade. Seus atos livres e conscientes nunca fugirão à valutação moral.

E Pio XII arrematava: "Educai as consciências de vossos filhos com tenaz perseverança e empenho. Educai-os no temor como no amor de Deus. Educai-os para a veracidade. Mas sêde verazes, vós mesmos antes de tudo, banindo da educação tudo que não é verdade. Imprimi nas consciências dos jovens o genuíno conceito da liberdade, da verdadeira liberdade, digna e própria de uma criatura feita à imagem de Deus. Ela é outra coisa que a dissolução e o desmando. Pelo contrário, é a *provada idoneidade* para o bem. E' aquêle resolver-se, por si mesmo, a querê-lo e cumpri-lo. E' o domínio sôbre as próprias faculdades, sôbre os instintos e acontecimentos. Educai-os a rezar, a procurar nas fontes da Penitência e da Eucaristia aquilo que a natureza não pode dar: a fôrça para não cair, a fôrça para levantar-se". [2]

58. ÊLES SÃO TANTOS!

— Como se chama a criança? — indagava o rapaz que tomava, no Ambulatório, os primeiros dados sôbre um doentinho novo.

---

[1]) E' claro, com isso não fica vedado aos pais receber confidências espontâneas dos filhos.

[2]) Discorsi e radiomessaggi di sua Santità Pio XII, vol. XIV. — Poliglota Vaticana, Roma.

O pai olhava a criança que trazia nos braços e respondia com alguma dificuldade:

— Abe.

O secretário escreveu na ficha "Abe" e prosseguiu no questionário. Quando terminou e ia chamar outro cliente, o pai voltou:

— Com licença, eu me enganei; o nome da criança é Max e não Abe.

O secretário fêz a correção e voltou-se para o outro paciente, mas o pai tornou a detê-lo:

— Desculpe, não é Max; é Joe.

Pacientemente o secretário raspou outra vez a ficha e retificou. Mas o pai sacudiu a cabeça:

— Não está certo; não é Joe. E' Rodolfo.

O secretário descansou a caneta e esperou:

— Vamos, ponha em ordem a sua cabeça. Qual é dêles?

— Na verdade não sei, confessou o homem. Temos um punhado de crianças; não sei bem qual é esta.

Naquele tempo havia famílias tão numerosas, que mais de um pai lutava com dificuldades para conhecer os nomes dos seus próprios filhos (Dr. Isaac Abt).

Número de filhos! "A solução dêsse caso de consciência não deve ser procurada na arena dos fatos. Mas repondo a eterna vocação maternal da mulher no seu eixo do sobrenatural.

Conhecer a medida da generosidade criadora de um lar cabe a êsse próprio lar. Os esposos, tomando consciência da missão que Deus lhes transmitiu, são como Deus os únicos juízes sôbre o número de seus filhos. Após cada nascimento acertarão êles, num sincero e leal diálogo com Deus, se será desejável ou indesejável mais um nascimento.

Podem ser numerosos os critérios reveladores da vontade divina. Em primeiro lugar ponha-se a educação dos filhos. Não se trata apenas de fazer surgir um novo ser. Deverá estar assegurado seu crescimento físico, intelectual e moral. Plenamente. Se uma confiança ilimitada é inerente ao ensinamento evangélico, merece condenação e rejeição todo "providencialismo cego".

Em segundo lugar, as razões de ordem médica, econômica social pesam no caso. Se a fraca saúde da mãe não permite razoàvelmente um novo esfôrço, se o salário do pai de

família é insuficiente, se a casa de moradia é pequena demais, eis-nos diante de outros tantos motivos sérios e às vêzes gravíssimos para distanciar uma maternidade, ou mesmo para cortar definitivamente o número de filhos. Esta solução moral católica pressupõe uma generosidade inicial, no começo do casamento. Em muitos lares ela não é possível. Pois de antemão, num cálculo frio e sistemático, já se determinou o número de filhos, antes do casamento, pouco ligando para a lei de Deus. O que a Igreja exige é uma razoável generosidade ao serviço da vida.

Falta ao seu dever quem fica abaixo de suas possibilidades.

Quem atinge o máximo de suas possibilidades vive na generosidade. Quem as ultrapassa por uma vida, sem as necessárias renúncias nas relações, falta contra a previdência e peca contra a temperança e prudência.

59. MOEDAS FALSAS.

Gente de bem não anda com elas no bôlso. Não as utiliza para permutas. E' vexame descobri-las com alguém.

Pior, e mais nocivo do que moeda falsa, é a noção falsa numa cabeça. A apreciação errada, inexata dos valores morais. Como a primeira não enriquece quem a usa, a segunda sacrifica valores morais. Um chefe de família precisa defender-se contra ambas.

Por isso ponho aqui, citando Ricaud, umas noções e uma tabela de valores. "Quando chamamos *boa* uma bicicleta, damos ao têrmo um sentido muito diferente do que lhe atribuímos, quando chamamos de *boa* uma ação. A realidade obriga-nos a distinguir *três ordens* de bens ou de males.

O prazer e a dor são um bem e um mal na ordem do *deleitável.* Uma maçã, um cavalo, um desastre de trem, uma voz de orador, numa palavra tudo que serve para alguma coisa é um bem (ou um mal) na ordem do *útil.* Pode ser colocado na lista dos meios e do transitivo, que apenas chegam a ser bons por referência a um final que procura. Diz-se de um remédio que é bom, quando cura, embora não seja bom de paladar. A medicina é um bem útil. Uma virtude, um pecado, uma pessoa humana, um santo, um anjo, são *bens* ou *males* em si mesmos. Pertencem à ordem dos

fins e do *imanente*. Seu valor de bondade, em vez de provir do exterior, como nos bens úteis, acha-se dentro dêles mesmos. Uma pessoa humana é um fim em si. Tem valor em si mesma, valor autônomo e intrínseco, independente de sua possível utilização. Por exemplo, para serrar uma tora ou guiar um automóvel para o chefe. Chamamos *espirituais* aos bens desta categoria. E isso porque sòmente na órbita do espírito podemos encontrar realidades, que são, em si mesmas, um universo subsistente por própria conta. Se há alegrias ou tristezas, nocividades ou utilidades, isso se dá porque têm por objetivo, ou por fim, uma realidade dessa ordem.

Podemos grafar assim o esquema das três ordens de valores, que integram o bem total da pessoa humana:

ORDENS DO:	NOÇÕES ANALÓGICAS DO: BEM e do MAL Realizam-se sob a forma de	
1º DELEITAVEL ou descanso no bem "bem-estar"	PRAZER (alegria, ventura)	DOR (tristeza, desgraça)
2º ÚTIL bem relativo, não em si mesmo. Ordem dos meios ou instrumento	UTILIDADE (rendimento)	NOCIVIDADE (desgaste)
3º BENS ESPIRITUAIS ou bens em si mesmos, imanentes. Ordem dos fins.	BEM — em SI *A Pessoa Humana fundamentalmente.* O que a realiza *especìficamente*: A RAZÃO O que eleva ao máximo suas virtualidades do bem: A VIRTUDE	MAL em SI Tudo o que desintegra e decompõe a pessoa humana em sua espiritualidade: O CONTRA-SENSO que destrói rebaixando a pessoa humana em todos os atos de: PECADO

E' a família o bèrço natural da pátria. Dá-lhe os filhos e forma-os para futuras tarefas sociais. Responsável, como chefe, deve o pai saber apontar aos seus tudo que representa real valor para a sociedade. Colocamos aqui um quadro que assinala as três ordens de bens para "a cidade

temporal". Bens que merecem se lhes respeite a jerarquia, a preferência. Acompanhemos a Ricaud:

ORDENS		EXEMPLOS
BEM COMUM DA CIDADE TEMPORAL	DELEITÁVEL	Jogos e Artes de agrado e bem-estar
	ÚTIL	Riquezas naturais, industriais, técnicas, finanças Saúde física da raça... = Patrimônio *físico*.
	ESPIRITUAL	Convivência virtuosa dos homens. Tudo que dela faz parte, a torna possível e fácil: — As leis que se devem observar; — Ordem e paz na justiça; — Confiança mútua; — Produções culturais do entendimento; — Educação e instrução; — Salvaguarda da pessoa humana e da família e dos direitos fundamentais; — Tradições espirituais, culto público a Deus; — *Patrimônio intelectual e moral* do qual cada pessoa tira as condições para seu desenvolvimento, e que possibilita a máxima perfeição da espécie humana.

Êstes bens (ou males) possuem entre si relações bem definidas. Urge conhecê-los, perfeitamente, ao menos na parte que deve servir para esclarecer a objeção.

60. ÚNICA E PEQUENINA

assim rezava uma criança: "Menino Jesus, não tenho com quem brincar. Pedi à mamãe arranjar-me um irmãozinho ou uma irmãzinha. Mas ela me disse que devia brincar com a boneca. Mas minha boneca não fala, não chora, não ri. Que devo então fazer? Diga-me por favor! Eu não sei onde mamãe irá arranjar-me um irmãozinho. Também não sei quando o fará. Mas ela que me arranjou deve saber. E' verdade, mamãe me deu de presente um cachorrinho. Mas poderia ter feito coisa melhor. Pois o cachorrinho é muito peludo e só sabe latir. E eu estou precisando é de um irmãozinho. Eu te prometo que vou querer-lhe

bem e brincar muito com êle, sem lhe fazer desaforos. Não quero parar de pedir-te isso, Menino Jesus. Por favor, não me mande embora como mamãe..."

Haverá em tua casa, leitor, culposamente uma criança candidata a esta suposta oração? Neste caso ela seria uma prova pública e viva da infidelidade em teu leito de casado. Menciono umas hipóteses, dentro da suposição de culpa, em cujas malhas espero não venhas a cair.

"Podem os esposos estar de mútuo acôrdo, conspirando contra a vida. Com semelhante cumplicidade destroem o caráter moral do laço que os une. De um vínculo que por natureza é todo generosidade, fazem um liame de egoísmo e crime. Pode também suceder que um dos cônjuges entre para o casamento, disposto ao fiel e leal cumprimento de todos os deveres.

Mas a outra parte, seja porque teve de início sua consciência extraviada e pervertida, seja porque mais tarde se desviou da verdade e da honra, obscureceu-lhe a noção do dever. Por meio de agrados e persuasões comunicou-lhe suas falsas idéias, roubou-lhe todo o horror ao mal. Transformou-lhe a vontade e assim, sem se dar conta, a parte honesta e leal encontra-se ligada em uma união despojada de tôda nobreza cristã e mesmo humana.

Ou finalmente o cônjuge desonesto impõe seus pontos de vista, sua vontade, pela fôrça, pressão moral ou por ameaças. Evidente abuso da ternura e da debilidade! Nesta altura o amor está violentado, está ferida a espontaneidade da entrega de si mesmo. Muitos dramas têm nascido da brutalidade de um marido egoísta e licencioso, negando a glória da maternidade à espôsa.

Lisbet Burger menciona as acusações de uma espôsa frustrada em sua maternidade. Morria atirando horríveis maldições contra o marido culpado". — Eis o que diz em livre citação B. Lavaud. [1]

Repito a sentença de Pio XI: — Sempre que se peca contra prole, peca-se também, de certo modo, e como conseqüência, contra a fidelidade conjugal. Pois estão entrelaçados ambos os bens do matrimônio (Enc. Casti Connubii).

[1]) Obra citada p. 151. — E aponta ainda a infelicidade, a vergonha, a desilusão, os remorsos causados pelo mau cônjuge, que, entretanto, devia ser causa da alegria e da paz no amor, da nobreza do dever cumprido com honra.

mesmo que pouco ou nada venha a saber da religião: eis o que o sr. diretor deve fazer de meu filho! — Assim terminava a recomendação de um pai, ao deixar o filho matriculado num colégio.

Bem mostrava completa ignorância da definição que o Sábio dá sôbre o homem integral: "Teme a Deus e guarda seus mandamentos; nisso está o homem completo" (Ecli 12, 13). Não gostaria cometesse o leitor o êrro censurado. Ou caísse no lôgro de julgar consista a educação nos modos polidos e urbanos, ou numa inteligência bem formada, numa vontade bem orientada, disciplinada. E' tudo isso apenas uma parte. Com tôda essa bagagem pode o homem ser um malvado, um perigo para a sociedade.

O ditado francês, "polido demais para ser honesto", está revelando o êrro citado. Note-se o leitor os rumos certos apontados por Pio XI neste assunto.

Para êle a educação consiste essencialmente na formação do homem, tal como deve ser e deve proceder na sua vida terrena, para conseguir o fim sublime para o qual foi criado. Na presente ordem, depois que Deus se revelou em seu Filho Unigênito — que é caminho, verdade e vida, — não é possível uma adequada e perfeita educação a não ser a cristã. E qual o seu fim? Cooperar com a ação da graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, isto é, formação do Cristo nos homens regenerados pelo batismo.

Queres saber, leitor, os horizontes dessa educação? Ela abrange todo o âmbito da vida humana, sob tôdas as suas formas: sensível e espiritual, intelectual e moral, individual, doméstica e social. Mas teu filho formado cristãmente não será um mutilado, um diminuído. Eleva seu padrão de avaliação, destaca seu modêlo a ser copiado e pauta sua conduta pela doutrina e exemplos de Cristo. Jesus Cristo, como Homem-Deus, é a reprodução histórica do homem ideal que está na mente de Deus. Copiando-o, teu filho será um homem integral.

Mais: A educação cristã não desvaloriza ou minimiza as faculdades naturais, não impõe renúncia às obras, aos empreendimentos terrenos. Explora as faculdades naturais, aperfeiçoa-as numa coordenação com a vida sobrenatural.

Os santos — homens acabados — têm sido e sempre serão as criaturas mais humanas, os benfeitores mais destacados da sociedade humana. Como também modelos dos mais perfeitos em tôda classe e profissão, em tôda condição de vida. Desde o homem simples e rude dos campos até ao sábio e literato; desde o humilde artífice até ao condutor de exércitos; desde o privado pai de família até ao monarca governante de povos e nações; desde as modestas mocinhas e donas de casas até às rainhas e imperatrizes.

Essa educação, tão caluniada, não torna o cristão alheio às atividades comuns que esperam teu filho no futuro. Eis a bela resposta de Tertuliano, refutando essa objeção feita pelos pagãos da sua era: "Não somos estranhos à vida. Estamos bem lembrados do dever de reconhecimento para com Deus, Senhor e Criador. Não rejeitamos fruto algum de suas obras. Apenas somos moderados para não usarmos dêles de um modo descabido ou mau. E assim não moramos neste mundo sem praça pública, sem mercado, sem banhos, sem casas, sem vendas, sem oficinas, sem feiras e todos os outros tráficos. Como vós, navegamos, militamos, cultivamos os campos, negociamos e nos pomos à vossa disposição para trabalhos. Como então poderíamos parecer inúteis aos vossos negócios, quando nêles estamos envolvidos e dêles vivemos? De modo algum vejo isto". [1]

Finalmente quero que o leitor tome nota do seguinte: E' falso todo naturalismo pedagógico que exclui, ou minimiza, a formação sobrenatural cristã, na instrução da mocidade. Está errado todo método de educação, baseado total ou parcialmente sôbre a "negação ou esquecimento do pecado original e da Graça", contando sòmente com as fôrças da natureza humana. Hoje há vários sistemas que incorrem neste êrro. Vou enumerá-los. São:

— os que apelam a uma pretensa autonomia e liberdade desenfreada do educando;

— os que diminuem ou suprimem a autoridade e a obra da educação, atribuindo à criança um primado exclusivo de iniciativa, e uma atividade independente de tôda lei superior, natural e divina, no trabalho educativo.

---

[1]) Escritor e polemista cristão, que viveu de 160-220.

Assim escrevia Pio XI a 31 de Dezembro de 1929, na célebre Encíclica sôbre a *Educação cristã da mocidade*, Divini illius Magistri. Voltaremos a explorá-la. E' um tesouro. [2]

62. O QUINHÃO DE DEUS.

"Em dias de festa, usam famílias de certas regiões católicas separar uma porção, destinada ao pobre que a Providência lhes mandar à porta, naquela ocasião. E' a parte, o quinhão de Deus.

Bem pode Deus entrar e exigir em teu lar de cristão a sua parte, ao tratar-se da vocação dos filhos. Tua mesa está festiva, rodeada por filhos e filhas que a enfeitam "como brotos de oliveira", na frase do Salmo. E o Senhor virá dizer a êste ou a esta: Vem, segue-me! Será grande honra e insigne privilégio para uma família cristã semelhante escolha. Seria lamentável êrro supor a família que, em seguindo uma vocação religiosa, morrem os filhos para a afeição aos pais. "Não acrediteis que êsses corações, inteiramente dados a Deus e a seu serviço, vos amarão ou devam amar-vos com um amor menos forte ou menos terno. O amor de Deus não nega, não destrói a natureza, mas aperfeiçoa-a, eleva-a a uma esfera superior, onde se encontram o amor a Cristo e o sentimento humano, sendo êste santificado por aquêle. Juntos unem-se num abraço" (Pio XII).

Se Deus vier sentar-se à tua mesa, leitor, pedindo o seu quinhão, como procederás? Dirás um não? Alegarás teus direitos de pai, contra Aquêle de quem nasce tôda paternidade na terra? Não faças coisa tal. Não enxotes a Deus de tua mesa. Os pais "não conhecem as auroras e os ocasos do sol divino sôbre o lago de um coração jovem. Nem seus cuidados e seu alento, seus desejos e suas esperanças, sua chama e suas cinzas. O coração tem abismos insondáveis também para um pai e uma mãe".

"E' claro, tens o direito, e em alguns casos, o dever de assegurar-te de que a planejada vocação religiosa ou sacerdotal não é um mero impulso de imaginação, ou de sentimento que anela um lindo sonho fora de casa. Vindo, pois, um dos teus expor-te uma vocação, religiosa ou sacerdotal,

[2]) A Editôra *Vozes* publicou esta Encíclica em formato cômodo. Todo pai deveria estudá-la.

haja no caso uma deliberação séria, ponderada, sobrenatural, examinada e aprovada por um sábio e prudente confessor, ou diretor espiritual.

Mas seria contra os desígnios de Deus, se quisesses impor atrasos arbitrários, injustificados, irracionais. Pior ainda, se recorresses a experiências inúteis, perigosas, atrevidas com risco de desanimar uma vocação ou, quando não, de expor a própria salvação de uma alma. Entra aqui mais um elemento: o brio da solidariedade cristã. "Se outras famílias entregam a Deus seus filhos, suas filhas, no sacerdócio e na vida religiosa, por que haveria de calar-se *a tua* família, negando o "estou presente", quando da chamada de Deus?

Lembro a tremenda responsabilidade para um cristão: A salvação de muitas outras almas está pendente do consentimento que o pai dá para uma vocação em seu lar. Alguém, leitor, poderá estar "à espera de teu filho sacerdote, de tua filha religiosa".

Pio XII, a quem venho expondo, tem esta frase bem séria: Todo pai, tôda mãe, seja lá qual fôr o seu meio social, devem pedir instantemente a Deus os faça dignos de terem, ao menos, um dos filhos chamado para seu serviço.[1] E faz esta angustiante pergunta: Quem sabe se algum dos eleitos pelo céu, perdido por entre o povo cristão ou errante pelas regiões infiéis, estará acaso ligado, pelos desígnios divinos, à palavra ou ao ministério de um dos filhos que o Senhor pretende mandar-te? Termina dizendo:

"Como verdadeiros cristãos, que sentem em si a grandeza e a elevação da fé no govêrno divino da Igreja e da família, quando Deus vos distinguir com o chamamento de um dos vossos filhos ou de vossas filhas para seu serviço, sabei apreciar o valor e o privilégio de tão grande mercê. Tanto para o filho ou filha escolhidos como para vós mesmos e vossa família. E' um presente do céu que vos é deixado em casa. E' uma flor, crescida no vosso sangue, regada pelo orvalho celeste, perfumada com a fragrância virginal, que ofereceis ao altar e ao obséquio do Senhor, para ali viver a mais bela e mais formosa vida que se pode imaginar aqui em baixo. Vida que, para vós e os vossos, é uma fonte de bênçãos" (Alocução de 25 de Março de 1952).

Logo, leitor, são um escândalo na família tuas revoltas,

---

[1]) Encíclica de 23 de Setembro de 1950.

teus xingatórios, tuas oposições perante uma vocação que, aparentemente, vem contrariar teus planos. O primeiro plano para teu lar há de ser sempre... o plano de Deus. Sua vontade será o leito por onde hão de correr as torrentes de vida que surgirem de ti.

Uma observação ainda: — Não veio Deus procurar o seu quinhão em tua família? Não escolheu ninguém dos teus para seu serviço? Então ajuda outra vocação, o filho de outra família contemplada mais com a graça divina do que, talvez, por posses e recursos. Terás a satisfação de quem deu do que tinha e êsse foi o seu quinhão para Deus.

63. ÊRRO DE PERSPECTIVA

sempre acarreta uma visão falsa das coisas e dos homens. Obras de arte são aquelas que com maestria observam as leis da perspectiva.

Como pai e educador fuja meu leitor de errar a perspectiva na apreciação dos filhos. Trata-se de pessoas humanas e seus problemas hão de ser bem encarados, classificados, para serem bem resolvidos. E assim o filho:

"*Como animal racional* — tem problemas referentes:
— à saúde do corpo e da mente;
— à inteligência (não esclarecida ou mal esclarecida);
— à vontade (fraca ou desorientada);
— ao coração (com afetos desregrados);
— ao ser (sem a razão e o sentido exato da vida e do destino da pessoa).

Como ser social — tem problemas referentes:
— à vida familiar;
— à vida escolar;
— à vida profissional;
— à vida de lazeres e folgas;
— à vida civil;

Como ser religioso — tem problemas referentes:
— a Deus;
— ao culto;
— à vida sobrenatural.

Poderá o homem ter perante *Deus* as seguintes atitudes: negar a sua existência, ou a possibilidade de poder conhe-

cê-lo; ignorar a sua existência; crer, mas dar pouca importância a sua existência; crer e prestar-lhe um culto indigno dêle e da própria pessoa humana; crer e combatê-lo ou lhe prestar o devido culto e amor.

Quanto à *vida sobrenatural* da graça poderá haver ignorância, desvalorização ou negação de sua tarefa.[1]

Lembre-se o leitor da vocação batismal dos filhos. "Essa é vocação de eternidade. Pois o sacramento de iniciação cristã — que é o batismo — reclama um acabamento. A vida do batizado é uma vida espiritual imperfeita e sempre em progresso. A graça tende para a glória, a fé para a visão, a esperança para a posse de Deus e a caridade exige uma intimidade eterna. Tôdas as virtudes cristãs aspiram desabrochar na alma, sob a luz dirigente da visão beatifica. Aqui na terra estão num exílio. A própria criação, o mundo material, vive suspirando pela renovação, pela sua entrada na glória dos filhos de Deus.

A fé encaminha os batizados para a visão, a terra prepara o céu, a Igreja militante visa desdobrar-se na cidade de Deus, a vida cristã é uma expectação da SS. Trindade. Por isso não temos no mundo uma residência permanente: eu espero a vida do século vindouro. O corpo é "tenda" de quem ainda caminha longe do Senhor" (Philippon, o. p.).

Muito importa não perder a perspectiva da criança, do filho, que deve ser formado não "como um ser humano qualquer, composto de corpo e espírito, mas como um filho de Deus, um remido de Cristo". E além do mais tem uma vocação social religiosa, na sua integração ao Corpo Místico de Cristo. De Maistre definiu a pátria "como uma associação, sôbre o mesmo solo, dos vivos com os mortos e com os que vão nascer". Teu filho — o cristão — precisa se tornar consciente dessa vasta solidariedade que o une a todos os membros passados, presentes e futuros do único Corpo Místico de Cristo. Não há limites geográficos ou de tempos para êsse Corpo.

Teu filho é solidário com o mundo inteiro. Prende-se aos homens de todos os tempos. Há quanto tempo já vem rezando, talvez, o *Creio em Deus*, onde afirma "crer na comunhão dos santos"!

---

[1]) Livre citação de M. G. Reis em Serviço Social — n. 74.

Que lástima, se meu leitor fôsse pai e educador com perspectiva... de rã! Prefiro vê-lo com a perspectiva do condor, do crente instruído e fervoroso.

X

64. HOMEM NA CASA

é sinônimo de proteção, segurança e garantia para todos os seus moradores. Ao menos em geral. Mas bem se pode dar o caso de o homem não dar valor à casa e desproteger seus tesouros. Casando-se, é o homem chefe nato da família. Esta tem seu centro e coração no lar. Exporei ao leitor o que diz o homem de branco aos casados do século vinte. Afirma positivamente:

— Não encontrareis verdadeira vida de família sem um lar, sem um centro visível, real de reunião a agrupar esta vida, enraizando-a, aprofundando-a, fazendo-a vicejar e florescer.

— Mas não basta o lar material para o edifício espiritual da felicidade. E' necessário elevar a matéria a um ambiente mais respirável e fazer surgir do fogo terrestre (lareira!) a chama viva e vivificante da nova família. Não será trabalho de um dia, especialmente quando se vive num lar ainda não preparado por gerações precedentes. E isso costuma acontecer sobretudo nas cidades com suas casas alugadas.

— Lembra que à mulher, "à dona de casa", caberá a parte principal na criação do lar, dêle sendo a alma, a artista, o encanto. Pois nasceu para derramar a gentileza e doçura pelo lar de seu marido. (Muito entre nós: faço votos seja êste teu caso, leitor).

— Constituem talvez um lar os jovens casados, cujo prazer consiste em sair o mais possível da casa? Só mostrando bom humor nas festas, visitas, viagens e temporadas de férias e nos espetáculos mundanos ou mais do que mundanos? Não. Não é um lar a habitação descuidada, fria, deserta, muda, obscura, sem a serena e cálida convivência familiar. Nem tão pouco são lares as moradias por demais apertadas, clausuradas e quase inacessíveis, nas quais não convergem a luz e o calor de fora. Não irradiam para o exterior, como prisões ou ermidas de solitários.

Continua descrevendo o abandono do lar pelas condições nascidas do presente estado econômico e social. Diz que "seria vão reagir e recriminar contra uma tal transformação, mas é preciso conjurar o perigo que consigo traz" (Às môças de Roma, 12 de Maio de 1946).

Sabe que o marido vive ordinàriamente fora de casa, por causa de seus compromissos. Mas quer que a mulher nela permaneça, e destaca as vantagens do trabalho a domicílio.

E agora, — lá vai pedra, leitor! — os maridos anotem-se a frase: "Vossa perfeição de chefes de família não consiste apenas na realização dos trabalhos referentes à vossa profissão, ao vosso ofício, à vossa arte particular, dentro ou fora de casa. Nesta, que é o domínio de vossa espôsa, tendes também uma parte ativa a realizar. Sois mais fortes; sois, freqüentemente, mais hábeis no uso de instrumentos e ferramentas. No arranjo da casa encontrareis tempo para muitos e pequenos trabalhos. Não são indignos do vosso ofício ou da vossa dignidade. Serão uma participação cuidadosa nas atenções de vossa espôsa, sobrecarregada, com freqüência, de cuidados e trabalhos. E o homem de branco desce a minúcias: ajudar a levantar uma coisa pesada a cuidar de um jardim (quando Deus faz mercê de tê-lo), a consertar qualquer coisa. E arremata: "Que se poderá achar, numa casa cristã, mais triste e contrário ao sentido católico, do que algo a lembrar a cena de tempos rudes, privados das luzes de Nazaré, na qual a mulher caminha dobrada sob pesado fardo à frente de seu "senhor", que a vigia fumando tranqüilamente?" (Aloc. 15 de Abril de 1942).

Não será êsse teu caso, leitor. Mas não ficas cômodamente sentado ao lado de um rádio, por detrás de um jornal, enquanto tua espôsa se cansa com criadagem ou com filhos ou com arranjos de casa? Ou então és um ausente da casa, quando tua profissão não te reclama para fora? Em tal hipótese não és "o homem na casa". Ela não tem homem dentro de seus muros.

Não digas que "entronizaste" tua espôsa rainha do lar, como justificativa de teu desinterêsse e abstencionismo. Se ela é rainha, então seja o leitor fiel súdito, sujeito ao cetro de seu amor.

Por exemplo, não podes lhe dar uma mão *na ordem* da casa, pondo as coisas, *teu* chapéu, *teu* guarda-chuva, *tua* capa

no lugar indicado por sua majestade, a rainha? E aqui deixote... falando sòzinho.

65. HORÁRIO DE CONFLITOS

Todo lar tem lá êsse horário indesejável. Em alguns é diária sua volta. Em outros é ocasional. Por exemplo, a chegada do boletim escolar com suas notas acusadoras do aluno. As refeições, quando na mesa reinam correntes de alta tensão, formando um campo de imantação. Praxe, sem dúvida, detestável que deve ser abolida a ferro e fogo.

Também as vocações trazem freqüentemente ocasião para dolorosos e penosos conflitos entre pais e filhos. Sobretudo quando êstes já atingiram a idade das decisões pessoais, refratárias às soluções autoritárias.

De um e outro lado surgem então o orgulho, o amor-próprio, a prevenção e os preconceitos, impedindo um exame sereno e leal da situação. Há pais que se encouraçam dentro de um autoritarismo cego, e filhos montados numa perigosa presunção. Pai e filho estão convencidos de que neste ponto ceder é covardia.

Acompanhe-me o leitor nas linhas seguintes, se quiser evitar êsses horários infelizes. Estás convencido do êrro na escolha de teu filho? Então deves expor êsse êrro, com calma, paciência e desinterêsse pessoal. Seja lá quais forem as conseqüências, *deves* falar e por todos os meios a teu alcance. Farás contudo uma distinção, sobretudo em se tratando do casamento. Pode a escolha ser incômoda sem ferir porém a honra da consciência, ou pode ter por conseqüência uma situação imoral. Se não conseguires convencer teu filho, já de maior idade, só te resta um recurso: confiá-lo à proteção divina.

O que dá luminosidade aos conselhos do pai é o conhecimento perfeito que adquiriu do caráter, temperamento, disposições e gostos do filho. Hoje temos os *tests* da capacidade de um candidato na escolha de profissões. Mas êles apenas dirão dos obstáculos de ordem física ou intelectual, que se opõem a tal ou tal preferência. Não podem substituir o conhecimento das correntes subterrâneas da alma. E' o contacto diário que o revela aos pais.

Um pai, convencido da falsa vocação do filho, está numa situação que requer muita prudência e circunspecção. Nada

de ataque frontal e brutal. Seria êrro gravíssimo tal método, que provocaria a teimosia no jovem. A mocidade é a idade da teimosia e um dos característicos da adolescência é o espírito de luta. O melhor será flanquear a idéia e encarregar o tempo de desagregá-la. E depois faça o educador todo possível, para convencer seu educando de que terá, a seu tempo, a liberdade de escolher de acôrdo com suas convicções. Mas que poderá também contar com o interêsse dos pais em aconselhá-lo, quando a êles recorrer no exame da questão. Tôda arte está, leitor, em despertares a dúvida e hesitação na alma do filho, de modo a levá-lo a pedir espontâneamente conselho ao pai.

Sobretudo seria lamentável a oposição paterna na escôlha de uma vocação religiosa ou sacerdotal. Ainda mais aqui em nossa pátria, tão necessitada de uma e outra. Os filhos são empréstimos feitos por Deus aos pais. A vida, com tôda sua trajetória, pertence ao Criador que distribui as vocações e faz os chamados conforme sua sapientíssima Providência. Esmagar uma vocação religiosa ou sacerdotal; criar-lhe um ambiente intolerável, ou mesmo impedir que ela surja no lar, é grande pecado. Mais cedo ou mais tarde virá o castigo para a família. Um grande doutor da Igreja, S. Afonso Maria de Liguori, declara que, no dia do juízo, ver-se-ão muitos pais condenados por Deus, por causa dessa oposição.

Eu não desejaria ver meu leitor figurar entre êsses condenados. Favoreça essas vocações, criando o clima cristão no seu lar. Êsse clima compõe-se do espírito de piedade eucarística, de sacrifício e devotamento. Requer respeito à Igreja e a seus ministros, respeito à pureza, respeito às exigências das almas.

E se na família não surgir uma vocação, adote ela um afilhado, ajudando a formação de algum candidato menos favorecido por recursos materiais. Aliás é obrigação do quinto preceito da Igreja: ajudar o culto e os que dêle estão encarregados.

Nota. — Aqui menciono as palavras de Pio XI, na sua famosa encíclica Ad Catholici Sacerdotii, de 20 de Dezembro de 1935:

"Oh! felizes os esposos que, se não são de espírito tão remontado que êles próprios — como sucedia em tempos idos mais freqüentemente que hoje — alcancem de Deus para seus filhos, à fôrça de súplicas, a graça dêste divino chamamento, ao menos, quando êstes

que caminham para a casa do seu Pai, via um pai e escritor a vida de um casal. [1] Dizia que o casamento envolve o homem todo, inteiro. E' o perfeito desabrochar de tôdas as fôrças e de tôdas as potências, tanto no homem como na mulher. Tôdas as diferentes espécies, todos os graus do amor ali vivem em plenitude e pureza: o amor dos corpos, o amor que é amizade, o amor eternamente jovem e sempre apaixonado, o amor paternal e maternal, a caridade.

E esta fusão de "tôdas as formas do amor" num só todo faz crescer o amor de Deus na alma do homem e da mulher, pelas alegrias e dores que êles carregam juntos. O amor conjugal é purificado no fogo do sofrimento que Deus envia. Isto não quer dizer que o homem e a mulher devam, necessàriamente, sofrer um pelo outro ou fazer sofrer recìprocamente! Deus escava os corações para nêles se fixar!

Tôdas as alegrias, todos os sofrimentos, todos os atos contribuem para unir o homem e a mulher mais profundamente, mais estreitamente, e a aproximá-los sempre mais de Deus. Aquêle que ama deseja se encontrar onde está o amado. No verdadeiro matrimônio cristão, harmoniosamente cristão, se um dos cônjuges vive em união com Deus, o outro só terá um único desejo: de assim poder viver por sua vez. O amor não suporta divisão. E' união. Um arrasta o outro consigo. E êles vão a Deus, mantendo-se pelas mãos, como crianças que caminham para a casa do seu Pai.

Quando o casamento é vivido desta maneira, é um fragmento reconquistado do paraíso perdido. Uma espécie de re-

---

chamados para o estado sacerdotal, longe de se lhes oporem, se julgam favorecidos com honra insigne e entendem que a sua família recebera assim um penhor de especial predileção.

Entretanto, ainda entre aquêles que se ufanam de católicos, não faltam muitas vêzes pais — principalmente nas classes mais elevadas e cultas da sociedade — que não sòmente levam a mal que seus filhos se consagrem ao serviço de Deus, mas até não receiam opor-se a essa vocação divina, com tais enredos que põem em perigo ao mesmo tempo a vocação divina, e a fé e salvação dos filhos que lhes deviam ser tão caros. Êsses péssimos exemplos não revertem atualmente em menor opróbrio para essas classes elevadas, do que em tempos passados o abuso de obrigar os filhos, até contra a vontade e sem aptidões, ao estado eclesiástico".

[1]) Pierre Van der Meer de Walcheren, *Deus e os homens*, 144 pp. Trad. de M. Cecília de M. Duprat. — Agir, 1955, Rio de Janeiro.

constituição da vida antes do pecado, purificado pelo sangue do amor. O matrimônio é um mistério imenso e profundo... A continuidade dos anos de vida comum, numa intimidade que só ali existe, faz do casamento um mundo mais belo, mais profundo, incessantemente mais maravilhoso. Pois o homem e a mulher não limitam a sua união. Sempre mais perfeitamente unidos e numa medida tal que se integram um no outro. Pelo amor, um torna-se o outro. O coração e o espírito do homem tornam-se o coração e o espírito da mulher e vice-versa".

Não estranha que dentro de tal mística, os pensamentos dos pais passassem para a alma do filho, como passou o sangue de ambos. E o filho, como jovem religioso, assim escrevia a seus pais: "Você e mamãe são dois sêres que, para mim, não formam senão um! Quando eu era criança e você me dizia alguma coisa, papai, eu já sabia que mamãe me teria dito o mesmo. Realmente, meu pai, eu creio que Nosso Senhor colocou entre você e mamãe um vínculo que é um antegôzo da comunhão dos santos!"

De passagem, lembro ao leitor o "clima" abençoado dêsse lar cristão de Matias Van der Meer de Walcheren. A criança notava a união dos pais, obedientes à mesma flecha no amor e educação dos filhos. Ambos sabiam vencer o egoísmo de quem quer só para si e para suas idéias o filho, a criança que é fruto do amor — união que só pode viçar à sombra dessa árvore.

67. SEJA TUA MÃO UMA SOMBRA

das mãos de Deus, tão celebradas pelos livros da Escritura. São mãos criadoras e poderosas, de cujas maravilhas a terra anda repleta. Miguelângelo soube pintá-las vigorosas, em Deus Pai, na capela Sixtina. Astros, terra, montanhas, rios, vales, elementos, torrentes — tudo sua mão governa e guia. Colocadas sôbre os montes, êles tornam-se imóveis. Tocando nos cedros do Líbano, êles rolam para o chão. O mar por elas foi colocado no seu berço e respeita os traços que lhe deixaram como limites.

São mãos que tudo sustentam e alimentam. Abertas na generosidade, a terra com suas plantas e seus animais vive e existe. As flôres do campo e as aves do céu são vestidas

e alimentadas por elas. São mãos protetoras, quando repousam sôbre o "varão da sua escolha". Estar sob a mão do Senhor é a maior garantia de segurança. Mas igualmente são justiceiras e punidoras. Retirar o Senhor a sua mão, ou ser alguém alcançado por ela, é sinônimo de castigo e desamparo.

Mas, sobretudo, são mãos paternas que sabem tomar ao colo a criatura humana e acariciá-la como o faz tôda mãe amorosa. Sabe enxugar as lágrimas dos que choram e chamam pelo Pai. O próprio Cristo Senhor encomendou sua alma às mãos de seu Pai.

Por aí vê o leitor como é estupendo o programa formulado pelo desejo, que acima exponho. Ter, como pálida sombra das mãos de Deus, mão criadora da vida, do pão, do lar, da educação, da formação do homem completo. Ter mãos protetoras dos insubstituíveis bens da família: vidas, almas destinos, batismos e vida eterna. Tê-las firmes na autoridade de quem dirige lemes e segue rotas através de tormentas. Tê-las milagrosas e abençoadas, quando juntas em oração. Mãos bondosas que acolhem um pródigo arrependido, que repartem o pão depois de ganhá-lo. Mãos irradiando luz quando as contas de um têrço, como estrêlas de um ideal, deslizam por entre os dedos de um pai que "reza o rosário".

E assim, mas sòmente assim, serão paternas também nas dádivas e nas recusas, nos castigos e nos prêmios.

Em nossas famílias o costume de beijarem os filhos as mãos de seus pais é velha tradição. E' o reconhecimento, a manifestação afetuosa de uma fé: são essas mãos uma sombra das mãos de Deus.

Como pai, quantas vêzes diz o leitor a um filhinho: Dá a mão! E tomando aquela flôr de mãozinha conduz a criança para cá e para lá. Criança contente por sentir-se abrigada, protegida pela mão paterna. Ora lembre-se o leitor de "dar a mão" a Deus, de deixá-lo livre no rumo e traçado por onde quer levar êsse pai de família que o representa na terra. *Nunca largar a mão de Deus!* — eis uma norma sadia e sábia, tanto para os pequenos como para os grandes filhos de Deus. E de mãos dadas com Deus deixo meu leitor, como "o varão sôbre o qual o Senhor coloca sua direita".

68. A ORAÇÃO DE UM PAI

Creio que todo pai ficará enternecido com o que escreve Sertillanges [1]:

Quando se pensa no que é a vida em suas eventualidades, em suas dificuldades, em seus trabalhos, em suas dores, em suas prolongações; e que ninguém sabe o será de um menino: que redemoinhos o arrastam, que ciladas podem constantemente levá-lo a quedas;

com quanta angústia não se pondera o tormento de um pai sôbre o esmagador sentimento de responsabilidade, de humildade, quase de culpabilidade para com o dom da vida a qual, sòzinho, não sabe como educar!

Não será preciso que se arrependa êste culpável de amor, que não sabe garantir os efeitos do amor? Que expie, sacrificando-se, o que fêz com a parte de um Deus que também se sacrificou criando, resgatando os homens, recebendo a cruz das mesmas criaturas contempladas com o tesouro da vida! Não podendo agir poderosamente, faça pelo menos o que pode. Obstinadamente, até ao esgotamento de seus recursos íntimos ou visíveis, até ao fim das possibilidades que lhe são dadas, até os fins de si mesmo!

A oração do pai de família é a mais emocionante confissão de impotência e o mais virtuoso desejo que pode subir até Àquele que o acolhe favoràvelmente. O cristão, ainda não iludido pelo visível, sabe de onde procedem os bens; que os mesmos, dos quais foi a fonte, não lhe pertencem; que podem sempre desviar-se para os declives; que podem ser absorvidos por êste solo ingrato; e que não lhe resta outro recurso, após o esfôrço levado ao extremo, senão recorrer a única arma dos impotentes: a oração.

E dizer então: Pai, cujo mesmo nome que levo, tenho recebido! Pai dos céus, que olhais como se esforçam os pais da terra, vêde que não passo de um pobre homem revestido de uma dignidade de fins imortais. Eu devo conduzir através da vida e para além dela a filhos de vosso amor e de meu amor. Não conheço o caminho. Eu mesmo caminho tateando. Cego, encarregado de guiar a outros cegos, ajunto à minha cegueira a minha debilidade. Nem previsão, nem

[1]) L'Amour Chrétien.

coragem, nem poder, pelo menos em proporção ao que me faria falta.

Então, consciente de minha impotência, me dirijo a Vós, Pai, para sejais pai com aquele a quem revestistes com tal dignidade. Amai comigo, e através de mim, aquêles a quem haveis amado antes de mim. Amai-os comigo e através de mim. Dai-lhes e dai-me para êles, em comunicação, tudo o que constitui o preço da vida. Tudo o que a conduz ao seu fim próprio, tudo o que a eterniza.

A fim de ser um bom instrumento de vosso dom, renuncio perante Vós ao amor egoísta, ao amor negligente, ao amor covarde e presunçoso. Tal como, ao conceber o sentimento paternal, tenho renunciado ao amor exclusivamente gozador que é a tentação de vossas criaturas.

O amor, Senhor, é uma grandeza que não quereis ver profanada. E' uma função de espírito: que eu a não sepulte na carne. O amor é uma virtude, enxertada numa paixão como uma rosa sôbre uma árvore agreste. Fazei que eu tenha fôrça de transformar em eterna beleza a seiva da terra".

Tem aí o leitor uma oração-programa. Rezando-a terá ao mesmo tempo feito sérias perguntas à consciência. Cada frase é como um seixo atirado ao poço da alma, mexendo com sua placidez descuidosa.

69. A CONCHA ESCOLHIDA

Quem andou pela praia do mar, antes de partir, procura sempre uma concha que lhe recorde, com mais semelhança, o bramido do oceano e de seu coração nos dias passados por ali.

Andou meu leitor pelas praias dêste mar que é a verdade, que vem de Deus e exposta pelo homem de branco que é Pio XII. Ouviu o bramido de suas ondas, através das frases, das palavras, dos conceitos dêste livro. Agora importa levar uma concha recordativa destas praias. Digo, uma verdade bem gravada na alma, por meio de uma frase lida, de uma comparação apreciada, ou de... um remorso surgido. E de tempo a tempo encostá-la ao ouvido, à consciência e, de olhos fechados, esperar que sua voz encha outra vez a alma e com ela a vida.

Ou então foi uma palavra de animação e confôrto, que ficou na concha de um pensamento. Pois bem. Vem, em hora propícia, trazer seu bramido e com êle novas energias.

Meu amigo, tudo que vem de Deus traz o bramido de todos os mares. Só Êle é o Infinito. Só Êle enche os abismos todos. Também o de teu coração de espôso e de pai. Nem espôsa amorosa, nem filhos amorosos poderão enchê-lo. Nosso coração foi feito para Deus e está inquieto até possuí-lo.

Por exemplo, que concha com toadas de ondas é o Sacramento em que vives! A paternidade que representas! O nome que levas! O mesmo da célebre oração ensinada por Cristo: Pai nosso, que estás no céu!

Certo pai de família tinha o costume de rezar, tôdas as noites, ao pé do pequeno leito onde dormiam seus filhos. Preferia-o a rezar diante de um Crucifixo. Indagado por que, respondeu: "Prefiro mil vêzes prostrar-me diante de um Cristo vivo do que diante de uma sua imagem".

Como é sublime o leitor lembrar-se que, recebido e consumado o seu sacramento, surge uma vida nova na terra! E batizado o filho não é êle, pela graça santificante, mais filho do *Pai do Céu* do que do pai da terra?

E agora, um pedido: Lido êste livro, achada *tua concha,* passa-o às mãos de um amigo que precise escutar bramidos de um mar e esquecer um pouco os estios, os atropelos e as lutas da vida.

Linneu dizia que via a Deus passar por detrás de *tôda planta* que contemplava. Tu e os leitores que arranjares — vós todos vereis, amigos, Deus postar-se atrás de todo filho que vosso amor trouxer à vida, dentro do sacramento da paternidade física.

Espero, até, que o vejais por detrás de... *tôda fôlha* dêste livro.

Reformatado by:

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

FINAL:

E QUEM VEJO

dentro da armadilha de... lôbo, que é êste último trecho?

A ilustre espôsa de meu leitor! Teve pressa de percorrer o livro, talvez, na louvável intenção de conhecer melhor seus deveres de "companheira e auxiliar do marido". Co-

nhecê-los melhor, para melhor cumpri-los. Neste caso, parabéns!

Ou então — e nisso não a louvo! — na ânsia de achar omissões na conduta do espôso, para recriminações e censuras em hora que lhe pareça favorável, ou simplesmente indicada por um desabafo.

Chego mesmo a desconfiar que seguiu o desejo de tirar a limpo se o autor não é injusto para com as mulheres. Ainda mais que se gabou de pertencer... à classe unida. Neste caso, se minha leitora achar algo que lhe pareça injustiça, pode estar certa de ser esta involuntária.

Mas, deixando de lado tais considerações, só desejo que, em sentido de louvor, possa a ocasional leitora merecer a exclamação de *Adão*: "Senhor, a mulher que tu me deste"..., como prêmio de minha vida, como mulher forte e de alto valor, é a luz da minha vida e da minha casa. Vestes e pão, filhos e criadagem, encanto e paz, tudo vem assistido por ela. Por isso me louvam os amigos e eu te bendigo, Senhor! Conserva-a como "oliveira fecunda, como videira carregada" ao redor de minha mesa!

E porque pertenço "à classe unida"..., concordo com os louvores e com os votos dêsse marido e pai. Digo cordial, sinceramente: Assim seja!

† Livros Católicos para Download

ÍNDICE GERAL

I) MARIDOS

À classe unida 5

I

1. Naquela primeira noite .. 9
2. Minha pergunta e tua resposta 10
3. O sr. meu marido 12
4. Carta branca? 13
5. Marido rebolão 15
6. A pão e laranja 16
7. Uma reabilitação em teu lar 18

II

8. Ataques e rebates 19
9. Bela moldura 21
10. Realidade sacramental ... 23
11. Jantar comigo ou conosco 25
12. Grande sedutor 26
13. O tempo é culpado 28
14. Antes, durante e depois .. 30

III

15. Pelo areal do sexo 31
16. Primeiros falsificadores .. 34
17. A vocação da carne 36
18. De pés juntinhos 37
19. Aquêle homem de branco 38
20. No relógio das flôres 40
21. Gerúndia! 42

IV

22. E' para ela, mas contigo 44
23. Por que ouviste à tua mulher? 45
24. Teu caso, talvez? 46
25. Maridos e pais bíblicos 48
26. Tudo a dois 52
27. Negócios?... Família? .. 54
28. A casta união conjugal 56

V

29. Sei que és muito bonita 57
30. Autorizado e autoritário . 59
31. Quando há tantas e tais 60
32. Balizas na rota 62
33. Casa no escuro 65
34. Virtude de um leito 66
35. Meu doce silêncio 68

VI

36. Nas malhas de conclusões 70
37. Vigia na balhesteira 72
38. Não ter mulher 74
39. Um paraíso perdido 76
40. Audacioso simbolismo ... 79
41. Madame, não saireis 81
42. Um sofisma comum 83

VII

43. Uma cartilha em tua casa 85
44. Deus é Amor 87
45. Errando a receita 88
46. Inter vina mariti 90
47. Dormia minha mulher ... 92
48. Um fato único 93
49. A carne é boa 95

VIII

50. Tua espôsa e um requerimento 97
51. Sexo e amor 99
52. Mil bombas 100
53. Outra vez o homem de branco 102
54. As botas do marquês 103
55. Gente sem sacramento 104
56. Homem forte e armado .. 107

IX

57. Sete mulheres 108
58. Desde o outro mundo 109
59. O *não* em teu lar 112
60. Corpos perdidos 115
61. A realidade um instinto .. 117
62. Adão conheceu sua mulher Eva 118
63. No seu processo 120

X

64. Gulosos e glutões 122
65. Utopias e idolatrias 123
66. De botinas ferradas 125
67. Coisas lícitas e ilícitas .. 127
68. Menino malcriado 128
69. Maré montante 130
70. Perceptivo e intuitivo 131

XI
71. Só pelo amor e com amor 134
72. Intimidades de casados .. 135
73. A água convertida em vinho 137
74. Mãos cheias 139
75. Uma idéia criminosa 142
76. Várias molduras 143
77. Pudor em tudo 145
XII
78. Marido no século XX ... 146
79. Pensamentos e desejos ... 148
80. Casta lealdade 149
81. Asmodeu e maridos 150
82. O amor conta 152
83. Os presentes da noiva ... 154
84. Goteiras em teu lar 155
II) PAI E EDUCADOR
I
1. Eu era pai 159
2. De que família és tu? .. 160
3. Remontando uma nascente 163
4. Já era califa 165
5. Educação totalitária 166
6. Em Loreto 168
7. Manuel? Raul? ... Manoelito! 170
II
8. No reino da paternidade .. 171
9. Nonatos em tua casa 173
10. Roteiro do esporte 175
11. Parva domus — magna pax 177
12. Para nada serve 180
13. Ia morrer 182
14. Então, não é pai? 184
III
15. Sob um telhado 186
16. Que virá a ser êste menino? 188
17. Educação religiosa 190
18. Almas ausentes 192
19. Pergunta incompreensível 194
20. Bem-aventurados teus servos 196
21. Teu jornal 198
IV
22. Tenho de ser pai? 200
23. Dois nomes feios e um santo 201
24. Escolhas alinhadas 203
25. A mística do lar 204
26. Laboratório biológico ou santuário? 206
27. Coluna branca no deserto 207
28. Para alcatéias ou colmeias? 210
V
29. Diploma criminoso 212
30. Aplicação que te engrandece 214
31. Era um hábito seu 215
32. Filho de peixe 216
33. Leis e encruzilhadas 219
34. Castigo de mãe em tua vida 222
35. Com simpatia e compreensão 224
VI
36. Egoísmo de um e de muitos 226
37. O grande mandamento .. 227
38. Um patrão no Evangelho . 228
39. Tendências anti-sociais 231
40. Teu filho no desfile 232
41. Silêncio de cúmplices 235
42. Muitos ou poucos? 238
VII
43. Um dia no banho 240
44. Breviário da pedagogia .. 242
45. Precipícios à vista 244
46. Falta um objeto 247
47. Herdou aos 11 meses ... 249
48. Bem ensolarada 251
49. Belezas em teu lar 253
VIII
50. Grandezas e servidões ... 255
51. Escolas e ciência 258
52. Vigilância indispensável . 260
53. Vida levedada 262
54. Maridos fracassados 263
55. Do corpo uma, da alma cem 265
56. Nos bancos da Escolástica 267
IX
57. Cânon 1113 268
58. Êles são tantos! 269
59. Moedas falsas 271
60. Única e pequenina 273
61. Homem completo 275
62. O quinhão de Deus 277
63. Êrro de perspectiva 279
X
64. Homem na casa 281
65. Horário de conflitos ... 283
66. Como crianças de mãos dadas 285
67. Seja tua mão uma sombra 286
68. A oração de um pai 288
69. A concha da praia 289
Final: E quem vejo? 291
Obras citadas 293